

devoção

HILARY DUFF



SEQUÊNCIA DE *ELIXIR*, BEST SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

SH

devoção

dev





O Q C A O

HILARY DUFF

& ELISE ALLEN

UM AMOR PERDIDO, MAS NUNCA ESQUECIDO...

Sage é minha alma gêmea. Nós nos amamos há muitas vidas, mas tudo sempre acaba de maneira trágica... Desta vez, no que depender de mim, será diferente. Ele é imortal, e carrega o Elixir em suas veias. Foi arrancado de mim, mas tenho certeza que ainda está bem... por enquanto. Ben, meu grande amigo, vai me ajudar a encontrá-lo, mas para isso teremos de nos aliar à Vingança Maldita. Será mesmo a coisa certa a fazer? Ou será que estou apenas selando novamente nosso destino trágico? Sou Clea Raymond, e vou lutar pelo meu amor com devoção.

O AMOR

NÃO CONSISTE EM OLHAR

UM PARA O OUTRO.

MAS PARA FRENTE,

JUNTOS

NA MESMA DIREÇÃO

- ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY



|

ACEITAÇÃO.

Repeti mentalmente essa palavra inúmeras vezes, tentando clarear as ideias.

Apertei os joelhos contra os flancos do cavalo para ele correr mais rápido, e depois mais rápido ainda. Abaixei o corpo, os pés fixos nos estribos e as pernas ardendo enquanto eu pairava sobre a sela. As rédeas pareciam lixas raspando nas palmas feridas das minhas mãos, e cada tomada de fôlego queimava minha garganta.

Durante vinte minutos me senti *livre*, concentrada apenas no esforço de continuar montada naquele animal.

Mas como seria impossível manter tal ritmo para sempre, o cavalo logo desacelerou, passando a trotar mais lentamente. Tive que relaxar, e assim que me desconcentrei, o mundo desabou sobre mim.

Fazia mesmo só dois meses da minha viagem com Rayna para a França? Aquilo parecia ter acontecido em outra vida — e, de certa forma, era verdade. Eu era outra pessoa antes de Sage.

Não que esse tempo “antes de Sage” tenha de fato existido.

Puxei as rédeas, desacelerei até parar e desci do cavalo. Peguei um pequeno buquê de flores silvestres, feito à mão, de um alforje. Com as mãos apoiadas no flanco arquejante do animal, respirei Rindo. Eu já vinha fazendo isso há algumas semanas, mas ainda precisava dessa pausa. Nunca é fácil ver o túmulo de alguém amado. Em seguida, me virei e sorri.

— Oi, papai — disse eu. — Trouxe flores para você.

Ajoelhei-me e pus as flores em cima do memorial que tinha montado. As pedras grandes pareciam uma cruz, mas fiz aquilo pensando em um caduceu, o símbolo da medicina, a profissão do meu pai. Coloquei o buquê ao lado da pedra maior, bem embaixo do colar com uma íris de prata que ele tinha me dado quando eu era menor. Antes eu usava esse colar o tempo todo, mas agora preferia deixá-lo ali.

O “verdadeiro” túmulo do meu pai ficava no norte de Nova York, no imenso lote de um cemitério dedicado à família Weston. Meu pai se tornou um Weston quando se casou, e ao ser declarado morto no ano passado, ganhou imediatamente um lugar de honra entre os influentes e poderosos falecidos da família. Eu me lembrava daquela lápide, suficientemente grande para dois nomes. Durante o enterro, fiquei o tempo todo olhando de relance para minha mãe. Será que ela tinha noção de que estava vendo o próprio túmulo ali, à sua espera?

O funeral virou notícia na CNN, ou pelo menos foi o que me disseram. Isso não fez muito sentido para mim na época. O corpo sequer estava no caixão. Meu pai tinha desaparecido no Brasil, durante uma missão humanitária. Ele era um cirurgião de renome internacional, quase tão famoso quanto minha mãe, que a mídia via como parte da “realeza americana” graças à carreira política e à família influente dela. Foram feitas buscas no mundo todo quando meu pai desapareceu. Vários países se uniram para ajudar como podiam, e os Westons foram apenas uma das várias famílias ricas que investiram pesado em investigações particulares. No entanto, todos os envolvidos no assunto, cedo ou tarde, acabaram concordando: Grant Raymond estava morto. O corpo dele havia desaparecido; ele não estava mais entre nós.

Talvez isso devesse ter bastado para mim. Mas não bastou. Eu não consegui aceitar.

Já minha mãe, sim. Ela mergulhou de cabeça na carreira, que decolou, e evitava falar sobre Grant Raymond até com os amigos mais próximos. Até mesmo comigo. Os tabloides a apelidaram de Rainha de Gelo. Alguns disseram que o casamento dela vinha sendo um desastre, e os mais descarados chegaram a levantar a hipótese de que talvez Victoria Weston tivesse planejado o sumiço do marido para, além de se livrar dele, ganhar a simpatia do público e alavancar a carreira.

Era tudo mentira. Minha mãe amava muito meu pai, tanto que não conseguiu suportar perdê-lo. E em vez de lidar com isso, ela decidiu erguer uma muralha entre a morte do meu pai e o resto da vida dela.

Comigo foi diferente: fiquei obsecada pela ideia de que havia algo mais por trás de tudo aquilo e que meu pai ainda estava vivo.

Até certo ponto, eu tinha razão. Havia, sim, algo mais por trás de tudo aquilo... mas será que meu pai estava vivo? Eu não fazia ideia. Ele desapareceu no dia em que havia combinado de se encontrar com Sage para fazer uma viagem. Quando conheci Sage, ele me disse que meu pai devia ter sido sequestrado por um de dois grupos que poderiam querer pegá-lo, pelo que ele sabia.

Sage também me disse que a viagem dele com meu pai era uma missão para encontrar o Elixir da Vida. Isso era mentira. Sage e meu pai sabiam onde o Elixir da Vida estava — nas veias do próprio Sage. Os dois estavam prestes a embarcar em uma missão, é verdade, o objetivo dessa missão era pôr um fim na longa existência de Sage... porque os dois queriam proteger a minha vida de um interminável ciclo de tragédias.

Sage era minha alma gêmea. Nossos corações eram tão próximos que nos encontrávamos a cada encarnação minha... e cada uma dessas encarnações acabava cedo, com uma morte violenta.

Na época, Sage disse acreditar que meu pai ainda estava vivo, tive muito tempo para pensar nestas últimas seis semanas, e agora entendo que ele teria dito qualquer coisa só para eu ficar com ele. Não porque ele me amava — ele vinha lutando contra isso desde o segundo em que nos encontramos —, mas

porque estava determinado a pôr um fim na própria vida, e sem meu pai, eu era a única pessoa que poderia conseguir as informações de que ele precisava para fazer isso.

Será, então, que o desaparecimento do meu pai tinha algo a ver com Sage ou com o Elixir? Ou será que ele só tinha aparecido no lugar errado e na hora errada? Para os investigadores, as possibilidades eram inúmeras. Eles levantaram todo tipo de hipótese: desde meu pai ter sido pego no meio de um conflito entre facções rivais nas favelas do Rio, até ter sido morto por animais selvagens na mata.

Quanto a isso, eu não sabia nada. Mas o que eu sabia era que Sage estava vivo. Desaparecido, mas vivo. E eu tinha que me concentrar nisso se quisesse trazê-lo de volta.

Passei os dedos pelo pingente de íris pendurado no memorial do meu pai.

— Que saudade... Eu te amo, papai... e me desculpe.

Eu precisava me desculpar. Sempre que vinha aqui, era como se eu o estivesse matando de novo, mas, para mim, esse era o único jeito. Eu tinha que me livrar das minhas ilusões se quisesse encontrar Sage. Pensar “e se?” só me atrapalharia; eu precisava focar apenas no que eu sabia com certeza.

Aceitação.

Com um gesto rápido, me levantei, dando as costas para o memorial. Tirei minha câmera da bolsa e comecei a bater fotos. Antes, eu fazia isso com calma, procurando um ângulo e layouts perfeitos para cada dique. Agora nem ligava mais: eu só queria quantidade. Era assim que eu fazia minhas buscas; e era isso que me fazia ter certeza de que Sage não estava morto. Há várias semanas eu vinha tirando fotos todos os dias, e à noite eu as passava para o computador e as vasculhava, à procura de Sage. Isso sempre me lembrava da primeira vez que eu o vi, sempre escondido das maneiras mais estranhas no fundo das fotos da minha viagem de férias com Rayna. Isso me deixou apavorada, e foi ainda pior quando descobri que ele estava presente em todas as fotos que tirei na vida — mesmo rosto que nunca envelhecia, estivesse eu com 6 ou com 16 anos. Na época, achei que estava ficando maluca, e teria feito qualquer coisa só para me livrar daquilo.

Agora, porém, tudo o que eu queria era vê-lo de novo nas minhas fotos.

Esse era o sinal da conexão entre nossas almas, e Sage não reapareceria nelas se a alma dele tivesse sido destruída.

Bati inúmeras fotos, girando devagar, em um círculo, para pegar todos os ângulos. Não que isso fizesse alguma diferença — eu poderia muito bem ter tirado umas cem fotos só do meu sapato. Mas eu sentia que estava me esforçando mais fazendo assim. Eu precisava tentar coisas novas para encontrar Sage, ou então começaria a perder as esperanças, e essa era a última coisa que eu queria.

Coloquei a câmera de volta no alforje e montei no cavalo, que relinchou e estremeceu sob meu peso.

— Opa! — gritei eu. — Calma, Roosevelt!

Puxei as rédeas enquanto as patas da frente do animal, e depois as de trás, se erguiam. Senti que tinha feito exatamente o que não devia, mas as rédeas eram tudo o que eu tinha para me segurar em cima de Roosevelt. Tentei me equilibrar apertando as pernas Contra OS flancos do cavalo, mas ele era forte demais: a cada pulo eu voava mais alto da sela.

— ROOSEVELT! — meus gritos estavam tão frenéticos quanto os relinchos do cavalo, que tinham ficado mais altos e agudos. Com um derradeiro pinote, ele me derrubou das costas dele, e então disparou na direção do bosque. Meu último pensamento antes de me estatelar no chão foi na minha câmera. Torci para que ela não quebrasse enquanto balançava daquele jeito, de um lado para outro, dentro do alforje.

Caí com tudo de bunda no chão. Gritei enquanto a dor se espalhava pelo meu corpo e todas as histórias terríveis sobre ferimentos causados por quedas de cavalo passavam pela minha cabeça. Fechei os olhos com força e respirei fundo várias vezes, esperando o pior passar.

— Acho que seu cavalo ficou com medo da gente — disse uma voz fina— Desculpe.

Meu corpo inteiro se virou na direção da voz. Pelo visto, eu não tinha me machucado com a queda, mas o que vi me paralisou totalmente: quatro pessoas a uns poucos passos de mim. Três adultos e uma menina. Os adultos estavam parados e mantinham uma feição sisuda, mas a menina sorriu e acenou para mim. Todos os quatro tinham olhos incrivelmente azuis.

Eles não estavam ali até um minuto atrás, enquanto eu tirava as fotos, e não tinham como ter chegado correndo sem que eu percebesse.

— Mas você não está com medo da gente, está, Clea? — perguntou a menina.

— Não — disse eu.

O estranho é que era verdade. Antes, eu teria ficado tão apavorada quanto Roosevelt se visse quatro pessoas aparecendo assim, do nada, ainda mais quatro pessoas com olhos azuis tão brilhantes, das quais três pareciam estátuas vivas e, por algum motivo, sabiam meu nome. Mas, a essa altura, eu já tinha visto coisas muito mais sinistras (tipo, uma múmia macilenta voltando à vida para bater um papo comigo. Isso para mim não era nada), e sabia muito bem que é um erro pensar que algo não é real só porque parece impossível.

Aceitação.

— Ah, que bom — disse a menina. — Meu nome é Amélia. Prazer! ela parecia prestes a dizer algo mais, no entanto, o homem ao lado dela limpou a garganta, então ela fechou a boca e abaixou a cabeça. Mas continuou com os olhos fixos em mim, brilhando de empolgação.

— Você me parece tão triste, Clea — disse o homem. — Triste demais. Tudo isso está sendo muito difícil para você. Eu posso sentir.

A voz dele era tão grave que eu mais a senti do que ouvi. E era tranquilizadora também, como deitar em uma banheira de água quente. A voz grossa daquele homem combinava com o tamanho dele: mais de 1,80 m de altura. Ele também parecia ser jovem: a pele bronzeada era lisa e reluzia de vigor, e os grossos cabelos loiro-dourados pendiam logo abaixo dos ombros. E dos olhos profundos emanava uma sabedoria que lhe dava um ar sério, de alguém mais velho.

— Não precisa ser assim — continuou ele. — Você poderia estar muito melhor. Poderia ter paz. Paz de verdade. Você não quer isso?

— Sim — respondi. — Quero sim.

— É claro que quer — disse ele.— E isso está ao seu alcance. Desista de Sage.

Ouvir esse nome me abalou mais do que o tombo.

— Sage? Onde ele está? Você sabe?

— Ele não está no seu destino — disse outra voz. — É hora de seguir em frente — o outro homem que disse isso tinha cabelos brancos e rugas profundas, mas parecia forte e imponente.

— Por favor — implorei. — Se vocês sabem onde ele está, precisam me dizer. Sage está com a adaga... Eles podem matá-lo. Podem destruir a alma dele!

Acabei falando mais do que devia. Eu não sabia quem eram aquelas pessoas: se eram os Redentores da Vida Eterna, que tinham tirado Sage de mim no Japão, ou a Vingança Maldita, o outro grupo que queria destruí-lo. Eu só sabia que pela primeira vez, depois de várias semanas, estava prestes a conseguir alguma informação concreta, e faria o que fosse preciso para descobrir o máximo possível.

— Homens... — suspirou uma voz, pertencente à última integrante do grupo, uma mulher de cabelos castanhos que estava parada, em pé, ao lado de Amélia. Era uma mulher pequena, com talvez 1,50 m, dona de uma voz doce como mel, e que parecia sorrir para mim, por mais que sua boca transmitisse seriedade.

— Sempre queremos quem não podemos ter, não é mesmo?

—Por favor — disse eu. — Vocês precisam me ajudar a encontrar Sage.
Por favor!

A menina contraiu o rosto, tocada pela minha emoção, mas foi a mulher quem falou.

— Isso nós não vamos fazer. Muito pelo contrário, aliás. Estamos aqui para romper seus laços com ele. Para seu próprio bem. Pense em nós como seus anjos da guarda. Você acredita em anjos da guarda, Clea?

— Eu acredito no Sage — respondi. — Acredito que vamos ficar juntos.

Meus olhos se desviaram para Amélia, a menina. Ela franziu a testa. Parecia incomodada. Como se, talvez, não concordasse com os outros. Ela era a única que ainda não tinha me dito para desistir de Sage. Talvez ela pudesse me ajudar. Nunca tive muito contato com crianças, mas abri um belo sorriso, ensaiei uma voz carinhosa e fiz o que pude para cativá-la.

— Amélia? Você já teve um melhor amigo?

Não esperei que ela me respondesse.

— Porque Sage é meu melhor amigo. E é muito, muito importante que eu o encontre. Então, se você souber de qualquer coisa sobre onde ele está, será que poderia me dizer? Por favor?

— Você ouviu a mamãe. Ela disse que a gente não vai fazer isso — respondeu Amélia com uma voz fina e baixa, mas mantendo a expressão firme e os olhos fixos nos meus. Ela estava tentando me dizer algo, eu só não sabia o quê. Decidi insistir.

— Eu ouvi o que a sua mamãe disse, mas acho que ela não entendeu minha situação. Agora você, aposto que vai entender, sim. Sabe, Sage precisa da minha ajuda e...

— A gente disse NÃO! — gritou Amélia. Então bateu o pé no chão, toda irritadinha, mas o olhar dela não combinava com o que ela falava e fazia. Só consegui ver os olhos da menina por um instante antes de ela se virar, fazendo beicinho, para a mulher parada ao lado dela. — Mamãe, ela não está querendo ouvir.

— Mas ela vai ouvir, sim — disse a mulher. — Até mais por enquanto, Clea. Voltaremos a falar com você em breve.

Em seguida, eles sumiram. Não se dissolveram nem se desintegraram como um efeito especial de cinema; eles simplesmente sumiram.

Desapareceram em um piscar de olhos.

— Esperem! — gritei, mas para o nada. Eu me virei, olhando para todos os lados, mas já sabendo que era inútil. Não era como se eles tivessem se escondido atrás de uma pedra; eles tinham sumido bem na minha frente. Por instinto, tentei pegar minha câmera. Aquelas pessoas... ou seja lá o que fossem., pareciam saber muito sobre mim. Será que tínhamos algum tipo de ligação? Será que elas também apareceriam nas minhas fotos?

Mas, claro, a câmera ainda estava no alforje do Roosevelt. Chamei o nome dele e depois caminhei pelo bosque até encontrá-lo, agora calmo, mordiscando um arbusto.

— Não precisava ter corrido, sabia? — disse eu, dando um tapinha no pescoço do animal. — Eles eram supertranquilos.

Roosevelt bufou. Pelo visto, não concordava comigo. Bom, no fundo, acho que eu também não. Então peguei a câmera e tirei algumas fotos para

testá-la. O vaivém dentro do alforje não tinha quebrado nada. Montei no cavalo e voltei para a clareira, parando para tirar mais fotos, várias, que eu poderia investigar depois, só para garantir.

Durante o caminho de volta, tentei processar o que tinha visto. Quatro pessoas. Amélia tinha chamado a mulher de “mamãe”. Seria então uma família? Será que o homem mais jovem era o pai de Amélia e o mais velho o avô da menina? Será que havia algum motivo para os mais velhos parecerem estáticos daquele jeito e Amélia não? Como eles sabiam tanto sobre Sage e eu? E por que quereriam me afastar dele? Por que isso parecia ser importante para eles? Por que eles se importavam?

Uma imagem não saía da minha mente: o rosto de Amélia no final da conversa, quando ela gritou feito uma típica criança emburrada... a não ser pelo seu olhar. Eu me lembrava do jeito como ela me olhou. Um olhar gentil e paciente, o olhar de uma mãe carinhosa tentando explicar algo que seu filho ainda não tem maturidade para entender. O que era muito estranho, porque era uma expressão bastante sofisticada para uma menina que não devia ter mais do que 8 anos, e mais estranho ainda para uma criança parecendo estar prestes a ter um ataque de raiva.

Foi um olhar parecido com o que percebi do avô dela, que, apesar de parecer velho, emanava um ar de juventude e energia.

Pessoas mais sábias do que a idade sugeria... mais vigorosas do que parecia ser possível... eu conhecia esse tipo de coisa. Eu tinha visto isso no Sage. Ele tinha 20 anos quando bebeu o Elixir da Vida. Agora, quinhentos anos depois, continuava forte e cheio de vida como sempre. Talvez até mais forte. E com uma mente aguçada por séculos de experiência.

Nem percebi quanto estava tensa até ouvir os cascos do Roosevelt no chão. Nós estávamos correndo, e mais rápido do que nunca, mas eu não conseguia me soltar dos flancos dele. Na verdade, apertei as pernas com ainda mais força enquanto tudo se encaixava na minha cabeça.

Um senhor mais vigoroso do que deveria; uma criança mais madura do que sua idade sugeria.

Será que Amélia e a família dela tinham bebido o Elixir? Isso parecia fazer sentido, mas não explicava nada. O Elixir conservava a juventude das pessoas,

mas não lhes dava nenhum superpoder. Ao contrário dessa família, Sage não conseguia aparecer e desaparecer do nada. Pelo menos, eu nunca tinha visto — e esse tipo de poder teria vindo muito a calhar várias vezes: quando eu o encontrei no Brasil e quando o perdi no Japão.

Ainda assim, não havia dúvida nenhuma de que aquelas pessoas tinham alguma ligação com Sage. Elas sabiam tudo sobre ele... ou queriam me fazer acreditar que sabiam.

A mãe de Amélia disse que eu deveria vê-los como anjos da guarda. Ela queria me fazer acreditar que eles estavam do meu lado. Mas se estivessem, por que iriam querer que eu me afastasse de Sage? O que eles sabiam que eu não sabia?

Roosevelt desacelerou. Estávamos de volta aos estábulos. Ele ameaçou tropeçar, então pus a mão no pescoço dele, quente e banhado de suor. Fiquei me sentindo péssima; eu não queria tê-lo forçado tanto.

— Nossa — exclamou Nico, enquanto ele e Rayna vinham na minha direção. — Parece que você pegou pesado com o Roosevelt.

Nico era o mais recente contratado da minha mãe, apenas um entre as centenas de funcionários que tinham chegado à nossa casa nas últimas semanas. Eu odiava essa atenção extra de tantos olhos novos por ali, mas acho que a culpa era minha mesmo. Parte do acordo que eu tinha feito com meus pais para poder seguir carreira no fotojornalismo ainda tão jovem era que eu sempre diria a eles onde estava... cláusula que negligenciei quando fui para o Japão com Ben e Sage. Minha mãe descobriu tudo quando ouviu alguns dos funcionários mais jovens dela fofocando sobre fotos minhas e de Ben tiradas por curiosos boquiabertos em Shibuya e postadas na internet.

Só isso já me renderia bastante encrenca. Mas tudo piorou quando ela recebeu uma ligação aflita da Piri, nossa governanta, gritando que eu tinha voltado para casa com um ferimento de tiro na perna. Minha mãe voltou correndo para casa em pânico e quase ficou maluca quando nem Ben nem eu conseguimos dar uma explicação decente sobre o que tinha acontecido.

Minha mãe concluiu que o incidente todo tinha sido resultado direto da minha insistência em não aceitar a morte do meu pai. Mesmo tendo achado que fazer terapia iria me ajudar, ela agora tinha certeza de que eu estava me

rebelando por ela ter sido ausente. Eu jurei que não era nada disso, mas ela não ligou e transferiu todo o seu escritório de Capitol Hill para nossa casa. Como uma senadora do grande estado de Connecticut, minha mãe vinha passando um bom tempo em Washington, mas a fortuna da família Weston parecia ter encontrado uma solução simples para isso nos voos particulares.

Anos atrás, eu adoraria ver minha mãe mudando de vida por minha causa, mas agora eu só queria um tempo sozinha para pensar. Em vez disso, me vi cercada por um caos total. E mesmo morando comigo, minha mãe continuava tão ocupada que eu mal conseguia passar algum tempo com ela... só com seu imenso e agitado staff incluindo Nico. Ele foi contratado para ajudar a mãe da Rayna, Wanda, nossa “tratadora de Wanda trabalhava muito e duro, mas com minha mãe em casa cirando cada vez mais, ela começou a precisar de uma ajudinha extra.

Rayna ficou supercontente. Ela sempre foi minha melhor amiga desde que nasci, e eu já estava acostumada a vê-la se apaixonar perdidamente em uma questão de segundos quando conhecia alguém, mas a obsessão instantânea por Nico, um rapaz loiro e todo sarado, foi um novo recorde até para ela. Apesar do trabalho da mãe, Rayna nunca se interessou muito por cavalos, mas assim que conheceu Nico, montou um guarda-roupa cheio de calças jeans, camisas xadrez, botas e chapéus de rodeio só para “se aclimatar melhor” aos estábulos.

Rayna não demorou nada para fazer amizade com Nico e passou a me contar tudo o que ele dizia para ela. Assim, eu agora já sabia muito mais sobre ele do que queria, como a idade (21), estado natal (Montana), família (quatro irmãos mais novos e um pai falecido), condição econômica (pobre, ainda mais porque mandava 90% do salário para a família) e planos para o futuro (continuar sua missão, a mando da mãe, de conhecer o país e expandir os horizontes antes de voltar para o rancho da família). Quando descii do cavalo, Nico pegou as rédeas e levou o animal para a baia dele. Senti-me como se devesse alguma explicação por voltar com o Roosevelt naquele estado, então segui os dois.

— Desculpe — disse eu. — Mas você sabe quanto ele é forte.

— E não só ele — sussurrou Rayna no meu ouvido. Quando me virei, ela

apontou para Nico e jogou a cabeça para trás, se abanando enquanto movia os lábios e dizia “Meu Deus!”.

Sorri para ela e revirei os olhos. Rayna estava quase em desespero, porque mesmo depois de semanas dos seus mais concentrados esforços, Nico ainda não tinha sequer encostado nela, a não ser uma vez, para ajudá-la a se levantar quando tropeçou e caiu. Um tombo orquestrado só para isso mesmo, é claro.

— Ele está bem — disse Nico, que já tinha tirado a sela do Roosevelt e estava pegando a mangueira.— Ele gosta de dar duro até suar mesmo.

Vindo de qualquer outra pessoa, isso teria saído com um claro vulgar — duplo sentido, mas Nico parecia incapaz de algo assim. Isso se encaixava bem com o que Rayna tinha me falado sobre ele: que era um cara “superfofo e inocente”. Eu não acreditei, mas Rayna me disse que eu só estava desconfiada por causa das últimas reviravoltas na minha vida, que tinham afetado minha natureza “aberta”. Rebati dizendo que nunca tivera uma natureza muito aberta, mas parecia que ela tinha gostado dessa teoria e não iria mudar de ideia, então acabei deixando para lá.

— Clea, você ouviu a música da Camila Dexter que te mandei por e-mail? — perguntou Rayna, alto o bastante para ser ouvida mesmo com o barulho da mangueira — Ela não sai da minha cabeça!

— Aquela nova? — perguntou Nico. — Eu adoro essa música. É claro que adorava. E é claro que Rayna já sabia disso antes de me perguntar. Camila Dexter era uma cantora country, e nem Rayna nem eu ouvíamos música country, muito menos trocávamos músicas por e-mail, mas quando vi, ela e Nico já estavam no meio de uma profunda conversa sobre a música, o que me deu a oportunidade perfeita para sair dali. Sozinha de novo, me vi livre para pensar em Amélia e na família dela.

Família.

Será que aquela era a família de *Sage*?

Eu nunca vi a família dele nos meus sonhos com Olívia, a mulher que fui quando Sage e eu nos conhecemos. Imagino que talvez aquelas pessoas pudessem ser fantasmas dos seus parentes. Se fosse esse o caso, isso explicaria como eles conseguiram aparecer e sumir daquele jeito. Mas por que, então, eles diriam que estavam tentando cuidar de mim? Por que eles me diriam para

desistir de Sage?

Pus a mão na maçaneta da porta da minha casa e fiz uma careta enquanto me preparava para entrar. Era difícil acreditar que eu algum dia iria saudade dos tempos em que as bizarras superstições húngaras da eram minha maior preocupação ali. Aquilo me deixava maluca, mas pelo menos eu podia escapar dela e ficar com a casa só para mim. Agora, porém, eu mal tinha espaço para respirar. Já era uma sorte ter esse momento de tranquilidade do lado de fora — quando os figurões estavam na cidade, nós tínhamos até agentes do serviço secreto vigiando a porta.

Dei de cara com uma muralha de barulho assim que entrei. Enquanto me dirigia à cozinha para fazer um lanche, passei por vários assistentes andando de um lado para o outro, todos com cara de ocupados e levando sabe-se--lá-o-que para sabe-se--lá-onde enquanto falavam sem parar em fones presos ao ouvido.

Uma mulher em particular parou de repente quando me viu. Suzanne.

— Clea! — exclamou ela, e então me deu um forte abraço cheirando a perfume Chanel. Ela já era vários centímetros mais alta do que eu, e como estava, ainda por cima, com um salto doze, seu abraço acabou espremendo meu rosto contra seus seios.

Quando achei que estava prestes a morrer sufocada, ela se afastou e ficou me segurando com os braços esticados, enquanto me analisava com sua cara cheia de maquiagem e cabelos repletos de laqué. Sou uma pessoa saudável, como direito, faço exercícios... estou em boa forma, mas ver o corpo esguio daquela mulher espremido dentro de uma camisa social de seda e uma saia lápis, fez com que eu me sentisse enorme.

— A gente sentiu sua falta hoje cedo! — disse ela.

Esse “a gente” era Suzanne e minha mãe, e eu ficava doida por ela se sentir à vontade para falar assim, em nome das duas. Como Nico, Suzanne era outra nova contratação da minha mãe — uma assistente particular aqui no “escritório de Connecticut”. Minha mãe gostava da ideia de ter uma pessoa da região para cuidar das coisas, e até então, Suzanne vinha trabalhando como assistente do prefeito Josephson em Hartford desde que se formou com honras em ciência política em Yale no ano passado. Ed Josephson tinha 80

anos e era um mulherengo inveterado. Dizem as más línguas que ela entrou lá para fazer a entrevista e, “por acidente”, derrubou um pouco de água de uma garrafinha no decote. Quando terminou de secar a roupa, a entrevista já tinha acabado. E ela foi contratada.

De um jeito estranho, acho que essa história me enojaria menos se Suzanne fosse uma pessoa sem qualificação nenhuma, que só se aproveitou do prefeito para se dar bem. Mas ela era muito qualificada. Minha mãe falava maravilhas sobre ela, e quando eu a via trabalhando, entendia por quê. Suzanne tinha um jeito incrível de lidar com as pessoas e conseguia enfrentar e deixar qualquer um sem reação mesmo nos assuntos mais complicados. Ela não precisava bancar a gostosona para um emprego, então o fato de ter feito isso mesmo assim o estômago.

Suzanne, no entanto, não tinha nenhum pudor com relação ao seu Josephson: um cargo de primeira para alguém da idade dela, assunto sobre o qual falava, além dos seus estados em Yale (concluídos com grandes honras!), sempre que podia e em qualquer conversa.

— A senadora achou que você ia aparecer para o café, mas agora está atendendo algumas ligações que vão durar o dia todo. Ela estava tentando terminar uma conversa a tempo de almoçar direito, mas é com o prefeito Josephson, então acho impossível. Acredite, sei bem como é... Uma vez, eu o vi falando com o presidente, e nem ele conseguiu fazer o prefeito desligar.

A senadora. Essa era outra coisa que me irritava em Suzanne: ela nunca falava “sua mãe”. Era sempre “a senadora”. Posição que ligava minha mãe à assistente particular dela, não a mim.

Percebi que Suzanne estava me encarando, à espera de alguma reação por conta da sua proximidade com o maior líder do mundo livre.

— Nossa. Bom, não vou contar com ela para almoçar, então. Valeu.

Passei por ela e há até a cozinha, onde Piri estava dando duro para mexer uma colher de pau em uma panela gigante — uma das várias que estavam fumegando e borbulhando em cada boca do fogão. Estiquei o pescoço para dar uma espiada.

— Que cheiro delicioso, Piri. O que é isso, mingau de aveia?

— É comida de cavalo — resmungou ela.

— Eu vi na internet que os cavalos respondem incrivelmente bem à comida caseira — disse Suzanne, entrando atrás de mim na cozinha. E a senadora adorou a ideia. Nessa receita vai aveia, maçã, cenoura, sal, açúcar, melado e água. É superfácil!

— Só se for para você— murmurou Piri.

— Como? — perguntou Suzanne.

— É fácil mesmo — disse Piri, sorrindo e concordando com um aceno de cabeça.

Mas quando Suzanne se virou de novo, Piri fez uma careta e um gesto com as mãos. No sei direito, mas tenho quase certeza de que ela fez um “vai se ferrar” húngaro para Suzanne.

Entrei na despensa e comecei a procurar algo que eu pudesse levar com facilidade para meu quarto. Eu estava louca para ligar logo o computador e analisar as Lotos que tinha tirado.

— Então... — disse Suzanne lá de fora. — Você tem planos para o jantar?

— Depende — disse uma voz que reconheci na mesma hora. — Qual é a sua proposta?

Eu não tinha como ver Ben de dentro da despensa, mas sabia que era ele. Por um instante, até pensei em ficar escondida ali. Nós já tínhamos sido próximos, mas vínhamos nos evitando há um bom tempo, e naquele momento eu não estava com a menor paciência para lidar com os olhares sem jeito e as frases gaguejadas que eu com certeza receberia se ele tivesse que falar comigo.

— Ben! — disse Suzanne. — Oi! Eu estava só, hã... bom...

Ela estava gaguejando? Suzanne nunca gaguejava; era confiante demais para isso. Coloquei a cabeça para fora da despensa para ver a cena. Respirei fundo antes, me preparando para o momento em que Ben me visse.

Mas não foi necessário. Ben estava encostado no batente da porta, olhando para Suzanne com um sorriso cheio de malícia. Ele conseguiria me ver de onde estava, mas sequer olhou para mim. Eu até poderia achar isso normal — que ele não me olhasse nos olhos de propósito, todo suado, gaguejando e deixando claro que aquilo exigia um imenso esforço dele —, mas

não foi bem assim. Ben não estava se esforçando para não olhar para mim; ele só não estava olhando. Por um instante, achei até que nem fosse Ben. O suéter que ele estava usando era bem mais casual do que as camisas sociais de sempre, e os cabelos... eu poderia jurar que Ben estava usando gel.

Mas mais estranho do que tudo isso era a linguagem corporal dele. Até o jeito como Ben estava encostado ali na porta fazia-o parecer mais alto, e o sorriso dele irradiava confiança. Será que Ben tinha ficado mais forte e musculoso nas últimas semanas?

Saí de vez da despensa para ver melhor.

— Ah, acho que entendi mal — disse Ben para Suzanne. Ele se afastou da porta e andou até a ilha no meio da cozinha, onde pegou uma maçã de um cesto de frutas. Ben estava tão perto de mim que eu poderia esticar o braço para tocar nele se quisesse, mas ele continuava me ignorando. —Vamos fazer o seguinte, então — continuou ele. — faço uma proposta. Quer jantar hoje?

O sorriso de Suzanne cresceu mais em seu rosto fino.

— Eu adoraria. Mas não sei até que horas vou trabalhar...

—Me ligue quando tiver terminado. Eu passo para te pegar.

— Maravilha! — cantarolou Suzanne. — Devo levar o tabuleiro de *cribbage*¹?

Fala sério! Eles estavam jogando *cribbage*? Sempre aches que eu era a única parceira de Ben. Ele tinha me ensinado a jogar *cribbage*, e nós dois vivíamos fazendo longas maratonas.

Claro, isso foi quando ainda éramos próximos. Antes de ele perceber que gostava de mim. Antes de eu quase achar que sentia o mesmo. Antes de eu conhecer Sage e de a minha vida inteira mudar. E antes de eu descobrir que, à nossa maneira, Ben e eu sempre tivemos uma ligação, assim como Sage tinha comigo. Mas a base da nossa conexão não era o amor, mas a morte. A cada encarnação, o ciúme de Ben me destruía. E isso já tinha se repetido nesta vida — foi por culpa dele que Sage foi capturado.

Será que Ben estava interessado em Suzanne agora? E se eles se apaixonassem, seria isso suficiente para pôr fim no ciclo insano de tragédias no qual ele, Sage e eu estávamos presos vida após vida?

¹ Cribbage é um jogo de cartas comum tabuleiro para a marcação dos pontos. (N.T.)

— Ele é muito especial, não é? — sussurrou uma voz doce como mel meu ouvido, mas quando me virei para olhar, não vi ninguém atrás mim. — Ele não parece diferente?

Aquela voz suave estava dentro do meu ouvido agora. Percebi, enquanto meu rosto empalidecia, que era uma voz familiar. Era a voz da mulher que eu tinha visto no memorial — a mãe de Amélia.

— Ele seria ótimo para você. Diferentemente de Sage — ela soltou longo suspiro, um sopro de ar adocicado que achei sentir dentro da cabeça. --- Pobre Clea. Se você pelo menos soubesse...

Aquela mulher de cabelos castanhos estava mesmo ali comigo? Eu tinha como falar com ela?

Mesmo se tivesse, eu não podia tentar naquela cozinha cheia de gente. Então subi correndo as escadas para meu quarto e fechei a porta.

— É uma pena tão grande — Mas a triste verdade é que você não pode confiar em uma pessoa só porque ela diz que te ama. Você não quer acreditar em mim, mas vai ver.

— Me diga onde ele está — disse eu para meu quarto vazio.— É só o que eu quero saber.

— Eu vou te mostrar — respondeu ela. — Você vai ver. Até mais por enquanto, Clea.

— Espere!

Mas senti a atmosfera mudar; a mulher tinha ido embora.

O que ela era? Por que ela apareceu só como uma voz na minha cabeça se eu antes a tinha visto na minha frente? Por que ela tinha vindo sozinha desta vez e não com toda a família? E que tipo de criatura seria capaz de aparecer e sumir assim, do nada, e falar dentro da cabeça de alguém?

Abri um sorriso, andando de um lado para o outro, enquanto sentia a adrenalina inundar meu corpo. Foi uma reação estranha para um dia tão bizarro — acho que ficar com medo seria uma resposta mais sensata. Mas pela primeira vez desde que Sage havia sido arrancado de mim, eu tinha uma pista, por mais inexplicável que ela fosse.

E agora eu só precisava investigá-la.



2

FIQUEI ESPIANDO MINHA MÃE ENQUANTO ELA FALAVA DENTRO DA cabeça de Clea.

Não tive outra opção. Manter Clea e Sage juntos talvez fosse o único jeito de impedir que minha família fizesse uma coisa tão horrível que talvez viesse a devastar o mundo inteiro.

Parece dramático, — era o tipo de coisa que eu costumava falar quando era mortal e minha mãe ria e me mandava parar de ser exagerada.

Mas eu não estava exagerando agora. O que minha mãe, meu pai e meu avô queriam fazer era impensável. Se eles estivessem em sã consciência, nunca cogitariam nada assim. Mas eles não estavam em sã consciência. Não mais, pelo menos.

— Eu vou te mostrar — disse minha mãe para Clea. Você vai ver. Até mais por enquanto, Clea.

Eu tinha a sensação de que sabia muito bem como minha mãe iria mostrar aquilo para Clea, mas eu teria que ficar de olho para ter certeza. Mais espionagens. Enquanto isso, eu precisava sair dali, e rápido. Se minha mãe descobrisse que eu a estava observando, ficaria uma fera. Ela já estava desconfiada de mim, e tudo só piorou quando aparecemos

naquela clareira e Clea agiu como se eu pudesse estar do lado dela. Não foi culpa minha, mas preciso tomar ainda mais cuidado agora.

Saí correndo antes que minha mãe percebesse que eu a estava observando. Acho que não me expressei muito bem. Não é possível correr quando não tem pernas. Nem observar alguém quando não se tem olhos. O problema é que não existem palavras para descrever a forma como nós vivemos, ou como fazemos o que fazemos, já que nunca existiu ninguém igual a nós. Nós somos seres de pura consciência... de pura energia psíquica, imagino eu.

Mas nem sempre fomos assim. Milhares de anos atrás, levávamos vidas normais — no lugar hoje conhecido como Grécia antiga, por mais que, época, ele não tivesse nada de “antigo” para nós. Vivíamos todos juntos: eu, minha mãe, meu pai e meu avô. Eu adorava meu avô, mas não o via muito. Ele era professor e filósofo, um homem muito respeitado, que vivia na estrada, dando aulas para grupos ou só aprendendo sobre o mundo. Eu nunca tinha saído do nosso vilarejo, e esse tipo de vida me parecia muito mágica. Eu queria acompanhá-lo nessas viagens, mas ele me dizia que aquilo não era coisa para criança.

Como eu não podia ir junto, ficava superempolgada para ouvir as histórias do meu avô quando ele voltava para casa. A minha favorita era a de uma viagem que ele fez para a Etiópia com um grupo de exploradores, mas do qual acabou se separando ao chegar lá. Totalmente perdido em uma terra deserta e estranha, meu avô olhou para o alto, na esperança de se guiar pelo voo dos pássaros. Foi quando acabou avistando uma pequena cotovia e a seguiu por um tempo... até ela ser atingida por um gavião. Meu avô acabou se apegando à cotovia depois de tê-la seguido. Por isso, quando o gavião a derrubou, meu avô ficou de olho nela, e correu até onde ela iria cair achando por algum motivo que talvez pudesse salvá-la.

A cotovia caiu em uma pequena poça de um líquido estranho. Meu avô conseguiu vê-la bem antes de cair naquela água e então teve certeza de que não poderia fazer nada por ela. A pequena ave estava totalmente mutilada. Ela caiu na poça e meu avô abaixou a cabeça em um gesto de respeito.

Um instante depois, a pequena cotovia começou a se debater freneticamente e se afastou da água... completamente regenerada. Ela saiu voando, mas meu avô ficou espantado demais para segui-la.

A ave estava morta quando caiu na água. Como ela poderia ter saído voando, então?

Meu avô só conhecia uma resposta: o mítico Elixir da Vida, uma poção criada pelos deuses, mas que eles depois esconderam quando decidiram que os seres humanos não eram

dignos do dom da imortalidade. Meu avô não ousou beber daquela água, mas também não teve como deixá-la para trás. Ele esvaziou o cantil que trazia consigo e o encheu com o líquido da poça. Meu avô estava se arriscando a ficar desidratado, mas concluiu que se os deuses acharam que ele merecia encontrar o Elixir, também deviam achar que ele merecia voltar vivo para casa. E, de fato, meu avô reencontrou seu grupo menos de uma hora depois.

Empolgado, contou aos companheiros sobre sua descoberta, mas ninguém a—editou. Todos riram do meu avô e disseram que ele estava maluco. Meu avô tentou provar que não, então esmagou insetos com as próprias mãos e depois os trouxe de volta à vida com algumas gotas do fluido. De um respeitado membro da sociedade, ele passou a ser visto como motivo de piada no nosso vilarejo.

Eu fui a única a acreditar no meu avô. Eu queria saber tudo sobre o Elixir, mas ele agora vivia irritado demais para falar comigo... o que só me deixou ainda mais intrigada. Eu ficava horas olhando para a pequena tigela na qual meu avô guardava aquele líquido denso e prateado, cheio de cores e formas tremeluzindo sem parar. Eu ficava imaginando o sabor daquilo — como um mel puro e cristalino. Depois que pus essa ideia na cabeça, não consegui mais tirar. Afinal, meu avô não teria como saber, não é? Seria só um linho. Que mal faria?

Eu me segurei quanto pude.

Mas então bebi — com um gole demorado que espalhou arrepios pela minha garganta.

Aquilo não tinha nada a ver com mel. Tinha um gosto frutado e metálico que deixou minha língua dormente como se eu tivesse passado tempo demais chupando uma folha de menta.

Eu nunca tinha experimentado nada parecido. E sabia que ia me meter — e acabei tomando o resto da tigela.

— Amélia! — gritou meu avô. — O que você está fazendo?!

Com o susto, deixei a tigela cair e me virei. O rosto dele estava pálido, e sua voz saiu tão alta e firme que comecei a chorar.

Meu avô me puxou para perto dele e eu enterrei o rosto na sua roupa.

— Ah, Amélia... Amélia... — disse ele com carinho. — O que vamos fazer agora?

Ele me abraçou, me balançando devagarzinho para frente e para trás até eu parar de chorar. Então me pôs em cima da mesa, me deu um copo d'água e então chamou meus pais.

— Amélia tomou o Elixir da Vida — disse ele. — A tigela inteira.

Minha mãe e meu pai tinham duvidado do Elixir antes, mas agora empalideceram

também.

— *O que agente vai fazer?—perguntou minha mãe.*

— *Bom, acho que temos duas opções — respondeu meu avô. — Podemos não fazer nada e viver normalmente até deixarmos Amélia sozinha no mundo, ou podemos voltar ao local de origem da Elixir para nos tornarmos imortais também.*

Só então entendi a proporção do que eu tinha feito.

Imaginei-me sozinha para sempre. E comecei a chorar de novo. Minha mãe me abraçou. Meu pai pegou minha mão.

— *Nós vamos até lá, então — disse minha mãe.*

Quase no mesmo dia, demos início à longa viagem até a Etiópia e, de alguma forma, meu avô conseguiu encontrar o caminho até aquela poça de água prateada. Ele disse que, apesar de ela estar muito menor do que antes, ainda tinha bastante líquida para todos eles tomarem uma dose tão grande quanto a minha, ou até maior.

Meu avô mergulhou um cálice na poça e a encheu com o Elixir. Aquele líquido parecia vivo, cheio de círculos rodopiando sem parar.

— *Vocês precisam entender uma coisa— disse ele aos meus pais. —Eu acredito do fundo do meu coração que este seja o Elixir da Vida e que ele vai nos manter vivos e saudáveis por toda a eternidade. Mas há muita coisa que eu não sei. Talvez ele perca o efeito algum dia. Talvez algum de nós possa reagir mal. Talvez ele cause um efeito diferente em cada um de nós. Eu não faço a menor ideia. Assim, não é motivo de vergonha se vocês quiserem desistir.*

—*Não vou deixar Amélia sozinha no mundo — disse minha mãe, pondo um braço em volta dos meus ombros e me puxando para mais perto. — Não se pudermos continuar juntos.*

Meu pai concordou e ergueu a mão para pegar o cálice.

— *Só um momento — disse meu avô — Temos que levar uma coisa em conta. A vida eterna é um dom raro e perigoso. Muitos acabariam abusando desse privilégio e usariam essa longevidade em benefício próprio. Se formos mesmo dar esse passo para nos juntar à Amélia nessa aventura, temos que fazer isso do jeito certo. Precisamos nos comprometer a proteger o mundo, as pessoas e outras criaturas que cruzarem nosso caminho. Poderemos ter tudo de que precisamos, mas sem exageros. E mais importante ainda: não deveremos nunca fazer o mal a nenhum outro ser vivo. Entendido?*

— *Entendido — responderam juntos meus pais.*

Meu avô não sabia quanto do Elixir nós precisávamos tomar. Minha mãe, meu avô e meu pai beberam primeiro para se igualar a mim, mas nós continuamos enchendo o cálice e passando-o de um para o outro até esvaziarmos a poça.

Depois, meu avô pegou uma pequena pá de sua bolsa e cavou a terra da poça agora seca. Ele queria ver se havia uma nascente daquele líquido ali; se ele brotava naturalmente do chão.

Mas a terra era seca e arenosa, sem nenhum sinal de qualquer fluido. Ele continuou cavando, cada vez mais e mais fundo... o que nos mostrou que o Elixir estava funcionando. Meu avô nunca tinha sido um homem forte, mas cavou sob um sol de rachar durante urna hora inteira, praticamente sem sequer ficar suado. Não sabíamos ainda se tínhamos nos tornado imortais, mas com certeza algo estava muito diferente.

Eu estava me lembrando de tudo isso quando a voz da minha mãe cortou meus pensamentos. Mas não era a mesma voz que eu conhecia daquela época. Era uma voz fria e dura como aço.

— Estou muito decepcionada com você, Amélia — disse ela. Minha mãe balançou a cabeça, sacudindo seus longos cachos castanhos de um lado para o outro.

Eu podia vê-la e ouvi-la como se ela estivesse bem ao meu lado, mas ela não estava. Nossos corpos de verdade estavam longe dali e aparentemente sem vida. Nós duas só estávamos ali como meras projeções psíquicas das nossas mentes.

— Eu ouvi como você falou com Clea — disse minha mãe. — Você estava tentando fazer com que ela confiasse mais em você do que no resto de nós.

— Não estava, — Eu só estava tentando ajudar vocês, mamãe, como disse que ia fazer.

Ela estreitou os olhos e então sorriu, falando com uma voz baixa, tom suave que antigamente usava para me contar histórias de ninar.

— Seu pai e seu avô podem ter se deixado enganar, mas eu não. Eu não confio em você, e estou de olho no seu comportamento.

Em seguida ela sumiu.

Lágrimas quentes arderam no fundo dos meus olhos, mas eu as ignorei. Eu tinha que ficar alerta e focada na mente da minha mãe. Ela havia dito a Clea que contaria mais coisas. E eu precisava saber o que ela iria dizer.



3

AGORA, JÁ SOZINHA NO MEU QUARTO COMECEI A TRABALHAR.

Liguei o computador e chequei os e-mails. Tinha um do dr. Prichard, colega do meu pai que Ben e eu tínhamos encontrado no Brasil. E a uma resposta curta e direta. Ele disse que meu pai nunca havia comentado com ele sobre seu grande hobby, o Elixir da Vida, então, não poderia me dizer nada sobre o assunto.

Eu já esperava por isso, mas precisava checar todas as fontes. Sage havia sido levado pelos Redentores da Vida Eterna. Se eu quisesse encontrá-lo, teria que fazer de tudo para descobrir o máximo possível sobre o grupo, o que incluía interrogar amigos e colegas do meu pai em busca de qualquer coisa que ele pudesse ter compartilhado com eles. Eu tinha mandado dezenas de e-mails, feito um monte de ligações e recebido todo tipo de resposta. Algumas pessoas até tinham ouvido algo a respeito, e meu arquivo sobre os Redentores estava crescendo dia após dia, embora eu ainda não tivesse nada de concreto para investigar. Mas acabei tendo a chance de ouvir várias histórias sobre meu pai: poder rir e me lembrar dele junto com seus amigos fez com que eu me

sentisse mais próxima dele do que nunca.

Isso me deixou triste de novo por tê-lo perdido, mas também me trouxe paz.

Eu tinha recebido alguns outros e-mails além daquele do dr. Prichard, mas só dei uma olhada por cima neles. Eu estava muito mais interessada em passar as fotos que havia tirado para o computador e ampliá-las à procura de Sage... E, talvez, de Amélia e da família dela...

Analisei cada imagem, buscando com fervor algum relance do perfil dele, a silhueta de Sage, os ângulos fortes do seu rosto. Precisei conter o pânico enquanto procurava. Eu não sabia se ele tinha conseguido esconder a adaga dos Redentores, mas se eles estivessem com ela, poderiam realizar o ritual para matar Sage à meia-noite de qualquer dia sem que eu sequer ficasse sabendo. Sua ausência nas fotos seria um sinal de que a alma dele havia se perdido. E sem sua alma... a conexão dele comigo seria cortada... e ele sumiria das imagens.

Horas depois de ter começado, eu o encontrei. Ele estava bem no fundo de uma foto; tive que dar um zoom para vê-lo. Sage estava encostado em uma árvore ao longe, de perfil, os olhos castanhos perdidos no horizonte. Olhei para eles à procura da alma do homem que eu amava naquela imagem reticulada. Se eu me concentrasse e pensasse em tudo o que sabia, lembrava e sentia sobre ele, e se projetasse tudo isso naquela imagem, eu conseguiria ver Sage por inteiro.

Estiquei a mão para tocar na tela... e comecei a chorar.

Não sou do tipo que fraqueja assim. Eu não reagi desse jeito quando meu pai desapareceu, nem quando tudo o que eu tinha como certo desabou à minha volta, nem quando perdi Sage — pelo menos não por muito tempo. Não fui criada para ser uma pessoa fraca. Pessoas fracas se acovardam, e eu não podia me dar o luxo de me acovardar agora... com tanto em jogo.

Mas eu sentia muito a falta dele.

Sage via partes de mim que eu nunca dividi com ninguém... as partes fracas que eu tentava abafar e esconder todos os dias... e ele me amava mesmo assim. O mundo parecia fazer mais sentido quando estávamos juntos. Nosso passado era épico, mas quando eu estava com ele, não pensava nisso: nos

tempos de Sage e Olivia, Sage e Catherine, Sage e Anneline, Sage e Delia. Eu só pensava em Sage.

É uma grande ironia, eu sei. No primeiro ano do colegial, quando todos tiveram que escrever sobre o significado romântico de Romeu e Julieta, meu trabalho começou assim: “Romeu e Julieta é uma história sobre dois jovens tontos e imaturos. A trama não é nenhuma tragédia, é só uma idiotice. Se eles fossem vivos hoje, ganhariam um prêmio pela própria imbecilidade”.

E não parei por aí. Afinal, Romeu e Julieta tinham só 14 anos e se conheciam há, tipo, um minuto quando decidiram que estavam tão apaixonados que não conseguiriam mais viver um sem o outro. Pior ainda foi Romeu, que até dois segundos antes de conhecer Julieta tinha certeza de que uma tal Rosalinda era sua alma gêmea. Depois, quando Romeu vê Julieta morta, fica tão arrebatado de desespero “romântico” que acaba se matando... dois segundos antes de ela acordar!

A moral de Romeu e Julieta, concluí eu, era que o conceito romântico de amor verdadeiro, à primeira vista, era uma palhaçada, e que todos aqueles idiotas o bastante para sucumbir a esse tipo de coisa estariam condenados à desgraça.

Quatro anos depois conheci um homem em uma praia no Rio e senti na mesma hora que ele era o amor da minha vida.

Bom, tudo bem, tive um pouco mais de base para isso do que Julieta. Tempos atrás, Sage era um mortal comum, e foi noivo de uma mulher chamada Olívia — eu, em uma vida passada. Nós namoramos por muito tempo, uma etapa que Romeu e Julieta simplesmente pularam. Sage viveu isso com minhas outras encarnações também: com Catherine, Anneline e Delia. E por mais que eu não pensasse nesses tempos, tudo isso era parte do que fez nossa conexão ser tão forte e instantânea. A não ser por alguns sonhos e visões, eu não me lembrava das minhas vidas passadas. E pelo que pude ver, pelo menos por fora, eu era muito diferente de todas as minhas versões anteriores.

Mas por dentro, nós éramos a mesma pessoa. E Sage conhecia e amava todas nós.

Quando vi Sage pela primeira vez nesta vida, lutei muito contra o que

senti. Eu não queria ser uma tonta feito Julieta. Mas a verdade era eu e ele nos encarávamos. Mesmo nas situações mais caóticas, ele conseguia me fazer sentir segura e protegida. Romeu e Julieta podiam vidas inteiras à espera um do outro, mas eu tinha provas fotográficas disso. Desde o dia em que nasci, esperando pelo momento em que Sage viesse ao meu encontro.

Sage me completou. Ele me fez feliz. E fazia parte de mim tanto quanto meu corpo. Como alguém poderia perder esse tipo de Sentimento e continuar existindo?

Eu não sei se conseguiria.

Eu não sei se queria.

Mas sempre que eu via Sage em uma foto, tinha certeza de que ele estava vivo. Ainda havia esperança para nós, mas eu não podia chorar assim sempre que o visse na tela. Sim, eu estava sofrendo, mas não podia me entregar a esse sentimento, não desse jeito, ou acabaria me perdendo.

Esperei meus soluços se acalmarem e então imprimi a imagem ampliada. Peguei a pasta toda abarrotada onde eu guardava cada uma dessas impressões granuladas. Eu queria colá-las nas paredes do meu quarto para poder senti-lo à minha volta, mas usar Sage como papel de parede levaria minha mãe a fazer certas perguntas às quais eu não queria responder. Então me contentei em criar uma pasta com as fotos dele, que eu espalhava todos os dias em um círculo cada vez maior no chão à minha volta.

Isso me reconfortava por um instante, mas depois eu precisava voltar ao trabalho.

Amélia e a família dela não tinham aparecido em nenhuma das fotos. Eles me conheciam, mas não estavam ligados a mim da mesma forma que Sage.

O Elixir. Eu não parava de pensar nisso. Ainda mais quando me lembrava da garotinha e do homem mais velho, isso não explicava como eles tinham desaparecido daquele jeito, a postura estática dos adultos, ou a voz dentro da minha cabeça... mas eu não conseguia me livrar da sensação de que era o Elixir que os ligava a Sage.

E se eles estavam envolvidos com o Elixir, talvez meu pai soubesse algo sobre eles.

Meu pai era médico, mas sua verdadeira paixão era o Elixir da Vida. Ele já

era obcecado por esse assunto desde antes de eu nascer. Talvez pudesse até parecer uma grande coincidência o fato de Grant Raymond se interessar tanto justo pelo mito que teria papel tão crucial na vida da sua filha, mas é claro que não foi um mero acaso. Foi tudo obra do destino, sempre trabalhando para que Sage e eu nos reencontrássemos.

Graças à sua obstinada busca pelo Elixir, meu pai chegou aos antigos frascos enterrados há séculos, encontrou Sage e ficou sabendo da existência dos grupos que estavam atrás dele: os Redentores da Vida Eterna e a Vingança Maldita. Meu pai descobriu tudo isso muito antes de mim, inclusive o triste destino que parecia estar à minha espera a cada encarnação. Ele sumiu tentando me proteger de tudo isso, na esperança de romper esse ciclo antes que ele se repetisse.

Meu pai não conseguiu impedir que eu encontrasse Sage, mas montou um estúdio no porão de casa repleto de informações sobre o Elixir da Vida, os Redentores da Vida Eterna, a Vingança Maldita, e todo o tipo de coisa remotamente ligada à sua obsessão. E eu sequer comecei a analisar todo o esse material, mesmo me debruçando sobre ele todos os dias.

Mas, agora, eu estava descendo até o estúdio do meu pai com um objetivo diferente. Eu queria encontrar qualquer coisa que ele pudesse ter descoberto sobre Amélia e a família dela, ou sobre outros seres do mesmo tipo. Passei horas lá embaixo, mas não consegui nada a não ser ficar com os olhos exaustos. Já era tarde; até os assistentes da minha mãe tinham ido embora, e um delicioso silêncio reinava na casa.

Quando voltei para meu quarto, encontrei uma bandeja em frente porta com um bule de chá e uma xícara. Por um instante, pensei em Ben. Desde que voltamos do Japão, ele vivia trazendo bandejas como essas para mim. Aparecia o tempo todo para me ver — com um olhar nervoso e preocupado no rosto enquanto afofava meus travesseiros, trazia lanches e procurava meus filmes favoritos na tevê. Eu sabia que ele tinha as melhores intenções, mas não consegui aguentar. Sempre que eu relembrava aqueles últimos momentos na praia, eu pensava em Ben ignorando as ordens que tinha recebido, chegando às pressas na praia, chamando a atenção dos Redentores e dando-lhes um refém que eles poderiam trocar por Sage. Ben me tinha feito perder o amor da

minha vida.., de novo. E, desta vez, podia ter sido para sempre.

Ben era a última pessoa no mundo que eu queria ver no momento, e acabei tendo que dizer a ele que precisava ficar sozinha. Manter distância. Evitar contato.

Ele tentou pedir demissão depois disso. Seu verdadeiro trabalho era ajudar Alissa Grande, pseudônimo que eu usava como fotojornalista. Afinal, não era o tipo de coisa que ele conseguiria fazer se a gente não estivesse se falando. Além disso, como eu tinha perdido o interesse em trabalhar ou em fazer qualquer outra coisa até reencontrar Sage, parecia fazer ainda mais sentido deixar que Ben seguisse o próprio caminho.

Porém, foi minha mãe quem quis mantê-lo. Mesmo que eu não pudesse usar os serviços de Ben, ela poderia. Desde que meu pai morreu, vínhamos sendo soterradas com pedidos para disponibilizar aos pesquisadores os trabalhos dele sobre doenças cardíacas e procedimentos cirúrgicos. Então minha mãe decidiu que já era hora de fazer isso. Eu não concordava, mas era uma escolha dela, por isso preferi não discutir. Ela pediu para Ben dar uma olhada no escritório do meu pai ficava em outra sala, diferentemente do estúdio —, separar os papéis e anotações dele, e organizar tudo para ser doado. Eu entendi essa decisão. Ben e meu pai eram muito próximos, e minha mãe confiava em Ben mais do que em qualquer outra pessoa fora da nossa família... mas eu teria preferido que ela o tivesse deixado ir embora.

Com seu novo trabalho, Ben passava a semana inteira aqui em casa, mais precisamente no final do corredor onde ficava meu quarto, mas sempre respeitando minha posição. O incidente de hoje na cozinha foi a primeira vez que eu o via desde então.

Olhei para a bandeja de chá de novo. Horas atrás eu tinha absoluta certeza de que ele estava dando em cima de Suzanne. Será que Ben só queria me deixar com ciúme? Será que essa bandeja era uma forma de ele tentar manter contato?

Foi então que vi o bilhete. Era a letra da minha mãe. *“Querida ter jantado com você. Fale com Suzanne — vamos tentar arrumar um tempinho amanhã. Te amo!”*

Levei a bandeja para dentro e a coloquei em cima do criado-mudo. Eu estava tão cansada que mal tive forças para tirar a roupa. Era melhor assim.

Antes, dormir era minha única salvação. Eu sonhava com Sage — com memórias dos tempos que tínhamos passado juntos ao longo de centenas de anos. Mas desde a noite em que o perdi, eu não sonhava mais. Nem com Sage, nem com nada. Era uma dor tão grande que eu mal conseguia aguentar. Eu ficava acordada até ser derrubada pelo sono. E acordava me sentindo vazia e devastada., mas recomposta para mais um dia de buscas.

No meu último segundo de consciência, enquanto fechava os olhos e sentia o mundo apagar, ouvi uma voz.

— Prepare-se, Clea... chegou a hora...

A escuridão me envolveu... e pela primeira vez em semanas, tive um sonho.

Sage.

Ele estava lá, bem na minha frente, esparramado em uma cama. Os olhos estavam fechados, e uma barba curta cobria os traços bem entalhados do seu rosto.

Meu coração quase saiu pela boca, e lágrimas me encheram os olhos. Corri até ele e tentei abraçá-lo... mas não consegui. Não consegui ver meus braços quando os ergui. Meu corpo inteiro não estava visível. Eu não fazia parte daquele sonho; estava apenas assistindo.

Dei um passo atrás e analisei meu novo ambiente. O quarto era... todo fofo. A cama branca com dossel onde Sage estava deitado era banhada pelo sol, que entrava por uma enorme janela em meio a cortinas diáfanas estampadas com flores azuis e brancas. Havia, ao lado da cama, um criado-mudo coberto com o mesmo tecido claro das cortinas, em cima do qual estava um copo alto de água e um vaso de cravos brancos — a flor que eu menos gostava. Uma cadeira de vime branca estofada ficava do outro lado do quarto, sobre ela, uma manta azul-bebê de lã, e armários combinando com tudo isso preenchiam o restante do espaço. O piso era de madeira de lei; o papel de parede formava um labirinto de finos ramos verdes dos quais brotavam flores rosadas; e fotos em preto e branco de filhotes de animais em molduras douradas enfeitavam as paredes.

Era como se Sage estivesse em uma casinha de bonecas, Deitado entre aqueles travesseiros de renda e no acolchoado florido que combinava exatamente com as cortinas e os babados do criado-mudo, ele não teria como parecer mais deslocado. Se aquilo era, de fato, um sonho, e mais estranho da minha vida.

Ainda assim... aquilo não parecia um sonho.

Uma risada irrompeu ao meu lado e, quando me virei, vi a mulher de cabelos castanhos encaracolados. Seus olhos azuis reluziam e ela não estava mais paralisada. Ela parecia tão cheia de vida que praticamente brilhava, então pegou minha mão como se fôssemos amigas de longa data.

— Pobre Clea, você parece tão confusa! — disse ela. — Deixe-me ajudá-la. Isto aqui não é um sonho. E o que está acontecendo de verdade agora mesmo. Não é nenhum sonho, projeção ou fantasia. Sage está realmente aqui, e, neste exato momento, graças a mim, você pode vê-lo.

— Sage está... aqui? Aqui onde? Onde estamos?

— Não posso falar. E, na verdade, não estamos aqui. Ele está. Eu também, de certa forma, mas você, não. Eu estou captando o que vejo aqui e, ao mesmo tempo, transmitindo tudo para sua mente adormecida em casa.

— Não entendi... como assim?

— Sua mente é capaz de coisas incríveis quando você a exercita o suficiente — ela deve ter percebido que não entendi nada do que ela estava falando, porque revirou os olhos e se acomodou em uma cadeira, enrolando o dedo em um dos cachos do cabelo, — Tudo bem, querida, já percebi que seu cérebro está tendo certa dificuldade com tudo isso. Vou ser clara. Você agora está dormindo profundamente na sua cama. E eu estou... bom, isso não importa agora. Mas eu sou capaz de ver o que se passa aqui e de levar essas imagens até sua mente. O resultado disso faz você sentir como se estivesse aqui, mas na verdade não está. Como uma mosquinha, você não pode ser vista ou ouvida, só testemunhar o que está acontecendo com seu querido Sage neste exato momento.

— Mas... como você consegue fazer isso? Quem é você?

— Meu nome é Petra.

Sage soltou um grunhido. Ajoelhei-me ao lado dele e passei a mão pelos

contornos do seu rosto. Na minha cabeça, pude sentir o calor do corpo dele e a barba do seu queixo na palma da minha mão. Sage abriu os olhos lentamente, e eu concentrei cada fração das minhas energias nele.

Me veja, implorei. Me veja.

— Clea? — grunhiu Sage, com uma voz áspera e rouca. Ele rolou a cabeça pelo travesseiro até focar seus olhos nos meus. — Clea...

— Sim! Sim, estou aqui! — cheguei mais perto, olhando nos olhos dele. Apesar do que Petra havia dito, eu estava ali de alguma forma, sim. Sage sabia disso. A ligação entre nós era forte o bastante para que ele pudesse sentir minha presença. Por mais que fosse fisicamente impossível, eu tinha certeza de que se nós dois nos concentrássemos bastante, eu não seria apenas um fantasma naquela cena. Ele me puxaria através do sonho de alguma forma e eu me veria lá, realmente lá, junto com ele. Eu sentiria os braços de Sage à minha volta e, nesse instante, tudo se encaixaria...

— Shhh — fez a mulher ao entrar no quarto. — Não vá se esforçar demais. Você passou por maus bocados.

Minha visão de Sage foi bloqueada por alguém que passou através de mim. Ou que teria passado se eu estivesse de fato lá. Na verdade, eu não senti nada, mas logo depois me vi longe de Sage, observando aquela cena enquanto a mulher punha uma pequena cesta no chão e se curvava sobre ele. Ela estava com uma toalha de rosto na outra mão e a passou com todo cuidado nas bochechas e na testa de Sage.

Essa mulher parecia ser jovem. Ela usava sapatilhas de balé e um vestido simples de algodão, amarrado atrás para acentuar as curvas da cintura. Ela estava sem nenhuma maquiagem, e sardas pontilhavam os ados contornos das suas bochechas. Havia um ar de beleza e inocência tão natural naquela mulher que me cativou, e quando ela sorriu para Sage, me vi fazendo o mesmo.

Não tive dúvida alguma de que ela não estava

— São sempre as mais meiguinhas, não é? — suspirou Petra. — Venha, sente-se aqui. Talvez isso acabe sendo meio complicado para você.

Ela tentou me puxar para a cadeira, mas me soltei e cheguei mais perto da cama. Desejei com todas as minhas forças que Sage me reconhecesse de novo, mas os olhos dele estavam focados nos da mulher. Ainda assim, os dois

pareciam nervosos, como se Sage estivesse lutando para se manter consciente.

— Preciso trocar seus curativos de novo. Sinto muito... mas vai doer.

— Lila... — disse Sage. — Eu vi Clea. Ela estava aqui.

— Sua namorada? — perguntou Lila, como se essas palavras lhe doessem na alma. — Mas não é possível. Eles teriam percebido — ela pegou Sage por baixo dos braços e o puxou para mais perto. Senti vontade de gritar. — Tente se sentar — disse ela.

Sage obedeceu, mas foi Lila quem o endireitou na cama.

— Eu vi Clea — insistiu Sage, mas com menos certeza desta vez. — Eu achei que...

— Você está muito fraco. Sua cabeça só está meio confusa — sibilou Lila enquanto erguia a camiseta cinza de Sage, revelando faixas de gaze encharcadas de sangue e grudadas na pele dele.

Senti um embrulho no estômago

— O que eles estão fazendo com você? — perguntei, mesmo sabendo que ele não poderia responder.

— Está pior do que eu achava disse Lua. — Sinto muito mesmo.

Fechando os olhos para evitar a dor que iria causar, ela pegou um canto da gaze. Sage prendeu o ar e cerrou os dentes enquanto Lua arrancava aquela imensa faixa grudada de sangue. Ela parecia prestes a cair no choro, mas esticou a mão até a cesta e pegou uma garrafa d'água, sabonete líquido e mais gaze limpa. A voz de Sage safa trêmula enquanto ela limpava os ferimentos dele.

— Você não precisa fazer isso — disse Sage por entre os dentes. Você sabe que vou me curar sozinho.

— Sim, eu sei — concordou Lua. — Mas quanto mais eles te machucam, mais demora. Vai passar mais rápido se eu ajudar — ela esfregou um corte profundo e Sage grunhiu de dor, tentando se afastar dela. Foi como se Lua tivesse tomado um tapa. — Desculpe — disse ela. — Eu só queria fazer você ficar melhor.

O rosto de Sage se abrandou.

— Você faz, sim. Você me faz ficar melhor... e ai eles fazem alguma coisa pior ainda.

— Eu sei — Lua guardou a gaze e passou água em um pano para limpar as costas feridas de Sage. Enquanto isso, pude vê-lo melhor. Eu tinha ficado tão feliz em revê-lo que nem percebi as mudanças no corpo dele: uma malha de cicatrizes, todas perto demais umas das outras, agora cobria sua pele. Até o rosto de Sage estava riscado por cortes onde sua barba não crescia mais.

— Se você desistir dela, eles vão parar. Foi o que me disseram.

— Não posso. Clea é minha alma gêmea.

— Você nunca amou nenhuma outra pessoa? — perguntou ela, sem conseguiu olhá-lo nos olhos. — Nenhuma mesmo?

— Não como Clea — respondeu ele. Os dois passaram um instante silêncio, enquanto Lila cuidava das costas de Sage e ele pensava. — Lila... você já se apaixonou alguma vez?

Lila ficou vermelha

— Acho que não.

— Então você não sabe. Você não imagina como é encontrar uma pessoa mais plena certeza de que sua vida inteira até então, cada escolha que fez, cada reviravolta do destino ao longo do caminho, foi só parte de uma jornada para chegar até ela. Minha vida começou quando conheci Clea. Desde então, cada minuto que passo com ela é só um tempo que estou matando até a gente se reencontrar.

— Isso é lindo, mas...

Ela não terminou a frase. Sage tentou fazê-la continuar.

— Mas o quê?

— É só que... eu ouvi a história... de você e das outras... é muito trágico. Trágico demais.

— Trágico demais?

— Desculpe. Sei que não é da minha conta. É só que... se o destino de vocês é ficar juntos... por que nunca deu certo?

Sage ficou calado. É claro. Minha alma tinha passado quatro encarnações apaixonada por ele, mas apesar dos vários momentos de mais plena felicidade que passamos juntos, sempre tivemos um fim trágico. Trágico para mim, sendo mais específica. Tive o raro privilégio de assistir ao meu assassinato em quatro vidas diferentes. E pelo que me disseram, a quinta vez será inevitável.

— Eu não devia ter dito nada. Não quero incomodar. E só que essa tal ligação entre vocês... parece ser algo que traz muito sofrimento para os dois. E se eu amasse uma pessoa... não iria querer que ela sofresse. Eu tentaria impedir isso... por mais que me magoasse — Lila pôs um creme antisséptico na mão e fez uma careta de dó antes de passá-lo nos ferimentos de Sage.

Sem afetar em nada Lila, Sage ou a cama, Petra se sentou na borda do colchão, soltando um suspiro dramático.

— Acho que alguém aqui está gamadinha. E você sabe o encanto que as enfermeiras têm... É só uma questão de tempo até ele se apaixonar também.

Essas palavras me fizeram entrar em ação. Levantei e me dirigi ao criado-mudo. Eu iria começar por ali. Se aquele lugar existisse mesmo, tinha que haver algo ali que o identificasse. Mas antes de chegar à metade do caminho, me senti sendo sugada, como se uma corda estivesse me puxando para trás pelo meio do meu corpo.

— Não! — gritei, mas já era tarde demais. Abri os olhos e me vi no meu quarto, enrolada embaixo das cobertas, Os primeiros raios de sol ainda mal entravam pela janela, mas pulei da cama, totalmente acordada e cheia de energia. Sage continuava vivo, e eu sabia onde e com quem ele estava. Cada detalhe de Lila e daquele quarto continuava nítido na minha mente, e por mais que eu ainda não soubesse como iria usar aquilo para encontra-lo, devia haver algum jeito.

— Não se, não, Clea — sussurrou a voz de Petra no meu ouvido. — Acho que aquela tal de Lila fez uma pergunta muito boa. Se você ama uma pessoa, não *deveria* tentar impedir que ela sofra, por mais que isso te magoe?



4

DISSIPEI MINHA CONSCIÊNCIA ENQUANTO MINHA MÃE SAÍA DO quarto da Cica. Imaginei que não haveria problema. Se ela estava se comunicando com Clea, seria pouco provável que tivesse energia para notar minha presença.

Pouco provável, mas não impossível. Esse era o problema dos nossos poderes psíquicos. Era difícil saber exatamente o que podíamos ou não fazer. Tudo mudava a todo instante. Se a gente conseguia fazer uma coisa com facilidade certo dia, poderia não conseguir mais no outro. Ou então, algo que nunca tínhamos conseguido fazer, de repente passava a ser muito simples. Eu já tinha plena consciência do que eu sempre era capaz de fazer, mas não entendia muito bem as habilidades da minha família. Isso nunca teve muita importância quando todos estávamos do mesmo lado, mas agora que eu vinha lutando em segredo contra eles... isso poderia se tornar um problema.

Mas eu podia contar com certas coisas pelo menos, como nossa relação com o mundo físico. Como éramos feitos de consciência pura, na verdade nunca estávamos em nenhum lugar específico. Nós só meio que... existíamos. Em intermediário do qual nenhum de nós gostava. É o tipo de situação que faz você se sentir um fantasma.

Para levar uma existência mais normal, gostávamos de nos ligar a lugares o que não

era difícil: só precisávamos pensar no local — como a Biblioteca Pública de Nova York. Bastava pensar nela para me materializar lá. E mesmo sendo invisível para qualquer mortal à minha volta, eu estaria lá, ancorada naquele lugar, até quando quisesse. Eu podia passar o dia inteiro me sentindo quase normal, pegando livros das prateleiras e folheando-os à vontade. Eu estaria usando minha energia psíquica para fazer isso em vez das mãos, é claro, e, ao contrário da maioria das pessoas ali, eu seria capaz de mover estantes de livros inteiras se me concentrasse bastante. Mas pelo menos eu tinha a sensação de estar em um espaço físico real, e gostava disso. Todos nós gostávamos.

Outra coisa que eu sabia era a forma como nos comunicávamos. Quando algum de nós queria se encontrar com o outro, só precisava se concentrar e então iria até essa pessoa. Assim, se eu estivesse na biblioteca e minha mãe quisesse me ver, bastaria ela pensar em mim para aparecer lá. Se eu não estivesse ligada a nenhum lugar quando minha mãe pensasse em mim, ela me encontraria naquele limbo onde nós, em geral, existíamos. Ficar junto um do outro nos trazia a mesma sensação de quase normalidade que se prende a um lugar específico: nós nos víamos, ouvíamos e sentíamos como se estivéssemos novamente dentro dos nossos corpos físicos.

Outra coisa que fazia a gente se sentir normal era falar com os mortais, mesmo que fosse só nos sonhos deles. Esse era um poder que nós quatro tínhamos, por mais que minha mãe e eu fôssemos melhores nisso. Conseguíamos entrar na cabeça de alguém que estava sonhando e fazer parte do mundo imaginário dele. Às vezes, eu fazia isso só para me divertir e nem chegava a falar com a pessoa. Ficava apenas de lado, olhando — como uma criança no balanço de um parquinho, talvez. Eu gostava de me misturar ao sonho.

Minha mãe e eu também podíamos fazer vários truques dentro dos sonhos. Nós tínhamos como unir mentes adormecidas ou levar alguém para ver alguma coisa que estava acontecendo no mundo real, como minha mãe tinha feito com Clea.

Eu e minha família não precisávamos entrarem sonhos para falar com os mortais, mas esse era o jeito mais fácil. A alternativa a isso era mais impactante, acho, mas muito mais complicada e um tanto horrível. Se nos concentrássemos bastante, éramos capazes de criar uma projeção astral do que pareciam ser versões vivas de nós no mundo real, como quando aparecemos para Clea. Foi ideia da minha mãe. Ela achou que Clea ficaria mais impressionada se nos visse em “carne e osso”.

Ela tinha razão — Clea pareceu ter ficado muito espantada com minha família. Não que isso tenha sido uma surpresa. Para os três, foi tão difícil criar essas projeções que eles

acabaram perdendo energia demais e tendo que ficar parados como estátuas depois. Eu consegui, sem grandes esforços, me mover e parecer uma pessoa normal, mas ainda assim me senti como se estivesse nadando em uma piscina de piche. Para todos nós, assumir uma forma visível tão exaustivo que depois mal conseguíamos fazer qualquer outra coisa — não conseguíamos mais mover objetos com a força da nossa mente ou fazer outros truques mentais que, em geral, seriam muito fáceis.

Eu tentava não classificar direito o que nós quatro éramos. Se eu pensasse demais nisso, acabaria ficando mal. Será que ainda éramos humanos? Será que estávamos mesmo vivos?

Nem sempre foi assim. Durante anos — milênios — após termos tomado o Elixir, fomos pessoas normais. Sim, pessoas normais que nunca envelheciam nem ficavam doentes, e que podiam se regenerar quando se machucavam, mas nunca passávamos tempo demais em um mesmo lugar para que ninguém percebesse. Viajamos pelo mundo inteiro e vivemos de tudo em diversas cidades, vilarejos e territórios inexplorados. Sempre soubemos que a vida eterna era a maior dádiva que alguém poderia ter, e a aproveitamos ao máximo. Fizemos coisas que nunca ousaríamos sem o Elixir: cruzamos o canal da Mancha a nado, escalamos o monte Everest, fizemos base-jumping no Grand Canion. Também conhecemos as maiores mentes da idade moderna: conversamos com Leonardo da Vinci, Shakespeare, Picasso, Einstein. Vimos filmes, fomos a parques de diversão, lemos, assistimos  tevê, tivemos animais de estimação...

Nós fizemos de tudo. E fomos felizes. Muito felizes. Antes de tudo dar errado, tínhamos vivido dois mil e quinhentos anos e estávamos esperando viver pelo menos outros alegres dois mil e quinhentos.

Mas tudo deu errado. E foi muito pior do que eu poderia imaginar.

Primeiro, minha mãe ficou doente. Não pareceu ser grande coisa no começo. Ela foi ficando meio desajeitada, só isso. Passou a derrubar as coisas, e a tropeçar muito. Ela encarou tudo como se não fosse nada demais, percebi que alguma coisa estava muito errada.

— Mamãe?—perguntei um dia. — Você está doente?

Ela me olhou com um ar assustado, como se eu a estivesse forçando a revelar algum terrível segredo, mas depois riu.

—Nós não ficamos doentes, lembrar?

Minha mãe tinha razão, claro... mas seu jeito desengonado foi piorando cada vez mais. Até meu pai e meu avô começaram a se preocupar, por mais que ela jurasse não ser

nada. Ela até disse que provaria quanto estava bem fazendo um grande banquete, como os que ela sempre preparava na Grécia. Então ela passou um dia inteiro cozinhando, e não deixou que ninguém a ajudasse ou sequer visse alguma coisa.

O cheiro no ar estava incrível. Quando sentamos à mesa, posta com nossa melhor louça, toalhas e velas, já estávamos com tanta água na boca que nossa única preocupação era quando iríamos poder devorar aquele banquete. Por fim, minha mãe saiu da cozinha carregando uma imensa bandeja com uma leitoa assada, coberta de figos, maçãs e grão-de-bico. Começamos a aplaudir, e ela ficou toda feliz enquanto levava a bandeja até a mesa.

Foi então que as pernas dela travaram.

Ela estava vindo na nossa direção, com um sorriso enorme no rosto, quando de repente tombou no chão. Ela gritou e jogou a bandeja de lado para tentar se levantar. Meu pai pulou da cadeira e correu até ela, tentando ajudá-la, mas ela não conseguia mais se mexer, só gritar e chorar.

— O que aconteceu? — gritei. — Mamãe, você está bem?

Ele me ignorou. Meu pai também. Ele pegou minha mãe no colo e levou-a até o quarto deles. Tentei ir atrás, mas ele fechou a porta na minha cara sem dizer nada.

Voltei para a sala de jantar. A bandeja tinha derrubado as velas quando e a tolha de mesa começou a pegar fogo. Meu avô estava sentado a um palmo das chamas, mas sequer tinha se dado conta disso. Ele estava olhando fixamente para o nada.

— Vovô! — gritei, sacudindo-o. — Faça alguma coisa!

Ele nem se mexeu. Saí correndo e peguei o extintor de incêndio. Tive que usar todo o extintor para apagar o fogo. Nossa sala de jantar ficou parecendo uma zona de guerra.

Limpei tudo sozinha. Eu queria ir ver se minha mãe estava bem, mas já sabia que não.

Será que ela podia morrer? Como isso seria possível? Tínhamos o Elixir nas nossas veias...

Então me concentrei em limpar a bagunça.

Meu avô não ajudou. Na verdade, ele nem percebeu que eu estava ali. Só ficou lá sentado, perdido nos próprios pensamentos. Eu quis gritar com ele. Claro, eu estava viva há milhares de anos e sabia mais do que qualquer outra menina de 7 anos no universo, mas nunca tinha crescido. Eu ainda era uma criança, e não era justo que eu tivesse que lidar com aquilo sozinha.

Continuei limpando tudo até ficar tão exausta que tombei de sono no chão. Minha

esperança era que tudo estivesse melhor quando eu acordasse, mas não tive essa sorte. Minha mãe foi ficando cada vez mais fraca. E deprimida também. Ela continuou se esforçando para andar, mas quando suas pernas fraquejavam — como sempre acontecia —, ela gritava feito uma criança tendo um ataque de raiva. E também se machucava. Muito. Ela vivia tentando descer a escada e sempre caía. Ela quebrou a perna e o braço, e ficou cheia de cortes horríveis no corpo todo. Parecia até que ela estava tentando se matar, mas graças ao Elixir, isso seria impossível. Ela sempre se regenerava, e quando ficava melhor, tentava andar de novo e o ciclo se repetia.

Meu pai, por fim, deu uma cadeira de rodas para minha mãe e a convenceu a usá-la. Ela pilotava a cadeira com um pequeno manche, acabou ficando difícil para ela quando a fraqueza atingiu-lhe as mãos.

Minha mãe nunca mais deu risada. Tentei animá-la. Eu dançava, contava piadas ou fazia uns showzinhos... o topo de coisa que antes a deixava feliz, mas que agora só a irritava. Meu pai me disse que ela tinha inveja de mim por eu ainda conseguir me mexer. E que era melhor eu me afastar um pouco dela.

Então foi o que eu fiz.

Tentei passar um tempo com meu avô, mas ele não me queria por perto também. Ele estava sempre ocupado demais no computador ou no telefone, tentando entender o que estava acontecendo com minha mãe... e agora com ele.

Meu avô começou a ter tremedeiras. Não no corpo todo, só nas mãos. Dava para ver quando ele tomava chá — que balançava e caía para todos os lados antes de a xícara chegar à boca dele. Meu avô nunca comentou a respeito, só parou de comer e beber na frente dos outros.

Pouco tempo depois, meu pai passou a ter problemas também. Ele começou a derrubar o controle remoto e a tropeçar enquanto subia as escadas. Coisas pequenas... mas preocupantes.

À noite, eu me escondia embaixo das cobertas, tremendo. Minha casa havia virado um circo de horrores. Estávamos sendo perseguidos por algo sem nome e sem rosto. Eu queria muito falar sobre o que estava acontecendo, mas sempre que tentava, era ignorada pela minha família. Era como se eles tivessem medo de que, se dissessem qualquer coisa em voz alta, aquele bicho-papão viria para nos devorar ainda mais rápido.

E se aquilo estava atacando toda a minha família, eu sabia que logo chegaria a minha vez.

Eu me analisava toda noite antes de dormir. Tencionava e relaxava cada músculo. Passei a fazer testes físicos que encontrei na internet: agachamentos, flexões, abdominais. Eu fazia caretas bizarras no espelho. Aprendi a fazer malabares. Fiz tudo o que podia para provar que ainda tinha controle sobre meu corpo.

Meu avô, por fim, descobriu o que estava acontecendo.

— É o Elixir — nos explicou ele. — Ele nos dá vida eterna, mas é incorruptível e perde a potência ao longo do tempo... ao longo de muito, muito tempo... E embora vá nos manter vivos por toda a eternidade, seu poder não conseguirá abastecer nossos corpos para sempre.

— Como o senhor sabe? — perguntou meu pai.

Meu avô nos explicou tudo. Ele achou as primeiras pistas na internet. Teve que passar por muita baboseira antes, mas acabou encontrando transcrições de textos antigos sobre o Elixir e teorias e pesquisas modernas a respeito do tema. Eram coisas que poderíamos ter aprendido antes, acho, mas apesar do nosso amor pelo conhecimento, nunca tínhamos pesquisado nada sobre o Elixir. Parece ingenuidade agora, mas assim que passamos das nossas expectativas normais de vida sem nenhum incidente, simplesmente presumimos que meu avô estava certo sobre o Elixir e que viveríamos bem para sempre. Se tivéssemos sido mais céticos, talvez até pudéssemos ter previsto nossos problemas... ou não, enfim. Meu avô disse que as peças daquele enigma não se encaixavam muito bem. Se ele não soubesse pelo que procurar, provavelmente não teria achado nada.

Depois de ler tudo o que havia encontrado na internet, meu avô continuou suas buscas. Ele localizou e entrou em contato com historiadores, arqueólogos e outros pesquisadores que tinham escrito os artigos que mais o impressionaram. Ele nunca contou a verdade sobre nós para ninguém — e nem precisou. Bastava se apresentar como outro obcecado pelo Elixir. Sua grande pergunta a todos eles era sempre a seguinte: Quais eram os limites do Elixir, se é que existiam?

A resposta? Depois de milhares e milhares de anos, o Elixir perdia a força e a capacidade de manter nossos corpos funcionando direito.

— Isso não faz sentido — disse meu pai. — O Elixir ainda está funcionando. Agora mesmo, se Petra se cortar, ela se regenera.

— Sim, por enquanto — disse meu avô. — O dom da regeneração pode ser um dos últimos a ser perdidos, mas cedo ou tarde se perderá também... perderá, sim..

— Então, quer dizer... - disse eu, com uma voz tão fina e angustiada que mal

consegui me reconhecer — ... que vamos morrer?

— Não — respondeu meu avô. — O Elixir não nos deixará morrer. Nunca. Mas deixará de afetar nossos corpos. Isso que está acontecendo com sua mãe... é uma tentativa do Elixir de concentrar sua em nos manter apenas vivos, em vez de vivos e com saúde.

Meu pai estava segurando a mão da minha mãe, e pude ver os nós dos dedos dele ficando brancos enquanto ele a apertava. Mas sua voz permaneceu calma.

— O que exatamente vai acontecer com a gente?

— Não tenho certeza, mas acho que nossa fraqueza física irá piorar cada vez mais, até nossos corpos, por fim, se tornarem totalmente incapazes e sem vida. Até nossos órgãos deixarão de funcionar... Nossos olhos, pulmões. Para qualquer um que nos veja, vamos parecer meros cadáveres, paralisados para sempre.

— Mas vamos continuar vivos?—perguntou meu pai.

— Não... — murmurou minha mãe, os olhos demonstrando angústia, como se quisesse gritar mas não tivesse mais forças nem para isso. — Não...

— Sim — continuou meu avô — O Elixir irá nos manter vivos. Ele manterá nossos cérebros intactos e funcionando, mesmo depois que nossos corpos se tornarem meras carapaças inertes.

O que ele estava nos descrevendo era o inferno. Eu seria a próxima, e não podia fazer nada para impedir. Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e minha respiração disparou.

— Mamãe

Eu queria subir no colo dela. Ela não conseguiria mais me segurar, mas se pudesse subir no colo dela, tudo ficaria um pouquinho melhor. Mas minha mãe rosnou para mim antes que eu conseguisse chegar mais perto.

— Fique longe de mim! Isso é tudo culpa sua!

Dei um passo para trás e caí no chão, então comecei a chorar de verdade, achando que minha hora havia chegado; minhas pernas estavam perdendo a força, como as da minha mãe; eu logo não conseguiria mais me mexer, falar, nem fazer mais nada além de pensar, presa dentro da minha cabeça pelo resto da eternidade, sozinha para sempre.

Mas aquele não era o fim. Minha mãe tinha me assustado e eu tropecei. Foi só isso. Meu avô esticou uma mão trêmula para me ajudar, e eu me segurei nele, mas isso não me bastou. Eu queria chamar a atenção da minha mãe, mas ela sequer olhou para mim.

— Nem tudo está perdido — disse meu avô. — Ainda temos uma chance.

O cérebro humano, explicou meu avô, é capaz de criar novas conexões sinápticas ao longo de toda a vida. Quanto mais você desafia seu cérebro resolvendo enigmas, lendo e tentando dominar novas habilidades, tanto mentais quanto físicas —, mais sua capacidade cresce.

Isso não era nenhuma novidade para nós. Meu avô já imaginava isso desde o começo, muito antes de entender a ciência por trás desse processo. Ele sempre nos incentivou a treinar e a exercitar nossos cérebros. Não que fosse preciso, pois sempre gostamos de fazer coisas novas. Esse foi um dos motivos pelos quais tínhamos nos divertido tanto juntos ao longo dos séculos.

Mas o que meu avô estava dizendo agora era diferente. Segundo ele, o que as pessoas costumavam ver como poderes “psíquicos”— mover objetos com o poder da mente, comunicação telepática, viagens extracorpóreas — apenas outras capacidades de um cérebro humano bem treinado. Qualquer um seria capaz disso, desde que exercitasse a mente.

E se havia alguém com o cérebro suficientemente desenvolvido para dominar essas habilidades psíquicas, disse meu avô, éramos nós. De certa forma, tínhamos passado os últimos dois mil e quinhentos anos nos preparando para esse tipo de coisa. Isso iria nos ajudar. Enquanto os mortais podiam passar uma vida inteira aprimorando suas habilidades mentais sem nunca dominá-las, nossas mentes deviam estar tão aguçadas que isso não nos exigiria muito estudo. Teríamos que nos esforçar muito, é verdade, mas não seria nada impossível. E se conseguíssemos, nossos cérebros poderiam nos manter em atividade neste mundo, mesmo que nossos corpos ficassem incapacitados.

Minha mãe não engoliu a história. Ela achava que deveríamos passar o resto do nosso tempo útil de vida procurando uma cura para nossa paralisia — talvez uma forma de fortalecer os efeitos do Elixir. Mas meu avô discordou. Se perdéssemos tempo com isso, poderíamos não desenvolver as habilidades de precisávamos e fatalmente acabaríamos virando prisioneiros dos nossos corpos paralisados. Mas se seguíssemos a sugestão dele e tudo desse certo, teríamos toda a eternidade para procurar uma cura que, algum dia, talvez pudesse restaurar nossa mobilidade e saúde física.

— Acho que a gente devia fazer o que o vovô está dizendo! — disse eu.

Minha mãe me olhou frio, mas eu desviei o olhar, e ela pareceu se acalmar quando meu pai concordou comigo.

Quando chegamos a um acordo, tivemos que nos preparar. Se logo íamos ficar paralisados, precisávamos de um lugar para deixar nossos corpos em segurança até acharmos

uma cura. Mesmo levando algumas preciosas semanas, meu avô por fim encontrou uma casa na Suíça isolada o bastante. Mudamo-nos para lá juntos, então meu avô coordenou meu pai e eu — pois ainda tínhamos mais controle sobre nossos corpos — durante uma reforma para deixar a casa mais segura e resistente às intempéries. Uma sala central climatizada, que eu não tinha como não ver como nosso “mausoléu” seria nosso local de repouso. Seguindo as instruções do meu avô, meu pai preparou camas com redomas de vidro, equipadas com estimuladores musculares que ajudariam a evitar a atrofia enquanto nossos corpos hibernavam. Quando, e se, voltássemos à ativa, o Elixir poderia curar qualquer sequela da atrofia, mas meu avô achou que não iríamos querer esperar nem um segundo sequer, além do necessário, antes de voltarmos totalmente ao normal.

Assim que tudo ficou pronto, começamos a treinar nossos cérebros para alcançar nossa plena capacidade psíquica. Passávamos dezoito horas por dia em profunda meditação, ouvindo fitas de hipnose, tentando canalizar todas as nossas energias para essas novas habilidades.

Mesmo tendo duvidado de tudo no começo, minha mãe foi a que mais se dedicou, já que sua paralisia era a pior entre todos nós. Uma vez, quando eles não sabiam que eu estava ouvindo, escutei meu avô comentar com meu pai que tinha sido um erro termos demorado tanto na preparação da casa. Nosso treinamento tinha começado tarde demais, e agora iríamos perder minha mãe para sempre, aprisionada dentro do próprio corpo. Meu avô parecia transtornado — ele não parava de murmurar coisas sobre minha mãe, como se ela fosse uma menininha, e sobre quanto a amava. Ele até chorou quando disse que não conseguiria mais viver em paz se a decepcionasse. Meu pai disse que a culpa não era dele — mas da minha mãe, por ter sido tão teimosa e escondido o problema durante tanto tempo. Se não fosse por isso, meu avô poderia ter entendido o que estava acontecendo muito antes, e nós teríamos mais tempo para preparar nossas mentes. Ele disse que o orgulho da minha mãe ainda seria nosso fim.

Meu avô ficou chocado, mas não tanto quanto eu. Eu nunca tinha ouvido meu pai reclamar da minha mãe nem com ela própria nem com ninguém. Mais do que tudo, foi isso que me fez cair no choro e soluçar alto, mesmo tentando me esconder. Meu pai e meu avô devem ter me ouvido, mas nenhum dos dois veio me consolar. Acho que eles tinham preocupações maiores do que meus sentimentos. Além do mais, meu avô nem tinha como vir correndo até mim — ele já mal conseguia se mexer.

Meu pai podia até achar que foi a teimosia da minha mãe que nos condenou, mas

também foi isso que a salvou. Ela foi a primeira a conseguir algum avanço em uma das nossas sessões de meditação. Como não estava em um transe tão profundo, ouvi claramente um barulho e então abri os olhos. Vi um porta-copo de concha se arrastando pela mesa de café. Fiquei boquiaberta e olhei para minha família — quem estava fazendo aquilo?

Minha mãe estava com o corpo inteiro banhado em suor e tremendo sem parar.

Parecia muito esforço só para conseguir mover um porta-copo por alguns centímetros, mas pelo menos já era alguma coisa.

Nossa esperança era que aquilo fosse só o começo. Minha mãe saiu mais fraca do que nunca daquele transe, e na manhã seguinte o pior aconteceu: ela parou; ficou sem pulsação, sem respirar.

Percebi isso logo cedo, quando ouvi os gritos do meu pai. Urros terríveis e bestiais, na verdade. Fui até o quarto deles na ponta dos pés, entreabri a porta e vi os dois na cama, juntos, com meu pai debruçado sobre ela enquanto chorava.

Ela não está morta, repeti mentalmente inúmeras vezes enquanto voltava para meu quarto. Ela não está morta.

Mas se a mente da minha mãe ainda não estivesse forte o bastante para deixar o corpo dela, isso não seria motivo de conforto, mas de angústia.

Naquela tarde, pusemos o corpo da minha mãe em uma das camas com redoma de vidro — não é um caixão, eu não parava de repetir para mim mesma; não é um caixão porque ela não está morta. Na época, achei que esse tinha sido o pior momento da minha vida, mas eu estava errada. Pior do que isso foi esperar... esperar que ela se comunicasse com a gente para saber se estava ou não presa no próprio corpo.

Mas meu avó estava confiante. Minha mãe tinha aprendido muita coisa, e como o cérebro dela ainda estava vivo e saudável dentro do corpo, ela poderia continuar treinando suas habilidades psíquicas. Talvez não a tivéssemos perdido para sempre, mas ainda não era possível ter certeza.

Duas semanas se passaram... até que, certo dia, acordei e vi uma caneca de água quente com mel fumegando em cima do meu criado-mudo.

Saí gritando pela casa. Eu precisava saber se alguém tinha feito aquilo ou se era mesmo um presente da minha mãe. Mas é claro que era. Meu quarto era o que ficava mais longe da cozinha... e, àquela altura, nem meu pai, nem meu avó conseguiriam mais andar tanto assim.

E bem no dia anterior eu tinha começado a tropeçar sozinha.

Naquela noite, minha mãe apareceu nos meus sonhos. Ela me abraçou e pediu desculpas por ter me culpado e sido tão maldosa e fria quando a doença a atacou. Ela me disse que só estava com medo e irritada, e que se arrependia por ter descontado em mim. Minha mãe me beijou na testa e no nariz, e então disse várias e várias vezes quanto me amava. Pela primeira vez desde que aquilo começou, acreditei de verdade que tudo iria ficar bem.

Como meu avô esperava, as habilidades mentais da minha mãe foram crescendo cada vez mais. Ela começou a se comunicar com agente por telepatia, mover objetos pela casa, e a nos visitarem sonhos. Em vários sentidos, ela passou a ser mais presente após sua “morte” do que quando estava “doente”.

As coisas avançaram rápido nas semanas seguintes. Meu avô perdeu os movimentos um dia depois de a minha mãe ter me deixado aquele chá; depois meu pai também. Como eu era a mais jovem e mais forte, ficou por minha acomodação minha família nas camas deles, um de cada vez. Mas eu não fiz nada sozinha. A cada vez aqueles que já estavam do outro lado da consciência me ajudavam, erguendo coisas que eram pesadas demais para mim e checando tudo para garantir que eu não me esquecesse de nenhum detalhe importante.

Como a última de nós ainda de pé, também recebi uma lista de tarefas preparada pelo meu avô — medidas que manteriam nossos corpos protegidos durante o que poderia ser uma longa hibernação. Ligar alarmes e termostatos, geradores de reserva. Eu também teria que fazer algumas últimas ligações para um banco de confiança do meu avô. Pelo que entendi, nossa família vinha sendo um dos maiores clientes daquela instituição há muitos anos, mas eles nunca perguntaram nada sobre nosso dinheiro, e meu avô gostava disso. O banco não teria acesso ao nosso “mausoléu”, mas receberia uma cifra para manter a casa em segurança. Eles seriam os únicos alertados caso houvesse uma falha de energia, e fariam todo o possível para religá-la quanto antes.

Depois de tudo preparado, não me restou mais nada além de esperar minha vez de sucumbir à fraqueza. Foi aterrorizante, ainda mais levando em conta quanto eu estava indefesa e sozinha naquela casa, perdendo meus movimentos dia após dia. Eu teria ido à loucura se minha família não tivesse se esforçado tanto para espantar minha solidão. A casa toda dançava com mãos invisíveis que cozinhavam, faziam faxina e me traziam tudo de que eu precisava. Minha mãe cantava minhas músicas favoritas no meu ouvido, e, nos meus sonhos, meu pai me pegava no colo. No último suspiro de vida do meu corpo, minha família espectral me pôs na minha cama e fechou a redoma de vidro sobre mim.

“Como a Branca de Neve”, foi meu último pensamento... e então tudo mudou.

Depois que minha mãe, meu avô e meu pai passaram para o outro lado, perguntei a eles como era aquilo. Como era existir apenas como uma consciência pura? Qual era a sensação? E fiquei muito frustrada quando eles não conseguiram responder, mas só então entendi por quê. Não era como se eles não quisessem me explicar, eles só não tinham como. Ser uma consciência... pura e totalmente livre... era uma sensação que eu jamais conseguiria descrever.

Até a palavra “sensação” não seria correta, porque eu não sentia nada não como antes, pelo menos.

A vida de repente se tornou atemporal. Parei de dormir e comer, o que pode não parecer grande coisa, mas dormir e comer vinham sendo momentos que definiam a passagem dos dias para mim. No fim, nenhum de nós realmente precisava mais comer ou dormir depois de tomar o Elixir. Poderíamos sobreviver sem isso, mas teria sido muito estranho abandonar esses hábitos. Agora, comer e dormir não eram mais uma opção. Não havia mais a hora de comer nem diferença entre o dia e a noite... ou mesmo qualquer sensação de espaço. Nossos corpos continuavam naquelas camas, mas nós não estávamos lá de verdade. Éramos muito mais livres do que isso e podíamos ir para qualquer lugar.

Ainda assim, por mais que nos aprimorássemos, nossos poderes mentais tinham suas limitações. E embora estivéssemos sempre descobrindo novas habilidades, também deparávamos com obstáculos inesperados. Uma mente com a qual conseguíamos nos comunicar hoje, às vezes se tornava inacessível no dia seguinte, e sem nenhum motivo aparente. E mesmo não precisando mais dormir, se nos esforçássemos demais, ficávamos... “cansados” acho, mas não era uma sensação nem um pouco humana. Nós só... perdíamos a força. Nossa consciência se dissipava. Mas depois, do nada, voltava. Não era como dor—era mais como morrer e depois ressuscitar.

Era assustador. Mas era algo difícil de evitar, porque o limite do que era “demais” para nós mudava o tempo todo.

Nestes últimos dois mil e quinhentos anos, nunca fomos exatamente normais mas pelo menos éramos humanos.

Agora, nós ainda existíamos, mas tudo era diferente. Tínhamos uns aos outros, o que era bom, mas éramos mais fantasmas do que humanos.

O mais difícil era perder os sentidos. Qualquer coisa que a gente pegava, cheirava ou ouvia... não era real, mas apenas uma memória. Era como viver enrolado em um metro de

algodão.

Eu lidei com isso melhor do que minha família. Talvez o fato de ser mais nova tenha me tornado mais flexível... Não sei. Foi bem mais difícil para os outros: eles sentiam muita falta de tudo que haviam perdido. Eu às vezes os ouvia gritando de frustração, ainda mais quando os anos se passaram e nossos sentidos foram ficando cada vez mais fracos, e nossas memórias das sensações se perderam. Às vezes eu pensava na minha mãe, e então a encontrava chorando enquanto tentava cheirar uma flor, fazer carinho em um cachorro... coisas simples, mas que haviam se tornado impossíveis para nós como éramos agora.

Eu me concentrei em fazer o que gostava, como visitar sonhos e passar tempo com minha família, só pensando neles. Eu também adorava minha liberdade. Se eu quisesse visitar uma pessoa ou algum lugar, só precisava saber exatamente onde essa pessoa ou esse lugar ficava, e logo estava lá. As pirâmides do Egito? Bastava me concentrar em onde elas ficavam no mapa e lá estava eu. Eu só precisava ser bem específica. Se quisesse ver a Mona Lisa, por exemplo, mas não soubesse onde ela estava, não tinha como só pensar no quadro para chegar lá. Mas se eu soubesse que ela estava em uma determinada galeria do Louvre, em Paris, era só me concentrar para surgir no lugar desejado.

Com os mortais era a mesma coisa. Nós não tínhamos como só pensar em um mortal para encontra-lo, mas se soubéssemos onde ele estava, era muito fácil.

Descobri meu poder mais incrível alguns anos depois de assumir esse novo estado. Eu ainda estava me recuperando do choque de não ter mais um corpo físico e decidi tentar fazer algo divertido para me sentir melhor... Alguma coisa da qual eu jamais fôra capaz antes.

Eu me transportei até um zoológico e nadei com as focas.

Não foi bem como estar lá em carne e osso. As focas nem notaram minha presença. Mas eu estava lá. No começo foi horrível, porque eu queria muito poder sentir a água na minha pele, e o couro frio e liso das focas, mas acabei me esquecendo disso e me concentrei em zunir pela água com minha consciência ao lado delas, vendo suas carinhas fofas enquanto brincavam. Foi estranho... mas muito mágico. Eu me diverti tanto que fiquei morrendo de vontade de contar tudo para minha mãe. Eu não conseguia parar de pensar em quanto ela iria achar aquilo incrível e também iria querer brincar lá comigo. Então senti uma vontade imensa de falar logo com ela... e, de repente, me vi diante dela.

Minha mãe não estava em nenhum lugar específico na hora, então eu a encontrei no nosso limbo... mas eu também estava, ainda, com as focas.

Eu estava nos dois lugares ao mesmo tempo. Não tenho muito como descrever essa

sensação. Não é ruim nem dói... E não é como se eu estivesse menos em lugar por estar no outro também. Era só... atordoante. No começo, achei que fosse desmaiar, mas logo me acostumei, e o mais louco foi perceber que eu podia fazer tudo perfeitamente bem nos dois lugares. Conteí à minha mãe o que estava fazendo e ela ficou maravilhada. Eu queria que ela viesse comigo para ver como era aquilo... mas ela não conseguiu. Se ela pensasse nas focas, acabava sumindo do limbo, e vice-versa. Mesmo anos depois, eu era a única da família que conseguia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Meu pai atribuiu isso ao fato de o meu cérebro ainda ser muito jovem quando tomamos o Elixir, milênios atrás. Como a segunda mais nova depois de mim, minha mãe jurou que seria capaz de fazer o mesmo algum dia também. Até onde sei, ela nunca conseguiu. Levando em conta tudo o que aconteceu depois, acho que provavelmente foi melhor assim. Na verdade, eu às vezes queria nunca ter contado a ela que estar em dois lugares ao mesmo tempo era possível para nós.

Mesmo depois de todo esse tempo, esse é um truque que ainda me encanta. Eu sou muito boa nele agora. A estranheza acabou passando e tudo já é natural para mim, como um pianista ou um baterista que treina as mãos para fazer coisas totalmente diferentes ao mesmo tempo. É incrível, mas me consome muita energia. Quando faço isso, fico exausta e quase não consigo fazer mais nada depois. Se me esforço demais, às vezes fico tão cansada que desapareço e entro naquele estado de não existência e não me dou conta de nada até voltar ao normal.

No final das contas, a vida como um ser de consciência pura não era o ideal mas também tinha seus encantos e prazeres. É óbvio que todos nós queríamos voltar aos nossos corpos, e meu avô estava dando um duro danado para encontrar uma cura. Mas eu nunca, nem em um milhão de anos, imaginaria até onde ele, minha mãe e meu pai estavam dispostos a chegar nessa cruzada.

Eles estavam dispostos a matar um inocente e espalhar monstros pelo mundo só para voltar aos seus corpos. Quando tentei dizer a eles que essa era uma má ideia, fui violentamente rechaçada. Minha mãe, em especial, ficou tão irritada que até tentou me machucar... e conseguiu. Isso foi uma grande surpresa — eu não sabia que éramos capazes de nos atacar nesse estado de consciência pura.

Eu tinha que tomar cuidado. Apesar de saber que minha mente era mais forte do que a deles, os poderes da minha mãe pareciam estar crescendo, e ela não deixaria que nada nem ninguém a impedisse de voltar à sua vida normal. Ela vinha tramando um plano que

envolvia usar Lila para separar Clea e Sage. Eu adoraria contar tudo para Clea, mas minha mãe não confiava em mim e vinha me vigiando de perto.

Como eu poderia ajudar Clea e Sage sem que minha mãe percebesse?

Eu tinha uma ideia, mas seria arriscado: eu ia deixar uma mensagem para Clea. E faria isso em breve, enquanto minha mãe ainda deveria estar fraca demais depois de ter levado a mente adormecida de Clea para ver Lila e Sage. Essa mensagem precisaria ser vaga, mas era minha única chance. Eu teria que torcer para que Clea fosse suficientemente inteligente para entender as entrelinhas.

Tudo dependia disso.



5

PETRA DESAPARECEU, MAS AS PALAVRAS DELA CONTINUARAM ecoando na minha cabeça.

Se você ama uma pessoa, não deveria tentar impedir que ela sofra, por mais que isso te magoe?

Lembrei-me das costas feridas de Sage. Eu sabia que o Elixir da Vida em suas veias poderia curá-lo de torturas ainda piores, mas sabia também que isso não tinha como poupá-lo da dor.

Não dava para entender. Sage tinha sido capturado pelos Redentores da Vida Eterna, um grupo de descendentes da Sociedade, uma antiga guilda dedicada à proteção do Elixir. Sage havia sido um membro da Sociedade centenas de anos atrás, e foi o único a ser poupado quando uma das reuniões do grupo foi atacada. Talvez “poupado” não seja a melhor palavra, já que ele foi forçado a beber o Elixir e passar por uma sucessão de torturas enquanto seus captores testavam seus poderes de regeneração.

Embora quase todos os outros membros da Sociedade tenham sido brutalmente assassinados, seus familiares e descendentes acabaram assumindo

a missão de proteger o Elixir, que agora existia apenas dentro do corpo de Sage. Meu pai achava que os Redentores da Vida Eterna tratariam Sage como uma valiosa peça de museu a ser trancada a sete chaves, mas o que eu tinha visto não era nada disso. A brutalidade com que eles o levaram era o tipo de atitude que eu esperaria da Vingança Maldita, grupo composto pelos descendentes dos bandidos que atacaram a Sociedade e destruíram todos os vestígios do Elixir fora das veias de Sage. O grupo ganhou esse nome porque seus integrantes eram amaldiçoados: fardo do qual só se libertariam quando o Elixir — isto é, Sage — fosse destruído para sempre.

Então, será que Sage ainda estava mesmo com os Redentores? E se de fato estivesse, por que eles o torturariam daquele jeito? E por que Lila disse que eles iriam continuar fazendo aquilo até ele desistir de mim?

Petra disse que se eu amasse mesmo Sage, deveria fazer algo para acabar com o sofrimento dele, mas se para isso eu tivesse que desistir dele, seria simplesmente impossível. Sage e eu possuíamos uma conexão eterna. Não tínhamos como mudar isso; apenas precisávamos encontrar m jeito de desafiar o destino e resolver a situação. Mesmo se eu pudesse fazer algo — como estalar os dedos e mudar o passado para que Sage nunca tivesse existido eu não faria. Uma vida sem Sage seria n fácil, talvez, e com certeza mais segura, mas seria uma vida anestesiada sem graça e vazia.

Olhei para o computador e tentei imaginar que tipo de coisas que eu poderia pesquisar na internet para encontrar o quarto onde Sage estava, mas não consegui pensar em nada específico. Talvez um pouco de cafeína pudesse me ajudar. Peguei a bandeja de chá que minha mãe tinha me deixado e desci até a cozinha, aproveitando o silêncio do comecinho da manhã. Enquanto preparava um bule fresco de café, dei uma olhada em volta, procurando algo para comer. Avistei um vidro de granola com tampa de cortiça que tinha uma cara e um cheiro incríveis, mas quando já estava me servindo com uma tigela imensa daquilo, me lembrei dos biscoitos para cavalo que a Piri estava fazendo e coloquei tudo de volta no pote.

Em vez de voltar para meu quarto, desci até o estúdio do meu pai para dar mais uma olhada nos livros e arquivos digitais dele, na esperança de encontrar algo que ligasse os Redentores a um quarto cheio de fru-fru e todo

decorado com móveis de vime branco. Não tive muito sucesso. Então, depois de algumas horas perdidas, voltar para meu quarto e tomar um banho.

Mas só consegui chegar à metade do caminho.

— Clea! — gritou Suzanne.

Ab, que ótimo. Eu nem devia ligar, mas era pior ver Suzanne quando eu não estava nem pelo menos um pouco arrumada. Eu ainda estava usando as roupas com que tinha dormido: uma calça de moletom verde surrada e uma camiseta velha da minha mãe com uma estampa do Shaky, aquele bichão azul do McDonald's. Suzanne, porém, estava tão bem arrumada que por um instante pude até jurar que vi a pele dela, que toda perfeitinha, reluzir sob o brilho do sol.

Por puro reflexo, ergui a mão para ajeitar o cabelo, como se eu tivesse alguma chance de domar aquele ninho de rato na minha cabeça com uma simples passada de dedos.

— Oi, Suzanne.

— A senadora sentiu muito sua falta ontem à noite. Estou saindo de para pegar o café da manhã dela agora mesmo. Quer comer com a gente? — ela me olhou de cima a baixo. — Acho que você vai querer se arrumar um pouco antes, é claro.

É claro. Afinal, quem seria louca o bastante para querer tomar café da manhã de pijama na própria casa com a própria mãe em um horário tão absurdo quanto 8 da manhã? Mas ela tinha dito “com a gente”, então...

— Pois é. Vou dar uma corrida lá em cima então. Avise minha mãe de que eu me encontro com ela depois, por favor.

— Aviso, sim.

Apesar de Suzanne dizer isso como se já tivesse encerrado o assunto, ela não se virou para ir embora. Ficou lá parada, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas não soubesse bem se deveria. Achei isso tão estranho que até me esqueci do quão desarrumada eu estava.

— Suzanne? — perguntei.

A hesitação se dissipou do rosto dela e Suzanne, de algum jeito, conseguiu parecer ainda mais alta.

— Você e Ben... — disse ela. — Em geral, eu nunca perguntaria nada,

mas você é filha da senadora e eu não quero pisar em nenhum calo seu.

Ela ficou me olhando, à espera de uma resposta, mas estava sendo difícil acreditar nos meus ouvidos. Suzanne estava mesmo pedindo minha permissão para ficar com Ben? Eu nem sabia o que tinha me deixado mais surpresa: o fato de ela ter se interessado pelo Bem, para começo de conversa, ou de se importar com minha opinião... Ou de que meu estômago começou a revirar de maneira estranha, que não tinha nada a ver com minha fome.

— Não tem calo nenhum — respondi. — Ben e eu somos... — Eu quase disse “só amigos”, mas me pareceu um absurdo dizer isso sobre alguém com quem eu já nem falava mais. E também seria uma injustiça com a relação que tínhamos antes. Mas se minha hesitação passou alguma mensagem confusa, Suzanne não se incomodou. Ela ajeitou a saia já muito bem passada e sorriu.

— Ótimo. Tudo certo então — ela saiu estalando os saltos pelo corredor com o que pareceu ser um novo ânimo em seus passos... mas, claro, eu poderia estar errada.

Subi até meu quarto, mas cambaleei para trás assim que abri a porta e senti um cheiro forte e característico. Reconheci aquilo na mesma hora. Na época dos nossos 16 anos, Rayna ficou gamada por um cara que tocava em uma roda de bateria indígena.

Pois é, nem me fale...

Ela passou seis meses indo vê-lo tocar várias vezes por semana e implorava para eu ir junto para não ficar tão na cara que estava atrás dele. Essas rodas começavam com uma cerimônia de purificação com fumaça. O líder do grupo acendia um ramo de ervas, depois apagava as chamas até ficar só as brasas, e então espalhava a fumaça pelo lugar para espantar os maus espíritos”.

Esses ramos eram de sálvia, e era esse o cheiro que estava no ar do meu quarto.

Fechei a porta e descii. Só tinha uma pessoa naquela casa que vivia em uma constante batalha contra os maus espíritos. E achei que já tinha deixado bem claro que preferia que ela encampasse essas batalhas longe do meu quarto. Mas pelo visto, era hora de reafirmar minha posição.

Encontrei Piri na lavanderia, dobrando lençóis. Ela era atarracada feito

um hidrante, mas seu corpo todo parecia se alongar quando dobrava lençóis. Ela nunca pede ajuda, nunca os estende em cima de nada e nunca os deixa tocar no chão, mas de algum jeito sempre consegue deixar todos bem dobradinhos em retângulos perfeitos.

Ela estava cantarolando sozinha, toda contente, quando cheguei, mas soltou um grunhido quando percebeu, pelo canto dos olhos, que eu estava ali.

— Piri... — comecei a falar.

Ela se virou para mim como se estivesse surpresa.

— Oi, Clea! Estava só dobrando uns lençóis aqui. Isso arrebenta minhas costas, sabe.

Sabia, sim. Eu sabia muito bem que ela não tinha nenhum problema nas costas, mas pensava que a gente lhe daria mais valor se achasse que ela estava dando um duro danado. Não que isso fosse preciso — sabíamos muito bem que ela era crucial para manter a casa em ordem, mas como Piri se sentia melhor assim, todo mundo entrava na dela. Em geral, eu também faria isso, mas agora, só queria algumas repostas.

— Piri, por que você está queimando sálvia no meu quarto?

— Queimando o quê? Por que eu iria queimar sálvia no seu quarto?

Piri não é nenhuma santa, mas seria uma péssima jogadora de pôquer. Ela é incapaz de encarar alguém quando está tentando esconder algo. Mas agora ela estava olhando bem para mim, com uma expressão realmente confusa. E até deixou uma pontinha do lençol que estava dobrando tocar no chão, sinal de que estava bastante desnorteada. Ela parecia estar tão surpresa que até me senti meio louca pelo que disse logo em seguida.

— Bom, para... espantar... maus espíritos?

— Tem maus espíritos no seu quarto?

— Não! Não, não tem nenhum mau espírito lá. Só imaginei que você pudesse achar que sim...

— Por que eu acharia que tem algum mau espírito no seu quarto? Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só...

— Ótimo — Piri sacudiu o lençol e voltou a dobrá-lo. — Água benta.

— O quê?

— É com isso que se espanta maus espíritos. Água benta. Só isso. Você está precisando? Eu arrumo para você. E depois mostro como usar.

— Não, tudo bem. Obrigada, Piri.

Piri acenou com a cabeça e então se virou, voltando a focar no trabalho. Fiquei observando-a por um instante, então voltei para meu quarto. Caminhei devagar, respirando fundo para ver se voltaria a sentir aquele cheiro. Mas não senti. Nem na escada, nem no corredor, nem a cinco centímetros da minha porta. Foi só quando eu a abri...que aquilo me invadiu.

Minhas terminações nervosas começaram a formigar.

Aquilo não era normal. Um cheiro tão forte não teria como ficar preso dentro do quarto. Ele acabaria vazando. E se dissiparia. Ainda assim, o cheiro continuava tão forte quanto antes, quando o senti pela primeira vez. Talvez até mais.

Entrei com todo cuidado, fui direto até a janela e a abri. Uma brisa estava soprando lá fora e minha porta estava aberta, então a corrente de ar deveria resolver a questão. Esperei alguns minutos, inclinada na janela, respirando ar fresco. A esperança acelerou meu pulso e disparou meu coração, mas me contive. Eu precisava ter calma, pois jamais conseguiria lidar com a decepção se estivesse errada. Uma parte de mim não queria virar a cabeça de volta para dentro do quarto, mas eu precisava confirmar. Então me afastei da janela... e o cheiro estava mais ainda forte do que antes.

Um cheiro de sálvia. Que em inglês era sage. Sage.

Eu estava respirando mais rápido agora, e a empolgação ameaçou confundir minhas reações.

Tudo bem, Clea, calma, disse para mim mesma. Procure uma explicação racional antes.

Revirei metodicamente minhas gavetas e armário à procura de algum incenso, vela, aromatizador... qualquer coisa que pudesse explicar o cheiro que eu estava sentindo. Depois de inspecionar todos os cantos e frestas imagináveis do quarto, fechei a porta, sentei na cama e me permiti encarar a verdade.

Não havia nenhuma explicação racional para aquilo. Aquele cheiro de sálvia... de sage... era de Sage. Ele estava tentando se comunicar comigo. Eu

não sabia como, mas sabia que era verdade. Ele tinha me visto, sim, quando me sentei ao lado dele naquele sonho, e estava tentando dizer que eu precisava ser forte. Independentemente do que Petra e a família espectral dela dissessem ou fizessem, de todo o carinho de Lila por ele e do quanto ele parecia estar fraco e perdido, nós dois continuávamos tendo uma conexão eterna. Eu iria reencontrá-lo. Nós voltaríamos um para o outro, e desta vez seria tudo diferente. Nós iríamos sobreviver e ser felizes.

Mas isso era ridículo. Sage não tinha esse tipo de poder. Ele não tinha como estar em certo lugar e se manifestar em outro.

Mas Petra, sim.

Será que Sage estava se comunicando comigo através dela?

Impossível. Petra tinha deixado bem claro que, sabe-se lá por que, queria Sage longe de mim.

Mas então me lembrei de Amélia, e de como os olhos dela desmentiram suas palavras. Será que ela estava ajudando Sage a se comunicar comigo?

Seria possível, sim, e isso já era suficiente para mim.

Em seguida, meus olhos se viraram para a tela do computador... e fiquei paralisada.

Desde que voltei do Japão, eu tinha mudado meu protetor de tela. Antes disso, porém, eu usava um daqueles que já vinham na memória do computador — uma forma que mudava aleatoriamente. Rayna sempre achou estranho eu não usar um slide show com meus projetos de fotojornalismo, mas eu era crítica demais comigo mesma, e ver essas fotos só me deixaria frustrada, pensando em como deveria ter feito tudo de outro jeito.

Mas depois acabei decidindo usar um slide show... com as fotos em que Sage aparecia no plano de fundo. Eu mal podia vê-lo nessas imagens sem algum tipo de edição ou de zoom, mas eu sabia que ele estava lá, e isso me confortava.

Mas Sage não estava no meu monitor agora. Nem nenhuma das minhas outras fotos. A tela estava escura... a não ser pelas palavras escritas em azul-claro que estavam passando pela parte superior da tela, em fonte 12, ou seja, pequena demais para eu conseguir ler do outro lado do quarto.

Então cheguei mais perto, até conseguir enxergá-las.

“Encontre Victor Mike... embaixo do porco voador... o tempo é curto...”

Esse texto não parava de passar pela tela.

Uma mensagem de Sage. Uma mensagem cifrada, o que faria sentido se Amélia o estivesse ajudando e quisesse esconder isso de Petra.

Anotei aquelas palavras em um caderninho e então bati no teclado. Isso doeu em mim — ver o texto sumir foi como perder um pedacinho de Sage. Procurei “Victor Mike” no Google. Imaginei que ele possa ser um dos Redentores, quem sabe o líder. Ou não. Talvez ele ti uma conexão menor com eles. Talvez fosse dono do lugar onde eu tinha visto Sage e eu pudesse descobrir onde aquilo ficava usando o nome dele. Talvez Sage nem estivesse mais com os Redentores e fosse esse tal de Victor Mike quem o estava torturando.

Usei todas as variações imagináveis desse nome: Victor, Vitor, Vitória. Encontrei diversos homônimos em inúmeras redes sociais, páginas de empresas e documentos recentes. Anotei todas as pistas que achei, mas ficou bem claro que investigar cada uma delas seria como tentar pegar todas as sementinhas de um dente-de-leão depois de soprá-las ao vento.

Tentei procurar “embaixo do porco voador”, mas esses resultados foram ainda mais confusos, embora essa referência estivesse me parecendo cada vez mais adequada. Quanto mais eu vasculhava a internet, mais chegava à conclusão de que Sage tinha sido tão inteligente ao escolher essa pista que eu só a entenderia quando os porcos começassem a voar. *O tempo é curto...*

Isso eu nem precisei pesquisar. Seja lá o que aquelas pessoas fossem fazer com Sage, seria muito em breve. Se eu quisesse encontrá-lo, precisava resolver isso agora, então não poderia me dar o luxo de continuar pesquisando sozinha. Eu precisava de ajuda, e por mais que isso fosse me trazer muitos problemas, um único nome me veio à mente.

Depois de mais de um mês de silêncio quase absoluto, era hora de voltar a falar com Ben.



6

PAREI EM FRENTE AO ESCRITÓRIO DO MEU PAI, A MÃO NA MAÇANETA.

Ben e eu nunca tínhamos falado sobre isso, mas eu sabia que ele trabalhava ali com a porta fechada por minha causa. Eu muitas vezes em revirava as coisas no estúdio do meu pai, jogando tudo de um lado para outro, mas só fazia isso porque tinha a quem puxar. O caos que eu criava lá vinha da minha busca pela verdade sobre o mistério que ele mesmo tanto amara. Eu só estava mantendo seu estilo vivo. E sei que te aprovaria.

Mas o que estava acontecendo no escritório era diferente. Minha mãe tinha pedido para Ben destrinchar o lugar inteiro. E por mais que eu já estivesse em paz com a morte do meu pai, Ben sabia que eu não gostaria de ficar assistindo enquanto ele escavava a memória dele, das nossas vidas.

Meu estômago revirou. Tentei me convencer de que foi só por causa do escritório, mas eu sabia que não era. Procurar Ben poderia ser minha melhor opção, mas não seria fácil.

Lembrei-me da última vez que nos falamos. Foi uma semana depois de voltarmos do Japão, e eu estava enfurnada na minha cama. Eu dizia para todo

mundo que era por causa do tiro que eu tinha levado na perna durante a viagem, mas não era verdade. Eu só estava deprimida demais para fazer qualquer coisa. Eu estava sem tomar banho, com o cabelo horrível e o rosto todo inchado de tanto chorar... e ainda assim Ben ficava me encarando com aqueles olhos arregalados, como se eu fosse a coisa mais linda do mundo. E eu só o ignorava. Não conseguia nem olhar para ele.

— Clea, por favor — disse ele. A bandeja com chá e biscoitos que ele havia trazido estava em cima da cômoda, bem ao lado da outra ainda intacta que ele tinha deixado na noite anterior. — Já faz uma semana. A gente precisa conversar.

— Mas a gente conversa.

— A gente conversa sobre besteiras. Você só me diz que não está com fome e que não precisa de nada. Que está cansada e que quer ficar sozinha. Só isso.

— Não tenho mais nada para falar.

— Você está brincando? Como você pode dizer uma coisa dessas? Você levou um tiro, Clea. Você poderia ter morrido.

— Quem disse que eu não morri?

— Eu. E Sage diria o mesmo. Eu sei disso porque ele falou comigo antes de ser levado por aqueles caras.

Fechei os olhos com força.

— Não quero falar sobre isso.

— E nem precisa. Só me escute. Ele me disse uma coisa antes de ser pego.

As memórias daquele dia me invadiram de novo. Os Redutores parados na praia, com armas em punho e apontadas enquanto Sage andava pela areia, afastando-se de mim e indo na direção deles, as mãos erguidas, rendido. Os dois homens que estavam segurando Ben então o empurraram com força contra Sage, que o segurou para ele não cair. Ben praticamente fora de si, mas Sage o segurou pelos braços e o olhou direto nos olhos. Ele disse algo para Ben... mas eu não consegui ouvir... e Ben acenou com a cabeça. Antes que Ben pudesse responder ou que Sage dissesse qualquer outra coisa, dois dos Redutores mais fortes avançaram contra Sage e o agarraram, apontando

armas para a cabeça dele, e então o enfiaram às pressas em um furgão e saíram cantando pneus.

— Ele me agradeceu, Clea. Ele me agradeceu e então disse: “É o fim da linha para mim, mas Clea precisa tocar a vida. Faça de tudo para ela tocar a vida. Ajude-a”.

— Tudo bem. Você fez sua parte. Você me ajudou.

— Você não me deixa te ajudar! Mas eu quero, Clea. Eu posso. Sei que posso.

— Não diga isso, Ben.

— Eu não tenho escolha. Não quero esconder mais nada. Eu amo você, Clea. Não é como se você não soubesse. Eu amo você e quero cuidar de você. Eu quero que a gente fique junto. A gente se daria muito bem junto, e eu sei que você sabe disso — disse ele. Eu não vi, mas pude sentir Ben se sentando na beirada da minha cama. Ele chegou mais perto, quase implorando para que eu o olhasse nos olhos. — E assim que essa história acaba. Todo esse ciclo de tragédias. Foi por isso que Sage se sacrificou daquele jeito. Essa história acaba com você e eu juntos, escolhendo a vida... uma vida humana, mortal e verdadeira.

— Você não entendeu ainda? — perguntei, sentindo a fúria prestes a explodir dentro de mim, e finalmente virei a cabeça para encarar Ben. — Sage não se sacrificou, foi você quem o sacrificou! Você apareceu correndo naquela praia e acabou virando refém dos Redentores. Sage não se entregou para eles como parte de algum grande plano. Ele só se entregou para salvar sua pele! — Ben abriu a boca para responder, mas eu não deixei. — Eu sei que não foi de propósito, sei mesmo, e juro por Deus que é só por isso que não estou pulando no seu pescoço agora, mas estou precisando concentrar todas as energias do meu corpo para fazer isso.

— Clea...

— Você teve as mesmas visões do passado que eu. Você nunca teve a intenção, você sempre se arrepende, mas acaba causando minha morte toda vez. Você sempre me destruiu.

— Não! Não desta vez! Será que você não entende? Foi por isso que ele me agradeceu! Eu salvei você desta vez! Olha, eu não sou idiota. Não quero

que você simplesmente esqueça seus sentimentos pelo Sage e fique comigo. Só estou dizendo que a gente pode tocar nossa vida a partir daqui. A gente pode recomeçar. A gente pode...

— Saia do meu quarto, Ben.

— Clea, me escute!

— Eu já te escutei! Mas agora você precisa sair daqui antes que eu faça alguma coisa da qual eu vá me arrepender.

— Clea, eles estão com a adaga. Sage já morreu.

— Ele não morreu. Eu não acredito nisso, e não vou acreditar até ter alguma prova.

Ben continuou sentado ali por mais alguns instantes, mas então soltou um suspiro e se levantou.

— Seu chá já esfriou. Vou trazer outro. A gente pode conversar melhor depois.

— Não, é claro que não. Eu não tenho como fazer isso, Ben. Não tenho como fingir que nada mudou e que ainda somos amigos.

— Como assim?

— Eu preciso que você saia da minha vida. É assim que vou pôr um fim nesse ciclo.

Ben pareceu vacilar. Ele ajeitou a parte da frente do cabelo.

— Mas... isso... nossa. É sério que você vai me cortar da sua vida assim?

— Eu não tenho mais como olhar para você, Ben. Não me traga mais nenhum chá, não venha ver se estou melhor, não me mande nenhum e-mail...

— Você vai me ignorar para sempre?

— Não sei até quando.

O lábio superior de Ben se repuxou. Foi difícil saber se ele está querendo gritar ou cair no choro. Os olhos dele já estavam vermelhos mas seu rosto continuava contraído, e vi as mãos dele se crisparem.

— Você conseguiria mesmo fazer isso? — perguntou Ben. — Me cortar da sua vida assim de repente? Como se eu não fosse nada para você?

Muito pelo contrário. Se ele não fosse nada para mim, seria muito mais fácil, mas dizer isso a ele só confundiria ainda mais as coisas e lhe daria falsas esperanças. Eu amava Ben, mas não como ele queria. Ele poderia até estar

disposto a se contentar com isso, mas eu não. Ainda mais agora.

— Por favor, vá embora — disse eu.

Esforcei-me para olhar nos olhos de Ben enquanto falava. Pelo menos isso eu devia a ele. Ao ouvir essas palavras, vi o rosto dele se despedaçar.

Ele não disse mais nada, só juntou as coisas das duas de chá em uma só, depois pôs uma em cima da outra e saiu, retirando dali não só sua presença, mas também qualquer sinal de que ele, algum dia, esteve naquele quarto.

E agora, depois de tudo isso, ali estava eu, desesperada para pedir a ajuda dele.

Ben não tinha nenhum motivo para aceitar. Eu o tinha cortado da minha vida, e mesmo que não tivesse feito isso, encontrar Sage não devia estar exatamente entre as maiores prioridades dele. Mas ele ainda era Ben. Ele e Rayna eram as duas pessoas com quem eu sabia que sempre poderia contar, independentemente de qualquer coisa no mundo.

Meu estômago revirou de novo enquanto eu batia na porta do escritório do meu pai. Ninguém atendeu.

Bati de novo, dessa vez mais forte.

—Ben?

Nada.

Bati e o chamei mais algumas vezes — até ficar me sentindo uma tonta, — mesmo sabendo que poderia simplesmente abrir a porta. Não era sã por educação. Eu vinha evitando o escritório do meu pai há um bom tempo, e estava torcendo para que Ben pudesse sair de lá de dentro para falar comigo. Mas estava ficando dolorosamente claro que isso não iria acontecer. Ele devia estar escutando música no iPod e não me ouviu bater.

Girei a maçaneta, empurrei a porta... e fiquei boquiaberta.

Da última vez que estive no escritório do meu pai, parecia que um minifuracão tinha acabado de passar por ali, espalhando papéis, livros e modelos anatômicos por toda parte. Tempos atrás, seria impossível ver qualquer superfície livre das avalanches de bagunça, e o único caminho aberto no chão exigiria uma cuidadosa navegação em meio às torres de ribas do meu pai.

Agora, tudo estava impecável. A única coisa na mesa do meu pai era o

computador dele. Não havia nada em cima do armário de arquivos. A estante de livros estava deserta, com apenas algumas fotos de família enfileiradas nas três prateleiras de cima. Até as quinze caixas de mudança o material de pesquisa dele estavam em perfeita ordem, encostadas em um canto.

Da última vez que entrei naquele escritório, senti que alguém havia mexido nas coisas dele. Foi uma sensação horrível, como se a memória do meu pai tivesse sido violada. Mas isso aqui era ainda pior. Era com se ele tivesse sido apagado. Fui até a mesa dele e me sentei na sua cadeira, algo que eu fazia para me sentir mais perto dele. Inclinei-me para trás, como meu pai sempre fazia... mas ele não estava mais ali. Nem Bea

Eu tinha ficado tão impressionada com aquela cena quando entrei que nem reparei, mas Ben não estava mesmo lá. Será que já tinha terminado de organizar tudo? Puxei uma das gavetas na mesa do meu pai e quase não consegui abri-la por conta do emaranhado de papéis que havia ali dentro. Ela estava superabarrotada, então Ben ainda não devia ter terminado.

Olhei para o relógio. Dez da manhã.

Como Ben trabalhava para minha mãe, eu sabia que ele não tinha que bater ponto nem nada ela confiava nele para fazer seus próprios horários e trabalhar no seu ritmo. Mas claro, ela o estava pagando para fazer um trabalho, e ele levava isso a sério. Ele gostava de chegar às 9 durante a semana e sair lá pelas 3 da tarde, para ter o resto do dia livre e poder se encontrar com seus orientandos da faculdade. Uma vez perguntei para Ben se não era difícil lidar com os alunos, já que ele só tinha 20 anos e era mais novo do que muitos deles, mas ele respondeu dizendo que isso nunca tinha sido um problema. Não era à toa que Ben já tinha um doutorado, e, pelo visto, todo mundo que se sentava para falar com ele ficava tão impressionado com seu vasto conhecimento que logo se esquecia da sua idade.

Ben devia estar doente, então seria melhor não incomodá-lo, mas como eu tinha decidido falar com ele, queria fazer isso logo. O tempo é curto, dizia a mensagem, por isso eu não podia perder nem um segundo.

Voltei para meu quarto, peguei o celular e liguei para a casa dele, imaginando que era lá que ele deveria estar se estivesse mesmo doente. Caiu na secretária eletrônica.

— Ben? Oi... você está aí? Sou eu. Quando você receber essa mensagem, me ligue, tá?

Desliguei e depois liguei de volta. Assim ele saberia que era importante quando ouvisse os recados.

Caiu na secretaria eletrônica de novo.

— Ben... desculpe, sei que você deve estar doente, mas preciso muito falar com você e...

Ouvi um clique enquanto ele atendia do outro lado da linha.

— Alô?

— Oi.

— Quem fala?

— Será que ele estava brincando?

— Sou eu, Clea.

— Ah.

Era a hora da verdade.

— Dá para você me encontrar no Dalt's?

— Agora?

Tudo bem. Ele queria descontar em mim. Eu até entendia, mas ainda assim me irritei.

— Não agora, mas quando você puder ir. Tipo, daqui a uma hora?

— Daqui a uma hora?

— Ben, eu sei que você está doente. Eu não teria ligado se não fosse importante. Eu...

— Eu não estou doente. Por que você acha que eu estou doente?

— Sei lá. Eu só... você não estava aqui em casa então...

— Então você achou que eu não tenho uma vida fora do trabalho?

Isso ia ser muito pior do que eu tinha imaginado. Fiquei tentada a dizer “deixa pra lá, vai” e desligar o telefone, mas eu não podia me dar esse luxo se quisesse encontrar Sage.

— Ben... por favor. Se você não puder ir, é só falar.

— Não, eu vou, sim. Só preciso de um tempo antes. Estou me recuperando.

— Se recuperando?

— E que tive uma noite meio agitada ontem.

Senti um ar de malícia na voz dele que me revirou o estômago. Ele tinha ficado com Suzanne na noite passada. Preferi não morder a isca.

— Tudo bem, ao meio-dia, então. Vejo você lá.

Em seguida desliguei. Ele podia tentar me irritar, se quisesse. Não tinha importância, desde que isso me levasse até Sage. O cheiro que ele tinha deixado no meu quarto já havia se dissipado agora. Com a mensagem entregue, era como se nada daquilo tivesse sequer existido. Relaxei tomando um banho quente e demorado, durante o qual me esforcei para não pensar em Ben e Suzanne.

Fiquei ainda mais um tempo no banho para me depilar e passar condicionador nos cabelos. Quando saí, passei minha loção favorita de grapefruit no corpo todo, pus maquiagem e sequei os cabelos para ficarem lisinhos. Vesti minhas melhores calças jeans surradas e uma camiseta, e pus meus brincos favoritos. Convenci-me de que só estava fazendo isso porque tinha que matar o tempo. Então, por que não me arrumar um pouco, não é? Nem liguei para o fato de que, em geral, eu preferia ser totalmente discreta em público e quase nunca saía de casa sem um boné e óculos escuros. A fama dos meus pais, além das minhas aparições recentes nos tabloides, justificava meu gosto pelo anonimato, mas ainda assim, ali estava eu, fazendo praticamente de tudo para que qualquer pessoa pudesse me reconhecer.

Parei meu velho Ford Bronco verde-menta no estacionamento do Dalt's exatamente ao meio-dia e dei uma olhada pelas janelas à procura de Ben. O lugar parecia um vagão de trem comprido, com sofazinhos e mesas encostadas nas janelas, então eu o teria visto se ele estivesse ali. O Dalt's sempre foi nosso ponto de encontro favorito durante anos — o restaurante de beira de estrada aberto noite e dia com a chapa mais engordurada do mundo —, e eu nunca tinha chegado ali antes dele.

Até hoje, pelo menos.

Pensei em esperar no carro, mas vi que só havia uma mesa livre lá dentro, e eu não queria ter que conversar com Ben sentada no balcão.

Entrei no restaurante e me arrependi na mesma hora de ter me arrumado. Várias pessoas nas mesas ergueram a cabeça e olharam para mim, cutucando

as outras à frente delas para que se virassem e dessem uma espiada não muito discreta também. Abri um sorriso sem graça para elas depois me enfiar na única mesa desocupada. Foquei minha atenção no cardápio, mesmo já sabendo de cor tudo que tinha ali, mas eu ainda podia ouvir o rangido dos bancos enquanto as pessoas no balcão também se viravam para me olhar.

Esse era o problema de morar em uma parte tranquila do litoral de Connecticut. Em Outros lugares do mundo, eu poderia até ser reconhecida, mas dificilmente chamaria muita atenção. Já aqui, a família Weston era como uma parte da realeza. Ainda mais agora que minha mãe estava passando mais tempo aqui do que em Washington.

Dei uma olhada no relógio. Meio-dia e quinze e nem sinal de Ben no restaurante, ou do carro dele no estacionamento. Será que ele ia me dar um bolo? Peguei o celular para mandar uma mensagem de texto perguntando se ele já estava chegando quando ouvi alguém limpar a garganta atrás de mim. Ao me virar dei de cara com um garoto alto e magro, mais ou menos da minha idade. Ele estava usando óculos de lentes grossas, calças jeans e uma camiseta velha que ele devia ter desde os 12 anos, imaginei que fosse mais uma daquelas pessoas obcecadas pela busca do meu pai pelo Elixir da Vida e seu significado. Antigamente eu chamava esses caras de “bizarrinhos” e os ignorava. Mas talvez essa não fosse uma ideia tão boa agora. Se Ben não aparecesse logo, eu ficaria tentada a deixar que esse cara se sentasse ali comigo para talvez lhe arrancar alguma informação sobre o tal de Victor Mike e sua ligação com o enigmático suíno voador.

— Clea Raymond? — perguntou o garoto.

Fiz que sim com a cabeça, um gesto que ele entendeu como um convite para se sentar. Ele se acomodou no sofazinho diante de mim e apoiou os antebraços na mesa.

— Sei que você oficialmente não faz parte da equipe da Senadora Weston... — disse ele — ...mas você tem contato com ela. Tem um projeto de lei para ser votado em breve pelos senadores que poderia devastar a economia deste nosso grande estado, e com base no que eu já ouvi, parece que sua mãe está apoiando o lado errado do assunto.

Eu tinha julgado mal esse cara — ele estava interessado na minha mãe,

não no meu pai. Ele continuou falando, mas eu já nem estava ou— vindo mais. Não era como se eu não me importasse com as questões políticas locais, mas eu tinha decidido há muito tempo que formaria minha opinião sobre esse tipo de coisa lendo e conversando com fontes confiáveis, não com um estranho qualquer, que só queria me usar como sua porta-voz.

Esse cara pelo menos era educado e claramente se importava muito com o assunto, então fiz o que pude para tentar manter uma expressão séria enquanto ele falava.

Foi por isso que nem percebi quando Ben chegou.

— Desculpe... estou interrompendo alguma coisa?

Ele parou ao lado da nossa mesa, sorrindo para nós. Como meu novo amigo engajado, Ben estava usando calças jeans e camiseta, mas mal daria para comparar um com o outro. O mesmo traje que fazia meu colega de mesa parecer completamente anônimo deixava Ben com um inesperado ar confiante e tranquilo.

Mas será que aquilo era inesperado mesmo? Ou seria só algo que veio crescendo dentro dele durante todo esse tempo que passamos afastados?

— Sim, está — disse o cara de óculos. — Eu estava tentando explicar à senhorita Raymond a importância de...

Tudo bem, aí ele pisou na bola. Agora o cara não estava mais sendo educado, só chato mesmo.

— Na verdade, acho que já encerramos — disse eu a ele. — Agradeço seu interesse.

Ele abriu a boca para dizer algo mais, mas eu sorri de um jeito que, por sorte, passou a mensagem que eu queria.

— Bom, de nada. Eu agradeço também.

O cara se levantou e eu o vi voltando até a mesa onde estavam os amigos dele, que lhe deram tapinhas nas costas e comemoraram sua bravura. Se eu tivesse visto com quem ele estava, não o teria confundido com um bizarrinho. Todos eles estavam usando as mesmas calças cáqui e camisas sociais bem passadas que eu agora já esperava dos estudantes de ciência política que seguiam cada passo da minha mãe.

— Ele conseguiu fazer você assinar a petição dele? — perguntou Ben,

sentando-se no lugar que o cara tinha acabado de desocupar.

— Isso ainda não tinha entrado na conversa. Mas era só uma questão de tempo.

— Mas foi você quem pediu, saindo de casa assim, sem seu uniforme de sempre.

Senti-me começando a corar.

— Estou vendo que você se arrumou também — retruquei. — Não é à toa que você demorou tanto para chegar.

O cabelo de Ben estava bagunçado, com aquele tufo mais comprido pendendo na frente do rosto. Parecia que ele tinha dormido com aquelas roupas, e ele estava com a barba por fazer, embora ainda estivesse tão curta que só quem o conhecesse conseguiria perceber.

— Ah, sim, bom... eu meio que caí no sono de novo depois que você ligou...

— Certo — disse eu. — Foi uma noite meio agitada.

Ben não fez nenhum comentário. Só deixou aquilo pairar entre nós um pouco. Uma garçonete veio anotar nossos pedidos. Eu pedi uma rosquinha na chapa, tendo plena consciência de que no Dalt's, na chapa" significava "passado na manteiga e frito na grelha ensebada até queimar"

— Vou querer uma omelete vegetariana de claras, bem passada e sequinha. Sem torrada nem batatas... só umas rodela de tomate para acompanhar. E uma salada de frutas — pediu Ben.

Depois disso, pensei até em mudar meu pedido, mas a garçonete já tinha ido embora.

— Desde quando você virou todo saudável assim? — perguntei. Ben encolheu os ombros.

— Você deveria tentar.

Babaca.

— Enfim... — continuou ele antes que eu pudesse responder. — Fiquei meio surpreso com sua ligação.

— Eu sei. Eu só...

— Mas aí percebi que você devia estar precisando de alguma coisa. Alguma coisa da qual você não podia falar com mais ninguém, então seja lá o

que você quer, deve ter a ver com Sage.

— Nossa. Calma aí...

Ben encolheu os ombros.

— Estou errado?

— Não.

— E você acha que eu vou te ajudar por causa de todos nossos anos de amizade sincera e profunda?

— Mais ou menos isso.

— Entendi. Então, quando você disse que queria que eu sáísse da sua vida, era só para eu sair da sua vida... até você precisar de mim para alguma coisa?

— Você podia só ter dito não — peguei a carteira para pagar a conta. A comida ainda nem tinha chegado, mas eu queria ir embora dali. — Esqueça o assunto. E me desculpe por ter tirado você da cama.

— Não estou dizendo não. Só estou esclarecendo as circunstâncias.

Então ele estava disposto a me ajudar, mas ia fazer questão de me torturar antes. Tudo bem. Acho que eu até merecia.

— Você vai negar que me excluiu da sua vida? — perguntou Ben.

— Não, Ben. Não vou negar. Não mesmo. Eu fui horrível com você, é isso que você quer ouvir? Sei que fui. Mas se você acha que vou ficar aqui implorando sua ajuda, pode esquecer. Sinto muito por ter magoado você, mas não me arrependo do que eu disse. Eu não tinha como aguentar você do meu lado naquela época, e não tinha como te dar o que você queria.

— Então estamos com sorte. Porque eu não quero mais aquilo.

Eu não tinha por que me incomodar com essas palavras, mas ouvir isso doeu em mim. Será que eu conseguiria me virar sem ele? Rayna com certeza poderia me ajudar. Ela conhecia a história de Sage e adoraria todo o drama de partir em uma busca para que a gente se reencontrasse.

Mas a memória de Rayna era curta. Ela não se lembraria do tipo de detalhe que eu precisava para encontrar Sage. Ela também não entendia nada sobre a mitologia do Elixir, coisa que Ben tinha passado inúmeras horas estudando com meu pai. Claro, tendo Rayna ao meu lado, talvez eu pudesse entender as coisas um pouco mais rápido do que se estivesse sozinha, mas eu

estava com a nítida sensação de que o tempo de Sage estava esgotando. Eu não podia deixar que meu orgulho atrapalhasse tudo.

Guardei minha carteira na bolsa e me acomodei de novo no sofá, bem quando nossa comida chegou. Passei uma grossa camada de cream cheese na minha rosquinha na chapa e deixei que Ben atacasse sua omelete antes de começar.

— O Elixir da Vida pode criar fantasmas? — perguntei por fim.

— Fantasmas? Fantasmas não existem.

Nem respondi. Fiquei só olhando para ele.

— O que foi? — disse ele. — Fantasmas não existem. Demônios, anjos da guarda, espíritos perdidos, espectros, poltergeists... esse tipo de coisa, sim. Mas “fantasmas”, não. Isso é só um termo genérico para qualquer coisa que tenha a ver com o além. Isso não significa nada.

— Tudo bem. Então me dê outra palavra para uma pessoa que consegue aparecer e sumir de repente, falar dentro da minha cabeça levar para outros lugares nos meus sonhos.

Ben ficou paralisado, com uma garfada de omelete diante da boca. Ele pousou o garfo de volta no prato e olhou para mim, e pela primeira vez desde que voltamos a nos falar, reví nele meu velho amigo de sempre, o cara que ficava com os olhos brilhando quando discutia todo tipo de história paranormal com meu pai. Desta vez, quando Ben sorriu o rosto dele já não tinha mais aquela frieza de antes. Ele estava empolgado de verdade, coisa que nunca conseguiria esconder sob suas mágoas.

— Me conte mais — pediu ele.



ENTÃO, PENSANDO AGORA, ESSA MULHER, A TAL PETRA, MANIFESTOU de três formas diferentes — disse Ben. Depois de toda a comida enquanto eu contava a história, ele passou horas me interrogando, atrás de todos os detalhes possíveis. Ben estava ainda mais empolgado agora ao dissecar o relato, os olhos brilhando enquanto se esforçava para entender tudo. — Da primeira vez... disse ele — ... ela apareceu com os outros três e falou com você, mas ela não conseguia se mexer, certo?

Ele já sabia a resposta; eu já tinha contado tudo a ele umas quatro vezes.

— Não sei se ela não conseguia. Ela só não se mexeu — respondi. — Ela parecia uma estátua. Os outros adultos estavam assim também.

— Exatamente. Mas quando você a viu com Sage, ela não parecia mais uma estátua.

— Sim... mas não sei bem se ela estava com Sage...

— Me parece que sim... não fisicamente naquele quarto, mas estava lá de algum jeito. Foi assim que ela conseguiu levar até você, em tempo real, a visão do que estava acontecendo lá.

— Certo.

— E dessa vez ela estava se mexendo normalmente.

— Sim. Como eu e você agora.

— Então essas duas manifestações foram diferentes. E depois você disse que ela falou dentro da sua cabeça. O que foi que ela disse exatamente?

Olhei para o relógio. Nós já tínhamos passado quase a tarde inteira ali, e eu não estava me sentindo nem um pouco mais perto de encontrar Sage.

— Acho que não é bem isso que importa, Ben.

— Você pediu minha ajuda. Só estou tentando ajudar. O que foi que ela disse?

— Não me lembro das palavras exatas. Ela só me falou de novo para esquecer Sage e que eu não devia confiar nele.

Eu não estava sendo totalmente sincera, mas queria ser vaga quanto ao momento específico em que Petra tinha falado comigo e sobre o que ela havia dito. Mesmo tendo certeza de que Ben adoraria saber que uma aparição paranormal o elogiou, eu não podia contar para ele que Petra estava tentando dar uma de cupido entre nós. Eu já podia até imaginá-lo ando aquele peito agora todo sarado e me dizendo com vários detalhes que não precisava da ajuda de ninguém no campo do amor. Além ele já estava desviando demais do assunto que eu queria tratar.

— Certo, entendi... —ele passou a mão nos cabelos e olhou para os lados procurando alguma coisa. — Você tem uma caneta? Um caderninho?

— Isso é com você — disse eu. Ben, em geral, vivia tão preparado quanto um escoteiro, com sua bolsa de lona de sempre, cheia de canetas, cadernos e a agenda de couro que ele insistia em dizer que preferia a qualquer aplicativo digital. Mas hoje ele tinha vindo até o Dalt's com as mãos vazias, e ficou até vermelho quando comentei a respeito.

— Ah, sim, é só que... eu não achei que fosse ficar tanto tempo aqui para precisar disso. Mas tudo bem. Eu anoto no celular. Certo, quatro pessoas — murmurou ele enquanto digitava. — Um homem mais velho, outro mais novo, Petra e Amélia, a menina... — Ben deixou o celular em na da mesa e enfiou os dedos das duas mãos nos cabelos. Ele era igual meu pai... seu cérebro funcionava mais rápido do que conseguia digitar, ele precisava da

liberdade que só escrever à mão trazia. — Vamos lá para o estúdio do seu pai — sugeriu ele. — Você pode me explicar todos detalhes de novo, aí eu vejo se acho alguma coisa nos livros dele para entender com o que estamos lidando.

— Ben, pare. Não estou nem aí para isso. Só quero entender a mensagem que Sage deixou no meu computador. Só isso. Para que eu possa ir atrás dele.

— Para que a gente possa ir atrás dele, você quer dizer.

Cerrei os dentes. Ele queria mesmo entrar no assunto do que acontecia quando se enfiava comigo nessas aventuras envolvendo Sage? Isso nunca acabava em boa coisa.

— Não — retruquei . — Eu não quis dizer isso, não. Eu preciso encontrar Sage sozinha.

— Por quê? — perguntou Ben. A empolgação com o mistério evaporou do seu rosto, e ele se recostou no sofá, me analisando. — Você tem medo de que eu vá estragar seu final feliz com seu namorado de quinhentos anos de idade?

— Você sabe o que eu penso. E também sabe por quê.

— Relaxe, Clea. Eu posso ter levado algumas encarnações para me tocar, mas já me toquei. Não tenho a menor intenção de intrometer entre vocês dois. Se ele estiver por aí em algum lugar e a gente o trouxer de volta, por mim, tudo bem. Vou até dançar no seu casamento. Posso até dançar na sua festa de bodas de ouro, isso se Sage estiver disposto a continuar casado com alguém igual à avó dele a essa altura, claro. Acho que essa é uma das coisas chatas de se apaixonar por um imortal.

Por um instante, pude até imaginar a cena: um salão cheio de amigos e parentes batendo palmas, um bolo enorme... e Sage, jovem e cheio de vida como sempre, empurrando meu corpo arqueado e murcho em uma cadeira de rodas.

Mas logo expulsei essa imagem da cabeça.

— Então por que você quer ir junto? Está querendo me proteger?

— Eu quero ir junto porque estou interessado. Eu me interessaria por essa história mesmo se ela não tivesse nada a ver com você ou com Sage. E isso o que eu faço da vida, lembra? Eu estudo mitologias. Investigar casos de

atividade paranormal é meu hobby. Você veio atrás de mim para me contar que viu pessoas que podem desaparecer do nada, e comunicar telepaticamente e manipular o mundo à sua volta... Então, poxa, é claro que vou junto, sim.

Ben tinha razão. E se a vida de Sage não estivesse em jogo, eu concordaria, mas dada nossa situação, eu não tinha como aceitar.

— E aí? — perguntou Ben. — Vamos atrás da VM ou não?

— Da VIVI? Mas a pista era para encontrar Sage. Ele não está com os Redentores?

Um sorriso se abriu no rosto de Ben.

— Não é isso que diz Victor Mike.

— Você conhece esse cara?

— Não é um cara, é um código — disse Ben. — O alfabeto fonético OTAN. Ele é usado principalmente na aviação. Alfa, Bravo, Charlie, Deita... Mike, Victor...

— Então, “Victor Mike”...

— São iniciais. “VM.” A pista de Sage, a pista que a gente acha que Amélia o ajudou a te passar, está nos dizendo para procurar a Vingança Maldita.

— Então a Vingança Maldita tirou Sage das mãos dos Redentores. É por isso que ele está sendo torturado.

— Parece que sim — concordou Ben. — Mas eles não devem ter conseguido pegar a adaga, senão Sage já estaria morto agora.

— Faz sentido. Então “Encontre Victor Mike” significa “Encontre a Vingança Maldita”. Mas o que “embaixo do porco voador” quer dizer?

— Eu já entendi isso também. Ou pelo menos acho que entendi.

— Ótimo... onde fica esse lugar?

— Isso eu não vou dizer. Eu te conheço bem, Clea. Você acha que vou estragar tudo entre você e Sage. Preciso manter alguns detalhes em segredo para garantir meu envolvimento. Além disso, ainda quero pesquisar mais um pouco antes para ter certeza — disse Ben, já se levantando da mesa. — A gente se vê na sua casa.

Ben saiu do restaurante antes que eu pudesse sequer perceber que ele tinha me deixado ali com a conta para pagar. Joguei algumas notas em cima da mesa e saí atrás dele.

— Ei, de nada pelo almoço, aliás!

Ele entrou no carro e sequer respondeu.

Eu estava bem atrás dele quando paramos na entrada da minha casa. Havia uma grande área de estacionamento ali — ampliada há pouco tempo para acomodar o staff da minha mãe —, mas que agora estava quase vazia. Dei uma olhada no relógio. Já eram 5 da tarde, mas isso não significava nada. Os funcionários da minha mãe não tinham horários muito ortodoxos.

Ben e eu fomos até a porta da frente... e então fomos praticamente ofuscados pelo que parecia ser a capa de uma revista de moda.

— AH — gritou Suzanne, surpresa ao dar de cara com a gente enquanto saía apressada pela porta. O vermelho das bochechas dela combinava com o vestido sem mangas e de gola canoa que ela estava usando com um delicado colar de cristal, e seus longos cabelos loiros desciam em ondas soltas sobre os ombros. O traje era simples, mas de alguma forma a deixava com um ar profissional e conservador, mas também supersensual, de cair o queixo. Sei disso porque vi o queixo de Ben cair praticamente até os pés dele. Ele ficou sem reação por um instante antes de se recompor e abrir um sorriso malicioso para Suzanne, que a deixou ainda mais corada.

— Saindo para comprar leite, é? — perguntou Ben.

— Não — respondeu ela, sorrindo. — Para um jantar na mansão do governador. Com o *presidente*. Você já deve saber que ele está na cidade, é claro. É um evento bem pequeno. Só com gente do mais alto escalão.

A maioria dos funcionários da senadora nem foi convidada.

— Mas você não é como a maioria dos funcionários, né? — comentei.

O detector de sarcasmo de Suzanne devia estar desligado.

Não, não sou mesmo — disse ela, toda contente. Aliás, a senadora já disse que confia mais em mim do que em qualquer outra pessoa daqui.

Ela quase ronronou ao dizer isso. Eu sabia muito bem que minha mãe não estava falando de mim nesse caso, mas alguma coisa no olhar de Suzanne parecia querer implicar que sim.

Bom, parece que o detector de sarcasmo dela estava ligado, sim.

— Você está linda — disse Ben.

— Obrigada — Suzanne abaixou a cabeça como se tivesse ficado sem

jeito. Quando olhou de volta para ele, percebi que estava sendo difícil para os dois não se agarrar ali mesmo. — Eu ia ligar para você do carro. Sei que a gente estava pensando em sair hoje à noite...

— Tudo bem, me ligue quando voltar — disse Ben, ajeitando uma mecha solta dos cabelos de Suzanne. Divirta-se.

— Obrigada.

Ela parecia não ter mais o que dizer, mas não saiu do lugar. Ficou lá parada, olhando para Ben cheia de expectativa, esperando que ele chegasse mais perto e...

— Mande um oi para minha mãe! — disse eu.

Suzanne se espantou, apenas o suficiente para deixar claro que vinha ignorando minha presença até então.

— Mando, sim — respondeu ela. — Enfim, preciso ir agora.

Ben não disse nada, mas não tirou os olhos dela enquanto ela saía batucando os saltos no chão até o carro e se enfiava lá dentro. Ele deu um suspiro profundo e ajeitou o topete.

Se ele achou que estava sendo sutil, estava muito enganado. Sutileza também não parecia ser o forte de Suzanne, claro. Ela fingiu não notar que Ben estava olhando para ela, mas então o carro deu um pulo para a frente.

— Oops! — disse ela pela janela. — Acho que não engatei a ré direito:

Revirei os olhos enquanto ela fazia uma cara de sonsa, tipo “ai, que boba que eu sou”, até que finalmente foi embora.

— Será que a gente pode ir agora? — perguntei. Os olhos de Ben estavam fixos no ponto onde o carro de Suzanne havia desaparecido rua afora.

— Claro — respondeu Ben, encolhendo os ombros, então entrei com ele em casa e fomos até a escada.

— Clea! Ben! — entoou a voz de Rayna na sala de estar. Estamos aqui!

Eu não queria perder mais tempo, mas não tinha como simplesmente dispensar Rayna. Olhei para a sala e a vi deitada em um dos três imensos sofás de tecido cinza que havia ali. Ela estava encostada em uma das nossas enormes almofadas vermelho-claras, de calças jeans e sem sapato, com as pernas esticadas sobre o colo de Nico. Na posição perfeita para que ele massageasse sua panturrilha direita, é claro, coisa que ele estava fazendo com toda

concentração, curvado de um jeito que mal conseguiu nos ver quando Ben e eu entramos.

Rayna, porém, arregalou os olhos. Ela ergueu as sobrancelhas, mas eu só balancei um pouco a cabeça. Rayna me entendeu e sorriu, desviando com toda maestria do assunto que sequer tínhamos chegado a discutir em voz alta,

— Você não vai acreditar! — disse Rayna. — Eu tinha acabado de entrar no Kennedy quando me deu uma câimbra horrível!

— Incrível disse eu, me referindo, é claro, ao fato de ela ter encontrado mais um jeito de tirar uma casquinha de Nico.

— Essa Rayna, viu! Ela nunca cai do cavalo! — disse Ben. Não consegui conter um sorriso. O senso de humor bobo dele não tinha mudado nada.

Nico balançou a cabeça.

— Ela não caiu mesmo. A câimbra foi só de montar.

— Claro... — disse Ben.

Rayna fez carinho nos cabelos de Nico como se ele fosse um labrador bem treinado.

— Ele não é um amor?

Nico se virou para mim.

— Espero que você não se importe de eu estar aqui. Rayna disse que não tinha problema, mas fico meio sem jeito, sabe?

Rayna olhou para mim e moveu os lábios, dizendo “Que fofo!” por cima da cabeça de Nico.

— É claro que não tem problema — respondi. — Agente só veio dar uma olhada rápida em uma coisa lá no meu computador.

— Tudo bem se eu for junto para ver meu e-mail? — perguntou Nico. — Estou esperando um lance da minha mãe, mas meu computador quebrou.

— Que ótima ideia! — disse Rayna. — Suba lá com Ben. Clea pode ficar aqui comigo.

— Rayna, eu preciso mesmo...

— Não, tudo bem — disse Ben, abrindo um sorriso. — Eu subo com Nico. Você pode ficar aqui com Rayna.

Nico pegou as pernas de Rayna e as ergueu até conseguir encaixar outra almofada gigante embaixo delas.

— Fique com as pernas erguidas, tá? Eu já volto.

— Ai, como você é mandão! — brincou ela, soprando um beijo para ele.
— Vai logo, vai.

Nico acenou com a cabeça e saiu andando atrás de Ben, escada acima.

— Desde quando erguer a perna é bom para câimbra? — perguntei, me jogando no sofá ao lado dela.

— Que câimbra? — perguntou Rayna.

Eu franzi a testa.

— Que foi? Uma mentirinha assim não machuca ninguém — ela Jogou a almofada no chão e dobrou as pernas embaixo do corpo para chegar mais perto de mim. — Mas e aí? A era do gelo está acabando, é?

— Para algumas pessoas, sim.

Rayna juntou as sobrancelhas e soprou uma mecha de cabelo que estava caída em cima do rosto. Ela não tinha a menor ideia do que eu estava falando.

— Para Ben e para Suzanne — completei.

— Ah, tá.

— Você já sabia?

Rapa fez que sim com a cabeça.

— Eles ficam juntos o tempo todo lá na varanda sempre que “a senadora” dá uma folga para ela. Começou faz umas duas semanas. Ben sentiu um cheiro bizarro de um tal café de chicória com avelã na caneca de Suzanne, e aí trouxe uma lata inteira daquele negócio no outro dia para ela. E vem dando em cima dela desde então.

Então Suzanne tomava café. Eu odiava café.

Eu sempre preferi chá, e Ben vinha tentando me converter desde que nos conhecemos.

— Como você sabe disso? — perguntei para Rayna. — Você passa o dia todo na escola.

Ao contrário de mim, que ainda estudava em casa, Rayna estava último ano do colégio, na Academia Vallera.

— Eu tenho minhas fontes — ela enrolou o dedo em um cacho de cabelo e o puxou para a frente do rosto, para ficar olhando. — E essa minha fonte pode ter me contado algumas coisas... e talvez tenha até me pedido

alguns conselhos...

— Conselhos? Você ajudou Ben nisso tudo?

— Ele precisava de ajuda! Poxa, é Ben! Mas não fui eu quem disse para ele jogar cribbage com ela. Achei isso meio que um sacrilégio.

— Por que você não me falou?

— Do cribbage?

— De tudo!

— Isso te incomoda? Você devia é estar feliz! Se Ben está gamado pela Suzanne, isso não anula toda aquela bagunça do triângulo amoroso atemporal entre vocês dois e Sage?

Eu estava prestes a continuar insistindo, mas ela tinha razão. Eu deveria estar muito contente pelo fato de Ben ter se apaixonado por outra pessoa. Mas, então, por que não estava?

— Psicologia básica, né — cutucou Rayna. — A velha história não-quero-ficar-com-ele-mas-também-não-quero-que-ninguém-mais-fique.

— Argh... espero que não seja isso. Seria muita mancada minha.

— Mas é normal.

Fiquei pensando no assunto. Será que eu estava com ciúme agora que Ben gostava mais de Suzanne do que de mim?

— Tudo bem, se tiver alguma coisa a ver com isso, não que eu esteja dizendo que tenha, é só um pouco, bem pouquinho mesmo — admiti.

— O que mais seria, então?

— Acho que é... por ele estar jogando isso na minha cara. Demais. Se ele está super a fim dela, ótimo. Mas parece que ele só está tentando se exhibir, o que é muito tosco. E errado.

— Se ele só quisesse se exhibir, não teria começado a ficar com ela quando vocês ainda nem estavam se falando — disse Rayna. — Ele é homem. Você não quis nada com ele. Ela quis. É claro que ele vai querer e zoar um pouco com isso.

— Você tem razão — pensei por alguns instantes e depois disse: — Caramba, então ele está mesmo gostando dela...

Rayna revirou os olhos.

— Eu também não entendo. Mas enfim, se ele está feliz, é o que importa,

né? Agora me diga, o que causou essa semitrégua entre vocês?

Abri um sorriso, sentindo uma alegria se espalhar dentro de mim.

— Sage. Eu vi Sage.

— QUÊ? — gritou Rayna. — Quando? E aliás, eu não acredito que você não começou esta conversa falando disso. Ficou maluca?!

Respirei fundo e então contei a ela todos os detalhes mais importantes. A animação no rosto de Rayna logo deu espaço a um ar preocupado, de sobrancelhas franzidas.

— Mas então você vai sair assim atrás da VM agora? Não são aqueles caras sinistros e enormes que atacaram você e Ben no Brasil?

— No Japão também — completei.

— E eles ainda por cima andam armados, concordei com a cabeça. — Mas mesmo se vocês encontrarem esses caras, como você acha que vai conseguir entrar lá com Bem para resgatar Sage? Isso se Sage estiver mesmo com eles.

— Sage só pode estar lá — disse eu. — Ele me mandou aquela mensagem.

— Da VM? Por quê? Se eles não estão com Sage, não adianta nada me sequestrar. E se já estiverem com ele, também não teriam nenhum motivo para querer me pegar.

— Bom, então tudo bem. E por que você acha que Ben vai ajudar?

— Foi ele quem quis vir comigo. Talvez você tenha razão. Se ele estiver mesmo apaixonado pela Suzanne, acho que não vai ser nenhum problema.

— Me deixa ir com vocês — pediu Rayna. — Talvez eu possa dar um jeito nele se... enfim, você sabe... se ele pisar na bola de novo.

Balancei a cabeça.

— São caras armados e perigosos, lembra? —vi Nico e Ben chegando pela porta, então fiz a melhor cara de espantada que pude. — Rayna Eu já não falei para você não tentar ficar de pé ainda?

Rayna entendeu a mensagem e me deu uma piscadela enquanto Nico se aproximava correndo.

—Você está bem? — perguntou ele, deitando-a com todo o cuidado de novo no sofá.

— Acho que sim... só me esforcei demais antes do tempo. Aah, agora sim, está muito melhor Nico voltou ao seu posto para massagear a panturrilha esquerda de Rayna. — Obrigada, Nico.

Nico não era nenhum gênio, mas até ele conseguiria se tocar que nenhuma câimbra podia durar tanto tempo... ou migrar como em um passe de mágica de uma panturrilha para outra. Estava claro que ele gostava de Rayna.

Eu me virei para Ben, que estava parado na porta.

— E aí, conseguiu?

— Sim. Já sei exatamente para onde temos que ir.

— Onde?

— Já disse, não vou falar. Está pronta?

Fiz uma prece em silêncio para o universo, pedindo que Rayna estivesse certa e que as coisas fossem diferentes desta vez.

— Claro.



ÓTIMO. BEN E CLEA ESTAVAM A CAMINHO. EU VINHA ESPIANDO CLEA de tempos em tempos desde que ela encontrou a mensagem que eu deixei, e também o que Ben pesquisou no computador. Eles estavam indo para o lugar certo. Afastei minha mente dos dois. Eu sabia que seria perigoso, mas pensei minha família e senti que minha mãe e meu pai estavam com meu avô. Presa a eles, ela não teria como me seguir e ver o que eu estava fazendo. A não ser que tivesse desenvolvido a mesma habilidade que eu, de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Eu duvidava disso, mas continuei dando umas espiadas rápidas, só para garantir.

Mandar Clea atrás da Vingança Maldita foi uma aposta arriscada, mas tive meus motivos. Minha família vinha passando muito tempo com os Redentores da Vida Eterna, o que fazia parte do seu Grande Plano, afinal, os Redentores sempre ficavam muito impressionados quando fazíamos demonstrações das nossas habilidades, criando projeções astrais, falando dentro das suas mentes ou bancando o espírito zombeteiro e movendo objetos. Quanto mais eles viam, mais pareciam dispostos a fazer o que a gente— o que minha família —precisava que desfizessem.

Como vinha tentando bancar a boa menina, eu ficava por perto dos redentores tanto

quanto os outros. Até mais, já que precisava mostrar que estava do lado da minha família. O lado bom disso era que eu escutava todo tipo de conversa entre os membros dos Redentores. Eram coisas que, apesar de úteis, em geral me enjoavam. Como o que eu ouvia sobre a Vingança Maldita, a VM Ao que parecia, os Redentores viviam em constante alerta, pois a VM ia capaz de tudo para encontrar Sage, capturá-lo e então destruí-lo junto m o Elixir. Se isso acontecesse antes de o Plano ser posto em prática, tudo iria por água abaixo. Alguns dos Redentores pareciam preocupados, mas a maioria estava confiante, porque o grupo estava em um lugar muito isolado, e se o pior visse a acontecer, eles tinham um vasto arsenal bélico.

Os Redentores tinham um exército! Isso era ótimo. Eu vinha procurando um jeito de libertar Sage antes que o Plano fosse concretizado, mas minha mãe estava dificultando as coisas.

Ela não confiava em mim e ficava me vigiando, tanto que, na maior parte do tempo, bastava eu pronunciar o nome Sage, ou Clea, ou qualquer outra palavra mais suspeita, para minha mãe aparecer. Podia ser enquanto eu conversava com meu pai ou meu avô, ou falava nos sonhos ou nas mentes dos Redentores. Era como se essas palavras disparassem algum alerta que atraía a atenção dela e a trazia até mim na mesma hora. Essa era uma nova habilidade da minha mãe, e que tornava tudo mais difícil. Eu não tinha como salvar Sage sozinha porque minha família já estava de olho em mim. Eu não tinha como dizer a Clea como encontrar Sage — fazer qualquer menção ao lugar onde ele estava seria como acender um sinalizador vermelho na consciência da minha mãe. E de um jeito ou de outro, os Redentores eram um grupo armado e perigoso. Clea nunca conseguiria enfrentá-los sozinha. Se eu a mandasse até eles para tentar resgatar Sage, ela provavelmente acabaria sendo morta.

Mas talvez eu pudesse mandar Clea até a VM

Ouvi muitas conversas sobre a Vingança Maldita. Era um assunto bem comum entre os Redentores. A VM queria destruir Sage, então eles não erai exatamente os mocinhos da história, mas pelo menos não planejavam espalhar o caos pelo mundo.

Pelas histórias que ouvi, eu sabia que a VM já tinha usado Clea para encontrar Sage antes. Mas ela e a Vingança Maldita tinham algo em comum: os dois queriam tirar Sage das mãos dos Redentores tanto quanto eu. Os Redentores tinham medo da VM. Eles eram muito fortes. E se ajudassem Clea, ela teria mais chances. Eu só precisava conseguir levá-la até a VM e depois lhes fornecer mais informações sem que minha mãe percebesse...

Valia apenas tentar.

Não foi difícil descobrir onde a VM estava. Vários Redentores tinham suas teorias, então só precisei esperar minha mãe se distrair para dar uma checada rápida em cada lugar até encontrar o certo. Não contei isso para Clea; seria mais seguro deixar apenas uma pista vaga. Usar o aroma de “Sage”, foi arriscado, mas até agora minha mãe só havia se mostrado capaz de captar visões e sons, não cheiros.

Fiquei preocupada que talvez Clea não entendesse a mensagem, mas estava mais tranquila agora que ela estava no caminho certo. As coisas estavam bastante complicadas, e era tudo culpa minha. Ah, se eu não tivesse tomado o Elixir...

Se eu não tivesse tomado o Elixir, nós já teríamos morrido há muito tempo. Seria melhor?

Às vezes eu achava que sim.

Mas na maioria das vezes, eu só queria que meu avô nunca tivesse descoberto a “cura” que nos levaria de volta aos nossos corpos. Se não houvesse nenhum outro jeito, talvez pudéssemos nos conformar com esse novo tipo de vida. Mas não, apesar de ter levado vários anos, meu avô por fim encontrou saída. Eu me lembro de quando ele nos reuniu um dia para contar a notícia.

— Eu descobri como resolver nosso caso — disse ele. — Descobri como voltar à vida.

A pista que o levou à solução começou na internet, explicou meu avô quando ele achou um artigo sobre cientistas que haviam conseguido obter certo sucesso em pesquisas com ratos usando uma versão sintética do Elixir da Vida. Segundo ele, tudo funcionava a partir da multiplicação de mitocôndrias, organelas que produzem energia.

— O interessante sobre as mitocôndrias... — disse ele — ... é que até milhões de anos atrás, elas eram criaturas independentes.

— Nossa, que interessante... — disse minha mãe, revirando os olhos.

Meu avô não se deixou abalar.

— Vocês sabem alguma coisa sobre a teoria da vibração?

— Papai... por favor, né?

— Quieta, Petra. A teoria da vibração diz que todo ser vivo no universo funciona com base em vibrações. Cada criatura tem as próprias vibrações características. Vibrações desarmônicas podem causar de tudo, desde fadiga até câncer. Minha mãe abriu a boca para falar, mas meu pai ergueu a mão.

— Deixe que eu falo — ele se virou para meu avô. — O que isso tem ver com

agente?

— Petra, quando você me disse que queria se casar com esse jovem, que foi minha única ressalva?

Minha mãe precisou conter um sorriso.

— Que ele não sabia ouvir

— Ele não sabe ouvir — concordou meu avô. — Enfim, a terapia vibração dum processo que harmoniza vibrações desarmônicas. É um método muito eficaz, mas os resultados mais incríveis vêm ocorrendo no tratamento de doenças fatais nas mitocôndrias.

— Mitocôndrias? — perguntei. — As coisinhas que o Elixir sintético afeta?

— É incrível — disse meu avô, sorrindo. — Duas pessoas que não sapei ouvir como vocês conseguiram criar a única que presta atenção Amélia. Exato. Como as mitocôndrias um dia já foram seres independentes, cada uma delas tem vibrações próprias, o que as torna muito sensíveis a essa terapia. Na verdade, muitos até acreditam que as vibrações são o segredo da vitalidade humana.

Com isso, meu avô conseguiu chamar minha atenção. Um dos meus livros favoritos era *Um vento na porta*, de Madeleine L'Engle, no qual uma menina tem um irmãozinho doente, que está assim por causa de um problema nas mitocôndrias, e chega até a embarcarem uma viagem dentro de uma delas para tentar salvá-lo. Por isso mesmo, ouvir que as mitocôndrias podiam ser o segredo da vitalidade humana me pareceu fazer todo o sentido.

— Como assim?

— É como cantar — disse meu avô. — Se uma pessoa canta sozinha, o som chega até certo nível, mas se cinco pessoas cantam juntas, o resultado parece mais alto do que apenas cinco vezes o som de uma só. Agora, por que isso?

— Por causa das vibrações? — perguntei.

— Por causa das vibrações! — concordou meu avô. — As ondas sonoras vibram juntas, se complementando e ampliando mutuamente. O mesmo acontece nas mitocôndrias. Suas vibrações se complementam e ampliam musicalmente também. Conforme mais pessoas nascem, essas vibrações são renovadas, fortalecidas e reenergizadas o tempo todo. Mas isso não acontece com a gente.

— Por que não? — perguntou minha mãe.

— Ah, agora você ficou interessada? — brincou meu avô. — Isso não acontece com a gente porque nossas mitocôndrias são diferentes das mitocôndrias das pessoas mortais. O

Elixir as transformou.

Nem nos demos o trabalho de perguntar como ele sabia disso. Meu avô era capaz de ir a qualquer lugar e mover objetos com o pensamento. Ele podia ter tirado uma célula do seu corpo adormecido para analisarem em um microscópio e compará-lo com o que já tinha visto em células mortais comuns.

— Por conta das nossas mitocôndrias diferentes, nós vibramos com uma frequência diferente da dos mortais. As vibrações deles não renovam nem fortalecem as nossas. Sem esse reabastecimento que os mortais têm o tempo energia das nossas vibrações se perdeu. Nós sobrevivemos, mas não conseguimos mais manter nossos corpos ativos.

— Então... o que a gente precisa fazer? — perguntou meu pai. — Ter mais filhos para eles nascerem com a mesma mutação? Nem sei se isso é possível.

— Não, nada de filhos — respondeu meu avô. — Mas nós precisamos sim, de mais mitocôndrias como as nossas no mundo. Precisamos que mais pessoas tomem o Elixir da Vida.

— Ah, ótimo! — disse minha mãe. — Vou só dar uma passada no mercado então e comprar um galão de Elixir para a gente distribuir entre os vizinhos... mas, ah, é verdade! Acontece que o Elixir não existe mais!

— Isso não é verdade — discordou meu avô. — Como eu descobri esclarecedora viagem à Grécia...

Ele disse “viagem à Grécia” como se tivesse pegado um avião ou um navio em vez de em vez de só ter atravessado o globo com sua consciência. Ele tinha visita. Museu de História Natural de Atenas, que tinha arquivos repletos de livros e manuscritos antigos inacessíveis ao público. Ele foi até lá na esperança de encontrar relatos que ainda não conhecia sobre o Elixir — algo que pudesse indicar se existia ou não mais desse líquido em alguma parte do mundo. Ele não achou nada, mas em vez de voltar logo para casa, deixou-se vagar pelo museu, observando as antiguidades dos nossos tempos mortais. Foi por mera nostalgia, mas foi isso que o levou até Albert.

Albert era um turista americano que estava no meio de uma conversa acalorada... sobre o Elixir da Vida. Meu avô ficou ouvindo o que ele dizia e se impressionou com o conhecimento do homem — tanto que o seguiu mentalmente até seu quarto de hotel naquela noite e o visitou em seus sonhos. Meu avô descobriu que Albert era um membro veterano de um grupo chamado Redentores da Vida Eterna, que havia conseguido há pouco tempo uma grande conquista sobre esse assunto: capturar o recipiente do Elixir da Vida.

— *Que recipiente é esse?*—perguntou meu pai.

— *Um homem* — disse meu avô — *Albert me contou a história toda. O nome desse homem é Sage e, ao que parece, ele tomou o Elixir mais ou menos quinhentos anos atrás.*

— *Então quer dizer... que tem mais alguém no mundo como a gente?* — perguntei.

— *Bom, não como nós somos hoje* — esclareceu meu avô. — *No entanto, ele terá o mesmo destino que nós daqui a cerca de mil anos se as coisas não mudarem. Mas sim, existe outro imortal. E, na verdade, nós temos muita sorte de isso ter acontecido, pois suas vibrações mitocondriais ajudaram nossos corpos a continuar ativos por tanto tempo, até quando foi possível.*

— *Então você acredita que ele existe mesmo?* —perguntou meu pai. *Meu avô fez que sim com a cabeça.*

— *Quando voltamos à poça do Elixir, ela estava menor do que quando na tinha visto da primeira vez, lembra? Não dei muita importância a isso na hora, dada a nossa situação, mas alguém deve ter passa do por lá e talvez tenha levado parte do líquido. Foram encontrados frascos alguns anos atrás... recipientes antigos que dizem ter contido o Elixir. Eu não acreditei na época, mas agora tudo se encaixa. Uma parte do Elixir deve ter acabado indo para dentro de Sage.*

— *Tudo isso é muito interessante* — disse minha mãe. — *Mas o que isso significa para nós agora? Seja lá quais forem as vibrações que esse tal de Sage emana, elas claramente não estão nos ajudando muito.*

— *É verdade* — concordou meu avô. — *Mas há uma forma de tirar o Elixir de Sage e oferece-lo a várias outras pessoas. Elas sofrerão o mesmo processo que nós e, todas juntas, irão criar uma força vibracional forte o bastante para trazer nossos corpos de volta à vida.*

— *Como?*—perguntou minha mãe.

Meu avô nos explicou. Era Albert quem acreditava que isso seria possível. Na conversa que eles tiveram em sonho, Albert admitiu que estava na Gré para pesquisar textos antigos. Ele sabia da existência de uma cerimônia capaz de drenar o Elixir de alguém que o havia tomado para então devolvê-lo a terra, destruindo assim o Elixir e essa pessoa para sempre.

— *Espera aí...* — disse eu. — *Então quer dizer... que a gente pode morrer? Mesmo tendo tomado o Elixir?*

— *Sim e não* — respondeu meu avô. — *Nós podemos morrer, sim, tecnicamente,*

mas essa é uma cerimônia muito complexa. Nós não corremos nenhum perigo. Mas enfim, isso é importante. Você estava sabendo me ouvir tão bem até agora há pouco, Amélia. Por favor, tenha paciência.

Fiz que sim com a cabeça e ele continuou. — Albert tinha encontrado referências sobre uma variação dessa cerimônia — essa capaz de drenar o Elixir mas manter seu poder. Ele tinha ido ao museu na esperança de encontrar texto que detalhava esse ritual, mas depois de conversar com vários pesquisadores, chegou à conclusão de que esse livro antigo que ele buscava parecia estar em um cofre na casa de um italiano, dono de uma vasta coleção particular de antiguidades. Albert já tinha entrado em contato com esse homem, mas ele não estava interessado em deixar que ninguém tivesse acesso aos seus livros.

Para Albert, toda essa conversa tinha sido apenas um sonho. Ele ficou chocado ao acordar e ver meu avô ao pé da sua cama, parado como uma estátua. Meu avô sabia que uma projeção astral causaria mais impacto do que qualquer outra coisa que ele pudesse dizer ou fazer. Assim, ofereceu um acordo a Albert: ele transportaria apropria mente até a coleção particular do italiano para ler o texto inacessível e, em troca, Albert reuniria um grupo de pessoas que acreditassem na existência do Elixir e estivessem dispostas a desfrutar do dom da vida eterna.

Albert ficou mais do que feliz em aceitar.

Meu avô partiu logo em seguida e leu todos os detalhes sobre a cerimônia. Era um ritual muito similar ao outro descrito por Albert — o que destruiria o Elixir mas com uma variação. Essa cerimônia precisava ser feita durante a lua cheia — a época da renovação. A primeira parte desligava a vítima de todos os prazeres terrenos, e a segunda, mais brutal, acontecia à meia-noite, quando o sangue da vítima era coletado em uma tigela de prata maciça, o metal da pureza. Essa tigela então transformaria o sangue de volta — por um curto período de tempo — em Elixir puro, que poderia ser oferecido imediatamente a outras pessoas para se tornarem imortais.

— O que nos levaria de volta aos nossos corpos — suspirou minha mãe.

Parecia ótimo, mas ainda assim...

— Mas você... e esse homem? Sage? Ele não vai morrer nessa cerimônia? Ou ele vai beber o Elixir da tigela e voltar à vida ?

— Que tipo de pergunta é essa?— rebateu minha mãe.

— Eu só fiquei pensando... enfim, porque se não puder... a gente matar ele, não vai?

— Nós vamos sacrificá-lo — disse meu avô. — Para salvar nossas vidas e as novas

vidas de muitos... dos nossos novos irmãos, os Redentores da Vida Eterna. Ou pelo menos do grupo de Redentores escolhidos a dedo por Albert para se juntar a nós. Eles pegaram Sage e o levaram a um lugar seguro, onde poderemos realizar a cerimônia amanhã, com a lua cheia.

Amanhã? Minha mãe e meu pai até pularam, vibrando e trocando abraços. Eu queria estar feliz assim também... mas só de pensar em Sage..

— Venha, Amélia! — disse minha mãe. — Comemore com a gente!

— Eu bem que queria... mas é que... sei lá, Sage é uma pessoa. Como a gente vai matar alguém assim?

— Amélia... — disse ela — Você prefere que ele continue vivo e nós continuemos mortos?

— Nós não estamos mortos. Estamos só...

— Você não pode pensar tão pequeno, Amélia — disse meu avô. — A salvação de muitos vale o sacrifício de uma pessoa só

— Mas não existe nenhuma salvação. Agente não está tentando sobreviver A gente só está tentando melhorar um pouco nossa vida.

— Melhorar um pouco? — se espantou meu avô.

— Acho que você em especial deveria ser um pouco mais compreensiva tudo, Amélia — disse minha mãe. — Nós só tomamos o Elixir milênios atrás pensando em melhorar a sua vida. Será que é tão horrível assim tentar melhorar um pouco a nossa agora?

Fiquei morrendo de vergonha. Ela não estava errada, mas matar alguém...

— Deixem-me conversar com a menina — disse meu avô.

Meus pais concordaram, então senti as mentes deles nos deixando a sós. Fiquei sozinha com meu avô. Ele pôs um braço ao meu redor.

— Você teve uma vida fantástica, Amélia, não teve? — perguntou ele.

— Tive, sim.

— E você não foi feliz?

— Sim, muito feliz, vovó.

— Você preferia ter crescido? Ficado doente? Envelhecido?

— Não.

— Você gostaria deter visto nós três ficando doentes, envelhecendo e depois morrendo, até você ficar sozinha no mundo?

Lágrimas encheram meus olhos e minha voz vacilou.

Ele apertou meus ombros de leve e me puxou mais para perto.

— Calma, está tudo bem. Não chore. Você nunca precisou passar por nada e nem vai precisar. Você cometeu um erro ao tomar o Elixir, mas veja quanta alegria isso nos trouxe. Agora, nós podemos compartilhar esse dom com outros. Albert e os amigos dele são pessoas ótimas. Não seria gentil da nossa parte oferecer a eles séculos de alegria como os que nós tivemos?

Fiz que sim com a cabeça. Seria mesmo um ótimo dom para compartilhar. Mas ainda assim...

— Então me sacrifique — sussurrei. — Não Sage. Faça comigo em vez dele.

— Meu avô balançou a cabeça.

O Elixir já está fraco demais na nossa família. Mesmo em você. Precisa ser Sage.

Depois de um bom tempo, consegui olhar para meu avô.

— Vai doer para ele?

— A cerimônia será rápida e indolor. Quando tudo acabar, depois de milênios sozinhos, nós teremos uma comunidade. Um grupo suficientemente grande para que possamos continuar fortes e cheios de vida por muito, muito mais tempo.

Uma comunidade. Fiquei imaginando como seria isso... Um grupo inteiro de pessoas como nós, gratas pelo dom da vida eterna, aproveitando cada dia, aprendendo, crescendo e explorando o mundo. Eu adorava minha família, mas seria muito bom poder conversar com outras pessoas novas que realmente entendessem meu universo. Eu pensei que a vida com os Redentores seria como passar a eternidade com uma trupe itinerante, ou viver no campus de uma faculdade.

No dia seguinte — no dia da cerimônia — eu já estava tão empolgada com a ideia da nossa nova vida que parei de pensar em Sage como qualquer outra coisa além de um simples sacrifício — um obstáculo a ser vencido para que todos nós pudéssemos chegar a uma utopia.

Quando percebi quanto estava errada, já era tarde demais. Só o amor de Sage por Clea o salvou na época, mas os Redentores logo iriam tentar fazer a cerimônia de novo... e se minha mãe conseguisse o que queria, a conexão entre Sage e Clea a essa altura já teria sido destruída.

Mandar Clea até a VM foi um bom começo, mas não era suficiente. Eu precisava fazer mais. Precisava fortalecer a fé de Clea em Sage para que minha mãe não conseguisse separá-los.

Eu precisava fazer Clea e Sage se verem.

Se minha mãe descobrisse, acabaria me destruindo, então eu não podia sequer pensar nisso antes de encontrar o momento certo para pôr meu plano em prática sem que ela percebesse.

Não ia ser fácil, mas eu nunca conseguiria viver em paz se pelo menos não tentasse.



9

BEN E EU NÃO NOS FALAMOS DURANTE O CAMINHO ATÉ...SEJA LÁ para onde estávamos indo. Ele ligou o rádio assim que entramos no carro e ficou batucando os dedos no volante ao ritmo da música. Ele estava me ignorando de propósito — esse era o jeito dele de me dizer que não iria me contar nada além do necessário, um claro sinal de que continuaria mantendo nosso destino em sigilo.

Nem insisti. Eu logo descobriria de qualquer jeito. Pensei em tentar dormir. Talvez Petra pudesse aparecer com outra visão de Sage. Mas como eu não sabia quanto tempo ainda tinha, isso me pareceu ser um má ideia.

Uma hora depois, avistei as placas do Aeroporto Internacional de Bradley. Seja lá qual fosse nosso destino, não era nenhum lugar perto de casa.

Nós estacionamos, e eu segui Ben até o quiosque de check in.

— Bom, acho que agora você já pode me contar para onde estamos indo — comentei. — Vou descobrir no portão de embarque de qualquer jeito. Assim você só está me estressando.

— Cincinnati, Ohio.

— Cincinnati?

— Também conhecida como “Porcópolis”, graças ao seu histórico como capital nacional de criação de suínos.

— Você descobriu isso na internet? — perguntei.

— Sim — Ben começou a mexer no terminal de check in, que logo entregou nossos bilhetes. Eu o segui enquanto ele se dirigia aos portões de embarque.

— Será que não é forçar um pouco a barra achar que “Porcópolis” em a ver com “embaixo do porco voador”?

— Em 1988, Cincinnati comemorou seu bicentenário inaugurando um parque. A entrada do parque tinha quatro chaminés, com quatro estátuas de porcos voadores em cima, em homenagem a todos os porquinhos que deram suas vidas pelo desenvolvimento da cidade.

— Como você descobriu isso? Eu nunca imaginaria.

— Eu saquei a parte de Cincinnati logo de cara. Um dos meus alunos correu uma maratona lá no ano passado... a Maratona do Porco Voador de Cincinnati.

— Então por que a gente não veio para cá direto do Dalt’s?

— Eu precisava ter certeza antes. Precisava entender a parte do “embaixo”.

Eu já estava farta das charadas de Ben. Fiquei esperando até que tivéssemos passado pelos seguranças e chegado ao nosso portão de embarque. Ainda faltavam duas horas para nosso voo — tempo mais que suficiente para eu pesquisar. Sentei-me sozinha em um banco, peguei meu iPhone e procurei “embaixo + Cincinnati, Ohio” no Google.

— É fantástico, não é?

Eu me virei e vi que Ben estava atrás de mim, de joelhos no banco e olhando por cima do meu ombro. Ele estava sorrindo como se acabado de me dar o maior presente surpresa da minha vida.

— É incrível mesmo, mas... você acha que a VM está lá?

Eu tinha encontrado imagens dos anos 1920 que mostravam túneis enormes de cimento e aço. Um sistema de metrô incompleto e abandonado. Esquecido sob as ruas de Cincinnati desde 1925 e lacrado há décadas.

— Acho, sim — Os túneis têm quase três quilômetros e três estações inteiras, além de ser um lugar bem escondido. Tem até eletricidade lá embaixo, eletricidade lá embaixo, com geradores de uma época em que tentar usar os túneis como abrigo antibombas nos anos de 1960. Enfim, sei lá... se eu fosse montar a base de operações paramilitar secreta, seria em um lugar assim.

— Mas não foi lá que eu vi Sage. O quarto que eu visitei era todo cheio de fru-fru, arejado e aberto. Parecia uma estalagem, não um metrô abandonado.

— Sim, eu sei. Pensei em três opções. Uma é Petra ter mentido para você. Ela não te mostrou o Sage de verdade, só uma imagem dele.

Balancei a cabeça.

— Ela disse especificamente que aquilo não era uma imagem, que ele estava lá,

— E você acredita nela?

Lembrei-me de como me senti naquele quarto com Sage, de como tudo parecia tão real, e fiz que sim com a cabeça.

— Acredito, sim. Não porque confio nela... mas por causa do que senti. Ele estava lá. Eu sei que estava.

— E você acha que ele estava lá naquela hora mesmo? Ela não poderia estar mostrando uma coisa do passado para você?

— Não. Ele estava lá. Tenho certeza.

— Certo — disse Ben. — Tenho mais duas hipóteses, então. Talvez eles estejam para levar Sage para lá, e ele de algum jeito ficou sabendo disso, ou talvez ele nem esteja mesmo nesses túneis, mas é lá que a gente vai descobrir como chegar até ele.

— Descobrir Como? Perguntando para alguém?

Isso estava fora de questão. A VM não era lá muito amistosa. Seria pouco provável que algum dos seus membros simplesmente nos desse a informação que a gente queria. Eu precisava ter confiança na ideia de que se Sage estava nos mandando até lá, era porque sabia que nós poderíamos descobrir tudo sozinhos... de algum jeito.

Em preparação ao que estava por vir, passamos o resto do tempo antes de o avião decolar vasculhando a internet à procura de qualquer informação

imaginável sobre o metrô abandonado. As fotos tinham um sinistro ar pós-apocalíptico: imensas cavernas arredondadas, túneis vazios e amplas escadarias que em vez de dar acesso ao mundo de superfície, agora desembocavam apenas em paredes cimentadas.

Décadas após ter sido totalmente abandonado, o metrô fantasma chegou a receber pequenos grupos de ricos curiosos, que pagavam milhares de dólares pelo privilégio de poder conhecer seus túneis secretos. Mas a última dessas expedições tinha acontecido trinta anos atrás, e depois disso, as entradas foram lacradas. Desde então, as poucas pessoas que de alguma forma conseguiram descer e explorar o metrô, diziam ter encontrado novas barricadas, que as impediram de avançar mais do que seis metros túnel adentro. Adeptos das teorias de conspiração afirmavam que os túneis haviam sido bloqueados por um motivo: para a realização de autópsias em alienígenas, talvez; ou para a pesquisa de armas químicas secretas.

— Será que o Elixir conta como uma arma química? — perguntou Bea. Ele disse isso de brincadeira, mas para mim não tinha graça nenhuma.

— Para Sage, sim — respondi.

Era verdade. Mesmo tendo salvado a vida de Sage, o Elixir o infectou, e infectou a vida de todos que entraram em contato com ele. Nem meu pai foi poupado.

— Ben... você acredita em reencarnação?

Essa era uma pergunta estranha, vinda de alguém que sabia por experiência própria estar já na sua quinta encarnação, mas achei que Ben entenderia o que eu estava querendo dizer.

— Normalmente, você diz? — perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim e não — respondeu Ben. — Acho que as almas devem seguir em frente. Para o céu ou para o inferno, dependendo de como as pessoas eram. Não sei se esses lugares são bem como a gente imagina, mas alio que eles existem, como uma recompensa ou um castigo eterno... Talvez com uma chance para você se redimir; talvez não. Acho que a reencarnação acontece, mas só quando algo dá errado, tipo quando seu iPod trava e fica repetindo uma mesma música sem parar.

— Então, se Sage não tivesse sido forçado a tomar o Elixir...

— Depois do ataque contra a Sociedade? Se Sage tivesse sido morto com os outros? Não posso dizer com certeza, mas meu palpite é que sua alma e a dele teriam ido para o céu. Já a minha... acho que não.

O rosto de Ben se entristeceu e ele abaixou a cabeça, olhando para as mãos. Com um dedo, ficou alisando as costuras das suas calças jeans.

— Ben... você acha que... se o ciclo for rompido algum dia e nossas almas seguirem adiante... você acha mesmo que...?

— Minha alma não tem uma ficha lá muito limpa, né? Desde a primeira vez. Fui eu quem abriu a boca sobre a Sociedade. A morte de todas aquelas pessoas... foi culpa minha. E não é como se eu tivesse aprendido a lição. Eu sempre fui o culpado pelas tragédias — ele juntou seus lábios por um instante, e quando voltou a falar, a voz dele saiu baixa e rouca. — Não acho que haja nenhuma grande recompensa à minha espera. Talvez por isso eu sempre faça esse ciclo continuar, mesmo que não seja de propósito. Talvez no meu subconsciente eu saiba o que está por vir, e tenha medo disso.

Ergui a mão para confortá-lo, mas os alto-falantes anunciaram nosso embarque, e então ele se levantou na mesma hora. Não olhou para mirra enquanto estávamos na fila — manteve-se virado para a frente, piscando o tempo todo, como se estivesse tentando não chorar.

Quando sentamos nas nossas poltronas, ele já estava melhor. O voo até Cincinnati iria levar duas horas, mas como o avião tinha wi-fi e computadores acoplados nos encostos dos assentos, pudemos continuar pesquisando possíveis entradas para o sistema abandonado do metrô. Achei que iríamos passar o voo todo fazendo isso, contando com quanto aquelas poltronas seriam confortáveis e aconchegantes... ou com quanto o zumbido dos motores me daria sono... quanto minhas pálpebras estavam pesadas..

De repente, eu não estava mais no avião. Eu estava de pé, mas em um lugar escuro. Não apenas escuro. Eu não estava flutuando nem nada. Era como se eu estivesse em um quarto todo pintado de preto: com piso preto, paredes pretas, teto preto. Sem janelas, sem luzes, sem porta... mas ainda assim eu podia enxergar perfeitamente; minhas mãos na frente do meu rosto, meu corpo... eu estava vendo tudo claramente, estivesse a céu aberto em um dia de

sol.

— Clea? Meu Deus, Clea?!

— Sage!

Ele estava bem atrás de mim. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu senti os braços dele em volta do meu corpo. Senti o coração dele, seus lábios nos meus cabelos, o calor do corpo dele. Sage me abraçou com tanta força que eu finalmente consegui respirar. Seu toque era meu ir. Eu queria que ele me abraçasse ainda mais forte, para que eu pudesse desaparecer nos braços dele sentindo-me segura, feliz e protegida.

— Clea... — a voz de Sage fraquejou ao dizer meu nome. - — Parece que você está aqui mesmo. Eu já sonhei com você tantas vezes, mora, tudo está parecendo tão real...

Ele começou a me soltar, mas eu o abracei com mais força ainda.

— Não. Não me solte. Por favor. Tenho medo de acordar se você me soltar.

— Você não vai acordar— disse uma voz. — Pelo menos não agora.

Eu conhecia aquela voz. Era uma voz de criança...

Lá estava ela. Amélia. Quando eu a vi da última vez, ela era a única capaz de se mexer entre três estátuas humanas, mas agora ela estava totalmente parada, as pernas cruzadas na frente do corpo. Ela parecia meditando, respirando fundo pelo nariz e soltando o ar pela boca.

— Oi, Clea — disse Amélia. Ela sorriu, mas com um certo esforço. Como se doesse.

— Oi — respondi.

— Clea? — Sage pareceu confuso. Olhei para ele, querendo explicar rosto dele na mesma hora. Aqueles traços fortes, as sobrancelhas escuras sobre seus profundos olhos castanhos, o pequeno calombo alto do nariz, resultado de uma briga de infância...

...mas as cicatrizes no tosto de Sage estavam menores. E ele tinha feito a barba.

Ergui o braço e passei a mão pelos contornos suaves do rosto dele.

— Você está sarando disse eu. — As cicatrizes estão sumindo.

— Sim— respondeu Sage, pondo a própria mão no rosto. —Como você

sabe?

— Eu sinto muito — disse Amélia. — Não temos muito tempo, estão ocupados agora e acham que eu estou lá com eles, mas se perceberem que não estou... se descobrirem que fiz vocês dois vão me castigar...

— Nós não estamos sonhando, estamos? — perguntei para Amélia, mas sem tirar os olhos de Sage. Passei os dedos pelos leves resquícios das cicatrizes dele. Sage me olhou com uma mistura de alegria, esperança e ceticismo, e pôs uma mão sobre a minha, apertando-a contra sua pele.

— Não *totalmente* — respondeu Amélia. — Vocês dois estão dormindo... mas tudo isto aqui é real. Como aquilo que você viu quando estava com minha mãe.

— Mas eu não consegui tocar em você da última vez — disse para Sage — Eu podia ver você, mas podia não encostar. Eu.

Sage me interrompeu com um beijo e eu me esqueci de tudo.

— Escutem! — exclamou Amélia.

Eu não queria escutar nada. Só queria ficar com Sage. Joguei os braços em volta do pescoço dele, puxando-o para ainda mais perto. A boca dele na minha, suas mãos nas minhas costas, depois enlaçadas nos meus cabelos... aquilo era tudo o que eu queria, bem ali, por toda a eternidade.

— Se vocês quiserem ter mais do que só este breve momento juntos precisam me ouvir! — esbravejou Amélia. A voz dela saiu com um ar exasperado que não tive como ignorar. Doeu-me muito, os olhos de Sage e me virei para ela... só que abraçando-o ainda mais forte rara compensar.

Esse rompante pareceu ter afetado Amélia. Ela estava coberta de suor agora e fazendo uma cara de dor. Quando voltou a falar, as palavras dela saíram em solavancos truncados.

— Eu posso ajudar... não deixem minha mãe saber... ela quer destruir Sage... Amélia começou a gemer, e pontos avermelhados pipocaram nas bochechas dela enquanto fixava seus olhos azuis etéreos nos meus — *Não desista, Clea.*

Senti uma fisgada no centro do meu corpo. Sage deve ter sentido o mesmo, porque colocou a mão na barriga.

— Clea?

Não havia tempo para explicar nada. Virei-me para ele e disse:

— Eu te amo.

— Eu também.

Tentei beijá-lo de novo, mas assim que nossos lábios se tocaram, senti meu corpo começar a ser puxado...

... e acordei de repente, com um solavanco.



10

TUDO SE ALINHOU PERFEITAMENTE QUANDO CLEA ESTAVA NO avião. Ela e Sage estavam dormindo, e minha família inteira estava ocupada com os Redentores. Nós agora passávamos quase o tempo todo com eles, mas a cada semana, Albert reunia seu grupo para conversar com “Os Anciões” como eles nos chamavam. Nós aparecíamos para eles com projeções astrais de nossos corpos e respondíamos a todas as perguntas que eles nos faziam sobre a vida eterna. Nós os impressionávamos com alguns truques, como falar dentro de suas mentes ou mover objetos. Meu pai e meu avô sempre acabavam precisando desaparecer antes de conseguirem fazer qualquer coisa assim, mas minha mãe e eu, não.

Tudo isso me parecia muito bobo, mas essas reuniões semanais mantinham os Redentores encantados com a gente e focados no seu objetivo de realizar a cerimônia para conseguirem ser tão incríveis quanto nós.

Para mim, a melhor parte das reuniões era que elas distraíam minha família. Todos eles — inclusive minha mãe — estavam tão concentrados em dar um espetáculo que eu até pude me dar o luxo de correr o risco de fazer Clea e Sage se verem. Eu não tinha escolha. Não podia deixar minha mãe romper o laço entre eles. Não podia deixar que aquela

cerimonia acontecesse.

Ainda me lembro de cada segundo da última vez. Foi na base dos Redentores, uma antiga estalagem abandonada em Vermont, no Canadá. Era uma linda mansão colonial branca, instalada em meio a vinte hectares de vastos campos e pastos cortados por um rio. O lugar também tinha um celeiro antigo, mas muito bem restaurado; e cabras, lhamas, ovelhas e porcos vagavam soltos pelo terreno.

Parecia um paraíso.

Imaginei que iríamos morar lá quando voltássemos aos nossos corpos. Ainda iríamos viajar, é claro, mas aquela poderia ser nossa casa, junto com toda nossa nova família.

Eu mal podia esperar.

Sim, um sacrifício ainda precisaria ser frito, o que era muito triste, mas nós faríamos isso com a devida honra e solenidade, sabendo que era tudo para um bem maior.

Quando chegamos na parte de trás da mansão, vi que havia uma festa acontecendo ali. Pequenas luzes cintilavam como poezinhos mágicos nas árvores, e tochas crepitavam à nossa espera. Contei cerca de vinte convidados, mas uma abarrotada mesa de bufê estava posta com champanhe e iguarias dez vezes esse número. Havia pessoas de todas as idades. Os mais jovens pareciam estar com seus vinte e poucos anos; os mais velhos, na casa dos 60.

Havia música no ar, e vários dos convidados, com seus belos smokings e vestidos de noite, dançavam empolgados em uma pista de madeira instalada sob a grama. Bem ao lado havia um enorme letreiro digital montado de um poste. Os números mostravam 11:15:29, com os segundos avançando sem parar.

Parecia uma festa de Ano-Novo.

— O que está acontecendo? — perguntei para minha mãe.

— Fique com a gente e faça o que fizermos.

Fazer o que eles fizessem não seria nenhum problema, mas ficar com eles seria, porque eu precisava saber o que estava acontecendo. Toda aquela festa parecia estranha — até perturbadora, levando em conta o que estava para acontecer.

Minha mãe me pediu para ficar com eles, e uma parte de mim obedeceu... mas separei um fragmento da minha consciência para flutuar em meio à festa, ouvindo trechos das conversas:

— Os outros vão se arrepender de não terem nos ouvido...

— Mal posso esperar para a reunião de cinquenta anos do formatura meu colégio. Todos lá vão estar feito uns trapos, mas eu..

— Poderemos fazer qualquer coisa. Invadir um banco e roubar tudo. O que eles vão fazer? Atirar na gente? Vamos ficar ricos...

— Qualquer mulher. A qualquer hora. Elas não vão ter como escapar cara...

— Não pense pequeno. Nós vamos ser indestrutíveis. Você imagina quanto as pessoas pagariam por isso? Quanto os governos pagariam por isso?

— Meu Deus, não vamos ter limite nenhum...

— Vamos ser como aqueles espíritos bizarros falaram. Governantes das sombras. Poderemos fazer todo tipo de loucura.

—...se alguém mexer com agente, não precisaremos nem sujar as mãos...

— ...o mundo inteiro vai ter medo de nós...

— ... tudo o que a gente quiser...

— ... invencíveis...

— ... para sempre...

— Amélia!

Era minha mãe. Ela estava me olhando de um jeito estranho, mesmo eu tendo deixado a maior parte da minha consciência bem ao lado dela. Eu me recompus e fingi que estava tudo bem.

Mas não estava.

Os convidados da festa — os Redentores da Vida Eterna — não eram boas pessoas como meu avô havia falado. Eles só queriam a imortalidade em busca de poder... de vingança... de tudo que minha família e eu sempre tínhamos sido contra. Ainda assim estávamos prestes a ajuda-los. Iriamos matar um inocente por eles. E quando isso acontecesse... quando os Redentores de fato se tornassem imortais... eles realmente seriam invencíveis.

— Venha, Amélia — disse minha mãe — Esta na hora.

O enorme relógio parou às 11:30:00 e os Redentores então se dispersaram copos de champanhe nas mão, eles marcharam até uma área entre as árvores: uma clareira demarcada por um círculo de pedras enormes. Como um novo Stonehenge. Tochas iluminavam o perímetro, e o que vi ali no centro era terrível.

Um altar de pedra... com um homem acorrentado.

Ele estava sem camisa, seus músculos tensos sob a luz das tochas.

As correntes prendiam os braços dele sobre a cabeça, e os pés estavam amarrados juntos e bem presos ao altar. Uma mordaca o mantinha em silêncio, — não ser por alguns

grunhidos que ele soltava ao tentar lutar contra as amarras. Suor escorria pelo rosto do homem.

Era Sage.

Ele estava entre dois homens, cada um com uma arma de choque mãos. Eles o deixavam lutar até a exaustão, depois o eletrocutavam para que desmaiasse.

Esses dois homens estavam usando smokings e bebiam champanhe entre um choque e outro, brincando com os amigos recém-chegados. Ninguém ali sequer olhou para o homem torturado no altar.

Havia um relógio digital entre as pedras, igual ao que eu tinha no gramado. Esse ainda estava correndo. Quando os números chegaram a 11:45:00, meu avô fez um movimento de cabeça para minha mãe, que então me cutucou.

— Faça o que a gente fizer — disse ela. — Mas fique parada, como nós. Seu avô disse que eles vão ficar mais impressionados assim.

Meus pais e meu avô se manifestaram sob a forma física. Eu fiz o mesmo e fiquei lá parada, como deles.

— Sejam bem-vindos ao seu destino! — exclamou meu avô. Os Redentores se viraram para nós, boquiabertos, então comemoraram loucamente.

— Mas fique parada, como Um brinde à imortalidade! — clamou um homem.

— Um brinde aos Anciães! — berrou outro.

— O primeiro com champanhe; o próximo com o Elixir da Vida! — gritou uma mulher

Outra onda de gritos empolgados eclodiu. Todos ergueram seus copos e beberam.

— Vocês estão prontos? — perguntou meu avô.

Um homem mais velho deu um passo à frente. Ele tinha a aparência de um atleta que hoje em dia já não estava mais na sua melhor forma.

— Albert — disse meu avô, cumprimentando-o.

— Já acendemos o fogo — disse Albert, apontando para uma fogueira aos pés do altar de pedra. — E preparamos os símbolos dos prazeres mundanos dos quais o sacrifício deveria abdicar

Então apontou para uma das pedras em volta da clareira. Eu tinha ficado tão espantada ao ver Sage que nem reparei, mas o lugar estava cercado se coisas das quais uma pessoa poderia sentir falta se deixasse o mundo para sempre: flores, fotos de lugares bonitos... e um retrato grande e emoldurado de uma jovem. Uma garota de cabelos loiros, olhos azuis

e pele clara, que na foto parecia com um sorriso confiante, mas também um ar irônico, como se o fato de estar posando para aquela fotografia fosse alguma grande piada para ela.

Albert ergueu uma tigela de prata.

— Aqui está a tigela — disse ele. — Um recipiente de prata maciça, onde vamos coletar o sangue do sacrifício exatamente à meia—noite, sob a lua cheia da renovação.

—E a adaga? —perguntou meu avô.

Albert se virou para um dos homens com as armas de choque, que pegou a caixa grande de veludo atrás de uma pedra. Ele a abriu, revelando uma bainha e um cabo de ouro. Com grande cerimônia, Albert pegou o cabo com uma das mãos e a bainha com a outra, então separou as duas partes, expondo uma reluzente e afiadíssima adaga.

Todos ficaram boquiabertos de admiração.

— Um golpe no coração irá arrancar a alma desse homem —disse Albert.

Após um instante de silêncio... irromperam aplausos.

Por trás de sua mordaza, Sage gritou. Fiquei tonta.

O relógio já estava em 23:59:05.

Como minha família podia aceitar aquilo? Eles deviam estar hesitando como eu. Olhei para os rostos dele. Mas não. Não vi nenhuma hesitação. Eles pareciam... empolgados.

Se eles não fossem impedir aquela loucura, eu teria que fazer alguma coisa mas eu estava apavorada. Não por achar que eles poderiam fazer algo contra mim— na época, eu nem sabia que isso era possível —, mas por saber que se eu tirasse essa oportunidade da minha mãe, do meu pai e do meu avô, eles nunca me perdoariam. Nunca. Isso me faria passar a eternidade sozinha. Será que eu conseguiria aguentar isso?

Esprei até o último instante possível. Tentei me convencer de que só fiz isso porque não queria dar à minha família nenhuma chance de me deter, mas na verdade, eu só queria adiar essa decisão até quando eu pudesse.

23:59:50.

Em um piscar de olhos, vi minha longa e maravilhosa vida inteira passar diante dos meus olhos. De um jeito ou de outro, os próximos segundos iriam mudar tudo para sempre.

Albert ergueu bem a adaga sobre a própria cabeça.

Eu me preparei para dar um salto.

E quando ele começou a descer a mão...

— PAREM!ABORTEM A CERIMÓNIA!

A veemência desesperada na voz de meu avô paralisou todo mundo... todo mundo

menos eu, que cambaleei para a frente, sem conseguir conter meu impulso.

Minha mãe percebeu. Ela me olhou com um ar desconfiado. O relógio bateu 12:01:00. Já não era mais meia-noite.

— Por que você parou a cerimônia? — indagou uma mulher.

— Olhem para a adaga! — exclamou meu avô.

A lâmina estava toda vermelha, brilhando. Albert soltou um berro e a deixou cair no chão.

— Ela está quente! — gritou ele, e então olhou feio para meu avô. — O que aconteceu? Você nos prometeu! Você nos prometeu a imortalidade!

— E vocês a terão — retrucou meu avô. — Mas só se vocês se prepararem corretamente. Você leu os textos, Albert. O brilho avermelhado da lâmina significa que ele ainda está ligado ao mundo mortal. Se você tivesse completado o sacrifício, a cerimônia daria errado.

— Isso é impossível! — esbravejou Albert. — Nós fizemos tudo certo!

— Pelo visto, — rebateu minha mãe. — Talvez seja melhor oferecermos nosso dom a pessoas mais competentes.

A multidão foi à loucura com tanta fúria que precisei me lembrar de que eles, na verdade, não tinham como nos machucar.

— Minha filha está falando bobagem — disse meu avô. — Nem tudo está perdido. Nós vamos descobrir e consertar o que deu errado. Na próxima lua cheia, eu lhes garanto, a cerimônia ocorrerá da maneira como deve ser. Só peço que sejam pacientes e mantenham o sacrifício vivo até lá, pois a imortalidade ainda está à espera de vocês.

Meu avô nos fez um aceno quase imperceptível de cabeça pareceu, levando sua consciência para longe dali. Todos nos o seguimos nosso limbo de sempre.

— Como aquilo aconteceu? — esbravejou minha mãe. — Eu já devia estar de volta ao meu corpo agora!

— Foi o que eu disse, Petra. O brilho avermelhado significa que os laços mundanos daquele homem ainda não foram devidamente rompidos. Mas isso não vai se repetir.

— Como você pode ter certeza?

— Eu sei como — respondi. — Desistindo de oferecer a imortalidade aos Redentores. Três pares de olhos enfurecidos se viraram para mim.

— Tudo isso é só por causa do sacrifício? — perguntou minha mãe.

— Não! — respondi. — É pelos Redentores e pelo que eles vão fazer com a vida

eterna.

— *Eles vão nos devolver aos nossos corpos — disse minha mãe.*

— *Tudo bem... mas e depois?*

— *Depois disso eles já não serão mais problema nosso — retrucou meu avô.*

— *Serão, sim! Você não ouviu as conversas deles? Se eles tomarem o Elixir vão machucar os outros. Eles já estão planejando tudo!*

— *As pessoas vivem falando besteira — disse meu pai. — Isso não quer dizer que elas vão mesmo fazer o que dizem.*

— *E mesmo se fizerem... — completou minha mãe — ... isso é problema deles, não nosso.*

— *Mas se a gente der a vida eterna para eles, a responsabilidade não é nossa?*

— *Nós não estamos dando nada a ninguém — disse meu avô. — Eles vão fazer a cerimônia por conta própria.*

— *Só porque você ensinou tudo para eles!*

— *Então, qual é a sua sugestão? — perguntou meu avô. — Encontrar um grupo de pessoas melhores e entregar o sacrifício a elas? E como vamos fazer isso? Com um post no facebook?” Clique aqui para se candidatar à vida eterna”?*

Respirei fundo, com o estômago embrulhado já imaginado a reação deles.

— *Talvez a gente não precise criar outros imortais. Podemos encontrar um jeito de voltar para nossos corpos. Ou não, e talvez a gente... enfim... nem precise disso.*

— *Amélia — disse minha mãe com uma voz calma, mas com os punhos cerrados e os músculos do pescoço tensos. — Não me diga que você está nos sugerindo passar o resto da eternidade deste jeito.*

— *Seria tão terrível assim? — Perguntei, timidamente.*

— *Escute aqui, Amélia. Eu preciso ter certeza de que você não vai atrapalhar a cerimônia. Você tem que me prometer — disse minha mãe, se esforçando para pronunciar essas palavras através dos dentes cerrados.*

— *Eu também quero meu corpo de volta — disse eu. — É só que, se a gente tiver que matar alguém e ainda por cima dar a vida eterna para pessoas ruins...*

— *Amélia... — disse minha mãe em tom de alerta.*

— *Eu só estou dizendo, sabe, talvez não valha a pena...*

— *CALE A BOCA! — berrou minha mãe.*

Nem tive tempo de dizer mais nada. Minha mãe pulou na minha direção, os olhos

cheios de fúria, e os braços esticados para me agarrar. Se estivéssemos em nossos corpos, ela teria me derrubado no chão. Mas em vez disso, as mãos dela me atravessaram.

A dor foi imediata e violenta, mas amortecida pelo meu espanto. Minha mãe nunca tinha me machucado antes, nem mesmo durante nossas vidas mortais. Mas agora ela tinha me atacado... e de uma maneira que eu sequer imaginava ser possível. Até então, as projeções dos nossos corpos sempre obedeceram às leis da física. Nós podíamos trocar abraços, carinhos, pegar na mão um do outro... mas agora, minha mãe havia enfiado a mão dela dentro mim, dentro da minha consciência para me atacar...

Eu desmaiei antes de conseguir entender aquilo direito.

Simplesmente apaguei.

Não sei por quanto tempo. Por fim, voltei a existir, a ficar consciente... mas ainda sem ter noção de espaço ou de existência. Eu não conseguia formular nenhum pensamento direito, só imaginar cenas horríveis... e sentir dor.

Quando meus pensamentos voltaram, foi até pior. Minha própria mãe havia tentado me destruir, e meu pai e meu avô não fizeram nada para impedi-la.

Não havia mais dúvida alguma agora. Eu estava totalmente sozinha... e mesmo estando viva há milênios, eu ainda era uma menina de 7 anos.

Eu queria meu cobertorzinho — não aquele rosa surrado que estava em meu corpo agora, mas o que eu tinha quando era uma simples mortal. Minha mãe o tinha feito quando estava grávida de mim, mas ele já havia se desintegrado séculos atrás.

Eu queria minha mãe... mas a pessoa que eu queria também já não existia transformado, e a culpa era toda minha. Tudo aquilo era culpa minha. Eu quis morrer

Lembrei então da adaga. Será que eu não poderia fazer a cerimônia sozinha. Sei lá, roubar a adaga, dar um jeito de voltar ao meu corpo adormecido na Suíça preparar o ritual e, ao bater da meia-noite, cravá-la no meu coração.

Mas se eu morresse, quem iria impedir minha família de conceder a imortalidade aos Redentores? Ninguém.

Será que minha mãe já tinha pensado nisso também? Porque se tivesse, ela mesma pudesse mandar alguém à Suíça para se livrar de mim de mim uma vez por todas.

Seria possível, mas eu não podia deixar isso acontecer. Eu precisava ser compor e fazer minha família acreditar que eu estava do lado deles. Precisava me convencer de que eles não iriam me destruir a menos que achassem isso necessário. Se eu fosse bem-comportada e obediente, se eu mostrasse a eles que tinha mudado de opinião, poderia ganhar tempo até

conseguir detê-los.

Esperei até recobrar parte das minhas forças e então me concentrei neles.

Logo depois, me vi de volta ao limbo com minha mãe, meu pai e meu avô. Eles estavam longe de mim, com expressões de reprovação em seus rostos.

Ensaiei meu melhor sorriso de garotinha comportada.

— Oi, mamãe — disse eu. — Senti sua falta.

Ela virou o rosto, olhando para o alto.

— Papai?

Ele também não olhou para mim.

— Eu sei... eu me comportei muito mal. Desculpe.

— Ficamos bastante tempo sem ver você, Amélia — Não foi nem um pouco desagradável.

Ai. Essa doeu.

— Nem sei o que dizer, eu só... estava errada.

— Sim, estava mesmo — disse meu avô. — Eu dei duro para encontrar essa cura. E ainda estou dando, aliás. Todos nós estamos. É muito frustrante ver minha própria neta tentando nos atrapalhar.

— Eu sei. O senhor tem razão. Sinto muito.

— Sente mesmo? — perguntou meu pai. — Ou só está dizendo isso para não aprumar encrenca?

Arrumar encrenca? Como se eles fossem me pôr de livrar de mim.

— Eu sinto muito mesmo. Quero que a cerimônia aconteça. Quero que nossa vida volte a ser como era.

— Mesmo que para isso aquele homem tenha que morrer e os Redentores acabem ganhando a vida eterna? — perguntou meu avô.

— Se for isso o necessário... — disse eu. — Não vou atrapalhar. Vou até ajudar. Prometo.

Os olhos do meu avô e do meu pai estavam se acalmando. Eles queriam acreditar em mim. Mas minha mãe ainda parecia desconfiada. Peguei na mão dela.

— Mamãe?

Ela pensou por um instante e então se ajoelhou, sorrindo. Tirou o cabelo do meu rosto e depois pegou minhas mãos.

— Amélia — disse ela. — Eu acredito que você quer voltar ao seu corpo mesmo.

Acredito que você quer esticar os braços, correr pela grama, sentir o sol batendo na sua pele e o cheiro de biscoitos de chocolate no forno...

As palavras pintaram cenas lindas na minha mente... mas que eu parecia estar vendo pelo lado errado de um binóculo. Elas pareciam minúsculos e distantes. Que cheiro tinham os biscoitos de chocolate? Eu não me lembrava. Como seria ter o calor do sol batendo no meu rosto? Como era a sensação da grama recém-cortada sob meus pés ou pinicando meu nariz?

Eu não me lembrava mais de nada disso, e essa onda de nostalgia trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Você quer tudo isso de volta, não quer, Amélia? — perguntou ela. Eu só fiz que sim com a cabeça. Eu não só queria aquilo, eu precisava daquilo, e se eu tentasse falar, acabaria caindo no choro. — Mas será que você quer isso o bastante? O bastante para deixar os problemas dos Redentores de lado?

“Problemas.” Era um belo eufemismo para intenções homicidas.

Fiz que sim com a cabeça de novo.

— O papai tinha razão. Eles só deviam estavam falando besteira. E de que quer jeito, isso não é da nossa conta.

— E o sacrifício? — perguntou minha mãe.

— É uma coisa triste... mas é o único jeito.

Minha mãe ficou pensativa.

— Estou orgulhosa de você, Amélia — por fim disse ela. — Você amadureceu muito.

Ela me abraçou e, por um instante, baixei minha guarda. Eu era uma criança, ela era minha mãe, e tudo parecia estar bem. Ela se afastou e me segurou com os braços esticados e um sorriso carinhoso no rosto.

— É engraçado — disse ela. — Nunca fui uma mãe disciplinadora, mas você reagiu muito bem ao castigo. Vou ter que me lembrar disso no futuro.

Pronto. Lá estava aquele tom de ameaça. Ela me deu uma última apertada nos ombros — talvez um pouco forte demais e então me soprou um beijo enquanto se levantava.

Eu estava de sobreaviso, mas tinha sido aceita de volta na família.

— Enfim... — comecei a dizer casualmente. — Vocês descobriram deu errado na cerimônia?

Meu avô disse que sim. O problema, segundo ele, era a conexão de Sage com Clea Raymond, a garota daquele retrato. Não era nenhum segredo para nós que Clea e Sage se amavam, ou mesmo que o amor deles vinha durando diversas vidas e encarnações. Essas

eram coisas que Albert já sabia e que havia repassado para o meu avô.

O que nós não sabíamos, e que meu avô acabou descobrindo a partir de estudiosos “alternativos”, era que romper os laços de almas gêmeas não era um processo simples.

“Alma gêmea” é um termo canalizado, mas uma conexão verdadeira entre almas é algo muito raro e real. Duas pessoas que se encontram e compartilham um laço desses não apenas se apaixonam; elas transformam uma à outra de uma maneira profunda e irreversível. Almas gêmeas de verdade sempre superam tempos difíceis, pois na verdade não tem opção. Elas estão destinadas a passar a eternidade juntas, sendo atraídas uma de volta à outra aconteça o que acontecer.

Foi esse tipo de conexão que Sage formou com seu primeiro amor, Olivia, e essa “essência espiritual” foi passada a cada versão reencarnada dela.

Pelo visto, romper uma conexão espiritual exigia mais do que um retrato emoldurado em um altar de sacrifícios mundanos. Uma conexão espiritual é uma coisa tão rara e sublime que rompê-la chega a ser um sacrilégio. É algo ser feito com a mais sombria magia negra. Além disso, o rompimento desse laço não pode ser imposto ao casal. Essa é uma escolha que precisa ser feita por uma das partes. Só um consentimento verbal libera seu corpo. Sem isso, nenhuma magia no mundo é forte o bastante para conseguir romper uma conexão espiritual.

Meu avô precisou fazer diversas visitas aos sonhos de pessoas aos sonhos de pessoas que se autointitulavam bruxos, sacerdotes vodu e feiticeiros, e passou por vários encontros com farsantes e charlatões, mas por fim chegou a uma solução com a qual todos os mais confiáveis especialistas em magia negra concordavam.

Agora, nossa missão era simples: fazer Sage ou Clea aceitar o rompimento da conexão.

No começo, disse meu avô, eles tentaram torturar Sage para arrancar consentimento. E quando isso não funcionou, minha mãe teve a ideia melhor. A tortura continuaria — pelo menos até quando fosse útil — mas ela também pediu que Albert contratasse uma atriz, Lila. Ela iria fazer o papel de uma “integrante novata” de Redentores, alguém que pudesse vê-los com um olhar crítico. Lila foi colocada para cuidar de Sage e seguiu seu roteiro ao pé da letra. Ela era carinhosa e gentil, e então, com cuidado, mas também com eficiência, deixou Sage perceber que ela estava se apaixonando loucamente por ele. Minha mãe queria que Lila o conquistasse com sua ternura e seu jeito compreensivo, até que Sage, por fim, também se apaixonasse por ela e concordasse em romper sua conexão com Clea.

Esse era o plano, mas minha mãe nunca confiaria em algo tão estável como as emoções

humanas. Para garantir que ele respondesse conforme esperado, ela pediu para os Redentores envenenarem a água e as pomadas que Lila usava para tratar Sage. Foi uma estratégia inteligente — Sage poderia se preocupar com a comida e a bebida envenenada, mas enquanto estivesse fraco e com muita dor, nunca daria atenção aos curativos de Lila. As substâncias que eles usaram serviam para induzir estados hipnóticos. No caso de Sage, elas o deixavam mais aberto a sugestões e, pelo visto, os sentimentos dele por Lila vinham crescendo a cada dia.

Minha mãe, no entanto, continuava impaciente, e já estava dando o próximo passo: abordar Clea. Minha mãe concluiu que era pouco provável que Clea estivesse disposta a romper sua ligação com Sage, mas poderia usar Lila para fazer Clea se interessar por outra pessoa, mesmo que só por algum tempo. Se pudesse mostrar isso a Sage, minha mãe achou que conseguiria convencê-lo a aceitar o rompimento dos laços entre eles — idealmente antes da próxima lua cheia.

Na época, isso fez com que eu me apressasse. Como eu tinha dito que faria qualquer coisa para ajudar minha família, eles começaram a me levar para participar das reuniões semanais dos Redentores. No começo, ficaram de olho em mim, especialmente minha mãe, mas como me comportei bem, logo relaxaram.

Mas depois estraguei tudo. Na primeira vez que minha família inteira apareceu para Clea, tentei mostrar-lhe que estava do lado dela. Eu achei que estava sendo sutil — não o bastante. Foi então que minha mãe começou a vigiar tudo que eu dizia e a fazer suas visitas surpresa. Suas suspeitas e paranoias só cresceram conforme a próxima noite de lua cheia se aproximava. Foi praticamente um milagre eu ter conseguido aquele momento ideal, quando Clea estava no avião, para fazê-la se encontrar com Sage.

Eu só esperava que isso tivesse reforçado suficiente as esperanças de Clea.

Quanto a mim, eu estava exausta pelo esforço. Eu precisava descansar. E tão cedo não conseguiria dividir minha consciência para ver como Clea estava. Eu só podia torcer para que ela continuasse firme. Só podia torcer para que ela continuasse amando Sage com o mesmo fervor, independentemente do que acontecesse.

Tudo dependia disso.



—... PESADELO?

Eu me virei para Ben, atordoada pelo sonho, visita espiritual, ou seja lá o que tivesse acabado de acontecer comigo. E, de repente, foi como se ele não estivesse me fazendo uma pergunta, mas anunciando a verdade: ele era meu pesadelo, meu e de Sage, e por mais que tentasse, nada poderia mudar isso.

— Não! Digo... não sei... não lembro o que sonhei...

As luzes dentro do avião estavam baixas, e quando Ben se aproximou de mim, as sombras envolveram os olhos dele em uma escuridão sinistra, arqueando lhe as sobrancelhas.

— Tem certeza? — perguntou ele.

Minha expiração ficou presa na garganta.

— Senhoras e senhores passageiros, bem-vindos a Cincinnati, Ohio — disse a comissária de bordo pelo sistema de comunicação. As luzes se ascenderam e as sombras no rosto de Ben se dissiparam.

— Tenho sim — respondi — Não foi nada.

— Bom, então tudo bem.

Ficamos calados enquanto o avião taxiava, preparando-nos para o embarque. O silêncio me deu tempo de pensar no que eu tinha visto. Aquilo tinha sido tão real quanto a experiência que tive com Petra —, e Sage, com certeza, devia ter sentido a mesma coisa. Ele estava lá... seja lá onde fosse aquele lugar ... e eu também. Ainda assim... ele não parecia conhecer Amélia como eu. Então, agora eu já sabia: Amélia, Petra e aqueles dois outros homens não tinham qualquer ligação com Sage, e nem eram pessoas que ele conhecesse.

Então, quem seriam eles? E por que tinham me procurado? E por que Amélia me levou até Sage se o resto da família dela queria que eu me esquecesse dele? Parecia que ela estava tentando explicar, mas suas palavras não fizeram nenhum sentido para mim. Talvez Ben pudesse me ajudar a entender, mas eu estava preocupada com ele. Acho que ele não faria nada de propósito para se meter entre Sage e eu, mas isso não significava muita coisa. Então decidi ficar de boca fechada.

Fiquei pasma quando percebi a oportunidade que perdi. Eu tinha acabado de ver Sage. Eu poderia simplesmente ter perguntado onde ele estava e qual era o melhor jeito de chegar lá. Consolei-me pensando que só não fiz isso porque tive muito pouco tempo; fiquei tão emocionada com o fato de finalmente estar ali com ele, poder tocá-lo e sentir os braços dele à minha volta, que não tive como pensar direito. Ainda assim, eu tinha perdido uma chance e tanto, então fiquei furiosa. Eu não podia deixar isso acontecer de novo.

Ben e eu tínhamos desembarcado e estávamos atravessando o terminal. Já era tarde. O lugar estava praticamente deserto.

— Bom... — disse eu. — Você falou que tem três quilômetros de um metrô abandonado aqui.

— Certo.

— Então, como vamos saber por onde tentar descer? A gente acabar dando de cara com uma sessão de treinamento da VM e ser morto na mesma hora.

— Usando as histórias de fantasmas — disse Ben.

— Histórias de fantasmas?

— Sim, as histórias de fantasmas são as mitologias de hoje.

— Sempre achei que você acreditava nesse tipo de história, mas agora está me dizendo que são só mitos?

— Eu acredito no inexplicável, em coisas que a maioria das pessoas não conhece ou entende.

— Bom, mas as histórias de fantasmas não falam do inexplicável? — perguntei.

— Em geral, é justamente o contrário — respondeu Ben. — As histórias de fantasmas são sobre coisas facilmente explicáveis... só que a pessoa que está contando a história não entende. As histórias de fantasmas só surgem porque as pessoas passam por coisas que não compreendem, daí inventam uma história para conseguir explicar. Como os gregos antigos, que viam o sol cruzando o céu e decidiram que ele devia estar sendo puxado por uma carruagem gigante.

— Tudo bem... mas o que isso tem a ver com a VM?

— Eu pesquisei algumas coisas enquanto você dormia. O Teatro da Orquestra Sinfônica de Cincinnati tem mais de cem anos, então há muitas histórias de fantasmas sobre o lugar. A maioria delas é bem simples: pessoas que ouviram uma música sendo tocada por um grande violinista que se suicidou no dia de estreia da própria apresentação, ou que viram o fantasma de um maestro famoso que sonha em comandar sua orquestra uma última vez.

— Parece bem o seu tipo de lugar.

Ben abriu um sorriso.

— Admito que fiquei intrigado. Mas o mais interessante é que, ao longo dos últimos dez anos, as histórias de fantasmas locais mudaram. Elas agora são sobre barulhos que vêm de baixo da terra. Hoje existem sites inteiros sobre teorias de que esse teatro teria sido construído em cima de um antigo cemitério, e agora os fantasmas dos corpos desalojados querem vingança.

Estávamos na esteira de bagagem e Ben foi direto para um pequeno quiosque com uma foto de um táxi em cima.

— Então, o que você acha? — perguntei, sorrindo por ter certeza Se que já sabia a resposta. — Que esse teatro foi mesmo construído em cima de um cemitério... ou de um metrô abandonado?

— A maior estação subterrânea é a de Race Street, que fica a alguns quarteirões do teatro. Todas as histórias de fantasmas que eu achei eram em volta dessa área, e nenhuma tinha qualquer ligação com as outras estações do metrô.

— Porque a base da VM fica embaixo do teatro.

— Deve ficar ali por perto, sim — concordou Ben.

Chegamos ao começo da fila e fomos atendidos.

— Nós vamos para Ferguson Road, na altura do número 2.322, por favor.

— Saindo pela porta, é o táxi 309

Segui Ben porta afora e então entramos no táxi.

— Acho que a gente deveria fazer o seguinte — sussurrei. O taxista estava cantando alto em uma língua que eu não conhecia, mas mesmo assim poderia ficar intrigado com nossa conversa. — Vamos dar um jeito de entrar nesses túneis pelo ponto mais distante possível da Race Street.

— Concordo — disse Ben. — Pelas histórias, é lá que correríamos o maior risco de sermos pego.

Nem perguntei o que aconteceria se fôssemos pegos. A VM não era um grupo de pessoas muito delicadas. Se fôssemos vistos, teríamos que correr para salvar nossas vidas, encontrar Sage, se ele estivesse lá — e se não estivesse, encontrar o que quer que Sage precisava que encontrássemos — e, depois dar o fora de lá.

— Mas, então, para onde estamos indo? — perguntei. — Você achou uma entrada?

— Achei, mas não é para lá que estamos indo. A gente precisa parar antes para se preparar.

Vários minutos depois, o táxi parou em frente a um enorme prédio quadrado com uma placa azul e branca. Tínhamos chegado a um Walmart.

Ben se inclinou para a frente e pagou o taxista.

— A gente já vai voltar. Espere aqui, por favor.

Passamos pelas portas automáticas de vidro e demos de cara com uma luz fluorescente tão forte que desejei estar com meus óculos de sol ali.

— Boa noite — disse uma mulher de cabelos brancos com um colete azul

coberto de broches com rostinhos felizes. — Bem-vindos ao Walmart !

Ben passou rápido por ela e eu apertei o passo para acompanhá-lo, mas ela não se abalou.

— Por favor, só se lembrem de que vamos fechar em dez minutos gritou ela atrás de nós. — Então, se eu puder fazer qualquer coisa para agilizar as compras de vocês, é só me avisar, ok?

— Obrigado! —berrou Bem já longe.

Ele saiu andando em meio às gôndolas, pegando lanternas, colheres de pedreiro, baterias, mochilas, alicates, cordas, luvas de proteção, blusas grossas de moletom, máscaras cirúrgicas, uma bússola, barrinhas de cereais, canivetes de lâmina serrilhada... e chamando a atenção de um exército de atendentes de mais de meia-idade, todos com coletes azuis, que até pensei que poderiam se espantar com nosso carrinho digno de um arrombador de bancos, mas que na verdade pareciam estar mais preocupados em nos expulsar da loja antes da hora de fechar.

— Quatro minutos! — disse um homem gordo, com um sorriso que lhe repuxou o rosto mais do que o colete “Como Posso Ajudar?” repuxava sua imensa barriga.

Ben o ignorou.

— Será que esse tanto de facas já está bom? — perguntou ele.

— De quantas facas você acha que a gente vai precisar?

— Sei lá... O que você acha desta aqui?

— Ben, isso é um facão — respondi.

Ele ficou me olhando calado.

— Ponha de volta na prateleira.

Ele me obedeceu, mas continuou na seção de facas.

— Esta aqui tem um gancho na ponta — disse Ben.

— Dois minutos! — disse outra mulher de colete azul se aproximando de nós. — Posso ajudar vocês a irem até o caixa?

— Sim! — disse eu, arrastando Ben pelo braço.

— Onde fica a seção de armas? — perguntou ele à mulher.

Ela franziu um pouco a testa, olhando de lado com um ar nervoso.

— Nós não vendemos armas de fogo aqui.

— Tudo bem — disse eu. — Vamos só pagar então, por favor.

A mulher fez que sim com a cabeça e foi rapidamente até os caixas.

— Para que você quer uma arma? — esbravejei com Ben.

— Estamos lidando com a VM. Só quero estar preparado.

— Lembra o que aconteceu da última vez que você atirou?

Ele tinha tentado uma vez, e eu assisti a tudo. Ele estava comigo em um trabalho de fotojornalismo no qual precisei acompanhar uma policial durante uma semana, e ela nos levou até uma escola de tiro.

— Aquilo foi diferente — disse Ben.

— Você quebrou a clavícula!

O gordo de colete azul deu risada. Quando me virei ele tentou disfarçar, tossindo com uma mão em frente à boca. Ben ficou com o rosto vermelho e fechou a cara.

— Muito obrigado, Clea...

Ele foi na frente até o caixa e nem olhou para mim enquanto nossas compras eram registradas e empacotadas.

— Até mais! — disse o gordo enquanto saíamos. Ele apontou um dedo para a gente e deu um “tiro” de despedida; depois gritou “ai, ai!”, como se tivesse se machucado com o coice da arma.

Isso não ajudou muito a melhorar a situação.

Nós voltamos para o táxi e Ben passou outro endereço ao motorista.

— Isso é perto da entrada que a gente quer? — perguntei enquanto o carro acelerava.

Ben não me respondeu.

— Ah, por favor, Ben. Eles nem vendiam armas lá. Relaxe!

— Você sempre me subestima, Clea. Foi você quem me procurou, lembra? Então, se você quer minha ajuda, que tal confiar um pouco em mim?

— Eu confio em você, Ben — ele olhou feio para mim; eu precisava ser sincera. — Tá, eu confio nas suas boas intenções.

Ben não disse nada e passou o resto da viagem tirando compras das sacolas e guardando tudo nas mochilas. Ele vestiu um dos moletos e me passou o outro. Colocou uma faca em uma bainha e a pendurou no cinto,

depois me passou outra para que eu fizesse o mesmo. Pôs as baterias nas lanternas e as testou para ver se estavam funcionando, e então guardou duas em cada mochila, deixando outras duas do lado de fora, uma para cada um de nós.

— Pode seguir reto mais ou menos um quilômetro e meio ainda — disse Ben, enquanto o taxista desacelerava. — A gente vai ficar no acostamento mesmo.

Se o taxista achou isso estranho, não demonstrou. Ele parou exatamente onde Ben pediu e foi embora noite adentro assim que pagar e descemos.

No mesmo instante, percebi uma coisa sobre Cincinnati: aquela era uma cidade que dormia cedo. Eram só dez e meia, mas à nossa volta não se via nada além de prédios apagados e de um ou outro carro passando.

— É por aqui — disse Ben.

Havia uma mureta de pedra ao lado da estrada, da qual Ben se aproximou para olhar a encosta abaixo. Eu o segui. Uns seis metros de onde estávamos havia um terreno coberto de cascalho e grama rala, separado por um parapeito do que parecia ser uma grande rodovia, essa com um fluxo constante de carros. Pelas minhas pesquisas na internet, essa devia ser a I-75, a principal estrada que cortava a cidade. A outra ponta dos túneis fica bem aqui embaixo, não é?

— A outra ponta dos túneis fica bem aqui embaixo, não é? — perguntei.

Ben concordou com um aceno de cabeça.

— Agora é só pular lá embaixo e ver se a gente encontra alguma entrada.

— Não parece ser muito alto.

Mas era, sim. No escuro, a altura parecia ainda maior. Além disso, uma queda daquela altura em cima do cascalho machucaria. E muito. Nós dois ficamos parados ali, olhando para baixo.

Em seguida, Ben pulou por cima da mureta.



12

NÃO GOSTEI DO BAQUE QUE OUVI QUANDO BEN ATINGIU O CHÃO.

Estreitei os olhos para ver onde ele tinha caído.

— E aí? Tudo bem?

— Tudo. Só não se esqueça de pôr as luvas.

Peguei as luvas da minha mochila e as coloquei, então subi na mureta, joguei as pernas por cima da pedra e me dependurei para que a queda fosse a menor possível.

Eu me soltei e caí por um longo segundo antes de o chão me acertar. Até caí de pé, mas não consegui me equilibrar e tombei para trás, em cima do cascalho.

— Pronto — disse Ben, me estendendo o braço. — É melhor você pegar no meu pulso.

— No seu pulso?

Percebi, então, que ele estava com a palma da mão toda arranhada.

— Nossa! Você se machucou?

— Eu estou bem. Só devia ter me lembrado de pôr as luvas antes de

pular. Vamos logo.

Peguei Ben pelo pulso e ele me ajudou a me levantar, foi então que vi a outra mão dele, que estava toda machucada também.

— Você precisa limpar esses cortes. Era isso que a gente devia ter comprado... um kit de primeiros socorros, não uma arma.

Ben se soltou de mim e saiu andando. Dei um suspiro e o segui.

Mais adiante, a parede de pedra que tínhamos pulado cortava nosso caminho, e bem à nossa frente despontava uma enorme arcada.

A entrada do metrô.

Ela devia ter uns quatro metros e meio de altura e quase três de largura, com uma grade de aço cobrindo a curva no alto do arco. Na visão dos antigos idealizadores do metrô, a área sob essa grade ficaria aberta, com um mar de pessoas descendo pelo lado direito até os trens, e outro saindo pelo lado esquerdo rumo ao seu destino. Olhando agora, achei difícil imaginar esse espaço como um centro de transporte urbano como as estações de metrô de Nova York, mas esse lugar tinha sido feito há quase cem anos, então acho que as coisas deveriam ser um pouco diferentes naquela época. De certa forma, era como se eu estivesse diante de um portal para o passado.

Um portal fechado, na verdade. Toda a área sob a grade de aço estava lacrada com uma grossa chapa de metal, coberta por uma série de barras de aço, como as de uma cela. Além de tudo isso, a vegetação era mais densa e alta em volta da base da parede, chegando à minha cintura. Era como se a própria natureza quisesse que aquele lugar continuasse lacrado para sempre.

— A gente nunca vai conseguir entrar aí — disse eu.

— Será? — questionou Ben.

Ele tentou passar por cima dos arbustos, mas só conseguiu dar alguns poucos passos antes de se enrolar todo. Ele tirou a mochila das costas, pôs as luvas, pegou uma faca e começou a cortar os galhos mais espinhentos que obstruíam o caminho.

Ben tinha razão. Precisávamos tentar.

Peguei minha faca e comecei a cortar e a serrar a vegetação também. Os galhos eram grossos e, depois de alguns minutos, os músculos dos meus braços já estavam ardendo. Ouvi os grunhidos de Ben e percebi que ele devia

estar sentindo a mesma coisa, mas nenhum de nós parou por um instante sequer.

— Sabe o que seria muito útil agora? — bufou Ben enquanto cortava. — Um facão.

— Ah, não diga! — retruquei, dando outra facada nos arbustos e fazendo uma anotação mental para depois discutir essa regra de que e tinha que ficar quieta, mas ele podia me provocar.

Ou então eu poderia simplesmente ignorar essa regra.

— Era você quem estava bancando o entendido — disse eu. — Se você sabia que a gente ia precisar de um facão, devia ter dito alguma coisa.

— Eu não sabia. As fotos desse lugar eram de dez anos atrás. Não tinha esse mato todo aqui antes.

Abrimos caminhos em lados opostos da entrada, mas chegamos à porta ao mesmo tempo. A essa altura, eu já estava encharcada de suor. Eu poderia ter tirado o moletom, mas as mangas compridas estavam protegendo meus braços dos espinhos.

Estiquei a mão e segurei uma das barras. Era fina, mas resistente. Nossos alicates não iriam funcionar contra aquilo. Nós iríamos precisar de um daqueles alicates profissionais, de bombeiro. E mesmo assim, depois ainda haveria o pequeno problema daquela enorme parede de metal.

— Ben?

Eu não o estava encontrando. Então alguma coisa pegou meu calcanhar e eu soltei um grito.

— Shiu... — sussurrou Ben. — Desça aqui.

Ao me abaixar, eu o vi. Ele tinha esticado a mão por baixo de um emaranhado de galhos para me pegar. Ben estava a pouco mais de meio metro de mim, mas a parede de arbustos fazia a distância parecer muito maior.

— Venha por aqui — disse ele.

— Solte meu calcanhar, então.

Ele me soltou, e eu voltei a cortar os galhos. Ben fez o mesmo do lado dele, e pouco tempo depois eu já estava agachada ao lado dele naquela pequena clareira que tínhamos aberto nos arbustos.

— Olhe — disse ele. Bem na frente dele havia, no chio, um montinho

baixo de terra, como se algo tivesse sido enterrado ali. Ben sorriu, pegou a colher de pedreiro e começou a cavar, jogando terra para trás, até revelar uma grande placa de madeira amolecida pelo mofo.

— Me ajude aqui.

A placa de madeira estava enterrada fundo, e a terra ali, sob a camada de terra do montinho, era muito mais densa e compacta, então tivemos que cavar pelo que pareceu ser uma eternidade até soltar a placa o suficiente para que pudéssemos tirá-la do chão.

Quando conseguimos, fomos recompensados com a visão de um buraco aberto entre barras de madeira e uma placa de metal logo atrás.

Uma lufada de ar fedendo a mofo subiu do metrô lá embaixo, como um túmulo recém-aberto soprando seus gases contra nós.

O buraco não era grande. Eu entraria apertada, e Ben teria que se espremer para entrar. Com seu corpo largo, Sage nunca conseguiria passar por ali. Se o encontrássemos lá dentro, precisaríamos achar outro jeito de sair depois. A borda do buraco era coberta por rebarbas de metal, e uma delas era tão pontiaguda que me fez até pensar no gancho da faca que Ben tinha me mostrado no Walmart.

Tentei lembrar se tinha tomado alguma vacina antitetânica nos últimos dez anos.

Ben apontou a lanterna para o escuro.

— Nada de muito assustador. Pelo menos não aqui — então ele sorriu para mim. — Primeiro as damas?

— Que cavalheiro — comentei, forçando um sorriso.

Eu me ajoelhei e iluminei o buraco com minha lanterna. Eu nem precisava fazer isso — Ben tinha acabado de me dizer que não havia nada de perigoso ali dentro —, mas queria ver por mim mesma.

O buraco ficava sobre uma longa escadaria de cimento, que descia até bem mais longe do que minha lanterna conseguia iluminar.

Ben e eu cortamos mais um pouco dos arbustos, abrindo mais espaço para eu me deitar no chão, de barriga para baixo, e escorregar pelo buraco, com os pés primeiro. Por mais que eu tivesse acabado de ver que aquele túnel estava vazio, fiquei morrendo de medo. Enquanto eu me espremia ali,

tentando evitar que aquelas pontas afiadas se enganchassem na minha roupa e cortassem minha pele, minha cabeça foi inundada por todos meus pesadelos de infância. Pude sentir os pelos de monstros gigantes com garras terríveis resvalando na minha perna, e o bafo dos crocodilos de esgoto prontos para cravar os dentes em mim e me arrastar para as entranhas da Terra.

Fiquei muito grata quando terminei de descer e minha mente parou de pregar essas peças em mim. Ainda precisei me arrastar bastante de costas até ter espaço para conseguir me virar.

E quando me virei, fiquei espantada.

Eu estava sozinha, minúscula em meio a uma enorme caverna.

Desci e me sentei no último degrau do primeiro lance de escadas. Se eu desse mais um passo, chegaria a um trecho chapado de um metro meio de concreto que dava acesso ao segundo lance de escadas. Mais abaixo, minha lanterna revelava entre as sombras os contornos de colunas de concreto que se erguiam do piso e chegavam ao teto, dispostas ao longo de uma imensa plataforma. Eu mal podia ver as bordas dos enormes fossos de cada lado da plataforma, abertos para os vagões de metrô que nunca chegaram.

Graças ao estilo de vida cosmopolita dos meus pais, eu já tinha viajado pelo mundo todo e passado horas e horas nos metrôs de Nova York, Washington, Tóquio, Paris e Londres. Todos esses lugares pareciam cidades subterrâneas, cheias de pessoas apressadas, músicos em busca de alguns trocados e vendedores ambulantes; tomadas pelo som de trens conversas e pelo batucar de incontáveis passos de um lado para o outro; iluminadas pelas luzes e cores dos cartazes de publicidade, das bancas de revistas, e quase sempre com o chão coberto de embalagens, moedas perdidas e outros detritos.

Mas ali não havia nada. O esqueleto estava lá — os contornos que eu conhecia bem, iguais aos desses outros metrôs —, mas tudo estava silencioso e vazio. Eu me senti como uma arqueóloga, chegando às ruínas de uma civilização antiga, devastada por algum terrível desastre.

No entanto, não era bem essa a verdade. Pelas minhas pesquisas, eu sabia que aquele lugar nunca havia sido terminado, muito menos aberto ao público. Ainda assim, lá estava aquele colosso, um mundo subterrâneo escondido logo abaixo da cidade na superfície. E a maior parte das pessoas sequer tinha a

menor ideia disso.

— Dá até vontade de acreditar em fantasmas, não é?

Tomei um susto ao ouvir a voz de Ben, cujas palavras ecoaram pela caverna enquanto ele se sentava ao meu lado no degrau, juntando a luz da lanterna dele à da minha.

— É melhor a gente falar baixo — murmurei, mas até meu sussurro ecoou, como o sibilar de um milhão de cobras. — Não sabemos onde eles estão, e é melhor que eles não percebam que tem alguém aqui. Vamos tentar chegar em silêncio, achar Sage, ou seja lá o que ele queria que a Gente encontrasse, e dar o fora daqui.

Ben concordou com um aceno de cabeça. Ele se levantou, mas esperou que eu fizesse o mesmo para ir na frente. A mensagem foi clara: ele estava disposto a me ajudar, mas esta missão de resgate era minha.

Eu me levantei e desci o segundo lance de escadas. Mais uma vez, fiquei contente por Ben ter pensado em trazer aqueles moletons. Mesmo com aquela blusa grossa e enorme, eu ainda podia sentir o frio das catacumbas.

Como o ponto do qual falavam as lendas urbanas ficava quase três quilômetros mais à frente, ainda poderíamos ter que percorrer um longo caminho até avistar qualquer sinal da base da VM. A plataforma onde estávamos agora tinha mais uns dez metros. Depois disso, para seguir adiante, teríamos que entrar em um dos túneis onde deveriam ter sido instalados os trilhos do metrô. Fui até a borda de um dos fossos e vi uma enorme tubulação de plástico.

— É o encanamento central disse Ben. — Ele corta o metrô ao longo deste fosso.

— A gente poderia usar esses canos para se esconder, se for preciso — comentei.

Iluminei a base dos tubos com a lanterna e vi uma camada de água lamacenta. Eles até poderiam ser de alguma ajuda, mas andar pela lama demoraria muito mais. E apesar de servirem como uma boa proteção, eles também ocupavam espaço demais dentro do túnel, e nós poderíamos acabar ficando presos neles se chegássemos a um trecho mais estreito do fosso.

— Vamos pelo outro túnel — decidi.

Ben me seguiu de volta até a plataforma, então apontei a lanterna para o chão do outro túnel, que ficava cerca de um metro e meio abaixo de nós — um obstáculo bem mais tranquilo do que a mureta que tínhamos pulado antes, na estrada.

— Pule lá embaixo, Ben. Eu ilumino o caminho. Agora você está com as luvas, não está?

Não consegui me segurar, mas desta vez ele não pareceu ofendido. Ben ergueu as mãos para mostrar as luvas e então saltou. Depois apontou a lanterna na minha direção para que eu pudesse enxergar melhor. Então pulei também, e desta vez caí de pé.

— Valeu — disse eu, erguendo minha lanterna para iluminar o rosto de Ben. Ele estava com um sorriso tão grande e alucinado que foi difícil não dar risada.

— O que foi? — perguntei.

— Que legal! A gente está nos trilhos. Você nunca quis saber como seria andar nos trilhos?

Claro que quis — eu sabia exatamente do que ele estava falando. Acho até meio impossível ficar em uma plataforma de metrô e não pensar em como seria cair nos trilhos. Em geral, essa é uma sensação meio perturbadora, tipo quando você está em um andar alto e olha para baixo pela janela e pensa como seria cair lá de cima. Não é como se você quisesse se jogar, mas é difícil não ficar imaginando. Agora ali estávamos nós. E a salvo de qualquer perigo... Ou pelo menos a salvo de um trem em alta velocidade. Mas será que estávamos a salvo de grupos malignos determinados a matar eu, Ben e o homem que eu amava? Bom, isso já era outra história.

Por puro impulso, peguei o celular na esperança de usar o GPS para ver onde estávamos, mas é claro que não tinha sinal ali naquelas catacumbas.

— Vamos por ali — disse Ben. Ele estava com a bússola, analisando o ponteiro fluorescente. — Seguindo naquela direção, vamos chegar à Race Street.

Fiz que sim com a cabeça e comecei a andar.

— Clea — disse Ben. — Cuidado para não levar um choque nos trilhos, hein?

Revirei os olhos e continuei andando. O chão do túnel tinha pelo menos uns seis metros de largura e era bem plano, o que facilitava a caminhada. Não havia nenhum trilho eletrificado ali, mas as vigas paralelas de madeira que iriam receber os dois trilhos principais dos trens percorriam toda a extensão dos túneis. Ben e eu seguimos em frente, um de cada lado delas.

O caminho me pareceu mais sinistro assim que saímos da “estação” e seguimos adiante pelo túnel. Mesmo deserta, a plataforma tinha um quê familiar, mas esta era uma área pela qual ninguém nunca deveria passar. As paredes arqueadas de concreto se erguiam por toda parte à nossa volta. Era como estar dentro de uma imensa tumba, e então tive a perturbadora e irracional sensação de que tínhamos chegado a um beco sem saída e o caminho de volta, por algum motivo, agora já estaria lacrado, nos prendendo ali para sempre.

— Tome aqui — disse Ben, me entregando uma barrinha de cereais.

Eu não tinha me dado conta, mas assim que vi aquela barrinha, reparei que estava faminta. Meu estômago roncou para comprovar isso, e o som ecoou baixinho pelo túnel. Ben sorriu.

— Obrigada — disse eu enquanto abria a embalagem. Era uma barrinha crocante de blueberry, a minha favorita quando eu praticava escalada. Levantei a lanterna para iluminar Ben, mas ele já tinha voltado a andar, mordiscando a própria barrinha.

Ele me conhecia tão bem! Melhor até do que Sage, em certos sentidos. Ele conhecia todos meus gostos — como a marca da minha barrinha de cereais favorita, meu chá favorito, meu lugar favorito para sentar no avião, e um milhão de outros favoritos. Esse era o tipo de coisa que qualquer um que passasse tempo suficiente ao meu lado acabaria sabendo, caso gostasse de mim o bastante para prestar atenção, como Ben, Sage não sabia de nenhum desses detalhes, mas me conhecia. Ele conhecia meu lado mais obscuro e meus defeitos mais bem escondidos, e me amava, não apesar deles, mas justamente por causa deles.

Isso me cativava mais do que a maior lista de curiosidades íntimas sobre Clea Raymond que Ben pudesse fazer.

Apontei a lanterna novamente para o túnel adiante. A escuridão era tão

densa que parecia até um bloco sólido. Ben e eu éramos como dois faróis, cruzando aquele breu absoluto. Sem nenhum ponto de referência, nenhuma mudança no cenário ou qualquer som além do eco dos nossos passos e do zumbido abafado do mundo lá em cima, o tempo pareceu desacelerar. Era até difícil acreditar que estávamos mesmo nos movendo. Não tínhamos ido muito longe — o túnel inteiro tinha quase três quilômetros, e não tínhamos percorrido ainda nem um quarto dessa distância —, mas a falta quase absoluta de referências sensoriais logo me deixou exausta.

Comecei a pensar em Sage, imaginando os braços dele à minha volta, como naquele sonho-que-na-verdade-nem-foi-um-sonho. Respirei Fundo, me lembrando do cheiro dele. Sage tinha me deixado uma mensagem para vir até aqui, e eu precisava continuar forte e alerta por ele.

Em seguida, ouvi uma risada baixa e rouca, e meu sangue gelou.

Eu me virei para Ben, quase cegando-o com minha lanterna, mas eu precisava ver o rosto dele — será que ele tinha ouvido o mesmo que eu?

Ele tinha, sim. Pude ver isso nos olhos dele, agora arregalados e dardejando de um lado para o outro no escuro.

Em seguida, Ben fixou os olhos dele nos meus. Ele olhou bem para mim e balançou a cabeça. Então apagou a lanterna.

Eu logo entendi e fiz o mesmo.

Sem sequer perceber o que eu estava fazendo, dei alguns passos de lado, na direção de Ben. Ele devia estar fazendo o mesmo, porque logo o senti ao meu lado.

A risada irrompeu de novo, feminina, mas grossa e seca, ecoando pelo túnel inteiro, então era impossível entender de onde aquilo estava vindo.

Tudo de repente me pareceu muito real. Um calafrio percorreu minha espinha, e eu apertei a mão de Ben com força. Eu nem tinha percebido que a estava segurando, mas agora ela era a única coisa ali me impedindo de gritar a plenos pulmões.

Ben me puxou na direção da parede. Estávamos expostos demais ali, no meio do túnel. Usando a parede como guia, poderíamos continuar em frente para sair logo daquela parte escura e chegar à outra plataforma.

Eu me encostei na parede... e senti algo frio e molhado meus cabelos. Dei

um pulo para a frente e ergui a mão para ver o que era, enquanto me soltava de Ben. Era uma gosma espessa e grudenta, e tive a pavorosa certeza de que se acendesse a lanterna, veria minha mão coberta de sangue.

Em seguida, a risada voltou a ecoar...junto com outro barulho, como se um animal selvagem estivesse arranhando as paredes de cimento. Mas o barulho era alto demais — esse animal precisaria ser um dragão, uma criatura gigantesca raspando as garras pelo túnel do teto ao chão.

Eu tinha que acender a lanterna para ver, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, senti uma lufada de ar enquanto alguma coisa passava com tudo por mim, arrancando a lanterna da minha mão.

— Ben! — gritei.

Ouvi outro barulho e percebi que ele também tinha perdido a lanterna dele.

Tentei abrir a mochila — onde ainda tínhamos outras lanternas —, mas fui puxada para trás enquanto ela era arrancada das minhas costas. Eu me debati em meio àquela desnorteante escuridão e me lembrei das minhas aulas de Krav Maga, então dei uma cotovelada para trás, mas não acertei nada. Seja lá quem tivesse feito aquilo, já tinha sumido. Dei chutes e socos no escuro, tentando me guiar com base em algum som, mas os ecos das catacumbas me confundiam. Fui entrando cada vez mais em desespero a cada golpe no vazio. Por fim, um dos meus chutes acertou algo.

—UGH!

Droga. Eu tinha acertado Ben.

— Ben! Você se machucou?

Cambaleei às cegas para a frente até encontrá-lo. Ele estava arqueado, tentando recuperar o fôlego.

— Nossa, Ben... desculpe...

Em seguida, soltei um grito quando uma coisa caiu no meu rosto.

E depois começou a rastejar pela minha cara.

Eram várias coisas, aliás.

Elas estavam nas minhas mãos também. Subindo pelas minhas mangas. Levei as mãos ao rosto, tentando tirar aquilo de mim... eram aranhas.

Eram aranhas, e elas estavam rastejando pelo meu rosto, tentando entrar

na minha boca...

Entrei em pânico. Achei que fosse vomitar. Bati as mãos em desespero pelo meu rosto, braços e corpo. Arranquei o moletom e o sacudi; depois o passei por cima de mim, tentando espantar todas as aranhas.

Em seguida a risada voltou. Mais forte do que antes e ecoando por todos os lados. Risadinhas agudas e ensandecidas se misturaram àquele outro barulho alto que tínhamos ouvido antes.

Eu não estava aguentando mais aquilo. O breu, a gosma, os ataques de mãos invisíveis, as aranhas... meus nervos estavam sobrecarregados, e meu corpo estava exausto de tanto dar socos e chutes no nada. Senti meu corpo começando a apagar, e até me imaginei me enrolando em um cantinho para dormir, na esperança de acordar na minha cama e perceber que aquilo tudo tinha sido só um terrível pesadelo.

Meus joelhos fraquejaram... até que então ouvi um tique-tique-fique de pezinhos miúdos com garras batendo no chão e senti uma coisa enorme passando por cima do meu pé, com um rabo grosso que resvalou por baixo da barra das minhas calças jeans, roçando no meu calcanhar. Era um rato.

Chutei aquele bicho para longe e ouvi o baque nojento de quando ele se estatelou na parede... alguns segundos antes de ouvir um barulho muito mais medonho vindo de Ben.

Ele estava gritando, como se estivesse com muita dor.

— Ben? Ben?!

Ouvi um tiro.

E então o silêncio.

— BEN!

Cambaleei às cegas pelo túnel com as mãos esticadas, tentando encontrá-lo. Onde ele estava? O que tinha acontecido? Será que ele ainda estava vivo?

Braços fortes me agarraram por trás, e antes que eu pudesse tentar dar um coice, outra pessoa passou uma corda em volta das minhas pernas e as amarrou com muita força. Eu até me debati, mas em poucos instantes meus pulsos também foram amarrados, e meus braços, puxados para trás.

— Olá, Clea Raymond. Lembra-se de mim?

Eu me lembrava, sim, e nem precisaria vê-lo para isso, O forte sotaque

européu e o fedor repugnante daquele hálito já diziam tudo. Ele era homem que tinha atacado a mim e Ben no Brasil. O homem que teria nos sequestrado se Sage não tivesse aparecido para nos salvar.

O homem acendeu uma lanterna — a minha lanterna — e apontou-a para meu rosto. Pude então ver os dentes escuros e podres dele, rosto chupado, a pele coberta de pústulas e a tatuagem no pescoço: um crânio com fogo nas órbitas e as letras “VM”, de Vingança Maldita.

— O que você fez com Ben? — perguntei entre dentes cerrados, Ele então abriu um sorriso nojento.

Mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, dois fochos de luz se acenderam vários passos à nossa frente.

Eram faróis. Do que parecia ser um jipe Hummer. Depois de tanto empo ali no escuro, meus olhos tiveram dificuldade para se ajustar aquelas luzes ofuscantes apontadas bem para nós, por isso só consegui ver uma silhueta parada em frente ao veículo, as pernas abertas bem firmes no chão, e as mãos na cintura. Vários homens enormes com armas em punho apareceram, formando um V em torno do jipe. Pude contar pelo menos uns dez, mas percebi que havia mais deles fora do alcance dos faróis.

— Você não deveria estar fazendo pergunta nenhuma — disse a silhueta parada em frente ao Hummer. A voz era de mulher, havia nada de feminino em seu tom. — Se preocupe mais em me dar um bom motivo para eu não matar você agora mesmo.



— CLEA — GRUNHIU BEN.

Eu me virei. Estava escuro ali, mas graças ao brilho dos faróis, pude ver Ben a menos de um metro de mim. Ele estava amarrado como eu, e parecia ter acabado de se livrar de uma mordaca para conseguir falar. Ele não estava lá muito bem, mas não parecia ter acabado de levar um tiro.

— Você está bem? — perguntei.

— É claro que ele está bem — disse a mulher na frente do jipe. — O que você achou que a gente ia fazer? Atirar nele?

— Eu atiraria, sim — disse o Boca Podre, chegando mais perto do meu rosto. — Eu atiraria nele agora mesmo — então sacou uma pistola do cinto e a apontou para Ben.

— Pare, Damian — mandou a mulher. — Estamos todos do mesmo lado.

— Nós não estamos do mesmo lado, não — retruquei.

— É claro que estamos. Nós duas queremos encontrar seu namorado, certo? Então estamos do mesmo lado. E é hora de termos uma conversinha.

Ela saiu de onde estava, em frente aos faróis, para se sentar no banco de passageiros do jipe. Outra pessoa deu a partida e trouxe o carro para mais perto de nós. Agora já sem os faróis para nos ofuscar, pude ver que o veículo era conversível, e ter uma visão melhor da mulher. Ela era baixinha, e os jeans rasgados e a regata branca surrada cobriam um corpo de músculos muito bem definidos. Seus longos cabelos eram oiros e descoloridos, mas tinham as raízes escuras, e estavam amarrados em um rabo de cavalo ensebado. Os braços dela eram cobertos até os pulsos de tatuagens berrantes — que pareciam retratar cenas de mortes e desmembramentos. A que eu pude ver melhor ficava em seu bíceps direito: um lobo enfurecido, com os dentes ensanguentados, eviscerando um garoto em pânico. Os olhos do lobo pareciam saltar da tatuagem, como um aviso de que qualquer um que o encarasse demais poderia ser a próxima vítima.

— O que vocês estão esperando? — perguntou ela para mim. — Venham logo.

Olhei para meus tornozelos amarrados. A mulher deu risada.

— Damian, traga a menina até aqui — disse ela.

O Boca Podre me abriu um sorriso repulsivo.

— Com prazer.

Tentei prender a respiração enquanto ele me agarrava, me esmagando contra o corpo dele.

— Meu Deus, Damian, vamos logo. Não mandei você dançar valsa com ela.

Damian me apertou com mais força ainda, e me esforcei para não vomitar quando notei um volume crescer dentro das calças dele, mas que depois sumiu.

— Foi bom para você? —bufou ele no meio ouvido. — Porque para mim foi ótimo.

Ele passou a mão por baixo dos meus joelhos e me colocou em cima dos ombros como um bombeiro, depois subiu no jipe e me jogou banco de trás enquanto Ben também era arremessado no assento meu lado.

— Você está bem mesmo? — perguntei de novo.

A mulher no banco da frente virou para trás.

— Relaxe. Ele está ótimo.

— Onde está Sage? — desaparei. — Vocês o trouxeram para cá?

— Se ele estivesse aqui, já estaria morto, princesa. Não estamos com ele, e não estávamos esperando vocês, mas assim que soubemos que vocês estavam vindo para cá, decidimos estender o tapete vermelho. Gostaram das boas-vindas?

— Como assim “souberam”? — olhei para Ben. Então ela nos tinha visto chegar pelo túnel, ou será que estava querendo dizer outra coisa?

A mulher me ignorou.

— Enfim, agora vou explicar por que vamos trabalhar juntos. Vou até levar vocês para um passeio — ela se virou para o imenso motorista todo tatuado e sem camisa ao seu lado e disse: — Vamos embora.

O homem arrancou com o Hummer. Enquanto o jipe zunia pelos túneis em alta velocidade, ela veio para o banco de trás e se acomodou entre Ben e eu.

— Meu nome é Sloane — ela apontou com a cabeça para a trilha à nossa frente e sorriu. — Dá só uma olhada nisso. Parece até uma montanha-russa, não é?

O sorriso dela foi crescendo cada vez mais, enquanto o Hummer continuava ganhando velocidade. A fumaça do escapamento naquele espaço fechado estava fazendo meus olhos arderem e atacando meus pulmões, mas eu não disse nada.

— Hm... Sloane? — tossiu Ben. — A gente não está indo bem...

Ele nem conseguiu terminar, mas sim, estávamos indo bem na direção de uma enorme parede de concreto que fechava o túnel inteiro.

Sloane pegou o toco de um charuto todo mastigado de dentro do sutiã e o acendeu, e bafou até a chama começar a arder na ponta.

No começo, não me preocupei. Sloane nunca iria deixar que nos arrebetássemos contra uma parede de concreto. Ela até tinha dito que estávamos do mesmo lado. E mesmo se estivesse mentindo, acho que ela não estaria disposta a morrer com o motorista só para dar um fim em Ben e em mim, isso não fazia nenhum sentido.

Mas a VM era um grupo de fanáticos. Fazer sentido nunca foi o forte

deles. Conseguir o que queriam... essa sim era a prioridade. E se acabar com Ben e eu fosse o que eles queriam, sofrer duas baixas não seria nenhum problema. Talvez eles até se orgulhassem disso.

—Já estão com medo? — perguntou Sloane.

Agora, sim, meu coração disparou. Então entendi tudo — nos atrair até ali tinha sido uma ideia da VM. Eles tinham deixado aquela mensagem no meu computador, não Sage. É claro — eles poderiam ter acessa— do fisicamente meu computador enquanto Sage estava preso. Eu queria tanto acreditar que Sage e Amélia estavam envolvidos em algum tipo de cooperação paranormal que deixei isso ofuscar meu bom-senso. Eu deveria ter percebido desde o começo que era uma armadilha. Sloane estava mentindo — a VM estava, sim, com Sage, e eles iriam matar Ben e eu para minar as últimas forças dele antes de finalmente destruí-lo.

Olhei para Ben, esperando vê-lo encolhido em um canto do banco. Mas não. Ele estava com o rosto tenso e banhado de suor, ofegante, as narinas repuxadas pelo esforço para respirar... mas estava com as costas erguidas e de olhos bem abertos, só esperando para ver o que estava por vir.

Se ele estava sendo forte assim, eu também podia, então olhei para a parede à nossa frente.

Uma lembrança passou pela minha cabeça: eu, aos 6 anos, olhando para meu pai.

— Papai, o que acontece quando a gente morre? — perguntei.

Ele soltou um suspiro e depois me pegou no colo.

— Fisiologicamente? Você simplesmente... para.

— Mas a gente vai para o céu?

Nós nunca fomos religiosos, mas os pais de Rayna eram, e vinham falando muito sobre o céu na época, desde que a avó dela tinha morrido.

Meu pai juntou os lábios, como se estivesse pensando se deveria me dizer a verdade ou o que ele achava que eu queria ouvir.

— Não sei. Eu queria muito acreditar que o céu existe, um lugar para onde nossas almas vão depois que morremos. As vezes eu acho que sim. As vezes eu acho que nossas almas voltam à Terra para aprender alguma coisa. Mas às vezes... às vezes acho que a gente só deixa de existir, e que o que a

gente entende como vida eterna é só o último pensamento que passa pela nossa cabeça antes de morreremos.

Eu franzi minhas sobrancelhinhas.

— Então, se eu pensar em você logo antes de morrer, vou ficar com você para sempre?

Meu pai passou a mão no meu cabelo.

— É mais ou menos isso.

Eu balancei a cabeça.

— Então é isso o que eu vou fazer. Bom, talvez eu pense em uns cachorrinhos também. E em uns doces.

A cena inteira passou pela minha cabeça, com todos os detalhes, em menos de um piscar de olhos. Agora seria minha chance de cumprir minha promessa, mas eu não ia pensar no meu pai, nem em cachorrinhos ou em doces. Pensei em Sage. Em nós dois juntos, vivendo em paz por toda a eternidade.

O Hummer desviou para o lado no último segundo possível com um violento cavalo de pau, enquanto o canto dos pneus ecoava sem parar atrás de nós. Meu estômago deu uma cambalhota e fui jogada de um lado para o outro, contra a porta e para cima de Sloane, e por um instante cheguei a saltar no banco. Tive plena certeza de que eu iria sair voando, ou que o jipe iria capotar e nos esmagar.

Mas em vez disso, o motorista recuperou o controle do jipe e entrou novamente no túnel escuro pelo qual tínhamos acabado de vir. Lá pela metade do caminho, ele apertou um botão no quebra-sol do carro — em um aparelhinho que parecia o controle remoto de um portão automático— e um portão de aço que eu não tinha visto em nossa primeira incursão suicida se abriu para que pudéssemos passar.

— Espero que não tenham molhado as calças — disse Sloane. Ela tirou um canivete do bolso do seu jeans e o abriu. A lâmina parecia ser superafiada.

— Que belo gancho tem esse seu canivete aí — comentei. Sloane sorriu.

— Você gostou? Obrigada. Mas agora não se mexa.

Isso não ia ser tão fácil. Estávamos indo mais devagar, mas o carro não parava de quicar e de fazer curvas, então ficar parada não era exatamente uma

opção no momento.

— Só não se esqueça de que tenho centenas de soldados aqui que te matariam em um piscar de olhos se você tentar qualquer coisa. Prontinho.

Senti a corda em volta das minhas mãos se soltar e cair.

— Vou dar as costas para você agora. Você pode se comportar ou se ferrar. A escolha é sua.

Enquanto ela se virava para cortar as cordas de Ben, olhei para os lados pela primeira vez desde que tínhamos passado pela porta de aço.

Não, não pela porta de aço. Nós tínhamos caído no buraco do coelho. Aquele lugar não se parecia em nada com o metrô centenário abandonado que Ben e eu vínhamos explorando. Agora estávamos em um túnel, mas que era iluminado por luminárias gigantes instaladas no teto. O lugar estava cheio de gente, quase todos musculosos e tatuados como Sloane e o motorista, e muito agitado. De onde eu estava, pude ver homens e mulheres descendo de rapel por uma parede como se estivessem competindo. Outros estavam correndo em uma pista de obstáculos toda equipada com pneus, cordas penduradas sobre poças de lama, paredes de escalada, cavaletes e outras barreiras, enquanto um terceiro grupo fazia ginástica sob os comandos berrados e cadenciados de um instrutor.

— Isso é... incrível — disse Ben, esfregando os pulsos machucados pelas cordas. Sloane já tinha tirado por completo a mordança dele e cortado as cordas que estiveram amarrando-lhe as pernas, e agora estava abaixada para fazer o mesmo com as minhas.

— Mas é claro que é. Nós damos um duro danado aqui. Estamos fazendo isso há anos. Vou mostrar tudo para vocês, mas antes vamos ter que descer. Só usamos o jipe nos túneis lá de fora; aqui dentro ele ocupa espaço demais.

O motorista de Sloane parou o Hummer em um estacionamento. Ele desceu do jipe e abriu a porta de Ben para que todos nós pudéssemos descer e depois Sloane nos levou até um carrinho de golfe. O motorista tentou segui-la, mas ela o dispensou com um aceno de mão.

— Pode deixar — disse Sloane. Ela entrou no carrinho e então nos chamou com um movimento de cabeça. Sentei-me ao lado dele no banco da frente, enquanto Ben se acomodava no banco de trás.

— Nem preciso falar, é claro.. — disse ela enquanto girava a chave e começava a nos levar pelo túnel, passando pelos soldados em treinamento — ...mas se vocês tentarem qualquer coisa, vão morrer mi hora. Vocês podem até escapar de mim, mas não da minha equipe.

— Sua equipe? — perguntei.

— Eu comando este lugar — disse ela. — Por ser veterana. Sou líder do grupo há três anos já. E se eu tiver sorte, vou continuar sendo por mais quatro meses.

— O que vai acontecer daqui a quatro meses? — perguntou Ben.

— Vou bater as botas — disse ela, e então piscou para mim. — A menos que eu mate seu namorado antes. Esse é o plano.

— Para poder se livrar da maldição — disse Ben.

— Ah, mas veja só você — comentou Sloane. — Você é inteligente hein? Sim, para eu poder me livrar da maldição.

— Você acredita mesmo na maldição? — perguntei.

Sloane soltou uma risada irritada.

— Se você me perguntar isso de novo, vai ver o que o gancho do meu canivete vai fazer com sua jugular.

Meu coração disparou de novo no peito, mas mantive a voz calma.

— Desculpe. Foi falta de educação minha. Eu só quis dizer que a gente não sabe muita coisa sobre essa maldição, a não ser que ela exista.

— Pode apostar que existe — murmurou ela.

Continuamos seguindo pelo túnel, sempre cercados por uma multidão de soldados fazendo o que parecia ser um treinamento para agentes especiais. Todos estavam focados; se alguém por ali parava para descansar, não parecia. E nem havia lugar para isso — não vi nenhum espaço livre que não fizesse parte de alguma área de treinamento. Até as caixas altas de madeira que poderiam fazer o papel de bancos estavam sendo usadas por pessoas ofegantes que pulavam com os dois pés para cima e depois para baixo dos caixotes, enquanto um instrutor gritava com elas.

Por fim, saímos do túnel e chegamos ao que deveria ter sido outra estação, embora fosse impossível reconhecer o espaço agora. A área havia sido transformada em um imenso acampamento militar: vi fileiras e mais fileiras de

camas com baús aos pés delas. A VM sabia muito bem como usar espaços pequenos: eles haviam construído várias plataformas nas laterais da estação, cada uma com fileiras idênticas de camas e baús. Escadas subiam até as pontas abertas dessas plataformas, dando acesso a outras camas em níveis mais altos. As luzes eram mais fracas nesta parte da estação, e percebi que diversas camas estavam sendo ocupadas por pessoas dormindo.

— Nós operamos 24 horas por dia — explicou Sloane. — Então dormimos em turnos.

— Aquilo ali são... crianças? — sussurrou Ben.

Segui a direção do olhar dele: uma das plataformas mais altas, difícil de ver em meio à penumbra e a tantos metros de distância. Mas algumas daquelas pessoas estavam com a cabeça mais perto da borda da cama... e então pude ver os traços mais arredondados de bochechas e lábios jovens.

— Fale mais alto — esbravejou Sloane. — Não consigo ouvir você sussurrando assim.

— Desculpe, é que... essas pessoas estão dormindo...

— Elas têm que aprender a dormir quando podem, mesmo que haja uma bomba explodindo bem ao lado da cama delas, então não precisa sussurrar. E sim, são crianças. Nós botamos todas elas para dormir r's pisos de cima para acabar desde cedo com qualquer medinho Mas não nos últimos pisos... Esses ficam reservados para os casais. Afinal, sempre precisamos de mais soldados, não é?

— Não entendi — disse Ben. — Parece que vocês estão se preparando para uma guerra, mas pelo que sei, e me perdoe se eu estiver errado... — ele não parecia assustado, mas percebi que estava escolhendo bem as palavras — ...a missão da Vingança Maldita é só encontrar e destruir um único homem: Sage. Seus ancestrais foram amaldiçoados porque roubaram o Elixir e forçaram-no a bebê-lo. Agora vocês precisam compensar esse crime devolvendo o Elixir à terra para se livrar da maldição. E para fazer isso precisam drenar todo o Elixir de Sage matando ele no processo.

O fato de Ben estar falando assim só para acalmar Sloane não importava — me revirou o estômago ver que ele era capaz de falar sobre a morte de Sage com tanta calma, como se estivesse explicando uma passagem complexa de

algum livro para um dos alunos dele na faculdade.

— Parece que você estudou bastante — disse Sloane. — Mas você não tem a menor ideia do que tudo isso quer dizer. Nós estamos, atrás de um cara... um cara que é imortal e que aprendeu muito bem com o tempo a sumir do mapa e a se defender. Os Redentores também estão atrás dele, então sabemos que se quisermos pegar esse cara, há uma boa chance de termos que lutar por ele. E não temos como matar ele sem a adaga, então provavelmente precisaremos partir para a briga por ela também. Tudo isso faz parte do porquê somos tão organizados, mas essa não é a parte mais importante.

— Qual é, então? — perguntei.

Sloane seguiu adiante com o carrinho de golfe até outro trecho o túnel, que parecia ser uma área de treinamento de tiro. As vigas de madeira haviam sido escavadas do chão, que ali era de terra fofa, onde membros da VI\I se arrastavam como soldados, erguendo-se aqui e ali para atirar contra alguns alvos, voltando depois a se abaixar. Sloane sorriu ao avistar uma mulher-soldado que parecia ter uma pontaria especial — uma menina que não devia ter mais de 12 anos. Apesar de franzina, ela parecia ser muito forte.

— Belo tiro, Jaymes! — exclamou Sloane. — Estou orgulhosa de você.

A menina olhou para ela fazendo um gesto de roqueira com a mão; depois voltou a fuzilar os alvos.

— Deem uma olhada nos meus soldados — disse Sloane para nós.

— Vocês repararam em alguma coisa neles?

Eu tinha reparado que eles eram máquinas perfeitas de morte e combate, mas me pareceu que isso seria algo meio óbvio demais para comentar.

— Todos têm menos de 30 — continuou ela. — Essa é a maldição. Nós morremos no nosso trigésimo aniversário, o que em geral só encerra uma vida de pura desgraça.

Olhei melhor para a multidão de soldados à nossa volta. Não era fácil ver direito o rosto da maioria deles enquanto rastejavam pela terra e atiravam, mas consegui avistar o que me pareceu ser um grupo inteiro de crianças muito novas — algumas tão pequenas quanto os alunos das escolinhas que minha mãe visitava todos os anos para explicar como funcionava o governo.

— E Damian? — era assim que Sloane chamava o Boca Podre. Eu ainda

podia sentir o bafo repugnante dele, e ver aqueles dentes escuros e o corpo coberto de cicatrizes e marcas. Ele não tinha como ter menos de 30 anos.

— Ele tem 21 — disse Sloane. — Nós o encontramos e o trouxemos para cá quando ele tinha 19. Não fosse por isso, já teria morrido há muito tempo.

— Como assim o trouxeram? — perguntei. — As pessoas já não nascem fazendo parte da VM? Vocês não são todos descendentes de um mesmo grupo de três homens?

— Três homens que se separaram, continuaram fugindo e tiveram vidas miseráveis nas quais tudo deu errado. Mas eles tiveram seus casos por aí e deixaram filhos para trás que não sabiam quem eram seus pais e eles tinham feito. Esses filhos cresceram sob a maldição e morreram antes dos 30 também, mas não antes de botarem no mundo outra geração de crianças que sabiam menos ainda o que diabos os avôs tinham feito. Só depois de alguns séculos alguém conseguiu ter alguma noção do que estava rolando. E essas pessoas fundaram a VM, mas levou ainda mais tempo até elas conseguirem se organizar de verdade. Nesse meio—tempo, muitos anos e várias curtas gerações se passaram. Então, sim, você já nasce fazendo parte da VM, mas tem uma pancada de moleques por aí que não tem a menor ideia de que fazem parte do nosso clubinho.

Enquanto falava, Sloane seguia em frente com o carrinho pelo longo túnel de treinamento de tiro até chegar a outra área que deveria ter sido uma estação, esta maior ainda do que as outras duas. Grande parte do espaço era ocupada por uma área de alimentação, com enormes mesas coletivas e uma bancada de refeitório para servir comida. Essa era a parte do complexo subterrâneo que parecia oferecer alguma chance de descanso a alguém. Ainda assim, vi áreas abertas onde homens, mulheres e crianças se enfrentavam feito leões disputando um território. Havia grupos de soldados esqueléticos apoiados nas paredes, fumando cigarros e charutos, enquanto suas piadas sujas e risadas brutas ecoavam pelo lugar. Mais adiante, havia um trepa—trepa, cordas suspensas e um cabo de tirolesa que funcionavam como outra área de treinamento, e também como playground, onde um emaranhado de pessoas se acotovelava em busca do melhor espaço.

Como na última estação, esta também havia sido ampliada com várias plataformas verticais, que aqui eram fechadas com o que pareciam ser paredes de fibra de vidro para que qualquer um do lado de fora e nos níveis abaixo pudesse ver tudo. Por dentro, esses espaços pareciam ser escritórios comuns, equipados com mesas, cadeiras e computadores.

— Aqueles escritórios... — disse Sloane. — A maior parte deles é dos nossos técnicos. Eles pesquisam nossa genealogia. Quando encontramos pessoas da nossa família, as trazemos para cá. É a única chance que elas têm de levar uma vida com algum sentido e esperança. No mundo lá fora, elas têm sorte se morrem cedo. Caso contrário, acabam caindo em um furacão de desgraças como o que criou caras como Damian.

Sloane parou o carrinho de golfe, desceu, e então foi direto até uma das escadas que levava até os pisos mais altos. Ela não nos pediu para fazermos o mesmo nem olhou para trás para ver se tomaríamos essa iniciativa, mas é claro que a seguimos. Sem derramar nenhuma gota de suor ou sequer ficar ofegante, Sloane subiu quatro lances de escada e chegou ao topo da estação. Mesmo com seus novos músculos, Ben não conseguiu acompanhar o ritmo dela. Ainda assim, fiquei impressionada — antes, ele nunca conseguiria fazer algo desse tipo. Mesmo se tivesse energia para subir tudo aquilo, ele morria de medo de altura. Já eu, tive que dar duro para não ficar muito atrás dele enquanto subíamos cada vez mais em direção ao teto.

— O que você acha? — perguntei, bufando enquanto tentava aproveitar que Sloane não podia nos ouvir. — Será que ela está dizendo a verdade?

— Bom, nada disso contradiz a mitologia — disse Ben. Ele tentou disfarçar, mas percebi que estava ofegante também. — E explica por que encontrar Sage é tão importante para eles. É uma questão de vida ou morte.

Ben cambaleou até a plataforma mais alta, e eu subi logo atrás. Tínhamos chegado a uma espécie de centro de comando. Uma das paredes era coberta por monitores que mostravam partes dos três quilômetros do complexo subterrâneo do metrô, tanto dos trechos reformados quanto das áreas antigas por onde Ben e eu tínhamos passado antes e que estavam no escuro, mas eram monitoradas por sensores de calor que mostravam qualquer movimento em cores gritantes.

Sloane já estava sentada, os pés em cima de uma mesa utilitária de metal e uma cerveja aberta nas mãos. Olhando para ela, tentei imaginar como seria ter uma vida com prazo de validade. Acho que minha situação era parecida — nenhuma das minhas vidas tinha durado muito mesmo —, mas havia um certo consolo no fato de não saber quando meu fim chegaria.

Desde que fiquei sabendo sobre a VM, sempre achei que eles eram vilões — pessoas frias, desalmadas e cruéis. Mas as coisas não eram tão simples assim. Sabendo agora a história inteira, me senti mal por eles. Fiquei me perguntando quantas outras coisas sobre o Elixir eu ainda não sabia direito também.

— Então, o que me diz? — perguntou Sloane. — Negócio fechado?

Olhei para Ben, que balançou a cabeça. Ele estava tão confuso quanto eu. Pelo que eu lembrava, Sloane não tinha nos feito nenhuma proposta.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Do seu namorado — respondeu ela, — Você descobre onde ele está sendo mantido pelos Redentores da Vida Eterna e nós ajudamos você a chegar até ele e a enfrentar os Redentores. Se vocês conseguirem escapar, podem fugir e viver felizes para sempre... seja lá até quando puderem.

— Se a gente conseguir escapar? Como assim?

— Se vocês conseguirem escapar da gente, digo — explicou Sloane, tomando uma golada de cerveja.— Antes que a gente mate ele.



SÓ CONSEGUI DAR RISADA.

— Então é isso? Foi por isso que você entrou no meu quarto para deixar aquela mensagem no meu computador? Você achou que eu iria ajudar vocês a encontrar Sage?

Sloane olhou para mim como se eu tivesse criado outra cabeça.

— Que mensagem?

— Sua mensagem, ué — respondi. — Victor Mike... embaixo do porco voador...?

— Do que você está falando?

Olhei para Ben, mas ele não estava prestando atenção na conversa.

Ele estava olhando para os monitores, sem dúvida alguma fazendo anotações mentais para o livro que algum dia iria escrever sobre a fascinante mitologia dos Redentores, da VM e do Elixir da Vida.

— Enfim, o que eu sei é o seguinte — continuou Sloane. — Os Redentores da Vida Eterna pegaram seu namorado no Japão. E tudo porque você armou aquela situação. Bela namorada, hein?

— Ela salvou a vida dele — disse Ben. Pelo visto, ele estava prestando atenção.

— Tanto faz — rebateu Sloane. — Quando os Redentores capturaram Sage, também pegaram a adaga. Nós ouvimos eles se gabando da história antes de cortarem todas as suas linhas conhecidas de comunicação. Estamos tentando encontrar esses caras desde então, mas nunca conseguimos.

— E aí você achou que eu poderia ajudar. Foi por isso que deixou aquela mensagem no meu computador.

— Pare com esse papo de mensagem. Eu não deixei nenhuma mensagem no seu computador. Se eu quisesse trazer você para cá, teria mandado meus soldados pegarem você, meterem um saco de estopa na sua cabeça e trazerem você para cá. Meu plano era ficar de olho caso você descobrisse algo e fosse atrás do seu namorado. Mas quando eu soube que vocês estavam vindo para cá, mudei de ideia. Mas, enfim, agora você já sabe toda a nossa história e por que a gente faz o que faz. E eu estou te oferecendo um belo negócio... sua melhor chance de encontrar seu homem ainda vivo.

— Por cerca de dois segundos antes de vocês tentarem matar ele?

Sloane encolheu os ombros.

— Eu disse que era sua melhor chance, não que ela era boa. Sei lá, talvez a gente até ache ele antes de você... aí toda esta conversa não vai valer nada. Mas eu conheço sua história... você tem um dom para encontrar esse cara. Agora, se você for atrás dos Redentores sozinha, vai se ferrar. Eles não são tão organizados quanto a gente, mas são um grupo enorme e não vão abrir mão de Sage sem lutar. Eles vão matar você assim que te acharem, e você com certeza não tem a menor chance contra eles. Mas se você cooperar, a gente te cobre. Se a gente for bater de frente com os Redentores, acredite em mim, a gente ganha. Então me diga... negócio fechado ou não?

Fiquei olhando para Sloane, reclinada naquela cadeira. Ela tomou outro gole de cerveja e sorriu com seu toco de charuto na boca.

— E se eu negar? — perguntei. — Vocês não vão me seguir de qualquer jeito?

— Ah, sim, claro. Mas você já conseguiu escapar da gente antes, então por que não entrar na dança direitinho de uma vez?

— Porque vocês estão tentando matar o homem que eu amo, oras — respondi.

— Nós não somos os vilões aqui! — esbravejou Sloane. — Você não entendeu nada? Eu sou um cadáver ambulante. Chegar aos 29 anos na VM? Isso é igual bater nos 105 para uma pessoa normal. A gente conta a vida em anos de cachorro. E a maldição não pega leve com ninguém. Não é como se você só deitasse para dormir e depois não acordasse mais. A gente sofre com as piores pragas que já assolaram a humanidade. Crianças de 5 anos carcomidas pela bactéria devoradora de carne, doenças raras que apodrecem você de dentro para fora até você se afogar no próprio sangue. Esse tipo de coisa acontece até mesmo aqui, todos os dias. O máximo que a gente pode fazer é salvar essas pessoas do que acontece lá fora: batidas de carro, tiroteios, overdoses... coisas que para a maioria das pessoas poderiam parecer só um mero acaso. Mas nada disso é por acaso; é a maldição. Os três caras que roubaram o Elixir podem até ter sido uns babacas que mereceram o fim que tiveram, mas eles morreram faz quinhentos anos. Então já são quinhentos anos de pessoas nascendo sem nenhuma perspectiva de vida, com pais que morrem cedo depois de passarem anos se afundando em desgraças. Você acha mesmo que a vida do seu namorado vale mais do que todas as nossas?

Os olhos dela ardiam de raiva, mas não consegui desviar meu rosto. Ela tinha razão. Nenhuma vida — ainda mais uma que já havia durado séculos — valia o sacrifício de tantas outras. O próprio Sage diria o mesmo. Eu sabia disso, mas lágrimas encheram meus olhos porque eu também sabia que não poderia ajudá-la, independentemente de quantas pessoas estivessem sofrendo no mundo.

— Eu não quero que Sage morra — murmurei.

Sloane respirou Bando e depois soltou o ar contra seus cabelos loiro-escuros ensebados. Ela até sorriu.

— Eu sei — disse ela. — Vocês são almas gêmeas. Mas estou contando com isso, lembra? É isso que vai levar você até ele. Só estou pedindo para você não sair correndo sozinha atrás dele sem avisar. A gente pode ajudar você a chegar aos Redentores. Você vai resgatar seu namorado. Estou te dando minha palavra de mulher condenada à morte. E se você conseguir tirar

ele de lá antes da gente, sorte sua. Vamos ficar na sua cola até encontrar ele, é claro, mas você vai ter sua chance. Isso é mais do que os Redentores te ofereceriam, e muito mais do que você vai conseguir sozinha.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Você não precisa confiar em mim. Só em você mesma. E no seu amigo aí, certo? Imagino que ele também vá entrar nessa com você, não?

— Sim. Eu vou junto—disse Ben. —Claro.

— Então pronto — disse Sloane. — Meus soldados vão garantir que você tenha uma chance de lutar. Não é muita coisa, mas é melhor do que nada.

Fiquei pensando. Sloane tinha razão. Ainda mais agora, depois de ver todo aquele complexo, eu sabia que ter a VM comigo me daria uma imensa vantagem contra os Redentores, e que eu talvez não tivesse mesmo como enfrentá-los sozinha. E não é como se eu nunca tivesse pensado em usar meus inimigos a meu favor. Foi exatamente isso que fiz no Japão: eu chamei os Redentores para que eles impedissem Sage de realizar a cerimônia que o destruiria. Eu sabia que nossa chance de escapar depois que eles aparecessem seria pequena, mas eu acreditava tanto em Sage e em mim mesma que essa pequena chance me bastou.

Ben acabou arruinando essa pequena chance. Será que ele faria isso de novo?

Eu me virei para ele. Ben estava olhando em volta como se estivesse tentando memorizar cada detalhe. Eu o entendia, acho. Ver a VM em operação e descobrir os segredos desse grupo devia ser como um sonho realizado para alguém tão apaixonado pela mitologia do Elixir. É claro que ele iria querer estar junto quando fôssemos enfrentar os Redentores, mas não sei se essa seria uma boa ideia.

Mas eu não precisava me preocupar com isso agora. Então me virei novamente para Sloane.

— Negócio fechado.

— Ótimo. Quando você descobrir o paradeiro do seu namorado e estiver pronta para entrar em ação, é só avisar nosso amigo.

Fiz uma careta, pensando em Damian.

— Você vai pôr alguém para ficar andando com a gente?

— Não preciso. Já disse: estamos de olho em você.

Então tinha alguém me vigiando em casa. Àquela altura, isso nem me surpreendeu. Mas eu precisaria descobrir quem era essa pessoa assim que a gente voltasse.

— Bom... vou levar vocês até a saída — Sloane se levantou e foi até um canto da sala, atrás de onde ela estava. Havia uma escada ali que ia até o teto, e que ela subiu praticamente correndo. Eu a segui logo depois. Ben ficou para trás, dando uma última olhada nas entranhas da VM antes de se juntar a nós.

No alto da escada havia um alçapão redondo bem no teto, com talvez um metro de diâmetro. Sloane o empurrou para cima, revelando um túnel de terra escuro com outra escada dentro. Não dava para ver até onde ela ia; a escuridão ali era total. Sloane se virou para mim e sorriu.

— Você não tem medo do escuro, tem? Ou de lugares apertados?

Sloane nem esperou minha resposta. Ela se enfiou no túnel e começou a subir. Eu a segui e logo fui engolida pela escuridão, embora ainda pudesse ver o leve brilho do escritório dela se olhasse para baixo.

— Feche o alçapão depois de passar — disse ela quando Ben entrou.

Quando ele a obedeceu, o túnel ficou totalmente escuro. Eu podia ouvir os passos de Sloane acima da minha cabeça e segui-la, mas aquele breu era desorientador. O cheiro de terra úmida, que não tinha parecido tão forte antes sob a tênue luz do escritório, agora invadia meu nariz. Comecei a ficar tonta e precisei me esforçar muito para me concentrar em cada degrau, mão após mão, pé após pé.

— Droga!

O grito veio debaixo de mim e foi seguido por um frenético debater de mãos e pés, e depois por um baque alto.

Ben tinha caído.

— É melhor tomar cuidado — disse Sloane com uma voz sibilante.

— O escuro mexe com a cabeça de algumas pessoas.

Ela esperou até ouvirmos novamente a respiração de Ben logo embaixo de mim.

— Pronto — disse ele. — Estou bem.

— Não perguntei — rebateu Sloane, e então subiu mais alguns degraus. Ouvi sons que não consegui identificar direito e depois um estalo alto. Um brilho verde fluorescente apareceu. Era um bastão luminoso. Sob a luz desse bastão pude ver que já estávamos no alto do túnel de terra. Havia uma porta redonda de metal exatamente sobre a cabeça de Sloane, com um pequeno monitor na parede ao lado. Sob o brilho esverdeado, ela ativou o monitor, que mostrou a imagem de uma rua deserta.

— São quatro da manhã e a barra está limpa — disse ela.

Ela soltou o bastão luminoso, que caiu pelo túnel, e depois empurrou a porta de metal, colocando-a de lado. Fomos banhados por uma lufada de ar gelado, fedendo a lixo podre. Tive a sensação de que havia passado uma eternidade naqueles túneis. Quando meus olhos se ajustaram ao luar, percebi que Sloane tinha se espremido de lado na escada para que Ben e eu pudéssemos passar. Assim que saímos, ela me deu um último alerta para entrar em contato quando soubesse de algo, e logo em seguida desapareceu em meio à escuridão e fechou a porta.

Estávamos em uma ruela escura, a vários metros de uma caçamba transbordando de lixo. O círculo de asfalto que escondia a porta pela qual tínhamos acabado de sair se misturava ao chão — completamente camuflado.

O fedor da lixeira era insuportável. Comecei a andar para sair logo dali.

— Espere! — Ben apertou o passo para me alcançar. Os olhos dele estavam brilhando. — Mas que coisa incrível, não? Digo, olha só para este lugar... Nem dá para imaginar que há tudo aquilo bem aqui embaixo. Mesmo as pessoas que sempre moraram aqui... pessoas que até sabem sobre o antigo metrô... nem elas têm conhecimento sobre o que está acontecendo. É tipo...

— Pare! Isso não tem graça para mim, Ben. Eu não estou fazendo uma pesquisa para uma tese de mestrado. Só estou tentando encontrar Sage. É por causa *dele* que estou aqui.

— Eu andei pensando nisso... e acho que não é verdade.

— Como assim? É claro que é verdade.

— Bom, sim, digo, é por ele que você está aqui. Você veio até aqui porque quer salvar a vida dele. Mas não é por causa dele que você está aqui.

— Ben... na minha língua, por favor...

— Acho que não foi Sage quem te deixou aquela mensagem. Você mesma me disse... ele não tem esse poder de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Sim. Ele precisaria de ajuda. Da Petra, da Amélia ou de alguém daquela família.

— Mas Petra e os outros querem afastar você dele. Então só pode ter sido Amélia.

— Sim, tudo bem. Então foi Amélia — era o que eu tinha imaginado, mas antes mesmo de terminar a frase, percebi uma falha nessa ideia. Quando eu estava no avião e tive aquela visão de Sage, uma visão que com certeza foi real, ele não reconheceu Amélia. Então ela só tinha aparecido como uma voz na cabeça dele antes? Foi assim que ela o ajudou a me mandar a mensagem?

— A gente veio para cá achando que aquela mensagem era de Sage... como um SOS dizendo que ele tinha sido capturado dos Redentores pela VM e que precisava que a gente resgatasse ele — disse Ben. Eu nem ia me dar o trabalho de corrigir esse “a gente”, então deixei que ele continuasse. — Mas no final das contas, ele não estava aqui. Ele ainda está com os Redentores.

— Certo...

— Então, como ele sabia daquele lugar? E mesmo se soubesse, o último encontro que ele teve com a VIVI não foi nada amigável. Então seja lá quem mandou a gente vir até aqui, só fez isso porque achou que Sloane poderia nos ajudar. E duvido muito que Sage pudesse sequer cogitar a ideia de pedir ajuda à VM.

— Você tem razão — concordei. — Ele nunca faria isso. Então foi... Amélia?

— Não consigo pensar em mais ninguém. Você disse que ela parecia estar querendo ajudar... mas sem que a família dela percebesse...

Ben tinha razão, e ele nem sabia sobre a última vez que eu a tinha visto. Ela deixou claro que queria que Sage e eu nos víssemos, e que a família dela não ficaria nada contente se descobrisse.

Então Amélia devia ter mandado aquela mensagem. Ela usou o cheiro de sálvia sabendo que isso iria chamar minha atenção. Ela queria que eu unisse forças com a VM.

Ela achou que eu precisaria de reforços.

Tudo parecia se encaixar... mas tantas coisas ainda não faziam sentido. Se Amélia me deixou aquela mensagem enigmática, por que já não me disse onde Sage estava? Até entendo ela achar que eu precisava de ajuda, mas esses reforços não me serviriam de nada se eu não soubesse para onde ir. E eu ainda não conseguia imaginar por que ela se importava com isso. Por que eu ficar ou não com Sage era tão importante para Amélia ou para a família dela?

Por enquanto, não havia mais nada a ser feito a não ser voltar para casa. O lado bom de ter envolvido Ben nisso tudo era que ele poderia me ajudar a entender melhor os poucos fatos concretos que eu tinha em mãos sobre o paradeiro de Sage e assim talvez encontrá-lo mais rápido.

Ben pegou o celular e viu os horários dos voos. Apesar de ainda termos algumas horas para matar, não daria tempo para achar um hotel e dormir um pouco. Então decidimos ir embora dali andando. O sol nasceu durante o caminho, banhando tudo à nossa volta com o leve toque rosado da alvorada. Piquei meio quieta; na minha cabeça, eu já estava planejando meu próximo encontro com Amélia, listando tudo o que queria perguntar a ela.

Isso se eu fosse ter outro encontro com ela. Lembrei-me do quanto ela parecia estar com medo quando falou que precisava esconder tudo da família. Torci para que ela estivesse bem.

Ben e eu não tínhamos nenhum destino específico, mas acabamos chegando à Purple People Bridge, uma passarela de pedestres que interliga Cincinnati a Kentucky onde iríamos pegar nosso avião. A ponte estava quase deserta àquela hora. Tentei me virar para Ben, mas o sol estava nascendo bem atrás da cabeça dele, então acabei tendo que estreitar os olhos e desviar o rosto.

O silêncio entre nós era tranquilo e amigável. Eu não poderia nem dizer que ele o quebrou, mas que apenas o contornou com toda a habilidade.

— Então... Rayna e Nico, hein? — disse ele.

— Para ela, foi amor à primeira vista — comentei.

— Eles formam um belo casal — disse Ben. Em seguida, ele sorriu e completou: — E eu que sempre achei que Rayna nunca iria ter rédeas na vida...

— Noooossaa... — disse eu, fazendo uma careta por conta da piadinha infame.

— O que foi? Não seja tão cavala!

— Que tosco, Ben!

— Por quê? Acha que estou perdendo as estribeiras?

— Meu Deus, Ben, assim você me mata.

— Bom, espero que não. Espero mesmo que não.

A voz de Ben ficou séria. Eu me virei para ele, mas seus olhos estavam baixos. Eu sabia no que ele estava pensando, mas não tinha a menor ideia do que dizer.

Andamos mais um pouco.

— Eu quero me redimir por tudo por fim disse Ben. — Eu preciso me redimir — nós ainda estávamos andando, e ele continuava olhando para os próprios pés. Ben estava falando tão baixo que eu mal conseguia ouvir. — Esta é minha última chance — continuou ele. — Se Sage morrer e eu não tiver feito tudo o que posso para compensar as coisas...

— Ele não vai morrer.

— Mas pode ser que morra. Não estou dizendo isso para te chatear. Clea. Eu espero mesmo que não aconteça nada. Mas pode ser que aconteça... e aí estarei ferrado. Não vou ter como me redimir. Nunca.

— Eu não penso assim. Você é uma boa pessoa, Ben. Ben soltou um riso engasgado.

— Uma boa pessoa com uma alma ruim.

— Não...

— Eu sei que você tem bons motivos para não querer minha ajuda nisso. Também sei que você nem teria me trazido aqui se eu não tivesse escondido tudo de você até o último segundo. Mas por favor... eu preciso fazer parte disso. Eu preciso dessa chance para me redimir antes que...

Ele nem precisou terminar.

Eu não sabia o que responder. Eu queria dizer que confiava nele... mas não sei se devia, e eu não podia pôr a vida de Sage em risco só porque Ben queria mais uma chance para se redimir.

— Você não precisa falar nada — disse ele. — Só ... enfim... pense nisso.

Fiz que sim com a cabeça. Pelo menos isso eu poderia prometer a ele.

Continuamos andando em silêncio mais um pouco.

— Mas e aí... você está ficando com Suzanne? — perguntei, imaginando que esse seria um assunto mais tranquilo.

— Ah, meio que...

— Que bom. Fico feliz por você.

— Sério?

— Sim, claro.

— Obrigado.

Continuamos andando sem dizer mais nada até o fim da ponte, mas sob um silêncio menos tenso. Quando chegamos a Kentuck^{3/4} estávamos exaustos demais para fazer qualquer coisa. Acabamos parando em um restaurantezinho que tinha uma tevê ligada e ficamos vegetando na frente de um programa matinal tosco enquanto tomávamos um café (ele) e um chá (eu). Depois que finalmente chegamos ao aeroporto, fizemos o check in e embarcamos, eu capotei na minha poltrona como se fosse uma cama de plumas. Logo antes de cair no sono pensei em Sage. Eu sabia que se pudesse vê-lo de novo nos meus sonhos, conseguiria enfrentar qualquer coisa.

Depois de não mais de um segundo, abri os olhos e me vi sentada em uma espreguiçadeira branca de madeira no meio de um vasto gramado. O sol reluzia ao longe, sobre belíssimas montanhas cobertas pelas copas de árvores frondosas.

— É lindo, não é?

Eu me virei para a direita e vi Petra ao meu lado, sentada em uma espreguiçadeira igual à minha. Ela estava toda relaxada, tomando sol, os cachos presos em um rabo de cavalo solto, e usava um enorme par de óculos escuros. Ela chegou mais perto de mim e abaixou os óculos.

— Você parece surpresa em me ver, Clea. Por quê? Tem mais alguém visitando você nos sonhos?

Ela disse isso em tom de brincadeira, mas percebi um brilho ameaçador nos olhos dela.

— Acho que eu não conseguiria lidar com mais ninguém — disse eu. — Ainda estou tentando entender se você é real ou não.

—Ah, eu sou real, sim— disse ela, relaxando de novo na espreguiçadeira.
— Se você confiar em mim, vai ver que sou a melhor amiga que você já teve. Ainda vou poupar você de muita dor no coração. Ah, veja só, cabritinhos!

Segui os olhos dela até uma planície ao longe. E, de fato, lá estavam vários cabritinhos pastando enquanto saltitavam, pulavam e trombavam uns nos outros.

Em meio a eles estavam Sage e Lila. Na mesma hora fui transportada para o lado deles.

— Sage! — exclamei, estendendo as mãos... mas não consegui tocá-lo.

— Você é meio lenta mesmo, bem? — disse Petra, me puxando para trás.
— Ele não pode ver nem sentir ou ouvir você, então não perca seu tempo.

Essas palavras doeram em mim. Ela pareceu perceber.

— Calma, aqui vai um conselho de melhor amiga — disse Petra.

— Você vai ver que pode aprender muito mais se ficar quietinha, só observando as coisas.

Não foi o conselho dela que me levou a fazer isso. Foi o próprio Sage.

Da última vez que eu o tinha visto com Lila, ele estava muito machucado. Agora ele estava sorrindo.

Ele estava andando tranquilamente, no mesmo ritmo de Lila, balançando as mãos ao lado do corpo, enquanto parecia se deleitar com a brisa que soprava os cabelos dele para trás.

Sage parecia contente. Mais do que contente. Ele parecia... feliz.

— Está pronto? — perguntou Lila. Ela enfiou a mão em uma pequena bolsa pendurada em um dos braços e pegou um punhado de cenourinhas. Depois as mostrou para os cabritinhos que estavam pastando.

— Olhem aqui! Vejam só o que eu trouxe!

Os cabritinhos avançaram em um miniestouro de manada. Havia dez deles, todos pulando de um lado para o outro, fuçando a mão de Lila, a bolsa, a barra do vestido dela. Ela soltou um grito de brincadeira.

— Um de cada vez, tá? Tem para todo mundo!

Ela tentou repartir as cenouras, mas os cabritinhos não quiseram esperar. Eles não paravam de pular, enquanto ela gritava e ria até quase perder o fôlego.

— Sage! — gritou ela. — Me ajude!

— Não sei, não... Acho que você consegue se virar sozinha.

— SAGE! — um cabritinho a pegou de surpresa, erguendo-se nas patinhas traseiras e batendo as patas da frente na barriga de Lua, derrubando-a na grama. As cenourinhas espalharam-se por todos os lados, muitas delas em cima de Lila, e os cabritinhos foram à loucura, fuçando, balindo e trombando uns nos outros enquanto lutavam pelo banquete. Lula soltou gritinhos e risadas, fazendo carinho nos animaizinhos enquanto eles fuçavam o rosto dela. Quando eles se empolgavam demais, ela se afastava um pouco, mas nunca conseguia ir muito longe, presa em meio à comilança desenfreada.

Tive um breve devaneio pensando que aqueles cabritinhos poderiam se transformar em lobos enfurecidos de repente. Afinal, eu estava sonhando, então poderia até acontecer... mas não rolou.

— Sage! — gritou ela de novo entre uma risada e outra, e desta vez ele a ajudou. Ele abriu caminho entre o mar de cabritinhos, e quando eles baliam para ele, Sage balia de volta. Ele alcançou Lila e pegou-a no colo, fazendo-a ter outro ataque de gritinhos. Os cabritos ficaram para trás, com as cenourinhas abandonadas, enquanto Sage tirava Lila dali, como um noivo chegando com a esposa em casa. Assim que alcançaram na distância segura, Lila finalmente parou de soltar seus gritinhos e olhou nos olhos de Sage.

— Você me salvou! — disse ela.

Nojenta.

— O prazer foi meu — disse Sage.

— Ponha ela no chão! — disse eu em voz alta, mesmo sabendo que ele não podia me ouvir. — Ponha já ela no chão! Ponha ela no chão!

E foi o que Sage fez... mas deixando o corpo macio de Lula escorregar pelo dele antes de ela tocar os pés no chão. Ele ainda manteve os aços em volta dela por mais um instante, como se estivesse com medo de ela cair.

Lila não estava correndo nenhum perigo de cair.

Os olhos dos dois se encontraram e, por um angustiante momento, achei que eles fossem se beijar.

— Obrigada — disse Lila, chegando mais perto dele.

Sage deu um passo para trás, desfazendo o feitiço entre eles.

— Imagina — respondeu Sage, mas sem olhar para Lila. Os olhos dele pareciam distantes agora.

— Eu a vi de novo, Lila.

— O quê?!

A exclamação veio de Petra. Ela apareceu bem ao meu lado, o rosto torcido de raiva. É claro. Ela não sabia que Amélia tinha feito eu me encontrar com Sage.

Meu coração disparou e pude sentir o olhar enfurecido de Petra antes de ouvi-la sibilar:

— Ele viu você?

Encolhi os ombros e balancei a cabeça, como se não soubesse de nada.

Petra chegou mais perto de Sage, ainda invisível, e parou bem na frente do rosto dele.

— A gente estava... bom, não sei onde a gente estava, mas eu a vi e a abracei, e tinha uma...

Ele ia falar. Ele ia dizer alguma coisa sobre Amélia. Implorei que ele não dissesse nada. Se existissem mesmo energias psíquicas neste mundo, que elas entrassem em ação agora. Eu não sabia quem ou o que Amélia era na verdade, mas tive a terrível sensação de que se Petra descobrisse o que ela havia feito, não era só Amélia quem iria pagar caro por isso... Acabaria sobrando para mim e para Sage também.

Um ar sombrio tomou o rosto de Sage e depois se esvaiu.

— Foi um sonho, só isso. E que pareceu... pareceu tão real...

Petra tinha voltado a me encarar, buscando a verdade com seus olhos, mas me concentrei no rosto de Sage como se minha vida dependesse disso.

Não foi difícil.

Em seguida, os olhos dele se voltaram para os meus.

Dei um passo à frente. Não consegui evitar. Ele estava olhando diretamente para mim, com um lindo ar de saudade nos olhos, mas que também era muito triste, pois era de mim que ele sentia falta, e por mais que eu estivesse ali, bem ali na frente dele, ele simplesmente não podia me ver. Não sei por que eu estava invisível para Sage desta vez, mas eu estava.

Ergui o braço e pus a mão na bochecha dele, sabendo que eu não iria

sentir nada. Lágrimas encheram meus olhos.

— Ela é minha vida — disse Sage, olhando para o nada através de mim, mesmo enquanto eu me inclinava para tentar beijá-lo, esperando que ele finalmente sentisse minha presença...

Mas ele se virou ao ouvir Lila fungar. Ela estava olhando para o chão e chorava baixinho, mas tentando disfarçar. Sage pôs a mão sob o queixo dela e ergueu-lhe o rosto.

— Desculpe — disse ele. — Sei que isso não é justo com você.

— Eu não tenho como mudar seus sentimentos.

— Não... mas não preciso ficar falando sobre essas coisas. Não é certo. Não depois do que você me disse.

O que foi que ela disse?

Ela abriu um sorriso de cachorrinho sem dono para Sage.

Uma onda de fúria borbulhou dentro de mim e eu pulei no meio dos dois, o que não interferiu em nada no momento entre eles.

O que foi que ela disse, Sage? Que ela te ama? E você acreditou?! Ela está com eles! Com os Redentores! Por que você iria acreditar no que eles dizem? Eles sequestraram você! Eles estão prendendo você aqui! Eles estão torturando você! São essas as pessoas que juraram proteger você e que agora estão te machucando! E você ainda vai acreditar em uma delas?

Gritei todas essas palavras dentro da minha cabeça, sabendo que ele não iria me ouvir.

Sage e Lila começaram a andar de novo. Ver essa cena doeu muito em mim.

Petra abriu um sorriso malicioso.

— Você reparou? — perguntou ela. — Da última vez que você viu os dois, Sage estava preso. Mas agora ele parece estar bem à vontade por aqui. Livre para fugir, por exemplo... ou para fazer longas caminhadas românticas com uma mulher que claramente o adora. É interessante perceber o que foi que ele escolheu.

Olhei para o horizonte. Claro, ele parecia estar livre, mas atrás daquelas árvores ao longe devia haver uma cerca de arame farpado. Ou atiradores de elite. Ou uma parede invisível — como as barreiras de som para cães, só que

para pessoas.

Tentei me convencer disso, mas ao mesmo tempo eu sabia que não era verdade. Se quisesse, Sage poderia escapar. Ele simplesmente... não tentou.

Mas era impossível.

Não podia ser simples assim. Tempos atrás, eu já tinha pensado que ele havia traído minha confiança, ou que ele era perigoso, mas estava errada. Eu não podia tirar nenhuma conclusão apressada. Em geral, quando se comportava de algum jeito mais estranho, Sage só estava tentando me proteger. Será que era isso? Será que os Redentores tinham ameaçado fazer algo comigo se ele tentasse fugir?

Será que eles tinham ameaçado fazer algo com Lila?

Eles seriam mesmo capazes de sacrificar um membro do grupo assim? Eu imaginava que não, mas antes eu também achava que a VM era só um bando de pessoas cruéis e sanguinárias, e que os Redentores só queriam proteger Sage. No fundo, eu não sabia de muita coisa, pelo visto.

Mas, e se a vida de Lila estivesse mesmo em perigo? Será que Sage gostava suficientemente dela a ponto de ficar ali só para salvá-la?

Eu precisava descobrir mais sobre tudo aquilo. Disparei atrás de Sage e Lila, correndo o mais rápido que podia...

... mas aquela mesma fisgada no meio do meu corpo me fez tropeçar.

O mundo todo começou a rodopiar, e me vi no centro de um violento redemoinho, sendo sugada cada vez mais para longe daquele lugar...

— Clea, o que foi?

Era Ben, e ele era só uma das vinte pessoas que estavam olhando para mim.

Eu tinha acordado gritando no avião.



EU AINDA NÃO HAVIA ME RECUPERADO DO ESFORÇO PARA FAZER Sage e Clea se reencontrarem. Foi muito mais cansativo do que eu tinha imaginado. Eu mal estava conseguindo evitar aquele estado de não existência. Ficar sem fazer nada, sem pensar em nada... isso ajudava, e era exatamente assim que eu estava quando algo agarrou minha mente com toda força.

Minha mãe.

— O que você acha que está fazendo? — esbravejou ela.

— Ai! Nada!

— Você não andou visitando Sage?

— Não! Ai! Pare!

— Tem certeza? Porque eu ouvi Sage dizer que sonhou com Clea.

— Bom, então foi só um sonho! Um sonho normal!

— É mesmo? Porque ele não deveria estar mais sonhando com ela. Nós queremos que ele se esqueça dela, lembra? E isso não vai acontecer se alguém continuar fazendo com que eles se vejam em sonhos, Amélia.

— Eu não fiz nada! Eu juro, eu não fiz nada! Por favor, você está me machucando...

— *Eu quero acreditar em você, quero mesmo. Mas se eu descobrir que você está mentindo... se você estiver atrapalhando nossos planos, não é só comigo que você vai ter que se ver, mas com todos nós.*

— *Tudo bem, mas eu não fiz nada! Ai!*

— *Ótimo. Então continue assim. Porque se você fizer qualquer coisa, eu vou ficar sabendo — ela parou de estrangular minha mente. — Mas por sorte, o sonho não afetou Sage. Ele só pensa na Lila agora. Tudo estará resolvido até a próxima lua cheia.*

Ela deu uma apertada final na minha consciência antes de ir embora, e não tive mais como resistir ao nada. Meu último pensamento antes de desaparecer foi: “Outra saída... preciso pensar em outra saída...”.



— NÃO FOI NADA — DISSE BEN. ELE ESTAVA DE PÉ EM FRENTE À sua poltrona no avião, falando com as outras pessoas. — Foi só um ataque de pânico. Acontece às vezes, é normal. Não precisam se preocupar — e, em seguida, ele abaixou a voz e sussurrou com um ar dramático: — Ela anda tomando uns remédios.

Ele se sentou de volta na poltrona e olhou para um médico que, inclinado em cima de mim, ouvia meu coração com um estetoscópio de novo.

— Está tudo bem, doutor?

— Tudo ótimo.

— Que bom — Ben apertou a mão do médico. — Ainda bem que você pensou em trazer seu estetoscópio na bagagem de mão.

— Nunca se sabe quando vamos precisar! — concordou o médico.

Ben apontou o dedo para ele como quem diz “é verdade!”, e o médico então voltou para a poltrona dele.

— Aposto que ele passou a vida inteira esperando ouvir alguém gritar “Ajudem! Tem algum médico a bordo?” — disse eu.

— Nossa, é claro — concordou Ben. — Mas e aí, vai me contar o que aconteceu?

Fiz uma careta, sem saber quanto poderia falar.

Ben soltou um suspiro.

— Bom, vamos fazer assim. Vou dizer o que eu acho que aconteceu — sugeri eu. Acho que alguém apareceu nos seus sonhos de novo e te mostrou algo que você não queria ver.

— Ben...

— Foi Petra? Amélia? Ou algum daqueles homens? O que eles disseram? Comecei a revirar o bolso nas costas da poltrona da frente.

— Odeio esses voos de duas horas. É tempo suficiente para ficar entediada, mas não para eles passarem um filme.

— Imagino que eles não tenham feito nada de irreversível com Sage. Senão você não teria se recuperado tão rápido assim.

— Será que ainda tem amendoim? — perguntei. — Eu queria mais uma água.

— Quem são essas pessoas? O que elas te disseram? O que elas querem? Por que você ficar ou não com Sage é tão importante para elas?

— Ben...

— Eu já te falei, Clea. Eu quero me envolver. Eu preciso disso. Você não precisa me contar nada, mas se for assim, vou ter que continuar investigando sozinho. Por favor, só não me corte desse jeito. Eu tenho muita coisa em jogo nessa história.

— Eu sei, mas...

Como eu iria explicar para ele? Ben estava preocupado com o destino da sua alma imortal, o que eu entendia, mas isso era algo abstrato. Eu nem sabia se o céu e o inferno existiam mesmo. Meu pai achava que não. Para ele, as pessoas só deixavam de existir, e se fosse essa a verdade, nada do que Ben fizesse agora poderia mudar isso.

Mas Sage precisava de mim neste mundo. Eu faria qualquer coisa para salvar a vida dele, e se para isso eu tivesse que magoar Ben, que assim fosse.

— Tudo bem — disse ele, entendendo a mensagem por trás do meu silêncio. — Vamos fazer assim... depois que a gente pousar, pegue um táxi

para sua casa. Não quero atrapalhar nada.

— Aonde você vai?

Ele tinha se levantado e se instalado a várias poltronas de distância de mim.

— O voo não está cheio. A gente se vê por aí — disse ele, e então foi se sentar em uma poltrona vazia no fundo do avião.

Quando pousamos, não esperei Ben. Nem virei a cabeça para ver se ele estava atrás de mim.

Fiz exatamente o que ele sugeriu e peguei um táxi.

Mas eu não queria voltar para minha casa. Então liguei para Rayna.

— Sabia que você precisa falar “ô!” para um cavalo parar? — disse ela assim que atendeu.

— Sempre achei que fosse “eia!”.

— Pois é, parece que não. Eu não sabia disso até Nico sair comigo para fazer uma trilha hoje de manhã. Eu estava indo na frente e aí ouvi ele gritar “ô, potranca!”...

— Meu Deus, ele te chamou de potranca?

— Não! Mas na hora pirei! Achei que ele tinha lido meu diário ou alguma coisa assim.

Dei risada.

— Você? Escrevendo um diário?

— Eu sei! Dá para imaginar?

— Onde você está agora?

— Acabei de tomar um banho depois de voltar do passeio e estou prestes a vegetar vendo o pior reality show que eu conseguir encontrar.

— Poxa, que legal.

— Não tem coisa melhor, né?

Durante toda essa conversa, eu estava indo até a casa de hóspedes onde Rayna morava com os pais, Wanda e George. Entrei e fui direto para a cozinha, mas sem desligar o telefone, por mais que já estivesse até vendo Rayna agora, toda esparramada no sofá da sala. Ela acenou para mim. Eu acenei para ela.

— Nossa, tem amora aqui! — disse eu, enfiada dentro da geladeira.

— Traz para cá. E umas Cocas Diet também. E se você estourar uma pipoca, prometo ser sua melhor amiga para o resto da vida.

— Eu sei que você já é minha melhor amiga para o resto da vida.

— Tá, então você me traz de volta na próxima. Aposto que vou ser mais legal do que Ben.

— Pois é, nem me fale.

Desliguei o celular e, cinco minutos depois, já estava com uma bandeja abarrotada de pipoca, amoras, refrigerantes e vários pedaços de uma pina de cogumelos fria que estava mais ou menos na parte da frente da geladeira, então não deveria ser tão velha assim.

— Aaah, boa ideia — disse Rayna, pegando um pedaço da pizza.

— Proteína, né? — disse eu.

Rayna encontrou um programa de maquiagem na tevê — um daqueles em que eles chegam do nada para uma pessoa qualquer, botam várias câmeras na cara dela, dizem que ela está horrível na frente de um zilhão de pessoas até ela chorar, e depois tentam consolar a pobre-coitada com uma maquiagem que ela nunca vai conseguir fazer de novo sozinha e um visual incrível todo complicado e impossível de reproduzir na vida real.

Coisa de primeira.

Ficamos um tempo ali, só comendo e vendo tevê. Essa era uma das coisas que eu adorava em Rayna. Ela percebia quando eu tinha alguma coisa para falar, mas também conseguia sentir quando eu precisava de um tempo para ficar na minha. Talvez por saber que cedo ou tarde, independentemente do que fosse, eu acabaria contando tudo para ela de qualquer jeito.

— O que será que Sage ficou fazendo entre Olivia e Catherine? — por fim perguntei.

— Como assim?

— Ou entre Catherine e Anneline. Ou entre Anneline e Delia.

— Ou entre Delia e você?

— Entendeu aonde quero chegar?

— Ué, achei que ele tinha te falado — disse Rayna. — Ele ficou sofrendo por você.

— Certo. Mas e quando ele não estava sofrendo por mim? Enfim, ele é

homem.

— Tudo bem... deixa eu ver se entendi direito. Você está chateada por achar que Sage pode ter te traído... antes de você nascer? Você está ficando doida.

— Falando assim, parece uma bobeira.

Rayna arqueou uma sobrancelha.

— Tá, tudo bem — disse eu. — Mas não é por ciúme. Enfim, eu só estava pensando, e é bem provável que ele tenha se apaixonado por outras meninas e tido outros relacionamentos antes.

Eu estava falando como se fosse uma advogada, mas ao mesmo tempo implorando com os olhos que Rayna me dissesse que eu estava errada e completamente maluca só de pensar em algo assim.

— Sei que você quer me ouvir dizendo que ele não ficou com ninguém... e talvez nem tenha ficado mesmo... mas, sim, ele é homem. E cem anos entre um namoro e outro é muito tempo. Por mais que vocês se amem, é tempo demais para ficar na seca — disse ela. Eu sabia que era verdade, mas não era isso que eu queria ouvir. — Mas sei lá, Clea, mesmo que ele tenha passado por outros relacionamentos... e não estou dizendo que passou... não é como se ele tivesse te traído! Você nem estava viva! Ele não tinha nem como saber se você ia voltar! Ele não tinha como ter certeza. E agora você voltou...

Rayna leu meus pensamentos.

— Ah, por favor! — disse ela. — Você está pirando assim por causa da assanhadinha metida a enfermeira daquele hotel cheio de fru-fru? Pare com isso. Sage não está te traindo. Aquele cara é obcecado por você! Você não lembra? Fiquei um tempão do lado dele enquanto a gente fingia que ele era meu namorado para sua mãe, e não senti absolutamente nada da parte dele. Nada. Não tem nem chance. Ele é seu.

— Mas não é só isso.

— É claro que não é só isso! — rebateu Rayna. — Você saiu com Ben atrás de um bando de brutamontes armados para trazer ele de volta, e agora você voltou, mas Ben e Sage não, e eu estou aqui há eras, esperando com toda a paciência do mundo, você desembuchar logo de uma vez!

Ela pegou um punhado de pipoca e então ficou paralisada.

— O que foi?

— A pipoca. Está sem parmesão.

Ela levantou com um pulo, foi até a cozinha e encheu a pipoca de queijo ralado.

— Tudo bem. Agora sim, pode falar.

Contei a ela então tudo o que aconteceu. Não fui muito a fiando sobre as coisas da VM: só disse que Sage não estava lá e que eles se ofereceram para me ajudar contra os Redentores. Rayna não ligaria para o resto mesmo. Mas falei para ela do meu sonho com Sage e Amélia, do outro sonho na viagem de volta, e do quanto Ben estava preocupado com sua alma imortal. Rayna assimilou tudo.

— Bom, tanto faz. Ben vai se virar.

— Não sei. Ele está preocupado mesmo.

Ela fez um gesto de desdém.

— Mas, enfim, você acha que Sage e a menina dos cabritinhos estão...?

— Ela disse que está apaixonada por ele.

— Você não ouviu ela dizer isso.

Olhei bem para Rayna. Eu tinha contado toda a conversa entre eles, palavra por palavra. Que outra conclusão alguém poderia tirar daquilo?

— Tudo bem. Sim, talvez ela tenha dito.

Ergui uma sobrancelha.

— Tá bom! Então ela disse! Ela está apaixonada por ele! E daí? Você acha que sempre que eu me declaro para um cara ele se apaixona por mim na mesma hora? — Rayna parou para pensar um pouco. — Tudo bem, talvez esse tenha sido um mau exemplo...

— Ele foi compreensivo com ela. Pediu desculpas por ficar falando de mim. Como se ele se sentisse mal por gostar de mim só porque ela poderia se magoar com isso. Sua “alma gêmea” não deveria pensar assim.

— Talvez ele esteja fingindo — disse Rayna. — Você mesma disse que talvez eles possam estar usando ameaças contra você para evitar que ele fuja. Fora isso, e se eles tiverem mesmo algum tipo de cerca ou sei lá o que, ou caras escondidos com armas apontadas para ele? Você não sabe.

— Sei lá... não é como se ele nunca tivesse ficado com mais ninguém

antes...

— Sério? Você não vê mesmo diferença entre a hipótese de que Sage talvez tenha dado uma rapidinha com alguém antes de você sequer existir e ele só estar fazendo o que for preciso para proteger a mulher que ama, ou mesmo só para não ser mais torturado?

Olhei para ela, boquiaberta. Piquei tanto tempo assim que Rayna acabou jogando uma pipoca dentro da minha boca.

— Tá, eu sou uma idiota — por fim disse eu, depois que parei de engasgar e de dar risada.

— Você é só uma namorada ciumenta — disse Rayna. — E bem parecido, mas diferente. Já eu, por outro lado, não tenho nenhum motivo para ter ciúme. Aposto que Nico era uma freira antes de me conhecer.

— Você sabe que só mulher tem como ser freira, né?

— Um freiro então, é assim que se fala?

— Um frei. Freiro não existe.

— Que pena. Freiro é tão mais legal.

— Tudo bem, então. Ele era um freiro.

— Exatamente — disse Rayna. — Ele tem 21 anos... e eu fui a primeira namorada dele.

— Ah, sei...

— É sério, Clea. Eu passo o dia todo com ele. O que você acha que a gente fica fazendo? — perguntou Rayna. Ela nem me esperou responder. — Não! Pare de pensar besteira! Ele é um rapaz puro! A gente só conversa. E muito legal.

— Imagino mesmo.

— Cala a boca. Eu gosto. São histórias muito tristes. Nico fica me contando da vida, e até me dá vontade de pedir para meus pais adotarem ele... mas aí já seria incesto, né?

— Eu sei — disse eu. — Pai morto, família pobre, quatro irmãos mais novos...

— Dois — corrigiu ela.

— Não eram quatro?

— Eram quatro. Eram. Dois já morreram.

— Meu Deus, O que aconteceu?

— É bizarro. Foi horrível. Um dos irmãos dele nasceu com um tipo super-raro de doença de pele. A pele do menino era tão dura quando ele nasceu que parecia até uma armadura. Eu pesquisei na internet... isso existe mesmo. Algumas pessoas até chegam à idade adulta com isso, mas é raro. A pele delas é tão dura que as pálpebras acabam virando do avesso, e elas precisam lambuzar o corpo inteiro com vaselina, caso contrário nem conseguem se mexer... é insano.

— Que horror. Que idade o irmão do Nico tinha quando morreu?

— Ele só tinha 3 anos. E a irmã dele... nossa, foi um lance totalmente aleatório. Ela estava com 16 anos e tinha pegado o carro pela primeira vez quando uma tempestade começou a cair do nada. Ela não quis dirigir na chuva, então decidiu voltar, e quando já estava a uns cem metros de casa, um raio acertou uma árvore que caiu em cima do carro e esmagou ela lá dentro. Ela acabou morrendo porque decidiu não se arriscar e voltou para casa. Bizarro, não é?

— Pois é — disse eu, mas para mim aquilo não parecia bizarro. Parecia uma maldição.

— Que idade o pai dele tinha quando morreu? — perguntei.

— Por quê?

— Só por curiosidade... essas histórias são tão horríveis que quero pensar que pelo menos ele pôde curtir o próprio pai por um tempo.

Não foi uma desculpa muito boa, mas foi a melhor que consegui inventar. Por sorte, Rayna estava tão envolvida na trágica vida de Nico que nem reparou.

— Pior que não — disse ela. — O pai do Nico morreu logo depois que o irmão mais novo dele nasceu. Ele só tinha 28 anos.

— Vinte e oito? Quantos anos ele tinha quando teve Nico?

— Dezenove. Os pais dele começaram cedo.

Mas é claro, pensei eu. É o que você faz quando sabe que vai morrer antes dos 30.

— Nico fica bem mal por isso às vezes — disse Rayna. — Bom, é claro que fica, né? Mas... ele é bem supersticioso também. Ele conta essas coisas do pai, do irmão e da irmã, e parece que o pai já tinha falado de várias outras

pessoas da família que morreram bem jovens...

— O pai do Nico falava dessas coisas quando ele tinha o que, 9 anos?

— Até menos. Zoadado, né? Não sei nem como ele não acabou virando um maluco.

— Pois é.

Acho que agora seria a hora de eu dizer que Rayna estava fazendo muito bem para ele, mas não consegui. Não sabendo o que eu sabia.

— Aposto que ele já fica melhor só de conversar com você — disse eu. Pelo menos isso era verdade, acho. Não acredito que ele se abriria sim se não achasse necessário.

— Obrigada — disse Rayna. — Acho que sim. E por mais que ele ainda não tenha me deixado pular em cima dele, eu pelo menos sinto que estou fazendo algo para melhorar a vida dele. É como se Nico fosse m filhinho adotivo para a Angelina Jolie que existe dentro de mim.

— Isso quase me tocou.

— Pois é... é esse quase o maior problema que tenho quando estou com Nico.

— Ei, olha só — disse eu. — A mulher da maquiagem está para reencontrar as ex-colegas de escola!

— Ela ficou toda gatona — disse Rapa.

— Totalmente.

Nós duas nos concentramos na tela, o que foi ótimo, porque eu mal estava conseguindo parar quieta no sofá e não queria que Rayna percesse. Então me forcei para aguentar até o fim do programa.

— Será que Nico está lá nos estábulos? — perguntei eu da forma mais natural possível. — Acho que quero dar um passeio a cavalo.

— Vamos lá ver.

Resposta errada. Eu precisava conversar com Nico sem Rapa por perto.

— Ah, é que... eu queria dar uma volta sozinha mesmo. E aposto que consigo arrancar algumas confissões dele sobre você antes de sair.

— Perfeito. E assim eu ainda posso terminar a pipoca. Vou mandar uma mensagem dizendo que você está atrás dele.

— Legal. Vou lá falar com ele e dizer que você está atrás dele.

— Meu Deus, se ele ainda não se tocou disso, ele é um freiro mesmo.

Ela pegou o celular para mandar a mensagem e eu saí andando da casa, mas depois disparei e fiji quase correndo até os estábulos. Nico estava lá, acabando de pôr o celular de volta no bolso.

— Ah, oi, Clea — disse ele. A Rayna disse que você estava vindo para dar uma volta. Quer que eu ponha a sela no Buchanan?

— Nico, chega de conversa — disse eu. — Eu sei quem você é e sei o que você está fazendo. Eu nem ligo para o fato de você estar aqui me vigiando, mas não ouse mexer com minha amiga.

Nico se remexeu sem jeito.

— Eu não sei o que ela te disse... — explicou ele. — Mas a gente não... digo, eu nem...

— Não estou falando disso. Você é da VM. Sloane fez você arrumar esse trabalho aqui quando voltei do Japão, mas eu já sei de tudo. Seu verdadeiro trabalho aqui é me espionar. E mexer com a cabeça da Rayna não faz parte das suas funções — então arregalei os olhos quando me dei conta de uma coisa. — A não ser que... meu Deus, isso faz parte das suas funções? Sloane mandou você ficar com Rayna só para se aproximar de mim?

— Não! Não foi nada disso.

Imaginei que Nico se transformaria totalmente assim que eu desmascarasse sua vida dupla, mas não foi o que aconteceu. A voz e os trejeitos dele continuaram iguais... só que agora ele estava falando a verdade. Nico se sentou em um banquinho e começou a mexer as mãos em parar.

— Você não vai contar para Rayna, vai?

— Ela é minha melhor amiga.

Eu não quis dizer que iria contar tudo para ela, mas foi isso que Nico entendeu.

— Ah, droga... — disse ele. — Ela vai achar a mesma coisa que você, e aí...

Ele se levantou do banquinho e começou a andar em círculos, todo nervoso.

— Você gosta mesmo dela?

— Para ser sincero, Clea... eu amo Rayna. Odeio ter que mentir para ela, e

odeio ter que me manter meio distante, mas eu preciso me concentrar. Você conversou com eles. Sloane me disse. Você viu aquelas pessoas, todas amaldiçoadas por algo que não fizeram, O que importa isso — Nico abriu um sorriso. — Mas agora, com sua ajuda, a gente em uma chance. Podemos nos livrar dessa praga e... ah, droga... — disse ele, percebendo que estava falando sobre matar o amor da minha vida. — Droga, desculpe, Clea. Sei que não deveria ter dito isso para você. Enfim, Rayna me contou um pouco sobre você e Sage... não que ela tenha ficado falando de vocês, nem nada, ela só falou do quanto vocês e amam, não das coisas que eu sei porque... bom... e eu só... enfim, deve ser muito difícil para você.

Essas foram as palavras mais solidárias que eu já tinha ouvido de alguém tão envolvido com o Elixir quanto eu. Quase chorei. Foi bizarro.

Eu faria qualquer coisa no mundo para salvar a vida de Sage. Isso não tinha mudado. Mas ao mesmo tempo, eu também queria muito que Nico pudesse se livrar daquela maldição que ele nunca tinha feito nada para merecer. Ele faria bem para Rayna, e ela já estava fazendo bem para ele.

Eu queria que Sage, e Nico, tivessem vidas longas e prósperas, mas sabia que nunca poderia ter as duas coisas... agora eu entendia por que as crianças faziam birra. Eu estava muito perto de me jogar no chão e começar a espernear e gritar.

— Deve ser difícil para você também — disse eu.

— É, sim.

Ele não disse mais nada. Imaginei que qualquer coisa que dissesse seria de longe o maior eufemismo do mundo.

— Você quer mesmo dar uma volta ou só veio aqui para falar comigo?

— Vim só para conversar... mas agora quero dar uma volta, sim.

— Quer companhia?

Abri um sorriso. Em algum outro momento, eu adoraria ter a companhia de Nico, mas agora, preferia ficar sozinha.

— Obrigada. Mas hoje não.

Ele tirou Buchanan da baía dele e começou a selá-lo. Eu me ofereci para fazer isso, mas Nico disse que era o trabalho dele ou pelo menos parte do trabalho dele —, e insistiu em fazer tudo até o fim.

Em seguida, subi no cavalo e me preparei para sair.

— Clea?

— Diga.

— Se a hora chegar... sabe, se a gente tiver a chance de... pôr um fim na maldição... prometo que não vou ser eu quem vai fazer isso.

Senti calafrios dos pés à cabeça.

— Não posso pedir que você me prometa isso, Nico — disse eu. — A vida é sua.

— Eu sei. E não vou dizer que não quero pôr um fim nessa maldição, ou que não vou fazer minha parte para ajudar alguém que possa fazê-lo.. mas não vou ser eu.

Senti lágrimas ameaçando inundar-me os olhos.

— Obrigada.

Pensei em dizer que nunca exigiria algo assim dele, mas vi nos olhos de Nico que ele não queria ouvir isso. Ele estava sendo sincero.

Dei um tapinha em Buchanan e comecei o longo caminho até o memorial que eu tinha feito para meu pai. Segui viagem a um trote lento, deixando minha mente limpa para poder resolver os enigmas que me assolavam.

Pensei em Nico, disposto a sacrificar sua chance de pôr um fim na maldição, e tudo pelo seu amor por Rayna, e Rayna me amava, então ele não me faria nenhum mal. Era muito comovente, mas tão absurdo que quase comecei a rir. Fiquei imaginando um novo tipo de cartão de agradecimento só para esse tipo de situação: “Obrigada por não matar meu namorado, mesmo sabendo que sua vida depende disso!”.

Acho que isso não faria lá muito sucesso.

O maior problema era que, apesar de tudo o que eu já tinha descoberto, eu ainda não fazia a menor ideia de onde encontrar Sage. Cabritinhos. Eu só sabia que esse lugar tinha cabritinhos. Um horizonte cheio de montanhas. Espreguiçadeiras brancas. E aquilo que Rayna tinha chamado de um quarto cheio de fru-fru.

Isso me lembrou de New England, uma pousadinha charmosa em New England.

Perfeito. Isso já resumia minhas buscas a apenas seis Estados.

O tempo é curto, dizia a mensagem.

Mas quão curto?

Petra tinha deixado claro que aquelas visões que ela me mostrou eram verdadeiras e estavam acontecendo em tempo real. Isso significava que Sage estava vivo e bem o bastante até pouco tempo atrás para brincar com aqueles cabritinhos. A adaga só funcionaria à meia-noite, assim, se ele estava vivo durante aquele sonho, também deveria estar vivo agora.

Desci do cavalo assim que avistei o caduceu de pedras montado no chão.

— Oi, papai — disse eu, chegando ao memorial. — Desculpe... eu não trouxe nada hoje. Eu meio que só queria conversar com você.

Eu percebi de longe, mas não consegui acreditar no que meus olhos estavam vendo. Corri até a pedra maior do memorial e me ajoelhei bem na frente dela. Continuei tentando negar aquilo, mesmo enquanto passava a mão pela superfície da pedra, como se o metal pudesse ter se escondido nela feito um camaleão e eu só não tivesse percebido... mas ele realmente não estava mais lá. Uma onda de fúria me inundou.

Meu colar tinha sumido.



PROCUREL ENTRE AS OUTRAS PEDRAS DO MEMORIAL E DEPOIS revirei a terra ali em volta. Ainda me arrastando de quatro no chão, tateei pela grama ao redor do túmulo. Procurei até perto das árvores, como se um pequeno furacão direcionado pudesse ter passado por ali e sumido de repente.

Mas nada. Não achei o colar em lugar nenhum.

A parte racional de mim sabia que havia um milhão de explicações perfeitamente plausíveis. Vários pássaros costumam catar objetos brilhantes. Um deles poderia ter pegado o colar e voado até o ninho. Talvez tivesse chovido enquanto eu estava em Cincinnati e uma enxurrada levou o colar embora. Alguém que passou por ali poderia apenas tê-lo pegado. Qualquer uma dessas hipóteses e um milhão de outras mais eram possíveis... mas eu não acreditava em nenhuma delas.

Meu colar havia sido tirado dali.

Por Petra, talvez? Ou Amelia?

Eu não sabia, mas senti um calafrio. Independentemente de quem tivesse pegado meu colar, eu tinha certeza de que isso era um mau presságio. Eu

precisava fazer alguma coisa, sair correndo dali e entrar em ação. Pensei em falar com Amelia. Ela tinha as respostas que eu buscava. Ela queria me ajudar. Se eu pudesse falar com ela... se eu pudesse me comunicar com ela...

Mas eu não tinha como. Ela mesma disse que arrumaria encrenca se os outros soubessem que ela havia falado comigo. Eu não sabia o que o resto da família dela podia ou não ver, mas se eu gritasse o nome dela, era bem provável que eles percebessem.

Como eu poderia falar com ela?

Será que eu poderia falar com ela?

Talvez não... mas eu podia falar com alguém que não arrumaria encrenca por falar comigo.

— Petra!

Petra podia não estar do meu lado, mas ela claramente sabia mais do que tinha me contado. E ela apareceria se eu a chamasse. Eu podia sentir isso. Gritei o nome dela várias e várias vezes, com uma voz tão frenética e desesperada quanto eu mesma estava me sentindo.

— PETRA!

Continuei gritando, implorando para o céu, para as árvores, para o chão... eu já nem sabia se estava tentando chamá-la ou apenas gritando de angústia — por ter visto Sage tão de perto nos meus sonhos, por eu não poder fazer nada para salvá-lo, pelo meu medo do que Lua poderia fazer, e pela injustiça cósmica de que justo agora que Rayna tinha encontrado o cara perfeito, ele iria morrer a menos que o amor da minha vida fosse destruído para sempre.

— PETRA!

Eu estava totalmente desesperada. Tombei de joelhos em frente ao memorial do meu pai e comecei a chorar. Chorei até não ter mais lágrimas. Acabei encolhida no chão, olhando para a maior pedra do caduceu que eu tinha montado na grama.

— Papai... murmurei. — Queria que você estivesse aqui. Queria que você pudesse me ajudar. Sinto tanto sua falta.

Quando estiquei a mão para tocar na pedra, ouvi um riso alegre e familiar.

— Ah, minha querida, você ainda não aprendeu que não se deve contar com sua família? Eles sempre vão decepcionar você.

Eu me levantei na mesma hora.

— Petra?

— Você mesma já percebeu isso, não? Veja o que aconteceu com Sage. Se nem sua alma gêmea merece sua confiança, quem vai merecer, não é?

Eu estava ouvindo a voz dela apenas dentro da minha cabeça, mas sabia que poderia falar com ela em voz alta.

— Petra — disse eu com firmeza. — ONDE ESTÁ SAGE?

— Essa é a pergunta errada. A correta seria: Sage vale mesmo tudo isso? Olhe só para você aí, gritando, chorando e rolando desesperada no chão... É esse o tipo de pessoa que você é? O tipo de pessoa que quer ser? Esse homem está acabando com sua dignidade, Clea.

— Eu amo Sage.

As gargalhadas de Petra ecoaram dentro da minha cabeça como sinos de igreja.

— Isso seria lindo... se ele sentisse o mesmo por você, claro.

— Ele sente, sim.

— “O pior cego é aquele que não quer ver.” Pobre Clea, tão inocente. Você pularia até de um precipício se seu coração mandasse, não é?

— Que diferença faz para você? Aliás, como você conhece Sage? O que você sabe sobre mim? Por que eu iria confiar em você se nem sei quem você é?

— Eu sou alguém que se importa. E você não precisa confiar em mim. Confie nos seus olhos. Você sabe que as coisas que eu te mostrei são reais. E ainda vou mostrar muitas outras. Você vai ver.

— Espere... não vá embora! Cadê meu colar? Petra! Mas ela já tinha sumindo.

Montei de novo no Buchanan e voltei pela trilha em direção aos estábulos.

A viagem de volta me deixou em um estado meditativo e dissipou todas minhas emoções, o que me fez encarar as coisas com mais clareza. Depois disso, percebi que minha situação não era tão complicada quanto parecia. Não importava quem era Petra ou a família dela, concluí. Eles eram parte do mistério do Elixir, e isso não era da minha conta. Esse mistério era a obsessão

do meu pai e de Ben. Eu só queria encontrar Sage. Eu tinha Nico para me ajudar e o apoio de todo o resto da VM, mesmo sabendo que eles se voltariam contra mim se eu conseguisse encontrá-lo. Petra e Amelia podiam até ter os próprios objetivos, mas isso só seria relevante para mim se pudesse me ajudar. E podia, sim. Ao me mostrar Sage, Petra tinha me dado pistas que apontavam para uma estalagem em New England. Era tudo muito vago ainda, mas já era alguma coisa, e alguma coisa que eu tinha visto. Eu poderia pesquisar melhor na internet; poderia procurar fotos para talvez encontrar o mesmo lugar que vi nos meus sonhos.

Voltei com Buchanan até os estábulos e entreguei-o a Nico. Não fiquei para conversar. Eu gostava dele, e o adorava por causa de Rayna, mas se passasse tempo demais com ele, seria obrigada a enfrentar o fato de que, se eu conseguisse o que queria — o que eu precisava —, estaria assinando a sentença de morte dele.

Não era por mal. Eu só não aguentaria. Faltavam nove anos para o trigésimo aniversário de Nico. Talvez eu tivesse tempo para encontrar outra forma de pôr um fim na maldição... depois de salvar a vida de Sage.

Passei o resto do dia no computador, usando tudo o que sabia sobre o lugar onde tinha visto Sage para tentar encontrá-lo. Eu estava pilhada e ainda aguentaria um bom tempo acordada, mas pelo que Petra havia dito, ela tinha mais coisas para me mostrar, e eu precisaria estar dormindo para isso acontecer. Decidi, então, ir para a cama assim que anoitecesse, na esperança de que fosse o que fosse que ela tivesse para me dizer, pudesse me ajudar. Pensei em descer para preparar um chá de camomila, mas a mera ideia de ter que falar com Piri, Suzanne ou mesmo minha mãe me deixou exausta. Em vez disso, fiz uma pesquisa e encontrei uma sessão de relaxamento virtual. O site dizia que era um “vídeo de meditação relaxante para dormir”. Eu até tentei... mas o cara que ficava me falando “absorva a luz branca de energia pela cabeça parecia muito com Anthony Hopkins naquele filme O silêncio dos inocentes. Ele também ficava ofegante demais quando dizia que eu era “um lindo ser brilhante”. Achei aquilo bizarro.

Tudo bem, então os vídeos de relaxamento não eram a solução. Eu precisava de algo que me desse sono.

Cruzei o corredor até o escritório do meu pai e abri a porta. Desta vez, eu já estava preparada para aquele ambiente estéril. Fui até uma das caixas de mudança e peguei o maior periódico médico que consegui encontrar. Abri o livro em uma página aleatória. *Uma análise sobre a viabilidade do uso dos padrões da Faculdade Americana de Cirurgia para a triagem de pacientes de trauma.*

Perfeito.

Voltei para a cama com o livro abraçado ao meu peito. Comecei a ler e... em poucos minutos caí no sono.

Acordei dez horas depois.

Mas foi só isso.

Nenhuma visita de Petra. Nem sinal de Amelia. Nada.

Sequer tive um sonho.

Levei um tempo até entender onde estava. Eu tinha tanta certeza de que Petra viria me visitar, que estava esperando ver a estalagem quando abrisse os olhos. Tanto que até fiquei olhando para os lados, sem entender bem por que meu quarto não tinha nada a ver com aquele outro quarto, todo branco, que eu estava esperando. Quando percebi o que tinha acontecido, enterrei a cabeça embaixo do travesseiro e tentei voltar a dormir, mas já havia uma fina réstia de sol entrando por aquela maldita fresta entre as cortinas. Além disso, eu tinha acordado mais disposta do que nunca. Pegar no sono de novo seria impossível.

Tudo bem. Se Petra não ia me dar mais nenhum material de pesquisa, eu teria que usar o que já tinha.

Primeiro, eu precisava verificar o mais importante: se Sage havia sobrevivido a outra meia-noite. Peguei minha câmera, vesti calças jeans e camiseta, fiz um rabo de cavalo e descí correndo para tomar um chá e comer alguma coisa. Pelo visto, Piri já estava trabalhando — senti o cheiro de panquecas e bacon e fiquei com água na boca. Entrei na cozinha já falando com ela.

— Hmm, que cheirinho gostoso! Tem para mim?

Mas não era Piri quem estava no fogão. Era Ben. Ele estava usando um avental que alguém tinha dado de brincadeira para minha mãe que dizia **POLÍTICA NA COZINHA**. Ele estava segurando a frigideira bem acima do

fogo e parecia estar se preparando para virar uma panqueca absurdamente imensa quando se virou e me viu. A alegria nos olhos dele evaporou.

— Não. Eu só fiz esta aqui para Suzanne.

Segui os olhos dele e vi Suzanne sentada na mesa da cozinha com um imenso sorriso no rosto.

— Bom dia, Clea — entoou ela, e então se virou para Ben. — Vamos lá... você me disse que sabia virar panqueca como um chef de cozinha!

Ben recobrou a postura cheia de charme na mesma hora e sacolejou a panqueca com todo cuidado na frigideira.

— Preparada?

— Sim! Sim! Vai logo de uma vez! — exclamou Suzanne!

Ben a olhou com um ar de malícia e ela ficou vermelha, desviando os olhos na minha direção. Só fingi que não reparei.

— Um... dois... três! — contou Ben, jogando a panqueca para o alto com um floreio de mão. Ela virou no ar e ele a pegou com destreza de volta na frigideira. — CONSEGUI!

Suzanne deu risada.

— Ué, achei que você fosse especialista nisso!

— Imagine, é a primeira vez que faço isso.

— Mas você conseguiu — disse Suzanne.

— O que posso dizer? Você me traz sorte.

Suzanne praticamente brilhou de alegria.

— Vocês já terminaram aí? esbravejou a voz de Piri, vindo da lavanderia.

— Quase, Piri! — disse Ben. Piri só soltou um grunhido. — Obrigado!
— completou ele.

— Piri não gostou muito da ideia de ver Ben usando a cozinha dela — explicou Suzanne para mim. — Mas o charme dele acabou convencendo-a.

— Ah, claro — disse eu. — Charme é com ele mesmo.

Eu não queria mais ficar ali. O ambiente estava meio tóxico. Entrei na despensa à procura de algo que eu pudesse pegar e levar embora.

Fiquei impressionada por Ben ter convencido Piri a deixar que ele fizesse qualquer coisa na cozinha dela. Piri sempre deixou bem claro quanto aquele território era seu, e jurava que as panelas, o fogão e até o forno atendiam ao

seu toque e ao tom de voz que ela usava para falar com eles, coisa que ela realmente vivia fazendo. Mas claro, em geral, eu só a ouvia xingando tudo em húngaro, então é bem possível que os utensílios de cozinha curtissem um amor mais bandido. De um jeito ou de outro, era muito raro ver Piri ceder o território dela para qualquer um. Piquei com a impressão de que foi mais o jeito insistente de Suzanne do que o charme de Ben que acabou convencendo-a.

Peguei uma barrinha de cereais e uma garrafa d'água e fui embora, dando um tchau por cima do ombro. Enquanto eu saía, ouvi Ben apresentando o resultado final para Suzanne.

— Uma suave mistura de uma deliciosa massa com calda doce e o toque salgado do bacon...

As risadinhas de Suzanne ecoaram como unhas arranhando um quadro-negro.

Fiquei me perguntando se ela iria comer a panqueca ou o bacon.

Porque pelo que tinha visto, 90% da dieta dela era composta de shakes de proteína e água Perrier.

Sair de casa foi uma ótima ideia. Senti-me viva e renovada. Petra tinha dito que voltaria a me visitar. Agora, quando isso iria acontecer, eu não sabia. Enquanto isso, eu teria que me virar por conta própria.

Saí para fazer uma caminhada pelo bosque atrás do terreno de casa, tirando fotos. Passei um tempo observando uma família de cervos que encontrei meio escondida entre as árvores. A fêmea estava olhando cheia de amor para o macho, e os dois pareciam estar cuidando bem de perto da cria. Foi uma cena linda, mas dolorosa de ver.

Ainda era cedo, mas o tempo já estava quente e úmido, e quando voltei para casa, duas horas depois, estava morrendo de fome e louca para tomar um banho. Piri estava de volta à cozinha, resmungando em húngaro com os utensílios, e me preparou uma omelete e um bule de chá, que eu levei em uma bandeja para meu quarto.

Forcei-me a tomar banho antes de checar as fotos. Decidi que se fosse mesmo lidar sozinha com tudo aquilo, precisava conter minhas emoções e agir de forma racional. Primeiro um banho, depois as fotos, por último a pesquisa.

Encontrei Sage bem rápido desta vez. Ele estava na terceira imagem que eu ampliei, deitado na grama bem ao fundo de uma foto que tirei de uma borboleta. Ele estava vivo. Isso já era o bastante para me manter motivada.

Imprimi a foto e coleí-a na parede ao lado do meu computador, e então comecei a trabalhar.

Na hora, eu não sabia, mas aquela se tornaria minha rotina pelos próximos vários dias.

Petra não apareceu; Amelia não apareceu.

Tentei não deixar que isso me abalasse. Eu começava cada dia procurando Sage em uma foto, só para saber se ele estava bem... ou pelo menos vivo. Enquanto isso, arrumei formas bem criativas para tocar minha busca pela estalagem em New England. Eu ainda tinha contatos em várias revistas dos meus tempos de fotojornalista freelancer, e muitas delas eram publicações de viagens. Dessa vez, entrei em contato usando meu nome, não o de Missa Grande, e mandei uma descrição detalhada do quarto e do gramado que eu tinha visto. Escrevi dando a desculpa que esse era um lugar que eu tinha visitado de férias com meus pais vários anos atrás, e que agora minha mãe e eu queríamos voltar lá, mas não nos lembrávamos mais onde ficava. Envolver minha mãe nessa história foi crucial — as pessoas queriam muito atender a um pedido da senadora Weston e eram muito mais prestativas do que seriam se eu falasse só por mim. E chato, eu sei.

Um dia depois de mandar minhas descrições, recebi uma lista de dez lugares dos quais eu poderia estar falando segundo meu grupo de editores de viagem. Quatro deles ficavam em Vermont, três em New Hampshire e três no Maine. Mesmo sabendo que eu não tinha nenhuma garantia de que qualquer um deles fosse o certo, as chances me pareceram boas. Fiz algumas ligações para tentar ver se descobria algo de estranho nesses endereços, mas não tive sucesso, então decidi que se não tivesse mais nenhum sonho, usaria os recursos militares da VM e pediria a Sloane para mandar grupos de reconhecimento a cada um desses hotéis. Não seria exatamente a melhor saída, porque assim a VM encontraria Sage antes de mim, e eu não tinha nenhuma garantia de que eles me dariam alguma chance de escapar com ele, mas Sloane tinha me dado a palavra dela. Assim, eu teria que confiar nela.

Na mesma noite que tomei essa decisão... eu finalmente sonhei.

Eu tinha me aninhado na cama com um calhamaço das Similaridades epidemiológicas entre apendicite e diverticulite apontando uma patogênese desconhecida comum, e depois de umas três páginas meus olhos fecharam.

Comecei a ouvir a música antes dos meus olhos abrirem, e, a princípio, achei que estava só tendo um flashback da minha vida na época de Delia, a melancólica dançarina que eu tinha sido nos anos 1920. Era uma versão lenta com uma pegada estilo jazz de “It had to be you”, uma das músicas que Deia cantava no cabaré ilegal enquanto Sage tocava piano. Era uma das favoritas deles, então sorri. Esperei que ao abrir os olhos, me veria deitada sobre o piano, lançando um sorriso disfarçado para mostrar a Sage que estava pensando só nele, não naquela multidão de admiradores na plateia, e com certeza não em Eddie, meu namorado, que era dono de mim e da maior parte de Chicago... e que estava destinado a meter duas balas na cabeça de Sage e Delia, matando instantaneamente a jovem, no caso, eu.

Mas aquele momento — comigo na pele de Delia, cantando e lançando olhares para Sage — havia acontecido muito antes disso, e eu estava feliz em poder revivê-lo. Eu já estava até com um sorriso contente no rosto quando abri os olhos...

...mas então meu coração parou.

Foi pior do que levar duas balas na cabeça.

A nem dois passos de mim, Sage e Lila estavam sentados juntos em um tapete grosso de pele de urso, iluminados pelo fogo crepitante em uma enorme lareira de pedra.

Eles estavam se beijando, bem abraçados um ao outro, as mãos de Lila firmes nas costas nuas de Sage, e as dele entrelaçadas nos cabelos soltos dela, puxando-a com um jeito carinhoso, mas firme, contra os próprios lábios...

— Não ache que estou gostando de te mostrar isso — sussurrou a voz de Petra no meu ouvido. Mas você merece saber a verdade.

Eu não sabia se ela estava realmente ali comigo. Mas nem tentei descobrir. Eu não estava conseguindo tirar os olhos de Sage e Lila.

De repente, Lua se soltou para respirar, ofegante. Os olhos dela brilharam com uma mistura de desejo e tristeza, mas os de Sage... eu já tinha visto aquele

olhar antes... quando ele olhava para mim.

Ele estava apaixonado por ela.

Ele a pegou pela mão.

— Lila...

— Não — sussurrou ela, mas sem soltar a mão.

Sage enlaçou os dedos nos dela e sussurrou em seu ouvido:

— Mas é o que você queria. Você me disse que...

— Eu sei, e eu quero mesmo — disse ela. — Quero muito... mas não é certo, Sage Você não me ama. Você ainda gosta de Clea.

— Eu... — Sage olhou para a lareira, pensativo.

— Me tire daqui — sussurrei para Petra. Eu sabia o que Sage estava prestes a dizer. Ele ia dizer que não me amava mais e eu não aguentaria ouvir isso. Nunca. Seria a morte para mim.

— Eu ainda gosto dela, sim — disse Sage. — Ela é minha alma gêmea.

— Eu sei — disse Lila.

— Mas você...

— Eu estou aqui... — disse Lila, com um sorriso melancólico.

— Lila, não é assim — Sage parecia triste, e chegou mais perto de Lila, abraçando-a. — Eu gosto de verdade de você. Não costumo fazer esse tipo de coisa.

— Você não pode amar nós duas — disse eu.

Lila disse a mesma coisa. Será que ela tinha me ouvido?

— Não — disse Petra, adivinhando meus pensamentos. — Ela não pode te ouvir. Você só está vendo a história mais antiga do universo. É sempre a mesma coisa.

— Sim, não posso — disse Sage. — Mas é o que eu sinto. Não sei como explicar. Ficar aqui com você assim... é tão bom!

Ele colocou os longos cabelos de Lila de lado, sobre o ombro dela, e se curvou para beijá-la no pescoço. Senti aquele beijo em mim dos pés à cabeça, mas aquilo não era para mim. Eu queria sumir, queria pular entre os dois aos berros... mas eu não podia fazer nada. Eu não conseguia nem me mexer.

— Você é linda — murmurou ele.

Lila fechou os olhos. Sua resistência estava sendo minada. Em seguida, ela

fez uma careta e se afastou até ficar de frente para ele. A luz da lareira bruxuleava sobre os rostos deles enquanto ela fixava os olhos nos de Sage.

— Se você quer ficar comigo, pode até ser, mas você precisa fazer uma coisa antes.

— O quê?

Lila fechou os olhos, deixando-se ser abraçada, e então balançou a cabeça.

— Eu já te contei como entrei para os Redutores, não contei?

Sage fez que sim com a cabeça.

— Eles encontraram você na época da faculdade.

— Foi depois que meu pai morreu. Eu não o conhecia muito bem. Eu ainda era muito nova. E minha mãe e eu... a gente não se dava muito bem. Os Redutores acabaram virando minha família. Eles fazem muitas coisas que não entendo. E o jeito como eles trataram você... eu não sei o porquê disso. Mas aprendi muito com eles também. Aprendi o que é o amor, e sei que o amor verdadeiro não pode ser uma tortura... como a tortura que você e Clea vêm causando um ao outro.

— Eu nunca quis fazer mal a ela.

— Eu sei. É essa a questão. Você é uma pessoa boa, Sage. E Clea também deve ser, ou você não gostaria tanto dela assim. Vocês dois merecem coisa melhor. Vocês merecem ser felizes.

Sage suspirou, soltando-se de Lila.

— Eu não sei o que eu mereço. Mas Clea... ela merece tudo. Merece ser feliz. E tudo o que eu quero para ela. Mas em vez disso, ela acaba sempre ficando comigo... e só sofre mais e mais.

— Eu sei. Mas Sage... isso pode mudar.

— Não pode, não. Eu já tentei me afastar dela. Já tentei de tudo. Viajar, viver em isolamento, ficar com outras mulheres... Nossa conexão é mais profunda do que você imagina.

Lila fez uma careta ao ouvir isso. Senti um vazio enorme no peito. Acho que Rayna e eu já tínhamos nossa resposta para aquela pergunta agora.

— Mas nada nunca deu certo — disse Sage. — Sempre acabo voltando para ela. Não tenho como evitar.

— Tem, sim — disse Lila. — Com a cerimônia. Ela pode romper os

laços que prendem sua alma à de Clea... mas só vai dar certo se você aceitar fazer isso por vontade própria e estiver pronto para abrir mão dela.

— Abrir mão dela... para sempre?

— Você mesmo disse que a ama e que quer o bem dela. Se for verdade, é o que você tem que fazer.

Sage ficou em silêncio. O único som era o crepitar do fogo.

— Não sei — por fim disse ele. — Não sei se conseguiria abrir mão dela.

— Mas se você a ama...

— Você tem razão. É o que eu teria que fazer mesmo. Mas não sei se consigo. Eu morreria pela Clea. Mas como vou desistir dela assim, enquanto ainda estamos vivos e ainda há uma chance, por menor que seja, de ficarmos juntos e levar uma vida feliz?

— Você é feliz, Sage? Clea é feliz?

— Nós já fomos. Já tivemos momentos de felicidade mais maravilhosos do que qualquer outra coisa que eu já senti na vida.

— E mesmo assim você está aqui comigo.

— Mesmo assim estou aqui com você.

Ele ergueu os braços para abraçá-la.

Desta vez, ela não se afastou.



ACORDEI COM PETRA RINDO NO MEU OUVIDO.

— Você não acha incrível como ele consegue seduzir outras mulheres dizendo quanto ama você? Não sei quem é pior: ele, por ser tão manipulador; ou ela, por engolir essa história. A verdade é que eles se merecem. E quando ele der um pé na bunda dela para ficar com outra, a não vai nem poder ficar surpresa.

— Vá embora — disse eu, levantando da cama.

— Só estou falando isso porque sou sua amiga.

— *Suma daqui!*

Com uma explosão de gargalhadas, foi o que ela fez.

Olhei para o relógio. Uma da manhã. Perfeito.

Durante o sonho, eu estava paralisada.

Mas agora, eu tinha acordado e estava enfurecida. Eu vinha fazendo de tudo para encontrar Sage e trazê-lo de volta, passando dia após dia angustiada de saudade. E o que ele estava fazendo? Pegando uma outra qualquer.

E não era a primeira vez. Ele mesmo tinha admitido. Ele usou “outras

mulheres” para tentar não pensar em mim. Para meu próprio bem, é claro. Porque ele me amava e queria me proteger do terrível horror de passar a eternidade ligada a ele em um relacionamento monogâmico.

Que conversinha!

Com quantas outras mulheres ele já tinha ficado? E ao longo de quinhentos anos! Se quando você dorme com alguém acaba transando por tabela com todas as pessoas com quem seu parceiro já ficou...

Argh. Eu me senti imunda.

Ele era um babaca, e eu fui uma idiota por acreditar nele. Eu estava certa desde o começo — almas gêmeas são coisas de contos de fadas. Na vida real, pessoas são só pessoas, e não merecem confiança.

Tomei um banho e pus calças jeans e uma camiseta bem decotada, mas não me dei por contente. Acabei trocando tudo pelo meu vestidinho preto favorito, que eu tinha usado no Rio alguns meses atrás. Estava meio frio para isso, mas eu podia pôr um par de botas altas, uma jaqueta de couro e ia ficar ótimo.

Sequei o cabelo e o deixei solto, depois passei um bom tempo fazendo uma maquiagem de arrasar. Com um olhar determinado, me analisei na frente de um espelho de corpo inteiro.

Eu agora tinha uma missão.

Tinha ficado ótimo. Eu estava linda. Irresistível, talvez? Até Suzanne ficaria impressionada.

Suzanne.

Ela poderia atrapalhar meus planos.

Mas eu me preocuparia com isso depois, se precisasse. Era uma noite de semana, então seria pouco provável que ela estivesse por lá. Eu teria que apostar nisso.

Não tive pressa para me aprontar. Já eram quase 3 da manhã quando saí de casa a caminho de New London, pisando fundo a quase 130 por hora. Não demorei quase nada para chegar. Olhei para o relógio e me lembrei de que havia sido mais ou menos àquela mesma hora que eu ligara para cá de Paris, apavorada, achando que Rayna tinha se ferido em um incêndio.

Ele não ligou na época, então não iria ligar agora. E se por acaso se

incomodasse no começo, logo se esqueceria de tudo.

Os alojamentos estudantis da Universidade de Connecticut eram compostos por uma série de belas casinhas de madeira com fachada de pedra, dispostas como uma colcha de retalhos ao longo de uma rua que serpenteava em meio a um vasto gramado. Eram todas bem parecidas, e eu tive até que contar uma por uma para ter certeza de qual era a certa. A de Ben era a sétima do lado esquerdo, coisa que ele me ensinou a memorizar só pensando no nome dele. B era a segunda letra do alfabeto; E a quinta. Somando as duas, dá sete. E a casa dele ficava à esquerda, que era o lado norte da rua, ou seja, N de norte.

Quando ele me explicou esse sistema, eu disse que ele era o maior pateta do mundo. Mas foi assim que consegui lembrar agora.

Não tinha nenhum carro parado na frente da casa ou da garagem. Um bom sinal.

Bati na porta.

Ninguém atendeu.

Bati ainda mais forte.

Ninguém atendeu.

Tudo bem, eram 3 da manhã. Eu precisaria de mais do que isso para acordá-lo.

Toquei a campainha uma vez... depois duas... depois três vezes, uma depois da outra, só para ter certeza de que ele ouviria.

Ouvi um grunhido irritado dentro da casa.

Fiquei esperando que ele atendesse, mas ninguém apareceu. Peguei meu celular e comecei a ligar para Ben, mas antes que eu terminasse de discar, ele abriu a porta.

— Clea?! Como assim?

Ben estava de samba-canção, sem camisa, com o topete todo amassado e virado para cima.

Abri o sorriso mais malicioso que consegui.

—Oi.

— Fala sério...

Revirei os olhos. Pelo visto, ele não ia facilitar as coisas.

— Preciso conversar. Pode ser?

— Agora? São...— ele olhou para os lados, à procura de algum relógio que pudesse ajudá-lo a terminar a frase.

— Três da manhã... mais ou menos — respondi. — Você pode conversar?

Tentei analisar o rosto de Ben. Ele ainda estava meio dormindo e parecia não saber direito o que dizer. Fiquei esperando. Eu não ia aceitar um “não” como resposta, mas daria todo o tempo de que ele precisasse.

— Claro — por fim disse ele. —Tudo bem, claro ele mexeu no trinco da maçaneta para a porta não se trancar sozinha, depois saiu e a fechou. — O que foi?

— Não aqui. Quero levar você para outro lugar.

— Agora? — Ben olhou para trás, por cima do ombro, como se pudesse ver dentro da casa. Isso só podia significar que tinha alguém lá dentro, esperando por ele. Ela devia ter vindo de carona no carro dele, que estava na garagem. Isso seria um obstáculo, é claro, mas eu não ia desistir.

— Agora. Por favor. É importante.

— Por quê? Você sonhou de novo com Sage?

Pus a mão no braço dele e cheguei mais perto, olhando bem nos olhos dele.

— Ben... eu não quero falar sobre Sage. Quero falar com você. Eu preciso mesmo.

Ben olhou para mim e eu continuei firme.

— Tudo bem. Já volto — disse ele.

Ele entrou de volta na casa e eu fiquei esperando.

Cinco minutos depois, Ben apareceu de novo. Ele tinha vestido calças jeans e uma blusa por cima das roupas de dormir, meias e tênis, mas o topete ainda estava amassado e virado para cima.

— Aonde a gente vai? — perguntou ele.

— Você vai ver — respondi. — Vamos.

— Não é longe, é? Porque, enfim, eu não posso demorar muito.

— Não é longe, não.

Ele entrou no meu carro, e então seguimos viagem em silêncio comigo no

volante. Levei dez minutos para chegar a Waterford, onde parei no Eugene O'Neill Theater Center, que era um centro de referência para o pessoal do teatro, com um conservatório para estudantes universitários, além de lugares para dramaturgos e companhias de teatro profissionais trabalharem e se apresentarem. Essas coisas não tinham nada a ver comigo, mas Rayna havia namorado um cara que estava passando um semestre do primeiro ano de faculdade lá, então eu já tinha visitado o lugar várias vezes. O centro em si era bem simples, alguns prédios rústicos entre um punhado de árvores, mas ficava perto de um trecho lindo de praia que quase ninguém conhecia. Quando o conservatório estava em uso, os alunos praticavam tai chi na areia todas as manhãs, mas agora, a praia estaria totalmente deserta.

Parei o carro, e então descemos até a praia, sem dizer nada.

A noite estava perfeita, com a lua quase cheia lançando sua luz sobre as ondas. Tirei as botas e me sentei na areia, esticando as pernas até meus pés ficarem a poucos centímetros da água, que pulsava contra nós.

— Sente—se aqui — disse eu.

Ben inclinou a cabeça, olhando para mim.

— Clea...

— Vem logo. O mar está lindo.

Ben balançou a cabeça, mas se sentou ao meu lado.

Tirei a jaqueta e a estendi atrás de nós, então me deitei cru cima dela.

— Você precisa deitar para ver as estrelas, O céu está espetacular.

Ele se deitou também.

O céu estava todo iluminado. Sem nenhuma outra luz por perto, era como se pudéssemos ver o universo inteiro dali.

— Que incrível — disse eu. — É como olhar para a eternidade.

Ben concordou com um aceno de cabeça.

Põe as coisas em perspectiva, né? “Não é preciso muito para ver que os problemas de três meras pessoas não contam muito neste mundo de loucos.”

— Citando Casablanca agora, Ben? — disse eu. — E eu achando que você ia puxar algum papo sobre mitologia grega...

— Por causa das constelações?

— Aham.

— Bom, pode ser. Acho que você iria gostar da história de Perseu e Andrômeda. Eles eram tão apaixonados um pelo outro que os deuses puseram os dois no céu depois que eles morreram para passar a eternidade juntos.

— A eternidade é muito tempo. Será que às vezes eles não se arrependem de os deuses terem feito isso?

— O que está rolando, Clea? Por que você me trouxe aqui?

Deixei a pergunta no ar. Piquei ouvindo as ondas quebrando na praia.

Olhei para as estrelas. Ainda com o rosto fixo no céu, eu disse:

— Você nunca pensa no que teria acontecido se as coisas tivessem sido diferentes?

— Diferentes?

— Diferentes.

— Antes, até que sim.

Eu podia sentir o calor do braço de Ben a poucos centímetros de mim. Nós estávamos bem pertinho um do outro, deitados em cima da minha jaqueta sob o luar. Quase tão perto quanto Sage e Lila estiveram naquele tapete.

— Eu estava quase lá, sabe?

— Clea...

Naquela noite no Rio. Logo antes de o sol nascer. A gente tinha varado a noite acordado e estava dançando junto. Aí você me segurou daquele jeito, e a única coisa que eu estava conseguindo ver era você. E foi como se tudo tivesse mudado naquela hora, e mais do que tudo, eu só queria...

— Clea, pare...

Então me virei de lado, meu rosto voltado para ele. Ele precisava olhar para mim.

— Eu queria ficar com você, Ben. Com todas as minhas forças... eu queria ficar com você.

Percebi que ele não queria, mas acabou se virando de lado também. Os olhos de Ben estavam úmidos, e quando ele falou, a voz dele saiu aflita.

— Clea...

Pus a mão na bochecha dele, como tinha feito naquela manhã no Rio. Como Sage tinha feito com Lila.

— Eu fico pensando naquela noite — disse eu. Eu penso muito nisso. E fico imaginando... o que teria acontecido se eu... se a gente tivesse...

Cheguei mais perto de Ben, colando meu corpo no dele. Virei a cabeça e encostei meus lábios de leve nos dele. Ele recuou por um instante, mas depois voltou, roçando a boca contra a minha. Ele se aproximou mais de mim, enlaçando a mão nos meus cabelos, como Sage tinha feito com Lila. Senti uma explosão ardente de triunfo por dentro e beijei Ben com ainda mais força, rolando para cima dele. Fazer amor em um tapete de urso em frente à lareira? Ali, por favor! Que tal uma praia deserta ao luar? Rolei nós dois de lado e puxei a blusa e a camiseta de Ben, erguendo-as e sentindo o calor da pele nua dele. Meu vestido já tinha subido até a cintura, e senti as mãos de Ben erguendo-o ainda mais, libertando minha pele para roçar na dele. Rolamos de novo; eu agora com o vestido já na altura do peito, sentindo a areia na pele das minhas costas. Passei as pernas em volta de Ben enquanto nos beijávamos, roçando meu quadril no dele. Ele era meu, agora; iria rolar entre a gente, e Sage merecia cada segundo daquilo pelo que estava fazendo comigo, e pelo que já tinha feito várias e várias vezes...

— Mas que droga é essa?!

Ben se soltou de repente de mim. Ele estava ofegante, os olhos arregalados.

— Como assim?

Ele passou uma mão pelos cabelos.

— O que você está fazendo? Meu Deus, Clea, o que você está fazendo?

A voz dele saiu cheia de angústia, enquanto ele abria e fechava as mãos. Ben não parava quieto no lugar, como se estivesse prestes a sair correndo, mas não soubesse para onde ir.

— Se você está me perguntando, é porque não estou fazendo direito — disse eu, abrindo um sorriso.

— Pare! Você não quer fazer isso! Não é de mim que você gosta. Por que você...?

Ele enfiou as duas mãos entre os cabelos agora, fazendo uma careta, fechando os olhos com força. Então inspirou longamente, depois soltou o ar. Quando voltou a abrir os olhos, eles estavam vermelhos e inchados.

— Acho melhor você ir para casa — disse ele.

— Mas como você vai voltar?

— Eu ligo para alguém. Ela pode vir me buscar. Só... vá embora. Por favor.

Ben ficou imóvel. Eu me levantei, sem nem tirar a areia de mim. Peguei as botas, a jaqueta, e me virei para Ben, mas ele estava olhando para o mar.

— Ben?

Nada. Ele nem me respondeu.

Subi arrastando os pés pela areia e depois calcei as botas para a longa caminhada pela trilha de cascalho de volta ao meu carro. Consegui chegar à estrada antes de cair no choro, mas depois que comecei, não consegui parar mais. Parei no acostamento e soltei toda a angústia que estava enterrada bem fundo dentro de mim.

Quando vi um par de faróis vindo na direção oposta, soube que era Suzanne. Ela passou zunindo e eu dei partida no carro. Não queria estar parada ali quando ela voltasse com Ben.

Chegando ao meu quarto, tirei as roupas e deitei na cama, coberta de areia e tudo. Eu não queria sonhar, não queria pensar em nada. Só queria me esquecer de tudo.

Mas não tive essa sorte.

Assim que peguei no sono, voltei para o quarto cheio de fru—fru. Eu estava sentada em uma cadeira. Petra estava lá também, sentada no chão, as pernas cruzadas, e com um enorme sorriso no rosto. Abri a boca para perguntar alguma coisa, mas ela balançou a cabeça e apontou para Sage. Ele estava lá, andando de um lado para o outro como um leão enjaulado. A comparação parecia ser bastante adequada. Os olhos dele transmitiam angústia mais do que durante as piores torturas que ele já tinha sofrido.

A porta abriu e Lila entrou. Ela estava descalça e usando uma longa camisola de cetim. Parecia ter acabado de sair da cama... a não ser pelos cabelos, que brilhavam como se ela tivesse acabado de se pentear, e não sei bem, mas me pareceu também que os lábios dela reluziam com uma camada de gloss.

— Lila

Sage avançou na direção dela, agarrando-a pelos braços.

— Sage? Você está bem? Ouvei você me chamar, mas é tão cedo, achei até que estava sonhando.

Ele a chamou? Por que ele simplesmente não foi até ela? Será que ele ficava preso à noite? Então ele já tinha tentado escapar?

— Eu estava sonhando... mas não foi um sonho. Uma mulher... ela me levou para um lugar... mas era tudo real. O que ela me mostrou... era tudo real.

Meu coração disparou dentro do peito e me esforcei para não vomitar. Eu me virei para Petra, mas ela só encolheu os ombros.

— O que foi? — perguntou Lila. — O que ela te mostrou?

Eu já sabia o que, mas ele respondeu mesmo assim.

— Clea. Clea e...

Sage não conseguiu terminar a frase. Ele parecia prestes a chorar, mas então se recompôs e cerrou os músculos da mandíbula.

— É melhor assim. É melhor mesmo. Se ela pode ficar com outra pessoa... as narinas de Sage se repuxaram enquanto ele respirava fundo para depois soltar o ar pela boca. — Talvez ela consiga ser feliz assim.

— Não! — exclamei. — Não, Sage, não foi isso! Não, não, não, não, não! — ele não me ouviu, então me virei para Petra. — Não foi isso! Você não mostrou tudo para ele! Você não mostrou para ele o que eu vi! Ele não sabe por que eu fiz aquilo! Ele não sabe o que aconteceu! Ele acha... o que foi que você fez?

— Eu não fiz nada, Clea. Sinceramente, se você não queria que ninguém visse aquilo, talvez não devesse ter feito nada.

Avancei contra Petra, preparada para agarrar o pescoço dela e estrangulá-la, mas minhas mãos atravessaram o vazio. Ela agora estava do outro lado do quarto, sentada na cabeceira da cama.

Eu não tinha o que fazer.

— Sinto muito, Sage — disse Lila, e então pegou as mãos dele e o olhou nos olhos com um ar compreensivo.

— Tudo bem — disse ele. — Como eu falei, é melhor assim. Está tudo acabado — ele inspirou profundamente e então completou: — Eu quero fazer a cerimônia.

—Tem certeza?

— Sim.

— É uma decisão irreversível. O ritual não vai apagar suas memórias nem nada, mas esse laço que vem mantendo as almas de vocês dois unidas... ele será rompido... para sempre.

— Pelo menos assim ela vai poder tocar a vida dela. Uma vida de verdade. É o que eu quero.

Lila concordou com um aceno de cabeça e estendeu a mão para ele.

— Venha.

Sage pegou a mão dela e os dois deixaram o quarto. Tentei segui-los, mas trombei na porta. Então me virei para Petra, que agora estava deitada de lado na cama, a cabeça apoiada em uma das mãos.

— Por que não posso ir atrás deles? Eu quero ir atrás deles.

— Você precisaria que eu a levasse, e eu estou muito bem aqui. É um quarto tão bonito, você não acha?

—Me leve até eles. *Agora.*

— Desista dessa história. Ele está desistindo de você. E se você quer saber a verdade, acho que vai ser bem melhor para você. Além do que, Ben é um ótimo rapaz. Você vai ser muito mais feliz com ele.

— Por favor! Eu preciso ver o que está acontecendo!

— Você sabe o que está acontecendo. Sage está rompendo os laços eternos com você. Mas tudo bem, se você quer tanto ver; acho que posso te mostrar.

Voltei na mesma hora para a sala da lareira. Sage e Lua estavam de novo em cima do tapete que imitava pele de urso, mas desta vez estavam de joelhos, ambos com uma expressão solene no rosto. O fogo ardia como antes, mas dentro da lareira, havia agora um pequeno pote de argila, exalando um cheiro que lembrava cidra moída. Entre Sage e Lila havia uma cesta com um pano por cima, ocultando o conteúdo. E ao lado da cesta, uma luva grossa.

— O pote na lareira representa o amor verdadeiro — entoou Lila. — Ele contém ervas que remetem ao amor: cravos, canela, cardamomo e flores de macieira.

Ela tirou duas velas da cesta. As duas eram vermelhas e tinham plantas

amarradas em volta.

— Duas velas vermelhas — disse ela. — Uma enrolada em folhas de sálvia, representando você, e uma enrolada em pétalas de íris, representando Clea.

Ela entregou as velas para Sage e fez um gesto para que ele segurasse as duas juntas, o que ele fez em seguida. Então ela amarrou as duas velas com uma fita vermelha.

— Duas almas, ligadas uma à outra pelo amor por toda a eternidade. Hoje, vamos macular esse amor e romper esses laços eternos. Para fazer isso, precisamos de um símbolo de vocês dois e das vidas que vocês passaram juntos.

Ela pegou outra coisa da cesta.

— Meu colar! — exclamei.

Sage se espantou.

— Como você conseguiu isso?

— Não sei. Os outros deixaram tudo aqui comigo, caso você aceitasse fazer a cerimônia.

— Como eles conseguiram isso, então? Clea vive com esse colar. Ela está bem?

— Por favor, não me entenda mal, mas... ela parecia estar bem?

Sage abriu a boca para responder, mas então a fechou com um ar sério.

— Ela parecia estar muito bem. Continue.

Lila fez que sim com a cabeça. Então colocou meu colar dentro do pote de argila cheio de ervas e vestiu a luva.

— Ao derreter esse símbolo e misturá-lo com as ervas do amor, vamos reduzir esse seu laço à sua forma mais elementar.

A luva era à prova de fogo. Com aquilo na mão, ela colocou o pote na parte mais quente da lareira. Pude ver meu colar derretendo até virar uma poça de prata líquida. Isso doeu muito em mim e me fez borbulhar de raiva por dentro.

Agora, Lila pegou da cesta um tubo de ensaio tampado.

— Ácido sulfúrico. É uma substância muito corrosiva... o suficiente para corroer até os laços de amor contidos neste pote. Mas cuidado... não vá inalar

os gases disso.

Usando a luva, ela despejou o ácido em cima da mistura de ervas e prata derretida.

— Eu deveria estar sentindo alguma coisa diferente? — perguntou Sage baixinho.

Era o que eu também queria saber. Eu não estava me sentindo diferente, então não deveria me preocupar. Se os laços do nosso amor fossem mesmo reais, nada poderia desmanchá-los. Com certeza, não um punhado de palavras entoadas sobre um colar derretido.

— Ainda não — disse Lila. Com a mão enluvada, ela pegou outro item da cesta: uma agulha escura e grossa, que em vez de lã tinha um fio de arame farpado na ponta. Lila a mostrou para Sage. — Vou passar a mistura do pote nesta agulha e no arame farpado, recitar um antigo encanto e depois atravessar com ela as velas que representam você e Clea. Assim que eu fizer isso, não tem mais volta. O laço entre vocês será rompido. Entendeu?

— Sim — disse Sage, com a solenidade de um noivo no altar.

— Nós podemos parar agora se você quiser. Ainda não é tarde demais.

— Tudo bem. Pode continuar.

Lila concordou com um aceno de cabeça, depois enfiou a mão entre as chamas, besuntando a agulha e o arame naquela mistura malcheirosa. Ela deixou o excesso escorrer e fez um gesto para que Sage erguesse as velas, e ele obedeceu. Lila fechou os olhos e então entoou algumas palavras em uma língua que eu não conhecia. Em seguida abriu os olhos e se concentrou em Sage, que balançou levemente a cabeça em sinal de concordância, e levou as velas para mais perto dela. Lua ergueu a agulha ao lado das velas e as atravessou...

...e eu acordei de repente na minha cama, sem ar.

Havia um buraco no meu corpo. Um buraco bem no meio de mim, e todo ar que eu respirava escapava por ele. Eu puxava o ar, mas ele não ficava dentro de mim. Pus a mão no peito e senti..., um buraco imenso no meio do meu corpo. Onde antes ficavam meu estômago e meu coração, agora não

havia mais nada. Pude sentir os lençóis embaixo de mim com a mão...

...e então acordei de novo. Agora, eu podia respirar. Pus a mão no peito, na barriga, ao menos isso ainda estava no devido lugar.

Mesmo assim, uma parte de mim estava faltando.

Não havia outra forma de descrever aquela sensação.

Eu estava me sentindo fisicamente vazia. Até me olhei no espelho, porque não tinha como tal sensação ser só uma impressão. Tudo em mim parecia diferente, como sempre imaginei que alguém ficaria depois de perder um membro. Eu, na minha essência, não era mais a mesma pessoa de antes, mas ao contrário de alguém que tivesse perdido uma parte do corpo, eu não tinha como apontar para nada em mim e dizer: *“É isso que está faltando”*

Não era como se eu tivesse me esquecido de Sage também. Eu me lembrava de tudo. E ainda o amava. Essa era a pior parte. Eu o amava tanto quanto antes, mas era justamente nosso amor o que tinha mudado.

Antes nós éramos conectados por um laço eterno. Independentemente do que pudesse nos separar; nós nos reencontraríamos. Ainda que por um curto período de tempo, sempre poderíamos contar um com o outro. Esse era nosso destino.

Mas agora, não era mais.

O laço estava rompido.

Agora éramos apenas duas pessoas, separadas em um mundo gigantesco. Talvez nos reencontrássemos; talvez, não. E se por acaso voltássemos a nos ver, não haveria mais nenhuma força do destino conspirando para nos manter juntos. Essa conexão havia se perdido para sempre.

Sage ainda podia ser eterno, mas nosso amor, não. Não mais. Nosso amor agora era apenas um sentimento fugidio, mortal e humano.

Meu estômago revirou quanto me dei conta de algo terrível.

Peguei meu arquivo abarrotado de fotos de Sage... impressões ampliadas e reticuladas que eu tinha feito da imagem dele escondida nas minhas fotos. Folheei as páginas, percorrendo uma a uma. Nem havia por quê... logo que vi a primeira, soube como estariam as outras, mas eu tinha que checar mesmo assim.

Elas agora mostravam cenários vazios.
Sage não estava mais em nenhuma delas.



QUANDO RECOBREI A CONSCIÊNCIA, NÃO SABIA QUANTO TEMPO tinha ficado apagada nem como estava com minha mãe. Será que ela tinha me punido por saber o que eu havia feito com Clea e Sage? Ou será que foi só um alerta, potencializado pela minha fraqueza? Eu não tinha como saber.

O que havia acontecido enquanto eu estava inconsciente? Será que já era tarde demais?

Não. Se fosse tarde demais, eu já teria acordado no meu corpo, naquela cama com uma redoma de vidro igual ao caixão da Branca de Neve em que eu estava fechada há tanto tempo.

Ainda havia tempo, mas eu não sabia quanto.

Pensei no meu avô e logo me conectei à consciência dele. Ele estava no último lugar que eu poderia esperar — na sala secreta da nossa casa na Suíça, olhando para nossos corpos em suas quatro cápsulas de vidro.

— É estranho ver nossos corpos assim, não é? — disse ele. Eu nem precisei falar nada... ele percebeu que eu estava ali assim que cheguei.

Olhei para meu rosto, inerte em seu descanso cadavérico.

— Muito.

— Mais estranho ainda é pensar que logo estaremos de volta dentro deles. Fico pensando se vai ser estranho. Talvez até claustrofóbico.

— Vai ser logo?

Meu avô se virou para mim com um olhar impenetrável.

— Faz tempo que não vejo você, Amelia. Sua mãe estava preocupada.

Abaixei a cabeça, acanhada.

— Ela não estava muito contente comigo — admiti. — Mas ela se enganou, vovô. Eu não fiz nada.

— Foi o que eu disse a ela. É o que os resultados mostram. Nada atrapalhou nossos planos. Aliás, acho que você vai ficar feliz em saber que Sage não está mais ligado ao mundo mortal.

— Então... ele aceitou romper os laços com Clea?

Como em um passe de mágica, assim que eu disse a palavra “Clea” minha mãe apareceu. Não hesitei e fui correndo até ela, como a criança empolgada e carinhosa que eu, um dia, já tinha sido.

— Você ouviu, mamãe? Você ouviu? Sage rompeu os laços com Clea! Vamos poder voltar para nossos corpos!

— É verdade, querida! — ela me pegou nos braços e me girou no ar, depois olhou para o próprio rosto dentro da cama lacrada. — Ouviu isso? É melhor se preparar, porque estou voltando! — ela fez uma careta e desviou o rosto. — Meu Deus, preciso de uma manicure. Minhas unhas estão horríveis.

Meu avô deu risada.

— E de um corte de cabelo também. Nossas unhas e cabelos continuaram crescendo durante todo esse tempo. Vamos precisar de uma bela geral quando acordarmos.

— Um dia no spa! — vibrou minha mãe. — Acho que vou pedir a Lila para ver isso para a gente. Só espero que ela consiga encontrar algum spa que aceite reservas de última hora.

— Como assim, de última hora? — perguntei.

— Ela vai ter que conseguir um lugar para amanhã — disse minha mãe, sorrindo. — Hoje é noite de lua cheia.



20

EU JA ESTAVA OLHANDO PARA O TETO EM UM ESTADO CATATÔNICO há horas quando Rayna abriu a porta do meu quarto.

Eu nem me mexi.

— Vamos, Clea, levante! Eu e Nico vamos sequestrar você. Sei que você anda dando um duro danado, mas está um dia lindo lá fora e você merece um descanso, então a gente vai te arrastar para um passeio.

— Não tenho do que descansar — disse eu para o teto. — Eu parei.

Rayna abriu caminho entre o mar de impressões espalhadas por toda parte no chão.

Nico ficou parado na porta.

— Você parou é de arrumar seu quarto, isso sim — disse Rayna. — Vamos lá, levante.

— Acabou — disse eu.

— Clea?

Virei o rosto para Rayna e ela pôde ver bem meus olhos. Na mesma hora ela se sentou na borda da cama, agora com uma voz preocupada.

— Meu Deus... Clea, o que foi? — ela se virou para Nico. — Nico, desculpe, será que você...

— Não — interrompi. — Ele pode ouvir. Ele deve ficar sabendo também.

Rayna pareceu confusa, mas não me perguntou por quê. Ela só me ouviu, e eu contei tudo para eles.

Rayna foi uma ótima amiga. Quando terminei, ela parecia estar tão abalada quanto eu.

— Ah, Clea... mas eu não acredito...

— Ele não está mais nas fotos. Em nenhuma delas — olhei para Nico. — Sinto muito.

Ele estava com a cabeça abaixada. Apesar de tudo, o plano de que eu levasse a VM até Sage era a única esperança que ele tinha de algum dia ter uma vida normal.

— A culpa não é sua — disse ele.

Rayna ficou olhando para ele e para mim.

— Não entendi...

— Rayna — disse Nico. — Preciso contar uma coisa para você.



21

NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO, NÃO!

Hoje? Hoje era noite de lua cheia?!

Eu tinha até a meia-noite. E só. Mas não conseguiria fazer nada sozinha. Minha mãe tinha um ar todo carinhoso e contente quando me viu, mas também apareceu assim que eu pronunciei o nome de Clea. Eu teria que ser muito ingênua para não ver que ela continuava alerta e de olho em mim.

Se Clea e a VM fossem fazer alguma coisa, teria que ser agora. Mas depois do que Clea tinha visto, será que ela estaria disposta? E mesmo se estivesse, como eu iria dizer a ela para onde ir sem que minha mãe percebesse?

Eu poderia ir direto à VM para resolver isso, mas eles não tinham a menor ideia de quem eu era, e seria impossível explicar tudo sem chamar a atenção da minha mãe.

Minha família passou o dia todo ocupada, comemorando com os Redentores e preparando o ritual. Fingi estar com deles o tempo inteiro, mas por dentro, não parei de remoer o assunto em busca de uma solução.

Foi só no final da tarde que tive uma ideia.

Havia mais alguém na história de Clea.

Eu tinha ouvido minha mãe falar sobre ele. Ele até chegou a fazer parte do plano dela, mas minha mãe nunca o viu como nada além de um mero elemento secundário, um planeta em órbita das duas estrelas gêmeas principais. Sage e Clea.

Mas ele sabia de tudo... o bastante para poder ajudar...

Isso se ele quisesse.

E esse “se” era complicado.

De qualquer jeito, eu não tinha como tentar nada assim, logo de cara. Eu teria que esperar o momento certo, quando tivesse as melhores chances de não ser descoberta.

Isso só aconteceu às 7 da noite. Cinco horas antes do meu prazo. Estávamos na sala da estalagem, um lugar grande e aconchegante, com vários sofás, poltronas e mesas em volta de uma enorme lareira. Um tapete de pele de urso cobria o chão. Quase todos os Redentores estavam lá. Menos Lila. Ela foi liberada depois que Sage rompeu os laços com Clea. Ela tinha recebido um valor exorbitante pelo trabalho feito e um bônus pelo seu silêncio, e ficou feliz em ir embora dali. Ela nem imaginava que muitos Redentores a viam como uma ameaça por saber demais e estavam planejando caçá-la assim que se tornassem imortais e livres de qualquer possível consequência humana.

Na sala, minha família deu aos Redentores restantes o que eles mais precisavam: palavras de incentivo e garantias de que a vida eterna estava próxima. Aparecemos para eles sob uma forma física e respondemos suas intermináveis perguntas.

Quando percebi que todos — em especial minha mãe — estavam concentrados na conversa e bem ancorados no lugar, finalmente dividi minha consciência.

Logo após transportar aquela parte de mim, ouvi um riso malicioso.

— Onde você pensa que vai?

Eu me virei e sorri.

— Mamãe! Você agora também consegue!

Ela tinha passado muito tempo tentando dividir sua consciência como eu. E, pelo visto, seus esforços haviam sido recompensados.

— Uhum... — respondeu ela, séria. — E bem a tempo, parece.

— É mesmo. Que bom que você está aqui comigo!

Foi então que minha mãe olhou em volta e percebeu que estávamos na nossa casa na Suíça, junto aos nossos corpos protegidos pelas cápsulas de vidro.

— Eu queria ver a gente — disse eu. — Eu queria estar aqui para ver o último segundo antes de agente voltar.

Um ar desconfiado cruzou o rosto da minha mãe. Ela achou que iria me pegar tentando impedir a cerimônia, mas eu só estava fazendo uma coisa superinocente.

— Mas que bela ideia, Amelia — disse ela. — Que tal se eu ficar aqui para ver com você?

— Sério? Você fica mesmo?

Falei como se isso fosse me fazer a menina mais feliz do mundo. E faria mesmo.

Isso me daria a chance de fazer uma coisa da qual eu nem sabia se era capaz.

Mesmo enquanto ainda estava na sala da estalagem e no quarto secreto da nossa casa... eu dividi minha consciência mais uma vez e usei outra parte de mim para ir até Ben, o amigo de Clea.

Eu sabia onde ele morava. Os Redentores tinham um dossiê completo sobre Clea e todas as pessoas mais próximas a ela, então só precisei usar essas informações. Torci para ele estar em casa. Porque, caso contrário, eu estaria encrencada.

Ele estava, sim. Eu o encontrei de toalha, parado diante do espelho do banheiro, os cabelos molhados e em meio a uma nuvem de vapor do banho que tinha acabado de tomar.

— Corpo de super-herói, você acha mesmo? — disse ele, flexionando os músculos do peito. — Ah, não sei. Digo, eu malho, é claro, mas não sou nenhum homem de aço — ele deu meia-volta e flexionou as costas, virando a cabeça para ver o resultado no espelho. — Talvez um homem de bronze...

— Oi — disse eu no ouvido dele. Eu não queria falar o nome dele. Mesmo dividida como estava, minha mãe poderia me ouvir e me encontrar.

Ben deu um pulo e quase deixou a toalha cair. Teria sido muito mais fácil se eu tivesse me manifestado fisicamente, mas eu já estava em dois outros lugares, e já na minha forma humana em um deles. Se eu fizesse o mesmo ali, poderia acabar ficando fraca demais, e eu ainda tinha muito afazer.

— Não temos muito tempo. Meu nome é Amelia. Alguém... por favor, não me faça dizer o nome dela, porque podem estar ouvindo... talvez ela já tenha falado de mim para você. Eu apareci em um campo com minha família. Eu tenho 7 anos mortais... e dois mil e quinhentos de imortalidade.

Os olhos de Ben se arregalaram e ele se sentou na cama, atordoado.

— Você sabe quem eu sou? — perguntei.

— Sim — disse ele. — Ou melhor, não... quem é você?

Não havia tempo para explicar, mas eu podia tentar de outro jeito. Era algo que eu

nunca tinha feito antes, mas como já havia acontecido com várias das minhas habilidades psíquicas quando elas primeiro se desenvolveram, eu de repente senti que era capaz de fazer aquilo.

Eu poderia dizer tudo a Ben de uma só vez — na velocidade do pensamento — “baixando” as partes relevantes da minha mente na dele. Bastaria deixar as questões mais sensíveis de fora — qualquer coisa que pudesse atrair minha mãe, caso ela pudesse ouvir esse tipo de comunicação também.

Bem já estava sentado. Enquanto entendia tudo o que estava acontecendo, ele caiu para trás na cama e puxou o travesseiro para cima do rosto, totalmente sobrecarregado.

Eu tinha escolhido o cara errado. Ele não podia me ajudar, e agora era tarde demais para procurar outra pessoa.

Mas, então, ele murmurou.

— Você só não me disse onde encontrar ele.

— O quê?

— Ele... — disse Ben. — Eu não posso dizer o nome dele agora, talvez ela esteja ouvindo. Eu preciso saber onde ele está.

— Então você vai ajudar!

— Eu tenho que ajudar

Bom, na verdade, não tinha, mas acho que ele não disse isso como se estivesse fazendo algo à força. Ele tinha que fazer aquilo porque o mundo inteiro mergulharia no caos se ele não ajudasse. Claro, isso nunca impediu outros de fazerem a coisa errada. Como minha família, por exemplo.

Percebi que ele também tinha outros motivos para querer ajudar Mais pessoas. Na verdade, eu tinha escolhido o cara certo, sim. Ben era uma boa pessoa.

— Não posso dizer onde ele está. Pelo mesmo motivo que não podemos dizer o nome dele. Você sabe disso, não sabe?

— Sim, mas... se eu não posso fazer nada agora, por que você está me dizendo tudo isso?

— Você pode, sim. Há uma conexão entre vocês. Não tão forte como a que foi rompida... ela não pode deter as coisas..., mas se eu intensificar esse laço, ele vai levar você até o lugar certo.

— Você pode fazer isso?

— Acho que sim.

— Mas então... porque você não fez isso antes, com... ela?

— Eu não tinha esse poder. Ou se tinha, não sabia ainda. Nossas habilidades são confusas. Tem coisas que não conseguimos fazer ou que nem achamos possíveis... mas depois, conforme ficamos mais fortes e fazemos mais conexões sinápticas... tudo muda de repente. Acho que consigo fazer isso, mas vou ficar exausta depois, então você não vai mais me ouvir. E, ah, pode doer.

— Muito?

— Só uma picadinha. Como uma injeção.

— Eu desmaio quando tomo injeção.

— Bom, talvez não seja bem assim. Eu nunca tomei uma injeção, então é difícil dizer. Nunca ninguém fez isso comigo também, então... talvez seja melhor você ficar deitado, só para garantir.

Ben se deitou e, mais ainda do que quando transferi meus pensamentos, entrei na mente dele com minha consciência. Tentei não fazer nenhum movimento brusco ali. Lembrei-me da dor que senti quando minha mãe me espremeu o cérebro e do quanto demorei para me recuperar. Com todo cuidado, encontrei a conexão que precisava intensificar. Em seguida, me concentrei... ampliando e fortalecendo aquele laço até os grunhidos em cima da cama me dizerem que eu já tinha feito tudo o que Ben conseguiria aguentar.

Mas tudo bem. Eu já estava exausta. Eu precisava me manter firme em dois outros lugares para não me entregar, e tinha que estar descansada e pronta para o que ainda estava por vir... se Ben conseguisse chegar lá. Era hora de entrar em ação.



22

EU GOSTAVA DE NICO. EU QUERIA MUITO QUE ELE CONSEGUISSE ficar vivo até conseguir encontrar outro jeito de pôr um fim na maldição.

Depois da nossa conversa, ele contou tudo a Rayna, mas acho que ela prestou mais atenção na parte do quanto ele estava apaixonado por ela. Ele disse que nunca teve esperanças na vida e que gostar dela lhe deu um motivo para pensar no futuro.

Foi trágico, mas muito bonito. Piquei feliz por eles.

Independentemente de quanto tempo os dois ainda fossem ter, eles aproveitariam ao máximo. Talvez mais do que o normal, até, por saberem que era bem provável que aquilo não fosse durar. O amor entre eles seria sempre intenso como agora, e eles aproveitariam cada segundo juntos, pois cada instante seria especial.

Isso me lembrou do que tive com Sage... antes.

Mas agora, ele tinha rompido os laços comigo para poder ficar com Lila.

Como estaria sendo para ele? Será que ele ainda pensava em mim? Será que ele se lembrava de tudo como eu? Será que eu ainda tinha alguma

importância para ele? Ou será que, como foi ele quem fez a escolha, eu já não significava mais nada... como uma ex-namorada de muito tempo atrás que ele poderia até adicionar no Facebook, mas que não fazia mais nenhuma diferença na vida nova dele?

Depois da conversa, Rayna e Nico foram embora. Eles me convidaram para ir com eles, mas eu não quis. Achei melhor ficar na cama mesmo. Talvez para sempre. Rayna concordou que a situação merecia um certo drama, então me deixou lá... por algumas horas. Lá pelas seis e meia, ela e Nico voltaram com uma pizza, alguns refrigerantes e uma pilha de DVDS. Eu podia até ficar na cama, mas não ficaria sozinha.

Uma hora depois, enquanto estávamos vendo uma comédia totalmente absurda e, por sorte, nada romântica, minha porta se abriu.

Era Ben.

Fiquei com vontade de me esconder embaixo das cobertas e desaparecer, mas não seria justo. Eu tinha pisado feio na bola e precisava encará-lo.

— Clea...

Só então percebi quanto ele estava pálido.

— Ben?

— É Sage. Eu sei onde ele está.



VOLTEI BEM A TEMPO.

A sensação de déjà vu foi terrível.

Não houve nenhuma grande festa desta vez, só a reunião entre todos na sala. Minha mãe e eu também estávamos com nossos corpos na casa da Suíça, mas só nós duas sabíamos disso.

Exatamente às onze e meia, os Redentores se levantaram e saíram. Nós os seguimos.

Tudo estava como da outra vez. As enormes pedras em círculo. As tochas acesas. A fogueira cerimonial. Os símbolos do mundo humano. A tigela de prata maciça.

Sage, sem camisa, estava acorrentado ao altar, com cinco homens com armas de choque ao lado dele em vez de apenas dois. Desta vez, ele não estava lutando.

Minha mãe me disse que após o rompimento do laço com Clea, eles pararam de drogá-lo com as substâncias que lhe debilitavam a mente. Só então ele entendeu a enormidade da escolha que tinha feito, o que aconteceria em seguida e como ele havia sido enganado. Perder Clea não teve o mesmo impacto emocional que talvez pudesse ter em outro momento, mas ter a consciência de que tinha sido usado e derrotado pela própria fraqueza... isso o derrubou.

Eu estava exausta. Exausta por ter me dividido em três, exausta por ter intensificado

a conexão na mente de Ben, exausta de tanto esconder minhas emoções mais sinceras da minha mãe.

Eu só podia torcer para que Ben estivesse a caminho... e eu ainda tivesse alguma força para ajuda-lo se precisasse de mim.



24

BEN ESTAVA AO VOLANTE, COMIGO AO SEU LADO, NO BANCO DO passageiro, e Nico estava no banco de trás.

Rayna quis vir, mas Nico não deixou. Ele disse que preferia morrer a vê-la em perigo. Além disso, independentemente do que acontecesse, ele queria passar seja lá quanto tempo ainda tivesse de vida junto com ela, e não haveria como garantir isso a menos que ela ficasse em casa.

Eles se beijaram como se aquele fosse o último momento da vida deles.

Foi muito intenso. E ela concordou em ficar esperando.

No entanto, Nico convidou outra mulher para nos acompanhar. Assim que saímos, ele ligou para Sloane e lhe transmitiu as novidades. Pelo visto, após nossa visita ao complexo, ela e um batalhão de cerca de outros vinte membros da VM haviam se mudado para uma base em Cincinnati, mais perto da minha casa, onde estariam prontos para entrar em ação e me perseguir a qualquer momento... o que eles de fato estavam fazendo agora.

Eles precisaram nos seguir em vez de nos encontrar no lugar para onde estávamos indo, porque Ben, na verdade, não sabia nosso destino. O ajuste

que Amelia fez no cérebro dele lhe permitia sentir a localização de Sage e ser atraído até lá como um ímã, mas ele não tinha como explicar onde era. Ben estava confiando só em seus instintos, mas tinha certeza de que eles nos levariam até Sage.

Como eu tinha conseguido entender tudo tão errado?

O tempo é curto... dizia a mensagem no meu computador, e, pelo visto, era ainda mais agora. Ben não nos explicou nada em casa. Ele só disse que uma amiga minha havia aparecido para ele e lhe contado tudo, e que tínhamos entendido mal as coisas e precisávamos sair dali imediatamente. Ben ficou surpreso quando Nico se ofereceu para ir com a gente, mas só precisei dizer “Victor Mike” e ele logo entendeu tudo.

Depois de horas no carro, Ben me contou a história toda. Sobre

Amelia e a família dela. Sobre a cruzada dos Redentores pela vida eterna e as coisas horríveis que eles faziam assim que se tornassem imortais.

E sobre Sage: sendo torturado, drogado, influenciado por sugestões contra as quais não tinha como se defender, e seduzido por uma atriz encenando um papel. Ainda assim, ele havia resistido... até me ver com Ben.

Era o ato de pensar em mim que vinha mantendo Sage vivo. O plano dos Redentores nunca teria dado certo se ele ainda estivesse ligado a mim.

Eu tive o poder de salvá-lo... e joguei essa chance fora. A ligação entre nós já havia se perdido por isso. Agora, ele iria perder a vida e a alma. E não seria o único. O mundo inteiro iria sofrer por causa da minha falta de fé no nosso amor.

O relógio no painel do carro bateu 23h35. Faltavam 25 minutos para a meia-noite, e nem mesmo Ben sabia direito se estávamos perto ou longe do nosso destino.

Não sei o que seria de mim se desse tudo errado.



25

BEN ESTAVA PERTO.

Eu podia sentir. Era uma sensação mortal — diferentemente das que eu tinha quando usava meus poderes mentais. Parecia mais uma intuição... que, imagino eu, é a versão mortal das habilidades que temos.

Já fazia várias horas desde que eu tinha mexido na mente de Ben, então tive tempo para me recuperar. Eu continuava com minha consciência em dois lugares diferentes — na nossa casa com minha mãe e na cerimônia com todos os outros —, mas já estava me sentindo mais forte. Suficientemente forte para ir até a cobertura da estalagem e dar um jeito nos guardas que estavam de vigia. Eu precisava tirá-los do caminho para que bem, e seja lá quem estivesse com ele, pudessem passar a salvo.

Destaquei uma terceira parte da minha consciência e fui até lá. Na mesma hora, percebi que havia cometido um grande erro.

Então eu estava certa mesmo — disse uma voz que eu antes havia amado mais do que minha vida, mas que agora só me dava asco e medo. Minha mãe estava ali na cobertura. — Muito inteligente da sua parte, me manter ocupada na nossa casa para poder vir escondida até aqui. Aposto que você não imaginava que eu era capaz de me desdobrar em três lugares.

Você deve ter achado que dois já seria esforço demais para mim.

—É claro que não, mamãe. Eu...

— Nem perca seu tempo, Amelia. Acabou. Eu estava esperando você aqui nesta cobertura desde que os guardas vieram para cá, porque eu sabia que você iria tentar algo assim.

Tentei dar a impressão de que estava “apavorada”. Era isso o que ela esperava e queria. Mas, na verdade, fiquei aliviada. Se ela estava mesmo ali há tanto tempo, já devia estar dividida em três quando fui atrás de Ben. Ela poderia ter mais poderes do que eu imaginava, mas duvido muito que pudesse se desdobrar em quatro. Ela tinha me pegado ali na cobertura, é claro, mas não sabia nada sobre Ben. Ele ainda poderia ter uma chance.

— E agora, posso fazer o que precisa ser feito... — disse ela, com um deleite sinistro na voz. — O que precisava ter sido feito há muito tempo, aliás. Adeus, Amelia.

Senti minha mãe avançando contra mim, e meu pavor se tornou real.

Mesmo descansada, eu ainda estava muito mais fraca do que o normal... será que fraca o bastante para que ela pudesse me destruir?

— Calma!— implorei. —Mas e o papai e o vovô?

— Ah, claro — disse ela. — Eles mandaram um tchau também.

Minha mãe acertou minha consciência como uma bala. A dor foi mais forte do que qualquer outra coisa que eu já tinha sentido antes.

— Se alguém aparecer, atirem para matar — ouvi minha mãe ordenar nos ouvidos dos guardas.

Em seguida, ela desapareceu em um piscar de olhos. Com minhas últimas energias antes de desaparecer, eu pensei: será que ela foi embora porque confia nos guardas... ou porque ficou fraca demais depois de tudo o que fez?

Eu estava torcendo pela segunda opção.

Talvez assim Ben ainda tivesse alguma chance.



26

BEN CRISPOU AS MÃOS NO VOLANTE QUANDO VIU A PLACA VELHA da Estalagem Arable Farms.

— É aqui — disse ele. — É aqui que eles estão.

Eu nunca tinha ouvido aquele nome antes. Estávamos em Vermont, mas aquela não era nenhuma das estalagens listadas na minha pesquisa. A julgar pela placa, o lugar estava abandonado há um bom tempo. Se Amelia não tivesse procurado Ben, eu nunca teria chegado até ali.

Onze e cinquenta. Será que ainda daria tempo?

Atrás de mim, Nico repassou a informação para Sloane pelo rádio do celular. Em seguida, eu a ouvi responder:

— Agora a gente assume, então. Isso é uma operação militar, portanto, nada de gracinhas.

Os membros da VM estavam divididos em uma frota de cinco carros, que se posicionaram à nossa volta como uma escolta policial enquanto entrávamos na longa estrada de acesso à estalagem.

Quando chegamos à metade do caminho, o carro à nossa frente começou a ziguezaguear feito louco. O rádio do Nico estalou com uma voz masculina gritando:

— É um fuzil de alto impacto! Com silenciador! Eles acertaram Damian! Ele está morto!

E a voz de Sloane respondeu:

— Saiam daí! Levem o carro se conseguirem! Todos os outros, continuem em frente e atirem de volta! E atirem para matar! Ei, mauricinho, preste atenção!

A última parte foi para Ben. Com o veículo do desafortunado Damian fora de controle na frente dele, Ben estava tendo dificuldade de manter nosso carro na estrada, derrapando de um lado para o outro e quase batendo nos carros ao nosso lado.

— Relaxe, Bem — disse Nico, se aproximando do banco da frente para falar em um tom tranquilo mais perto do ouvido de Ben. — Só segure firme no volante.

O carro do homem abatido ficou para trás. Sloane assumiu o lugar dele à nossa frente.

Já podíamos ver a estalagem agora, uma mansão branca que, em seus dias de glória, devia ter sido um exemplo perfeito de toda paz e tranquilidade de New England.

Agora, uma chuva de tiros vinha da cobertura.

Graças aos silenciadores e ao ronco do nosso carro, eu não estava ouvindo nada, mas podia ver os clarões dos tiros lá no alto. Sloane e os outros contra-atacavam dos seus carros, usando silenciadores também. Do carro à nossa esquerda, vi uma mulher alta, de longos cabelos escuros, se inclinar para fora, pela janela do passageiro. Ela estava a poucos centímetros de Ben e não devia ser muito mais velha do que eu. Em outro mundo, ela estaria carregando uma mochila cheia de livros em uma faculdade e rindo com os amigos, em vez de empunhando um fuzil com seus braços musculosos e tensos enquanto mirava para lutar pela própria vida.

O rosto dela explodiu, atingido por uma saraivada de balas.

Soltei um grito e Ben deu um pulo. Ele se virou para mim e depois tentou

olhar para o que eu estava vendo.

— Não — disse Nico, com uma voz baixa, mas firme, no ouvido de Ben.
— Não olhe. Não olhe.

Ben não olhou. Só retesou os músculos do rosto, os lábios trémulos, e continuou dirigindo, mantendo as mãos firmes no volante.

Sorte dele. Eu não consegui tirar os olhos daquela cena. Até dois segundos atrás, a garota estava viva, e agora, seu corpo destruído pendia para fora da janela, sacolejando com os solavancos do carro. Senti um embrulho no estômago e quase vomitei quando o corpo dela escorregou para fora da janela e um garoto tão novo quanto ela assumiu seu lugar, atirando contra os guardas. Decidi que não iria mais me permitir ver aquilo.

Um minuto depois, os clarões na cobertura pararam.

— Pegamos todos — disse a voz de Sloane pelo rádio. — Duas baixas do nosso lado. Se os Redentores estiverem lá dentro, já devem saber que estamos por aqui.

— Eles não estão, não — disse Ben, arregalando os olhos ao se dar conta disso. — Sage, pelo menos, não está. Tem um gramado lá nos fundos... e uma clareira no bosque. Ele está lá. E isso!

— São 23h55 — disse Sloane. — Vamos atacar. Agora.

Ben respirou fundo e cravou o pé no acelerador. Com os carros da VM do nosso lado e atrás de nós, avançamos pelo final da estradinha de acesso, invadimos o gramado que se estendia ao lado da mansão, passamos pelo campo verdejante na parte de trás, e por fim chegamos até onde foi possível entre as árvores do bosque.

Paramos bem em frente ao que parecia ser um furacão.

Objetos rodopiavam pelo ar, criando uma parede com três metros de altura. Era impossível ver através daquilo: uma mistura de terra, galhos e pedras, tudo girando sem parar. Quando olhei para o redemoinho, vi um arbusto inteiro passar voando, as raízes ainda intactas. Em seguida, um tronco imenso, que devia pesar centenas de quilos.

— Mas que droga é essa?! — exclamou Sloane.

Era bem isso o que eu estava me perguntando. Ela só se expressou com mais eloquência.

— É a família da Amelia — disse Ben. — Eles conseguem mover as coisas usando o poder da mente. Esse furacão está protegendo a cerimônia de extração do Elixir.

Nico repassou a informação pelo rádio para Sloane, que não levou muito tempo para digerir a notícia.

— Onze e cinquenta e seis — anunciou a voz dela pelo rádio para o grupo todo. — A casa vai cair em quatro minutos se a gente não fizer nada. Tem alguma coisa bizarra rolando aqui, e não vai ser bonito, mas é nossa chance. Eu quero Sage e quero a adaga. Se vocês conseguirem cravar aquela coisa nele à meia-noite, ótimo. Se não, só tirem ele de lá. Nunca tivemos uma chance tão boa assim antes, então vamos aproveitar!

Foi surreal ouvir Sloane fazendo um discurso inflamado sobre matar Sage e ainda sentir que ela estava do meu lado... pelo menos por enquanto. Eu precisava que ela enfrentasse os Redentores. Eu precisava manter Sage vivo por mais quatro minutos. Depois disso, eu daria um jeito de resolver tudo seja lá como fosse.

— Ponham as máscaras — ordenou Sloane. — Agora, vamos lá!

Os membros da VM colocaram as máscaras — eles estavam preparados para qualquer coisa, e desceram dos carros atirando. Seus disparos ricochetearam contra aquele furacão bizarro. Uma das balas acertou de raspão a perna de Sloane.

— Abaixem as armas! — gritou Sloane. — Esperem até a gente entrar!

Enquanto a VM lutava para atravessar a parede do furacão, Nico pôs as mãos nos meus ombros e nos de Ben.

— Fiquem aqui vocês dois. É perigoso demais.

Ele também colocou uma máscara e disparou contra o redemoinho de entulho. Ben se virou para mim.

— Clea... — disse ele.

Nem pensar.

Olhei para meu relógio: 23h57. Só faltavam três minutos. Saí correndo atrás de Nico, bem contra aquela tempestade letal.

Parei diante daquele alvoroço caótico, piscando para proteger os olhos da poeira. Ouvi baques e gritos enquanto os membros da VM que tinham pulado

dentro da ventania eram atingidos pelos entulhos voadores. Se pelo menos eu tivesse uma daquelas máscaras.

— Clea!

Eu me virei. Ben tinha tirado os braços de dentro da camiseta e a puxado sobre o rosto. Uma ideia bem inteligente. Fiz o mesmo. A camiseta que puxei por baixo da minha blusa era fina o suficiente para que eu pudesse ver através do tecido, mas só um pouco. Depois de um último aceno para Ben, me lancei contra o furacão.

Lá dentro, fiquei praticamente cega. Dejetos me acertaram por todos os lados, como se um milhão de abelhas estivessem me picando. Depois de dar dois passos, tropecei e caí de cara sobre um cadáver: o garoto que estava atirando ao nosso lado pela janela do carro, agora atravessado por um galho enorme.

Não havia tempo para gritar. Levantei-me e segui em frente, me esquivando e me abaixando para desviar de qualquer coisa grande demais. Foi como atravessar um cinturão de asteroides.

Uma eternidade depois, emergi do outro lado da muralha. Não vi nenhuma calmaria no olho daquele furacão. Os membros da VM que tinham conseguido passar, todos feridos e ensanguentados, já haviam se posicionado e sacado as armas. Eles estavam disparando contra um grupo de pessoas armadas que pareciam estar tentando proteger uma enorme pedra chapada. Acorrentado a essa pedra estava Sage, a boca amordaçada e o corpo surrado.

Eu precisava chegar até ele... mas como?

Olhei para os atiradores em volta dele. Percebi que havia mais deles ali até agora há pouco. Vários estavam rolando pelo chão, gritando de dor por conta dos ferimentos provocados pelos tiros que haviam levado. Enquanto eu observava, outros foram atingidos. A VM estava em menor número, mas atirava muito melhor.

Mais dois Redentores foram baleados, abrindo um caminho até Sage. Sage correndo e, quando já estava quase chegando, um Redentor ferido me agarrou pelo tornozelo. Ele apontou a arma para minha cabeça, mas uma pedra o acertou de lado, bem na cara, antes que ele pudesse atirar.

Virei o rosto para ver quem tinha feito aquilo. Foi Ben, mas ele ainda

parecia estar em pânico. Eu me virei para a frente de novo. Ao lado de Sage, os números vermelho-sangue de um enorme letreiro digital marcavam 23:59:01.

Foi então que reparei em uma coisa: um Redentor isolado. Ele estava ignorando todo o tiroteio, a adaga cerimonial erguida sobre a cabeça, pronto para cravá-la no peito exposto de Sage.

Eu me joguei em cima de Sage, tentando proteger o coração dele.

Meu rosto ficou a poucos centímetros do de Sage, os olhos dele fixos nos meus. Ele olhou para mim... confuso. Como se soubesse mais ou menos quem eu era, mas não tivesse certeza.

— Sou eu, Clea — disse eu, engolindo um soluço de choro. — Sou eu, Cle...

Uma explosão de dor atravessou meu corpo e eu caí de cima de Sage, perdendo o controle dos músculos. Tombei de costas no chão, perto de um homem de olhos enfurecidos. Ele estava todo coberto de sangue, mas tinha se esticado para me eletrocutar com a arma de choque que ainda tinha em mãos. Abrindo um sorriso maligno, ele sacou uma faca e pulou...

Mas uma bala o acertou bem no peito. Ele caiu em cima de mim e, mesmo tendo soltado a faca no meio do ar, o corpo imenso dele me prensou contra o chão.

Uma sirene elétrica ecoou pela clareira quando o letreiro digital marcou 12:00:00. Era o bater da meia-noite. Durante o próximo minuto, Sage poderia ser morto para que o Elixir fosse extraído pelos Redentores. O homem com a adaga soltou um violento grito de vitória e avançou contra seu alvo.

— SAGE! — berrei.

A adaga desceu, cortando o ar, mas no último segundo antes de acertar Sage, Ben emergiu do meio da bagunça à nossa volta e se jogou contra o homem.

— Ben! — exclamei.

O homem tinha o dobro do tamanho dele, mas Ben era forte e não ia desistir. Os dois se engalfinharam como ursos, os únicos ainda ilesos e não envolvidos no tiroteio.

Um minuto... se Ben pudesse manter aquele homem ocupado por mais

um minuto...

De repente, um galho enorme apareceu voando e acertou a lateral da cabeça de Ben. A família de Amelia. Eu não podia vê-los, mas sabia que eles estavam ali, atirando pedras e raízes para evitar que a VM arruinasse os planos deles. Eu sabia que a força deles era limitada, mas talvez não o bastante.

Ben se agarrou com toda força ao Redentor, mesmo enquanto caía.

Os dois tombaram juntos, com o peso todo de Ben esmagando um dos braços do homem.

A adaga se soltou e caiu longe deles... rolando para perto de mim.

Eu até poderia alcançá-la, mas meus músculos estavam inutilizados pela descarga elétrica da arma de choque. Tentei esticar a mão... e então Nico emergiu, saltando do meio das árvores, e a pegou.

Por um segundo, os olhos dele cruzaram com os meus. Pude ver que eles estavam cheios de angústia. Ele me tinha feito uma promessa, mas agora estava tendo a chance de salvar a própria vida e a vida de todos os outros que haviam sido amaldiçoados sem nunca terem feito nada de errado.

— VAMOS, NICO! — gritou Sloane vários metros mais atrás, onde ainda estava enfrentando um dos Redentores.

00:00:30.

Nico parou sobre Sage e ergueu a adaga. Ele tentou empunhá-la como o outro Redentor tinha feito antes, mas seus braços pareciam fracos. Ele mal conseguiu erguê-la acima do próprio peito. O rosto dele foi tomado por uma violenta indecisão.

— VAI, AGORA! — esbravejou Sloane.

— NÃÃÃOO!

Era Ben.

Ele tinha conseguido se desvencilhar do Redentor e mergulhou contra Nico para derrubá-lo no chão... e em cima da adaga, que se cravou no estômago de Nico.

Ben rolou de lado, saindo de cima dele na mesma hora, os olhos arregalados de horror.

— Meu Deus... meu Deus... meu Deus...

Ele virou Nico de costas para ver o ferimento, que estava horrível.

Nico sorriu.

— Obrigado — eu o ouvi grunhir para Ben. — Eu não consegui... decidir...

Ele fez uma careta.

— MAS QUE INFERNO! — urrou Sloane.

Com um grito enfurecido, ela arremessou uma faca contra o oponente. A lâmina acertou o alvo, fincando-se no ombro do homem e desviando a mira dele. Agora fora da linha de tiro do inimigo, Sloane correu até o corpo de Nico, tirou a adaga da barriga dele e cravou-a no coração de Sage.

00:00:59.

Eu gritei.

A cerimônia foi completada. Os tiros pararam. As pedras e árvores despedaçadas caíram no chão. O silêncio foi tão absoluto que pude até ouvir o sangue jorrando como uma fonte do buraco no peito de Sage, um buraco muito maior do que aquela adaga poderia ter feito, e escorrendo pelas costelas dele até cair em uma tigela de prata ao lado do altar. Os olhos de Sloane se arregalaram quando ela viu aquele líquido.

— O Elixir! — exclamou ela, soltando uma gargalhada insana. — O Elixir! O Elixir da Vida eterna! Vejam!

Ela pegou a tigela, cheia não de sangue, mas de um fluído prateado viscoso, com formas e cores rodopiantes na superfície. O Elixir da Vida.

Sloane ergueu a tigela e levou-a até os lábios.

Invocando todas as minhas forças, tirei o cadáver de cima de mim e empurrei-o contra as pernas de Sloane. Ela perdeu o equilíbrio e não conseguiu beber. Antes que ela pudesse se recuperar, mergulhei na direção dela. Sloane tombou para trás com tudo, batendo a cabeça contra uma pedra. Ela ainda estava segurando a tigela de prata. Eu precisava daquilo. Eu precisava esvaziá-la. Eu podia ter perdido Sage, mas nunca iria deixar que Petra e os outros conseguissem o que queriam. Ninguém iria se aproveitar da morte dele.

Eu estava quase alcançando a tigela quando várias raízes se ergueram do chão e se enrolaram no meu corpo. Uma voz ululante trilou no meu ouvido.

— Má ideia, Clea. Você perdeu.

A mão invisível de Petra pegou a tigela de prata e a levou flutuando até o que havia sobrado dos Redentores. Estava tudo acabado.



ACHEI QUE DESTA VEZ TINHA ME PERDIDO PARA SEMPRE, ACHEI mesmo. Cheguei a querer isso. A dor foi absurda. Uma vez, mais de mil anos atrás, tive a infeliz experiência de ver alguém ser arrastado e desmembrado — os quatro membros dessa pessoa foram literalmente arrancados um para cada lado. A dor que senti foi parecida com a que imaginei que isso seria, mas em vez de estar sendo puxada em apenas quatro direções diferentes, era como se eu estivesse sendo puxada em um milhão de direções ao mesmo tempo, com plena consciência e sentindo cada momento daquela dor alucinante. Desaparecer para sempre teria posto um fim naquele horror. Relutar só me faria correr o risco de ficar presa em um estado consciente, mas sentindo aquela dor infernal por toda a eternidade.

Mas eu sabia que precisavam de mim. Então lutei.

Quando consegui alcançar um nível mínimo de consciência, a maior parte do caos tinha acabado.

Assimilei aquela carnificina toda rapidamente. A maioria dos membros dos Redentores e da Vingança Maldita estava jogada no chão, todos mortos

ou feridos. Sage havia sido sacrificado, com a fonte da eternidade jorrando de seu coração aberto. Ben estava sentado no chão, com o corpo de um jovem loiro morto, ou pelo menos quase, nos braços. Senti a presença do meu avô e do meu pai, exaustos pelos seus esforços. Minha mãe ainda estava de pé, à base de adrenalina pura, mas eu podia sentir a força dela pulsando pelo ar. A energia da minha mãe estava tão intensa que fiquei até surpresa por ela não ter percebido que eu tinha voltado.

Em seguida, vi Clea, e percebi que a atenção da minha mãe estava focada em outra coisa. Clea estava tentando alcançar a tigela com o Elixir quando foi presa por raízes grossas controladas pela minha mãe. Enquanto Clea lutava em vão, tentando escapar, minha mãe levou a tigela até os mortais restantes ali em volta, deixando sua voz ecoar na mente de todos eles.

— Eis aqui o Elixir da Vida. Bebam... e seus ferimentos serão curados, e vocês se tornarão imortais! Bebam... e vocês serão como nós.

Ela se manifestou fisicamente. Ela parecia um anjo, com os mantos brancos esvoaçantes que usávamos na Grécia antiga, e os cabelos caindo sobre os ombros em uma auréola de cachos. Mesmo depois de tudo, essa cena me fascinou. Entre os últimos Redentores, ela de fato parecia uma deusa. Até os membros da VM, que lutavam para manter-se vivos apesar dos dolorosos ferimentos, deixaram de lado sua missão contra o Elixir, vislumbrando a possibilidade da vida eterna. Eles se esticaram na direção dela, suplicando ajuda.

Pude notar quanto minha família queria que aquilo finalmente acontecesse. Senti as forças do meu pai e do meu avô se recuperando um pouco. Mesmo se algum mortal tentasse fazer qualquer coisa agora, seria em vão. Minha família o destruiria. Agora que eles tinham chegado até ali, nada poderia detê-los. A não ser eu.

Lembrei-me da primeira vez que minha família me machucou, quando as palavras e pensamentos cheios de raiva deles atravessaram minha consciência e me deixaram ferida e exausta, como se eu tivesse apanhado. Lembrei-me de perceber que eles poderiam me destruir se quisessem... e que eu poderia destruí-los também.

Senti a presença dos três. Da minha família. Das pessoas em quem eu

antes confiava tanto. Das pessoas que eu tinha amado mais do que tudo no mundo. Despedi-me em silêncio deles.

Enquanto minha mãe estava prestes a levar a tigela de prata até os lábios do primeiro ávido Redentor, concentrei toda a energia que ainda havia em mim, e me imaginei como um turbulento mar de armas, cortando, dilacerando e destruindo tudo no meu caminho.

Em seguida, usei todas as minhas forças e lancei isso contra as mentes dos três.



NÃO OUVI MAIS NADA ALÉM DOS MEUS GRITOS.

Aquilo não podia estar acontecendo. Eu estava presa, sem poder me mexer... sem poder fazer nada além de assistir enquanto Petra oferecia a tigela a um Redentor.

Mas, de repente, foi Petra quem começou a gritar. O som foi tão horrível que até me assustou. Era o grito de uma mulher passando pela pior tortura imaginável. Ela foi arremessada para trás como se tivesse levado um tiro. A tigela do Elixir voou para longe das mãos dela, e o líquido prateado se transformou de volta em sangue assim que caiu no chão e se infiltrou na terra. Todos os feridos ficaram boquiabertos, e os que ainda tinham forças, se lançaram ou se arrastaram na direção da tigela, lutando pelas últimas gotas que talvez ainda restassem ali dentro. Mas antes que qualquer Redentor conseguisse chegar suficientemente perto, a própria tigela explodiu em um milhão de pedaços.

Eu fui a única que continuou prestando atenção em Petra, que ainda urrava de agonia. Ela se virou para mim e abriu os olhos... mas eles estavam

vazios, escuros, como buracos.

Em seguida, ela desapareceu, deixando a clareira em silêncio. As raízes me soltaram.

— Foi você! — gritou uma mulher dos Redentores, apontando para mim. — Você destruiu tudo!

Ela tentou sacar uma arma.

— Não! — gritou Ben, pulando na minha direção, mas um dos membros da VM puxou uma arma e apontou para ele. — Por que isso? — perguntou Ben, confuso. — Vocês não queriam que o Elixir fosse destruído?

— Mas poderíamos ter conquistado a vida eterna! — esbravejou o rapaz.

Olhei para Ben. Nossa hora tinha chegado.

Na fração de segundo antes de todos puxarem o gatilho, tentei ser corajosa. Pelo menos tínhamos impedido que os Redentores se tornassem imortais. E agora que o Elixir estava destruído, a maldição sobre os membros da VM seria desfeita. Ben, Sage, Nico, eu... nenhum de nós morreria em vão.

Mas ninguém atirou.

Em vez disso, com um estrondo, a terra começou a tremer. As enormes pedras em volta do altar se partiram e caíram. Os primeiros destroços derrubaram as armas que estavam apontadas para Ben e eu, e os outros membros dos Redentores e da VM saíram correndo na tentativa de fugir do caos.

— Só fique abaixada e se proteja — disse a voz de Amelia no meu ouvido. — Vai ficar tudo bem.

Amelia. Eu nem sabia que ela estava ali. Ela tinha causado o terremoto... para nos proteger.

Ela também deve ter falado com Ben, porque ele se jogou no chão, se encolhendo e cobrindo a cabeça. Eu fiz o mesmo, mas continuei espiando, e pude ver o local da cerimônia sendo totalmente devastado. Tudo em um raio de quinze metros caiu por terra, e o próprio chão se abriu com um buraco sem fiando, engolindo vários membros da VM e dos Redentores que não foram espertos o bastante para sair correndo enquanto era tempo.

Pouco depois, a poeira no ar ficou tão densa que eu já não conseguia ver mais nada. Abaixei a cabeça e continuei encolhida até o tremor passar.

Finalmente, ergui a cabeça.

Não havia restado nada além de um círculo de ruínas com o corpo surrado e vazio de Sage preso no altar bem no centro. Aquilo era horrível demais. Eu não conseguia nem olhar.

Ben já estava de pé, olhando para o corpo sem vida de Nico.

— Eu matei Nico, Clea — disse ele. — Eu matei uma pessoa.

Pensei em dizer que ele não teve opção, mas não tinha certeza. Será que Nico teria feito o mesmo? Será que ele só teria ficado com a adaga erguida até depois da meia-noite para salvar Sage? Eu não fazia a menor ideia.

E não imaginava como iria explicar tudo para Rayna.

Era a hora da verdade. Eu tinha que ver Sage. Bem devagar, me aproximei dele e me ajoelhei. Apesar de continuar igual, agora eu mal o reconhecia. O homem que eu amei não estava naquele corpo surrado e sem vida. Ele não estava mais em lugar nenhum.

Pousei a mão em sua bochecha encovada. Lembrei-me do nosso último momento juntos. Ele tinha olhado para mim como se não soubesse direito quem eu era.

Comecei a chorar. Era isso que eu merecia. Eu o tinha feito romper o laço entre nós. Agora, eu estava condenada a me lembrar de tudo, de cada segundo do nosso amor e das nossas vidas juntos... sabendo que ele tinha morrido sem que eu significasse mais nada para ele.

Ou melhor, não. Ele não morreu. Ele só perdeu a alma. Ela foi arrancada do corpo dele. Lembrei-me do que Magda havia dito: a alma de Sage foi extirpada, sofrendo uma dor terrível até ser despedaçada e evaporar.

— Desculpe, Sage — soluzei. — Eu tentei... eu tentei tanto — olhei dentro daqueles olhos vazios, tentando ver uma alma que não estava mais lá. — Eu te amo. Sempre vou te amar.

— Clea! — exclamou Ben.

Eu me virei... e quase desmaiei de susto.

Nico... mesmo depois de ter sido praticamente eviscerado ao cair em cima da adaga... estava se mexendo.

Olhei para Ben e soube que ele também estava se lembrando de tudo. Nico estava morrendo enquanto a adaga arrancava a alma de Sage. Magda

havia dito mais uma coisa sobre a cerimônia: ao ser arrancada do corpo, a alma tentaria encontrar um receptáculo vazio...

O corpo de Nico se levantou, cambaleante, mas vivo, sem dúvida alguma. Ele olhou para a própria barriga com um ar intrigado, como se estivesse sentindo um inseto estranho se revirar ali dentro. Ele ergueu a camisa... revelando a pele intacta.

Ele abaixou a camisa e então olhou para os lados. Viu Ben e o analisou de cima a baixo.

Em seguida se virou para mim. Ele inclinou a cabeça de lado e franziu a testa, como se estivesse tentando entender algo que deveria saber, mas que não parecia fazer muito sentido.

— Clea? — perguntou ele.

— Sim — murmurei.

— Sou eu.

FIM

Continua em *True*